Antonio Donizeti Fernandes

A AVENTURA DO RISCO ENTRE OS TRABALHADORES DO CORTE DE CANA-DE-AÇÚCAR

MARÍLIA - SP
2. 002

Antonio Donizeti Fernandes

A AVENTURA DO RISCO ENTRE OS TRABALHADORES DO CORTE DE CANA-DE-AÇÚCAR

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", campus de Marília, para a obtenção do Título de Mestre em Ciências Sociais sob orientação da Dr.ª Christina de Rezende Rubim.

MARÍLIA - SP
2.002

Antonio Donizeti Fernandes

A AVENTURA DO RISCO ENTRE OS TRABALHADORES DO CORTE DE CANA-DE-AÇÚCAR

COMISSÃO JULGADORA:

DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE

Presidente orientador: Christina de Rezende Rubim – Unesp/ Marília

1º Examinador: Reinero Antônio Lérias – Fafija/Jacarezinho – PR

2º Examinador: Bárbara Fadel: Unesp/Marília

3º Examinador: Áureo Busseto – Unesp/ Assis

4º Examinador: Ethel Kosminsky – Unesp/ Marília

Marília, 24 de julho de 2002

Para meus pais, Calisto e Clarice, a minha esposa Rita e ao meu filho Jorge.

AGRADECIMENTO

Em toda esta pesquisa, direta e indiretamente, contei com a contribuição e participação de várias pessoas: colegas e alunos da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Jacarezinho – Fafija –, companheiros do Curso de Pós-graduação da Unesp de Marília, e também dos colegas da Vigilância Sanitária da Direção Regional de Saúde de Marília.

De repente esta folha de agradecimentos não traduz a importância do que foi estar em contato com todas estas pessoas e talvez cometa injustiças em não mencionar alguns nomes que aqui deveriam estar presentes. Mas, como é de praxe, agradeço:

À Profª. Dr.ª Christina Rezende Rubim pela sua orientação aberta e estimulante.

Ao Profº. Dr.º Reinero Antônio Lérias pelo debate e a crítica sincera.

À Profª. Dr.ª Armelle Jacquemout pelo incentivo à prática da pesquisa de campo.

À Profª. Maria da Graça de Souza pelos comentários, sugestões e empréstimo de material bibliográfico.

Aos meus entrevistados e a Denise Bacon por ter possibilitado o acesso a algumas destas pessoas.

Torresmo à milanesa

O enxadão da obra bateu onze hora
Vamo simbora João?
Vamo simbora João
Vamo simbora João?
Vamo simbora João

O quê que você troxe na marmita Dito?
Truci ovo frito
Truci ovo frito
E você Beleza, o que é que você troxe?
Arroz com feijão e um torresmo à milanesa da minha Tereza

Vamos almoça sentados na calçada
Conversar, sobre isso e aquilo
Coisas que nóis não entende nada
Depois, puxá uma paia
Anda um poco pra fazê o quilo

É dureza João?
É dureza João
É dureza João?
É dureza João
É dureza João?
É dureza João

O mestre falou que hoje não tem vale não
Ele se esqueceu que lá em casa, não só, só eu
Se segura Maria!

O mestre falou que hoje não tem vale não
Ele se esqueceu que lá em casa, não só, só eu
Se segura Maria!

O mestre falou que hoje não tem vale não
Só pra ele que tem, né?
Ele se esqueceu que lá em casa, não só, só eu
O mestre falou que hoje não tem vale não
Ele se esqueceu que lá em casa, não só, só eu

(Adoniram Barbosa – Carlinhos Vergueiro)

RESUMO

O nosso objetivo é interpretar o risco-perigo entre os cortadores de cana-de-açúcar residentes em um bairro de Jacarezinho, localizado no vale do Paranapanema na divisa entre os estados do Paraná e São Paulo. Procura-se captar o dizível e o indizível, o dito e o não dito, o modo de viver em uma vila que traz na história da sua organização e formação social, emblemas e estereótipos sobre aqueles que enfrentam as condições próprias do assalariado rural em sua atividade itinerante, na contigüidade entre o local de moradia e o talhão de cana. Classificados como trabalhadores desqualificados, estes homens e mulheres, ao se dirigirem no rumo dos canaviais, tornar-se-iam invisíveis e impedidos de se fazer reconhecidos e valorizados publicamente por aquilo que desenvolvem; suas atividades passam a ser consideradas descartáveis, algo que pode ser executado por qualquer um, mediante os novos saberes que até então os recomendavam. E, dentre todos aqueles que não tem acesso aos meios de produção, especificamente, os trabalhadores que vieram se tornar assalariados rurais trazem sobre si as marcas da herança do passado, do costume em se lidar com a terra, mas que sob a civilização da usina, em uma lógica de igualdade de chances de trabalho para todos, deliberadamente faz uso da diferenciação entre homens e mulheres, jovens e velhos, negros e brancos, impondo uma hierarquização nas relações de trabalho que não se faz circunscrita ao talhão de cana. Condições que passam a ser comuns, e que retiram do tempo passado a sua legitimidade: um tempo em que revolver a terra com o arado, puxado por animais, em comparação à esteira mecânica dos nossos dias, parece não oferecer maiores implicações à saúde de quem é obrigado a se submeter a esta disciplina. Indiferenciação que trouxe consigo situações outras que aquelas vividas no tempo da colônia do café e das relações de trabalho pautadas na parceria e na meação. Um outro modo de organizar não só socialmente, mas também espacialmente, as novas relações sociais, mediante as relações de produção. A contigüidade entre a vila São Pedro e os talhões, surgidos, a partir do final dos anos quarenta, trouxe na sua envergadura tanto um novo modo de pensar as condições advindas com o processo de proletarização rural, como práticas sociais que se reportam a uma socialização para o trabalho; passa-se a identificar e identificar-se à vila São Pedro como um bairro de residência de “bóias-frias”. A partir da experiência da observação participante e da análise do relato oral, percebe-se na enunciação das respectivas formações discursivas e sob determinadas condições objetivas e subjetivas, uma sensação que tende a ser minimizada, ou que deve ser esquecida, a fim de que se possa dar prosseguimento à rotina do trabalho e à vida.Embora não se manifestando como um problema a ser refletido, isto não quer dizer que não exista entre os cortadores de cana um discurso sobre o risco-perigo, bem como práticas de resistência a estas condições de trabalho.

Palavras chave: Risco-perigo; Saúde do trabalhador; Cana-de-açúcar – trabalhadores rurais; Condição de trabalho e discurso.

SUMMARY

In this speech interpreted on the risk-danger in the sugar-care cutters residents in Jacarezinho's Municipal District neighborhood. Located in Paranapanema's Village, boderlining Paraná and São Paulo. It's captured the said and unsaid, towards the way of live in a village that brings in its history's organization and social structure. Emblems and stereotypes about and among those who faces ownerns conditions rural in its itineranty activity and in a continguity between residence and bound sugar cane. Classifield as non qualification employees, this people in a sugar cane plantation, will become invisible and forbiden to be recognized and praized publicaly by what they developt, it means, their activities started to be considered disposable, some thing that can be executed by anyone towards the new knoledge since then recomended them. And, because of those who were blocked ascess of productions, specifically the employed became earns salary rural bring itself the inheritance marks in the past, the costume to lead the earth, but under sugar cane civilization in a equality logic of chandes of job for all, deliberately the diference usage between men and women, younger and older, black and white, imposing a hierarchization in the job relationship that doesn't bound the sugar cane. The conditions that become ordinary and take away the past of time and its legitimacy. A time to revolve earth with the plow, pulled by animals, in comparison to the mechanical wake of our days, its doesn't seems major implications to health by those who are obligate to be under this discipline. Indiference thath brought by itself other situations human another lived in coffe brazilian plantations time and the job relation partnership, paused the other way it is not only social, but also space towards new relations social and productive. The contiguity between São Paulo Village and the cuttings, appeared, started in the end of forties, brought in it span, so much in a new way of thinking the brought conditions with the rural earnings process, as social practice thath shows a social report for the work becomes to identify the self identification towards São Pedro Village like a residence neighborhoods of sugar cane cutter employers. In this research, starting from the experience of the work area and the analysis of the oral report, the old residents perception, in contrast to the cutters that we had explored known, manifests in the enunciation of the discursive perspective formation and under certain objective and subjective conditions a tendence that seems to minimized, should be forgotten in porpuse to go on a work routin and life. Although it's not shown like a issue to be reflectd, that doesn't men that there is betheen the cutters sugar cane employers the speech about risk-danger, as wll the residence pratice and retreats to these work conditions.

Words key: Words key: Risk-danger; the worker's Health; Sugar-cane–rural workers; work Condition and speech.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....10
1 Capítulo – I. Referencial teórico metodológico.....17
1.1 Instrumentos da pesquisa.....28
1.2 História de vida.....30
1.3 Sobre o risco-perigo.....32
1.4 Análise do discurso e sentido silêncio.....35
1.5 Ideologia e análise discurso.....38
2 Capítulo – II. O processo colonizador.....45
2.1 Primórdios da colonização.....46
2.2 Desenvolvimento econômico nas primeiras décadas do século XX 55
2.3 Capital do Norte Pioneiro..... 57
2.4 Declínio do café e a intensificação da produção da cana-de-açúcar.....59
3 Capítulo – III. Quando o bairro é a vila.....66
3.1 A vila anuncia o surgimento do bairro.....75
3.2 Bairro: cortadores de cana, empreiteiros e antigos moradores.....87
3.3 O ex-comerciante.....91
3.4 O ex-sitiante 98
3.5 O ex-empreiteiro 107
4 Capítulo – IV. O desafio da descrição.....118
4.1 Rumo ao talhão.....118
4.2 A chegada ao talhão.....132
4.3 Imagens e representações do desgaste no trabalho.....143
5 Considerações finais..... 158
6 Referências bibliográficas.....161
7 Apêndice A - Roteiro de entrevista.....167
8 Apêndice B - Entrevista com Fiscal de Turma 168
9 Apêndice C - Entrevista com Cortador de Cana.....191
10 Apêndice D - Entrevista com Empreiteiro.....231

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

1. Fig.1 - Planta urbana de Jacarezinho.....24

2. Fig. 2 - Municípios da área canavieira do Vale do Paranapanema 48

3. Fig. 3 - Planta do Rio Paranapanema.....50

4. Fig. 4 -Mapa do Estado do Paraná.....55

5. Fig. 5 - Mapa de linhas férreas do Paraná.....64

6. Fig. 6 - Histórico do Grupo Escolar Vila São Pedro 85

7. Fig. 7 - Solos favoráveis a canavicultura sob condições climáticas.....123

8. Fig. 8 - Aptidão climática para cultura da cana de açúcar.....131

9. Fig. 9 - Calendário Agrícola da área Canavieira do Vale do Paranapanema..136

10. Foto 1- Colônia de café da fazenda Califórnia.....78

11. Foto 2 - Família de colonos à espera do despejo.....79

12. Foto 3 - Conjunto de casas de madeira na vila São Pedro.....80

13. Foto 4 - Casa vazia de antigos colonos.....81

14. Foto 5 - Posição típica do esforço físico no trabalho.....124

15. Foto 6 - A vigilância dos controladores do processo de produção 125

16. Foto 7- Fim de jornada de trabalho e o preparativo da volta para casa.....152

Introdução

Esta dissertação tem como objetivo interpretar a busca de sentido que alguns homens dão às suas práticas diante do limite e da possibilidade do viver. Parte do pressuposto de que a significação das condutas entre os homens envolve uma reflexão sobre determinada formação social, em relação a uma *estrutura temporal*, categoria que lembra e referenda os anseios diante da finitude da vida humana - e que é verbalizada enquanto conceito através da linguagem.

Do ponto-de-vista do que venha a ser limite de sobrevivência, este é um problema que parece, pelo menos em um primeiro momento, não fazer parte das reflexões dos sujeitos desta pesquisa, mas uma questão heurística de nosso interesse.

Neste sentido, partimos da idéia de que a realidade é algo que nos toma freqüentemente e nem chegamos a questionar, pois a condição de estarmos vivos é prova de uma factividade evidente e compulsória de nossa condição real.

Conhecer a realidade social constituir-se-ia, então, uma matéria própria aos homens, mas mesmo estes não conseguiriam fugir à rotina, pois uma vez resolvido determinado problema, ele passaria a fazer parte das atividades costumeiras. A realidade, por assim dizer, apresentar-se-ia enquanto uma problemática que tende a ser enfrentada para se tornar, logo após, uma rotina[1].

Buscamos compreender nesta pesquisa a maneira como o cortador de cana-de-açúcar constrói e estabelece os limites do seu viver, frente às condições ambientais de trabalho, em relação às noções de risco e segurança. Partimos justamente da expectativa de poder interpretar a condição do trabalho itinerante no corte da cana-de-açúcar em relação a esta sensação rotineira, bem como as estratégias articuladas pelos trabalhadores submersos nesta realidade.

Quer dizer, os trabalhadores itinerantes, ao lidarem na sua tarefa diária com o corte da cana, expressam sentidos e sentimentos em relação a determinados objetos, situações e símbolos que são próprios a este grupo e a sua condição social; estes, por não se repetirem em outras atividades de produção proporcionam uma identidade singular a homens e mulheres, representantes e representadores de uma totalidade pertencente a um segmento da classe trabalhadora brasileira.

---

[1] Berger e Luckmann (1994, p 11)

A noção de risco no trabalho entre os cortadores de cana, neste sentido, parece-nos uma das muitas situações limites na rotina destes sujeitos: ao se dirigirem rumo aos eitos dos canaviais, carregam consigo interpretações próprias da sua condição e ao elaborarem explicações sobre esta noção, acabam por produzir um discurso alternativo, muitas vezes subestimado pelo tecnicismo classificatório e normatizador do *discurso competente*[2].

Portanto, pode-se dizer que esta pesquisa busca analisar, a partir da concepção de Geertz (1978), o universo interpretativo e discursivo dos cortadores de cana e suas práticas de trabalho, isto é a visão de mundo dos próprios protagonistas desta história, numa ótica que componha o quadro da sensação de risco e segurança para estes atores sociais.

Contudo, tem-se claro que o grande desafio desta investigação constitui em apresentar, enquanto situação pública, o segredo de alguém que o imagina restrito ao seu mundo, portanto algo próprio da sua individualidade e, por isso, privado. Isto exige por parte do investigador uma atitude de negociação e o cuidado para não enganar e tão pouco ser enganado, quando da interpretação dos depoimentos e testemunhos dos informantes nas suas entrelinhas.

A preocupação em investigar a noção de risco e segurança a partir do limite do viver do trabalhador rural assalariado – o denominado trabalhador volante[3] – foi-nos suscitada quando da mudança, em 1993, do nosso antigo local de trabalho na Secretaria Regional de Saúde em Marília para a divisa entre os Estados de São Paulo e Paraná, os municípios de Ourinhos[4] e Jacarezinho[5].

---

[2]Conforme Chauí (1982, p. 2), o discurso competente dar-se-ia a partir da ciência enquanto um saber separado e como coisa privada, um instrumento de dominação do mundo contemporâneo. Diz a autora: *[...] "o discurso competente se instala e se conserva graças a uma regra que pode ser assim resumida: não é qualquer um que pode dizer qualquer coisa em qualquer ocasião e em qualquer lugar. [...]".*

[3]Segundo José Graziano (s/d) o trabalhador volante é aquele que se encontra desprovido dos meios de produção e, enquanto tal, é obrigado a vender a sua força de trabalho para garantir sua subsistência, como também o faz o operário urbano. O conceito de trabalhador volante, segundo a pesquisa de Maria Aparecida de Moraes Silva (1999), seria o daquele indivíduo que voa ou que pode voar; flutuante; que se pode mudar facilmente, móvel; errante, vagabundo, transitório, efêmero.

[4]Limítrofe ao sudoeste de São Paulo com o norte do Paraná (Jacarezinho), Ourinhos possuía em 1996 cerca de 86.876 pessoas residentes no município. Até 1985 foi um dos Distritos Sanitários do Departamento Regional de Saúde de Marília, e teve seu povoamento decorrente da marcha do café na Alta Sorocabana rumo ao extremo oeste paulista. Pertenciam a sua micro região nesta época: Ribeirão do Sul, Salto Grande, Chavantes, Ipaussu, Santa Cruz do Rio Pardo, Bernadino de Campos, Óleo, São Pedro do Turvo, Salto Grande, Fartura, Timburi, Sarutaia, Tejupa, Manduri e Taguaí. Atualmente, a cidade é sede de Região de Governo e conta com onze municípios distribuídos em 3.827 Km. Sua economia está concentrada, basicamente, na produção agro-industrial canavieira – três usinas de álcool e duas destilarias. Além disso, há também ali um distrito industrial incipiente ligado ao ramo alimentício. Segundo dados do IBGE e SEADE (1980/1991) a população

Desde este período nos chamaram a atenção nestas cidades, em nossos primeiros contatos, as imensas plantações de cana-de-açúcar nos seus arredores, o tráfego dos caminhões fechados – tipo baú – usados no transporte dos trabalhadores itinerantes logo de manhã, os resíduos dos canaviais queimados na forma de fuligem nas ruas e quintais, o forte cheiro de vinhaça fermentada e o freqüente número de homens e mulheres à procura de atendimento no *postão* de saúde, os quais, em sua maioria, traziam olhares resignados pela fadiga do trabalho e a marca dos acidentes em seus corpos.

A dominação[6], expressa nas fisionomias daqueles trabalhadores que vinham requerer o benefício do Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS) e à assistência da Secretaria de Estado da Saúde, estava presente, literalmente, em seus corpos, cobertos por suturas. As marcas da expropriação, ocorridas pelas condições e formas de manuseio do *seu próprio instrumento* de trabalho, o facão ou *folhão* de cortar cana, simbolicamente, sugeriam-nos uma contradição quanto à resignação na qual se encontravam aqueles homens e mulheres.

Como servidor do então Sistema Único Descentralizado da Saúde – Suds – buscando contribuir para a construção de uma proposta que, pelo menos, minimizasse aquela condição, decidimos conhecer aquele **outro**, reconhecendo-nos naquela realidade e tendo a consciência da impossibilidade desta transferência.

---

economicamente ativa (PEA) em 1980 era de 52,26% para uma população de 149.198 pessoas na região, sendo que 38,12% deste total estava relacionado à atividade agro-industrial de extração vegetal. A população na micro-região, em 1991, era de 175.600 pessoas, correspondendo entre 1980 a 1991 a um crescimento populacional de 16,39% em novos habitantes. O crescimento da população rural, entretanto, mostrou-se de forma negativa com –22,87%, favorecendo desse modo o crescimento da população urbana em 33,54%. Apesar do SEADE não possuir dados sobre ocupação na indústria em 1991, entre 1980/1990 segundo dados de pesquisa IBGE, houve um crescimento significativo neste setor de 71,96%. Do mesmo modo pode-se dizer que o pessoal ocupado no comércio sofreu um crescimento de 54,33%.

[5] Jacarezinho possuía até 1996, de acordo com o IBGE, cerca de 38.516 pessoas residentes. É considerado um dos principais pólos de desenvolvimento da região, segundo a Associação Regional do Norte Pioneiro do Paraná, o qual congrega cerca de 29 municípios. Jacarezinho em sua área de abrangência micro-regional conta com as seguintes cidades: Barra do Jacaré, Cambará, Jundiaí do Sul, Ribeirão Claro e Santo Antonio da Platina. Conforme a Relação Anual de Informações Sociais do Ministério do Trabalho (RAIS 97), o maior percentual de trabalhadores na micro região de Jacarezinho encontra-se em atividade nos setores: Agropecuário 40%, Serviços 27% e Indústria 16%. Só em Jacarezinho mantêm-se ocupados no setor agropecuário, cerca de 22% dos trabalhadores, sendo que destes, 17% são do sexo masculino e 4% do sexo feminino para um total comparativo de 69% de homens e 30% de mulheres ocupados na micro região, segundo todos os setores.

[6] De acordo com Seligmann-Silva (1994, p.40), *[...] "a dominação no trabalho [...] tem como aspecto nuclear o desgaste, pois ataca a dignidade e fere a autonomia da individualidade; é a mesma que produz rupturas no mundo mental e psicossocial, atingindo a estabilidade psicossomática. [...] os fios que tecem a dominação esmaga, a identidade e aprisionam a alma no medo. A exploração produz a exaustão obscurece a consciência, abrindo caminho à alienação*".

Inicialmente, partimos do levantamento da notificação dos acidentes e doenças do trabalho, a fim de poder dimensionar o movimento daqueles eventos, pois acreditávamos, num primeiro momento, que tais fatos nos aproximariam da realidade e permitiriam a articulação de uma ação concreta que diminuísse aquele sofrimento.

Ao construir um cadastro das Comunicações de Acidentes de Trabalho (CAT) dos anos de 1991/1992, propúnhamo-nos a descrever aqueles eventos em uma série histórica, como um instrumento de ação para mudança.

Por este cadastro, verificamos uma relação de 3400 CAT registradas no INSS e chegamos à conclusão de que havia ocorrido uma redução de 8,4 % nas comunicações de acidentes e doenças, uma vez que em 1991 aconteceram 1.843 notificações (54,2%) e, em 1992, 1557 (45,79%).

Entretanto, o que não conseguíamos entender naquele momento era que os números, apesar de apontarem para uma suposta melhoria nas condições de trabalho e saúde, de fato não traduziam na diminuição do sofrimento daqueles que continuavam a freqüentar o *postão* de saúde.

Até porque, dentre os trabalhadores, os cortadores de cana recrutados diretamente por empreiteiros e usineiros em 1991 e 1992 correspondiam em números absolutos a 654 e 704 registros entre aqueles que foram acometidos com acidentes de trabalho nestes dois anos; uma freqüência relativa de 19,3% e 20,7% do total geral das 3400 notificações.

E, se acrescentarmos a quantia de 207 (6,1%) comunicações de acidentes relacionadas ao ambiente da fábrica de açúcar e álcool em cada um destes anos, ter-se-ia em face ao total anual de notificações registradas, 25,4% dos 1843 acidentes ocorridos em 1991 e 26,8% do total dos 1557 acidentes ocorridos em 1992.

Portanto, para o total geral de 3400 notificações, embora havendo uma diminuição no número de comunicações de acidentes, o setor sucro-alcoleiro demonstrou, com os 1358 (52,2%) registros de CAT no INSS uma tendência comparativa contrária a proporção de acidentes até então analisados.

Embora não tenhamos mensurado a porcentagem ou taxa de gravidade dos acidentes ocorridos segundo a causa, verificou-se, de modo geral, que grande quantidade destes eventos estavam relacionados a objetos manuais de corte e

quedas, cujos laudos médicos nos remetiam a *ferimentos de corte contuso e torções*[7]**.**

Mas, de tudo isso, o que mais nos chamava a atenção era a completa falta de comunicações ou laudos médicos relacionados às doenças que acometiam os trabalhadores daquele setor.

Hoje, de volta a Marília, mas viajando diariamente àquela região, as imagens do postão de saúde ainda nos trazem inquietações quanto às nuanças do risco a que estão submetidos os trabalhadores volantes, cuja forma de trabalho tão presente naquela realidade política, econômica e social a consideramos como *desqualificada*, *descartável* e *dominada*, conforme a revisão bibliográfica de Seligmann-Silva (1994, p.103-117).

Almeida Filho (1996), ao analisar o risco em nosso idioma, entende que esta a palavra envolve diversos sentidos, mas que basicamente se apresenta vinculada a uma sensação que tem o seu sentido articulado a partir de um discurso social comum e um discurso epidemiológico.

O risco do ponto de vista antropológico estaria, articulado à concepção de movimento e de limite e que se coloca como algo inerente à condição mantida entre homens e natureza, mediante determinada formação histórica. Compreender o que vem a ser risco por este prisma para nós, então têm a ver com o desejo de interpretar o discurso social comum, as ações dos segmentos sociais, diante da possibilidade do viver com suas regras, condutas, representações; a memória deste grupamento social.

Embora o risco seja algo tão comum em nosso dia-a-dia, poucas vezes refletimos sobre as condições objetivas que contribuem para a sua manifestação. Além disso, é uma sensação que pressupõe uma subjetividade, trazendo consigo a possibilidade de ocorrência de determinado evento que altera ou ameaça a segurança e a qualidade de nossas vidas.

Nesta pesquisa, apesar de estarmos apresentando alguns percentuais sobre o número de acidentes e doenças do trabalho, não temos como perspectiva privilegiar apenas a problemática do **dito** ou do **vivido**, mas contemplá-los sob a ótica dos cortadores de cana, levando em conta a maneira como vêem e vivem as noções de risco-perigo, confiança-segurança, ameaça-medo.

---

[7] Esta é uma definição do Código Internacional das Doenças – CID10 –, utilizado no Sistema de Informação em Acidente do Trabalho, desenvolvido pelo Centro de Informações em Saúde – CIS – da

Por isso, a materialidade discursiva se torna um campo privilegiado em que se enuncia a sensação do risco como representação social, materializada sob a forma de um discurso **dizível** e **indizível**, entre o **dito** e o **não dito,** devido à necessidade de se submeter a este tipo e a estas condições de trabalho.

Assim sendo, reconstruímos o discurso dos sujeitos desta pesquisa a partir da biografia de antigos moradores de um bairro de assalariados rurais em Jacarezinho, do itinerário de uma turma de cortadores de cana em sua rotina de trabalho nos eitos dos canaviais[8] , e diálogos observados nos pontos de saída dos cortadores de cana; também nos bares, geralmente freqüentados por trabalhadores e mediadores do processo de trabalho nos talhões de cana.

A observação é participante, mas entrevistamos moradores do bairro e personagens envolvidos na trama destas relações sociais em diferentes ocupações; até porque, o universo do risco não é ou não está restrito somente ao ambiente de trabalho dos enunciadores do discurso. Por isso, a proposta de entender a relação contígua entre o bairro, a casa e o trabalho.

As histórias de vida correspondem a testemunhos de antigos moradores da vila São Pedro, bem como as trajetórias de alguns trabalhadores da turma investigada frente às suas expectativas e temores – muitas vezes, como mostraremos, não admitidos em suas falas, embora presentes nas práticas enquanto garantia da sobrevivência.

A representação do risco é captada do ponto de vista de quem quer interpretar e compreender o sentido polissêmico desta palavra. Neste caso, procuraremos analisar o que os cortadores de cana da turma fazem e pensam em relação aos perigos, ameaças e medos presentes em suas vidas, assim como as formas de autoproteção.

A coleta dos depoimentos entre os cortadores de cana, os quais tivemos oportunidade de acompanhar em um dia de trabalho, obedeceu ao critério da disponibilidade de tempo destes homens e mulheres, negros e brancos, jovens e velhos[9].

Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo (CIS: 1994)

[8] Os primeiros contatos com essa turma de trabalhadores ocorreram no final de 1999 quando procuramos realizar as primeiras observações sobre a rotina de saída para o trabalho nos pontos da avenida José Pavan na Vila São Pedro.

[9] A negociação entre o investigador e o sujeito da pesquisa é algo que precisa ser bem definido. Neste aspecto a disposição para ouvir e se interessar pelos mais variados temas em uma entrevista se apresenta quer queira ou não, limitados pelo tempo. Nesta pesquisa, por trabalharem ininterruptamente no período da safra, ou melhor,

No primeiro capítulo, apresentamos uma análise das nossas primeiras explorações e impressões sobre a vila São Pedro, residência dos sujeitos desta pesquisa e local de onde parte a maioria dos trabalhadores contratados pelas usinas de Jacarezinho e Ourinhos. Procuramos lançar uma reflexão sobre a prática da investigação, em relação às situações por nós vividas e observadas, bem como o emprego de conceitos e o uso de um instrumental teórico metodológico.

Em seguida, no segundo capítulo, analisamos os antecedentes da formação histórica da cidade de Jacarezinho à luz dos desdobramentos políticos e econômicos ocorridos no período que se estende da metade do século XIX à metade do início do século XX.

No terceiro capítulo, descrevemos o surgimento da Vila São Pedro em relação aos processos de transformação por que vinha passando o campo com a saída dos antigos colonos das fazendas de café e o surgimento do assalariado rural até os nossos dias. Através do nosso contanto com aquela realidade e a partir dos testemunhos dos antigos moradores, os quais são analisados os respectivos relatos em contraste às trajetórias de vida e mediante a rede de relações sociais em que anunciam as práticas da *socialização para o trabalho* e de um *saber local.*

No capítulo quarto, tratamos da organização do trabalho, isto é, a formação dos canaviais – preparação da terra, plantio, colheita – e o uso de novas tecnologias no processo produtivo, com vista a descrever o contexto no qual os cortadores de cana se inserem. Analisamos ainda a experiência da saída de casa rumo aos talhões[10], a carga de trabalho e o desgaste da sua saúde neste tipo de trabalho.

---

com uma única folga na semana, as entrevistas junto às mulheres foram mais difíceis, dada a dupla jornada de trabalho.

[10] A organização do trabalho no canavial, tal como no setor de transformação, obedece à divisão dos locais de produção e ao desenho detalhado do terreno, como o *chão de fábrica* em que a engenharia de produção dispõe sobre o modo que se quer e se deve produzir, ou seja: as divisões ou subdivisões da área a ser plantada e colhida, por isso seções, talhões (terreno para cultura, tabuleiro) – provavelmente corruptela da palavra talha que significa, dentre outros, certo número de alqueires de sal – , quadra e eito.

Capítulo I. Referencial teórico-metodológico

A busca de um instrumental metodológico que procure dar conta da realidade social vivida pelos cortadores de cana, nesta pesquisa, traz consigo o problema clássico da escolha de um referencial teórico que permita compreender a temática anunciada.

As idas e vindas na definição e a delimitação do objeto de estudo, também parecem marcar não só o campo desta pesquisa como sua filiação às ciências sociais em seus encontros e desencontros, especificamente, no que se refere à sociologia, à história e à antropologia.

Esta investigação trata da visão de mundo de uma parcela social que se encontra despossuída dos meios de produção, e sob a condição do *trabalho desqualificado*. Por isso, em um primeiro momento, consideramos válido observar a organização do trabalho no talhão de cana sob a perspectiva do risco-perigo, enquanto uma prática social que se remete não só à esfera do trabalho em seu sentido objetivo enquanto um fato social, mas também em relação às práticas dos agentes sociais ao interpretar as suas vivências.

Logo, a condição de sobrevivência do cortador de cana, morador da vila São Pedro propõe-nos o desafio de se tentar compreender o entendimento, o sentimento, os significados que homens e mulheres dão às suas condições de existência perante a tessitura das suas vivências.

Conforme Geertz (1999), muitas vezes um saber local sob o viés da realidade do modelo teórico, encontra-se reduzido à concepção de que o seu sentido seja meramente a reprodução da estrutura da dominação, pois os sentidos já estariam dados conforme a estrutura social na qual se encontram[11].

Uma vez que a operacionalização de nossa pesquisa envolve a interpretação e a compreensão das formas de pensar – aparentes ou não – do trabalhador cortador de cana, o problema que se faz presente de imediato é o como observar e interpretar a realidade social e cultural em que se encontram os sujeitos desta investigação, e ao mesmo tempo interpretar o risco enquanto algo que se desmancha e se apresenta de maneira fugaz[12].

---

[11]O que não quer dizer que o referencial teórico dê conta de seu objeto de análise, daí o perigo de se ficar preso a ele e tentar justificá-lo.

[12]Vale dizer: interpretamos o referencial teórico, que no mais das vezes é também uma interpretação. A interpretação da teoria para com ele interpretar a interpretação que o cortador de cana faz do real em que ele vive.

Compreender o que vem a ser risco – do ponto de vista do cortador de cana – morador na vila São Pedro, pressupõe o esforço de se tentar interpretar a teia de símbolos e significados construídos por estes agentes sociais em sua prática social. De modo que há de se desenvolver uma lógica investigatória que nada mais, nada menos, seja o ato de interpretar as interpretações dos trabalhadores volantes sobre o seu próprio viver.

Embora as narrativas aqui apresentadas sejam dos cortadores de cana e, correspondam ao discurso destes homens e mulheres sobre a condição e a prática da sua existência, há que se entender que a interpretação, a descrição e a análise destas condições de risco e perigo não são descrições destes agentes sociais[13].

Nesta acepção, a formação do bairro[14] – que tem na mão-de-obra residente – e o talhão – como local de trabalho destes moradores da vila – , apresentam-se de fato como locais em que se constroem saberes sobre um modo de viver, os quais buscamos compreender por esta proposta de investigação.

A vila São Pedro é assim, um lugar em que se produzem e reproduzem regras de lealdade e de amizade, dominação e submissão, expectativas de vida e de medos. Mas também é palco de resistência, revolta e conflito, mesmo que se apresentando em práticas discursivas e sob a pele do silêncio. É, portanto, onde se legitima um certo estilo de vida entre aqueles que coabitam este *pedaço* [15] da cidade – um local em que as relações sociais se fazem contíguas às vividas no talhão de cana.

Ainda que o nosso contato com estes trabalhadores tenha sido breve, buscamos aqui relatar e interpretar a experiência de se fazer pesquisa de campo, a partir destes locais. Ou seja, procuramos interpretar o que os cortadores de cana pensam estar fazendo quando se expõe ao trabalho sob a chuva, o sol, a poeira.

---

[13] *[...] "O que chamamos de nossos dados são realmente nossa própria construção das construções de outras pessoas [...]".* (Geertz,1963; p.19)

[14] *[...] "bairro sempre aparece como divisão administrativa da freguesia, que é por sua vez da Vila. Esta era sede de Câmara e Paróquia e cabeça de todo o território, quase sempre vasto; a freguesia supunha um núcleo de habitação compacta e uma igreja provida de sacerdote, geralmente coadjutor do vigário da paróquia; o bairro era divisão que abrangia os moradores esparsos, não raro com sua capelinha e ás vezes cemitério. O território das vilas, repartido em distritos, foi mais tarde, por sua vez, dividido em quarteirões, unidade que ora coincidia com o bairro, ora o incluía, mas de qualquer forma se baseava na sua existência".* (Candido,1982, p.63)

[15] *"Segundo a conhecida fórmula damatttiana, têm-se dois planos, cada qual enfeixando de forma paradigmática uma série de atitudes, valores e comportamentos, uma delas referidas ao público e, a outra, ao privado. O 'pedaço', porém, apontava para um terceiro domínio, intermediário entre a rua e a casa: enquanto esta última é o lugar da família, à qual tem acesso os parentes [...] e a rua é dos estranhos [...] o 'pedaço' é o lugar dos colegas, dos chegados [...]".* (Magnani, 1998, p. 12)

Analisamos também a mutilação do corpo e o transporte, bem como a carga, a postura do corpo no trabalho, a hierarquia, a relação de poder e de mando.

A operacionalização desta pesquisa levou-nos a utilizar um roteiro de entrevistas semi-estruturado, partindo das condições acima citadas, os denominados fatores de risco no trabalho – um referendo à coleta e à interpretação dos relatos orais.

Contudo, é preciso dizer que a medida em que foi se desenvolvendo esta pesquisa procuramos mais sugerir os tema que cumprir com o roteiro estruturado e mentalizado, dado o universo cultural percorrido possibilitar tal atitude.

A nossa opção por esta técnica de entrevista deve-se ao pressuposto de que o discurso sobre o risco e perigo envolve uma dimensão que se apresenta não só em seu aspecto objetivo, mas também subjetivo; isto é, uma sensação que por seus significados múltiplos esconde verdades, enganos e que muitas vezes não se enquadra no que os peritos denominam fatores objetivos de risco[16].

Por isso, à medida que se desenvolvia esta investigação, a entrevista através das questões direcionadas pelo roteiro, no seu aspecto temático, acabou não obedecendo ao rigor que pretendíamos em nosso projeto de pesquisa.

Quando dizemos que esta pesquisa é participante, queremos afirmar que buscamos interpretar aqui a trama das relações sociais, através da observação direta das situações comuns de trabalho nos eitos do canavial, e nas dimensões do viver na Vila.

Embora entendamos que as *estruturas estruturadas*[17]*,* sob o aspecto das condições objetivas de dominação, levem o cortador de cana a aceitar e a entender a sua condição como algo natural, é preciso, no entanto, dizer que esta investigação tem em pressuposto: a prática destes atores sociais, mesmo que em uma fração mínima. Neste sentido, adotamos aqui um olhar contrário àquilo que se entende como uma simples ressonância da estrutura de dominação de classe.

---

[16] *"A possibilidade de delegar a técnicos e instituições a busca de soluções para problemas dos riscos no trabalho, é sugerida pela objetividade da resposta dada por um instrumento de mensuração. No entanto, por esta mesma possibilidade, não haverá 'soluções técnicas' ao se examinar outros fatores de nocividade que concorrem para determinar as condições de trabalho, os quais apresentam características não mensuráveis por instrumentos [...] Isto não significa que se deve recusar a contribuição que a ciência pode e deve dar, mas somente o dado objetivo da ciência formal não é suficiente [...]".* (Sivieri, 1997, p.86)

[17] Conforme Bourdieu (1983, p.61) as estruturas estruturadas correspondem a um sistema de disposições, resultando em *"[...] uma ação organizadora [...], uma maneira de ser, um estado habitual (em particular do corpo) e, em particular, uma predisposição, uma tendência, uma propensão um uma inclinação".*

Neste aspecto, compreender a percepção do risco entre os cortadores, tanto no talhão de cana como fora deste ambiente, tem a ver com a busca de uma interpretação sobre dos processos de *interiorização da exterioridade e exteriorização da interioridade* acerca do que seja o próprio saber destes homens e mulheres, frente às atividades e às condições nas quais se encontram.

O que se pode dizer com relação a tudo isso, é que a investigação da concepção do risco, a partir do discurso dos cortadores de cana, inscreve-se no campo da representação social. Aquilo que está posto, como questão de fundo, é o quê as pessoas fazem ou pensam estarem fazendo para garantir as suas necessidades, mediante um determinado contexto social, isto é, o modo como se constrói a realidade social tanto no seu aspecto coletivo como individual.

A representação social enquanto fato social, por este olhar, apresenta-se em uma determinada realidade objetiva, mas não sob uma regra estabelecida que diz como elas devam ou não ser interpretadas[18].

No início desta pesquisa, anteriormente à primeira exploração do bairro, pressupunha-se que a vila São Pedro fosse apenas mais um dos vários locais de residência provisória dos cortadores na busca por novos talhões de cana; supúnhamos tratar-se de trabalhadores sem residência fixa morando aqui e lá.

A leitura da obra de Moraes Silva (1989,1999) levou-nos em um primeiro instante, a conjeturar que a conformação geográfica do vale do Paranapanema e o seu dinamismo econômico com grande número de usinas, mantendo divisa entre os estados de São Paulo e Paraná, reunia os elementos facilitadores para um trabalho migrante e temporário como o vivido em Ribeirão Preto.

Contudo, após as primeiras explorações, pudemos verificar que os sujeitos desta pesquisa se encontravam, particularmente, em uma condição que não as mesmas encontradas por Moraes Silva (1999) ao tratar em sua pesquisa do contigente de trabalhadores migrantes vindos de outros estados.

---

[18]Daí, Brioschi e Trigo (1989, p.14) afirmarem que a representação social corresponde a uma *[…] "elaboração subjetiva, mental, que os indivíduos fazem das suas condições materiais de vida. Consideramos que as estruturas econômicas e sociais possuem tanto uma realidade subjetiva incorporada pelos indivíduos quanto uma realidade objetiva que transcende os agentes sociais que lhe dão visibilidade e concretude. Nesse sentido, [...] o individual e o social, as estruturas internas da subjetividade e as estruturas sociais externas [...] longe de serem estranhas por natureza e de se excluírem mutualmente, são ao contrario dois estados da mesma realidade, da mesma história coletiva que se depositam e se inscrevem simultânea e individualmente, no corpo e nas coisas'. As representações individuais, portanto, exprimem uma situação de vida e uma posição social determinada".*

O trabalho volante, transitório, errante, como teremos oportunidade de verificar nos relatos coletados, parece ter ocorrido em anos que antecederam a obrigação do registro profissional em carteira e que hoje, pelo menos até o momento desta pesquisa, não mais ocorre na cidade de Jacarezinho.

No entanto, conforme o cortador de cana Roberto, em Ourinhos se costuma trazer trabalhadores de outros estados:

> Lá na usina São Luiz existe, diz que este ano não vai tê, mais todo ano [se] tem trazido negócio de duzentos, trezentos mineiro. Minero, baiano e fica ali na usina São Luiz. Fica tudo no acampamento ali, trabalha a safra interinha depois vai embora no vão da safra. Lá [no talhão] é separado. Lá eles trabaia que nem a gente tá aqui na Vila São Pedro trabaiando e eles tão lá na Vila Sette. Não fica junto, outra turma. Eles trabaia lá, a gente trabaia aqui, pra não ter confusão nesse negócio de sarro; essas coisa aí, pegá eito ruim, eito bom. Se eles tivesse ficado misturado com a gente, com o pessoal e vai o pessoal tirá sarro deis e eles não tem nada a perde, sem família, sem nada, morando ali sozinho [sem] mulher, filho. Tá tudo lá pra Bahia. Que nem o ano passado tinha acho que duzentos ou trezentos baiano cortando cana, tá lá na Bahia, tão ali queimando lata, um cara começa a encher a cabeça deis, você acha que não... ?

Embora tenhamos presenciado a saída de algumas turmas rumo às usinas de Ourinhos e Ipaussu, no Estado de São Paulo, ainda assim podemos dizer que estes trabalhadores residentes na vila São Pedro estabelecem relações de pertencimento que os identificam como sendo moradores “do lugar”, em comparação àqueles que vêm de outras regiões.

Portanto, mesmo se deslocando para o Estado vizinho, estes trabalhadores não estão permanentemente migrando. Pelo contrário, ao se deslocarem de uma cidade para outra, chegam mais tarde, pois há outros que cortam cana próximos às suas residências, como no caso das turmas contratadas pelas usinas locais. Por isso, o retorno ao lar e à família na vila – ainda que para repor as forças para o novo dia – traz consigo um elo com o local de onde partiram.

Em nossas primeiras observações, mesmo teimando em se apresentar com características diferentes a de Ribeirão Preto[19], insistíamos em ver e entender a condição predominante entre contratos e relações de trabalho em Jacarezinho, senão idênticas, pelo menos muito próximas àquelas descritas por Moraes Silva.

Não havíamos ainda percebido que esta realidade, em relação às condições empíricas em que nos encontrávamos e àquela descrita pela autora – frente à

[19] Há que observar que a leitura da realidade social em que se apresentam os cortadores de cana, residentes na vila São Pedro, se deu, em comparação às investigações de Moraes Silva (1999) e dos próprios narradores, em espaço e tempo diferentes. Estamos a observar as condições de trabalho face às condições de vivência no bairro e talhão, em tarefas itinerantes do cortador de cana, mas a partir da sua condição fixa no trabalho.

socialização para o trabalho, entre outros temas – sugeria um estilo próprio no modo de produzir e interpretar a vida no bairro e no talhão de cana.

Na verdade – após estas primeiras explorações – o bairro, do ponto de vista metodológico, passou-nos a ser ainda mais fundamental para o entendimento do local em que se dão as práticas entre os grupos sociais, além de ser também o lugar de onde se permite interpretar a enunciação de uma materialidade discursiva em relação a um modo próprio de se viver na vila.

Daí que o tipo de produção da representação social, do qual trabalhadores e turmeiros são produtos e produtores, faz-nos perguntar sobre a prática discursiva do risco-perigo mediante as relações de subordinação, de resistência, de conflito, de concessões, de confiança e de medo que vêm dos outros.

Quer dizer, são dimensões que se apresentam interiorizadas a partir da socialização e da posição dos cortadores de cana na Vila e que implicariam em sua exteriorização, tanto no mundo do trabalho como na vida social e biográfica vivida no bairro[20].

Quando das primeiras visitas à vila, intencionávamos conhecer e ser reconhecido pelos trabalhadores, bem como viajar rumo aos talhões junto com uma dessas turmas. Daí procurarmos estabelecer, nos primeiros contatos a fim de reconhecer e sermos reconhecidos pelos trabalhadores, uma observação dos pontos de saída para as seções, a partir de um olhar que mais analisasse do que questionasse.

Esta técnica de observação consistiu em nos aproximarmos o mais possível dos locais em que se encontravam os trabalhadores para ouvir o que diziam, mas não usando qualquer tipo de aparelho para registrar diálogos ou cenas. Apenas o olhar e o ouvido para então, no final da tarde, registrarmos no caderno de campo o

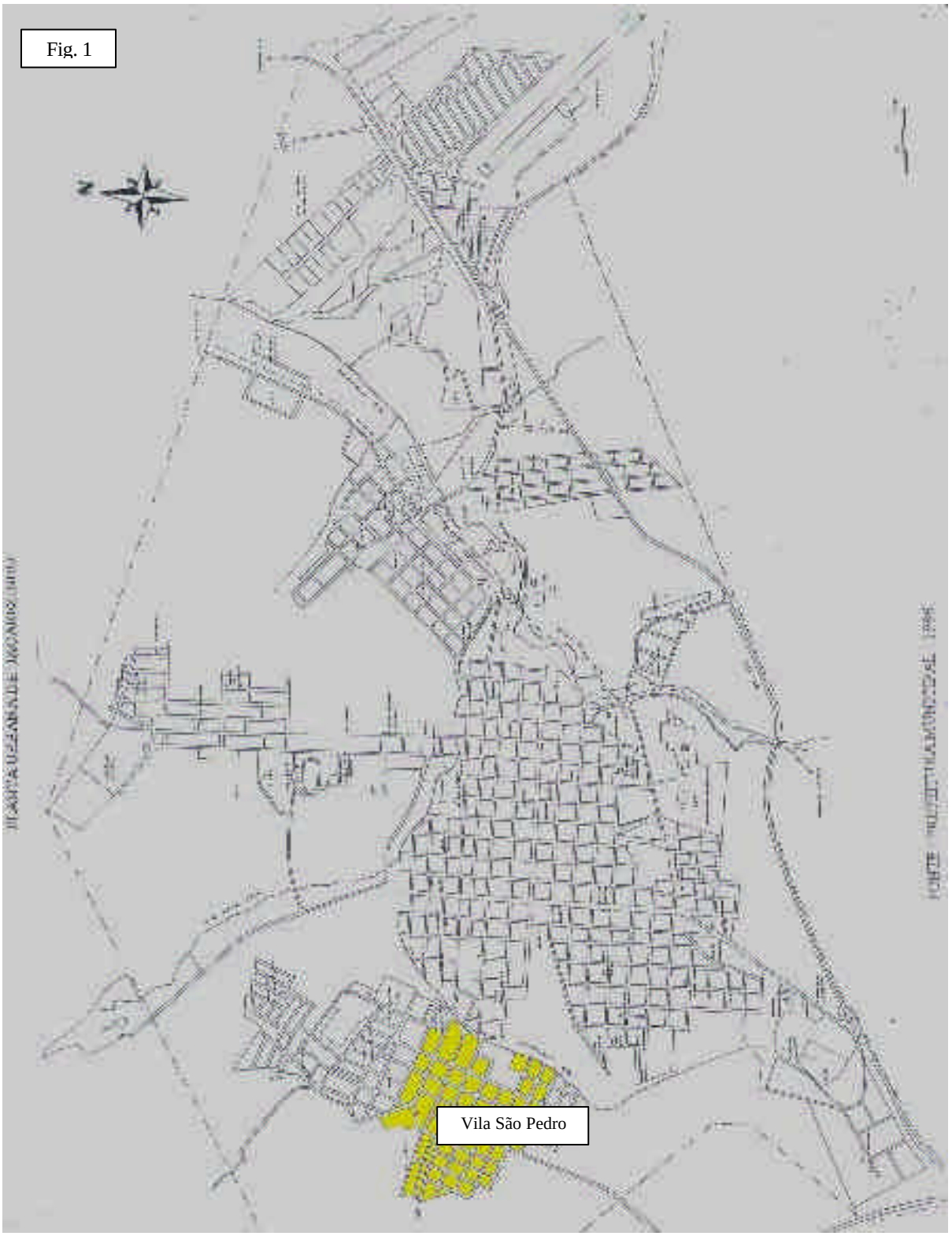
[20] Com relação à questão do trabalho nômade, vejamos o seguinte depoimento, realizado em maio de 2000 junto ao cortador de cana – branco e com aproximadamente 27 anos – Reinaldo: [...] *"Antes* [quando] *eu era solteiro, era sozinho, tanto fazia a água correr para baixo como pra cima. Hoje eu tenho treis filho, uma esposa e, então, geralmente não compensa em saí daqui pra lá, as veiz atrás de uma aventura.. As veiz agente chega lá e vai ter gasto, você vai gastar com passagem e o lucro que você ia ter aqui, lá vai ficar na passagem e as veiz em outro gasto. É as veiz você pegar a família daqui que tá no sossego, no caso perto família, perto dos pais dela – até eu perto da minha mãe, meus familiares – aí sair para um lugar destes onde agente não conhece ninguém... . Aqui eu sei se me apurar um dia aonde chegar, alguém dos meus amigos vai ter sempre uma porta aberta. E num lugar desses se eu precisar, geralmente..., dificilmente eu vou encontrar esta pessoa que vai me estender a mão. Você sabe que dificuldade sempre existe, então, esteja bom, esteja ruim o negócio é por aqui mesmo. Nessa aventura de corte de cana não. Mas se aparecer um outro trabalho, um outro tipo de trabalho até dá para encarar, mas pra sair daqui pra cortar cana [...] " .*

que havíamos observado, bem como em que posição nos encontrávamos ao depararmos com aquela realidade.

Tínhamos como prerrogativa, neste exercício, procurar não estabelecer qualquer tipo de diálogo – mas somente observar os trabalhadores, como se isto fosse inteiramente possível – a não ser que fôssemos convidados a participar.

Na época desta pesquisa, cada ponto de saída correspondia a um espaço físico e específico da rua em que concentram historicamente os estabelecimentos do comércio e a maioria das turmas a serem embarcadas rumo aos talhões de cana.

Foi preciso chegar cedo para podermos observar e ouvir o diálogo dos trabalhadores que muitas vezes, mesmo reunidos em grupos, pareciam guardar suas palavras em silêncio profundo.



Nas primeiras observações[21] nos sentíamos meio que desconcertados diante dos olhares curiosos, indiferentes e desconfiados. O que mais nos afligia, pelo

[21] Foram realizadas, nesta fase exploratória, cinco observações com relação à disposição das turmas nos pontos de embarque.

menos naquele momento, era não saber o que fazíamos de madrugada naquele lugar. Quer dizer, sabíamos que estávamos fazendo uma pesquisa, mas o que realmente buscávamos não, pois as sensações do risco e da ameaça, apesar de se apresentarem em uma realidade objetiva, poderiam ser quaisquer coisas.

Anteriormente, havíamos observado os cortadores de cana nas estradas, nos canaviais dos arredores da cidade, no posto de saúde, rodoviárias e circulares, mas ainda não tínhamos parado para observar com um olhar mais atento e reflexivo para as dimensões desta realidade[22], os locais em que estes trabalhadores produzem e reproduzem o seu modo de viver.

Na segunda exploração do campo, chegando mais cedo que os trabalhadores – os quais havíamos observado na primeira vez em que estivemos naquele ponto de embarque – depois de esperar alguns minutos, acabamos por nos envolver em uma relação social mediada por um duplo estranhamento.

Dois trabalhadores – um negro e um branco – aparentando mais de 60 anos, traziam em seus rostos sinais de fatiga, antes mesmo do início da jornada de trabalho. Por se tratar de uma terça feira, parecia evidente que aquelas pessoas não poderiam trazer em suas fisionomias o desgaste físico que se notava em seus andares lentos e olhares cabisbaixos.

Contudo, diferentemente da última ida a campo, de imediato nos convidamos a participar da conversa, dizendo que estávamos realizando uma pesquisa sobre a condição de vida e trabalho, e que gostaríamos de fazer algumas fotografias deles.

Em um primeiro instante, percebemos surpresa e desconfiança na troca de olhares entre estes cortadores de cana, mas não trazíamos nenhuma máquina fotográfica à mão. Falando sobre a condição do trabalho do "bóia-fria" – a conversa sobre as fotos ficou esquecida – ficamos sabendo que aqueles homens estavam sem descanso em suas atividades desde a semana passada e que ainda não

---

[22] Por isso, quando passamos a refletir sobre o conceito de *habitus* de classe desenvolvido por Bourdieu, conforme Ortiz (1983, p.75), pareceu-nos ser, neste aspecto, de grande valia para interpretarmos as estruturas subjetivas – as representações sociais – e as objetivas – a estrutura social – na qual se constrói, no modo de viver daqueles homens e mulheres um princípio gerador das práticas sociais e de suas representações. Nas palavras de Bourdieu (1983, p. 75)*: "Os indivíduos 'vestem' o habitus como hábitos, assim como o hábito faz o monge, isto é, faz a pessoa social, com todas as disposições que são, ao mesmo tempo, marcas da posição social e, portanto, da distância social entre as posições objetivas, entre as pessoas sociais conjunturalmente aproximadas (no espaço físico, que não é o espaço social) e a reafirmação dessa distância e das condutas exigidas para 'guardar suas distâncias' ou para manipula-las estratégica, simbólica ou realmente, reduzi-las (coisa mais fácil para o dominante do que para o dominado), aumentá-las, ou simplesmente mantê-las (evitando 'deixar-se levar', familiarizar-se, em poucas palavras, 'guardando seu lugar', ou ao contrário, 'evitando permitir-se..., 'tomar liberdade de...', enfim, 'ficando no seu lugar')".*

haviam tirado folga, por estarem obrigados a seguir uma escala em que se trabalha cinco dias para descansar um[23].

Ao iniciarmos o diálogo sobre as condições de trabalho do "bóia-fria", o homem branco revelou-nos que aquela jornada de trabalho era muito dura e que eles, por exemplo, estavam a se deslocar para Ipaussu – em São Paulo – cerca de 50 Km de Jacarezinho.

Muito sutilmente, aproveitando-nos do ensejo do tema, perguntamos sobre as condições do transporte e a ocorrência de acidentes de trajeto nas estradas.

"Graças a Deus", relatou-nos o trabalhador, nunca tinha sofrido ou presenciado algum tipo de acontecimento desta natureza, mas já tinha visto vários carros – apontando para o nosso – "esbagaçado" ao longo da estrada. Neste encontro veio à nossa mente que também estávamos sendo observados e que fôramos reconhecidos, quando da primeira vez em que lá estivemos.

O homem negro, que até então se encontrava em silêncio, confirmando o que estávamos pensando, disse-nos também ter presenciado a entrada de um carro embaixo de um caminhão de gasolina; o motorista era um homem velho que havia dormido um pouquinho, e quando acordou, estava com o seu carro todo amassado.

Em seguida, retomando o tema do trabalho e o trajeto nos diferentes locais pelos quais havia passado, o primeiro trabalhador nos revelou ter morado oito anos em São Paulo e trabalhado na construção civil, mas que ali havia *"uns mulatão"* que eram muito perigosos. Mas eram cinco e trinta da manhã e o ônibus já se encontrava estacionado.

Um outro trabalhador – negro, entre 40 a 48 anos e que havia se juntado ao grupo, mas não fazendo parte desta turma – ao escutar o diálogo entre nós e os dois homens que seguiram viagem, frisou que a vida do "bóia-fria" era realmente muito dura. Ele, por exemplo, já tinha no passado se deslocado em busca de trabalho para locais distantes, como Penápolis, no Estado de São Paulo, e cidades do Estado do Mato Grosso.

Dizia o trabalhador ter encontrado, nestes lugares, todo tipo de gente. Entre estes, ressaltou o cortador ter convivido com companheiros de trabalho que traziam a imagem de Nossa Senhora Aparecida tatuada em seus corpos, sugerindo-nos que estes trabalhadores teriam sido, possivelmente, ex-detentos de presídios.

---

[23] Tudo leva a entender que se trabalha mais que 240 horas mensais, pois muitas vezes no dia da folga existe o convite para o trabalhador retornar ao trabalho. Contudo, é preciso dizer que isto

Mas em relação ao trabalho na usina em Jacarezinho, local em que atualmente se encontra, disse-nos que ali tinha registro em carteira e que o empregador fornecia, dentre das melhorias nas condições de trabalho, refeição na forma de sopa, mas que não a tomava porque tinha o aspecto de vômito. E que, apesar de ouvir falar que a sopa era muito boa, tinha receio de que causasse impotência sexual.

Esta desconfiança, segundo o trabalhador, devia-se à experiência de trabalho na região de Penápolis: quando lá esteve, em uma usina que fornecia grande quantidade de refeição, acabou sofrendo de um grande mal, e a causa disso foi o salitre colocado na comida. Sem contar que não se sabia se a sopa servida na usina era feita por homem ou por mulher.

Consideramos fundamental estar relatando, neste capítulo, estas primeiras impressões sobre o campo, pois a noção do risco, até aquele momento, parecia-nos algo que se manifestaria de modo direto e transparente. Pressupúnhamos que o diálogo sobre os fatores objetivos do risco tomaria o rumo de um discurso franco e articulado, e não ambíguo e entrecortado de sentidos como se mostrou em nosso primeiro diálogo.

O que podemos dizer de tudo isso é que o discurso destes dois primeiros trabalhadores sobre o risco e perigo (pelo menos naquele momento, em que sugeri mos o acidente de trajeto como algo informal) – parece ter provocado um mal-estar e quase que o anúncio de um mau presságio – algo presente, mas não admitido e que deveria ser silenciado. Algo que não devia ser manifesto, ou dito, pelo menos naquele momento de ida ao trabalho; ao passo que para o último cortador que se juntou ao grupo, a ameaça do **outro** expressaria sentimentos de medo, desconfiança, risco e perigos manifestos em relação à sua integridade física.

Apesar de diferentes, as sensações de risco-segurança, confiança-segurança, medo-ameaça, em ambos os relatos, têm no corpo, individualizado, o alvo das preocupações. E, além disso, também se encontra enunciada na discursividade uma descrição do ambiente em que se fazem, representando o locutor e o lugar do **outro** no discurso.

Portanto, nesta dissertação toma-se o conceito de vila como um território historicamente construído a partir de certo estilo de vida dos assalariados rurais, que vem se fazendo e refazendo desde os anos cinqüenta. Esta categoria nos permite

---

corresponde a uma suspeita, porque não chegamos a coletar estas informações.

interpretar e compreender a enunciação de um discurso sobre as condições de se trabalhar no talhão da cana e morar na Vila São Pedro[24], mediante as práticas sociais de um saber local em relação à sensação do risco-perigo, confiança-segurança, ameaças e medos.

Instrumentos da pesquisa

Nesta investigação realizamos duas observações participantes e nove entrevistas sobre a trajetória de vida dos cortadores de cana, empreiteiros e antigos moradores da vila. As observações, além daquelas quando do início das primeiras explorações, foram realizadas no sentido de compreender a rotina de um dia de trabalho, viajando até uma das seções da usina. Buscamos conhecer mais de perto as condições ambientais, tanto em seu aspecto objetivo em relação a risco e perigo, segurança e confiança, como em seu aspecto subjetivo, em face da organização e ritmo de trabalho em seus respectivos espaços sociais: bairro; turma; talhão; eito.

A oportunidade de acompanhar a **Turma Dezessete** surgiu-nos na quarta visita que fizemos aos pontos de embarque. Os trabalhadores – se não conheciam ou não sabiam o que estávamos fazendo na rua José Pavam – ao menos não se mostravam visivelmente surpresos como da primeira vez em que lá estivemos.

Do ponto de vista da negociação entre pesquisador e sujeitos da pesquisa, os primeiros contatos mostraram-se de grande importância, não só pelo aspecto teórico-metodológico, mas também pela prática teórica, pois as dificuldades encontradas no campo nos levaram, como sublinha Magnani (1995), a encontrar maneiras de transformar as desvantagens em instrumentos de análise da própria pesquisa.

Daí as visitas aos bares, freqüentados geralmente pelos *amigos* e *chegados,* após o dia de trabalho, locais de referência também para embarque e desembarque das turmas – os quais se transformaram para nós em um *pedaço* onde podíamos comentar com os trabalhadores e comerciantes a intenção e a disposição de viajar com alguma turma rumo a um talhão de cana.

---

[24] Como diz Cândido (1982, p.65), ao perguntar a um velho caipira o que seria um bairro, obteve a seguinte resposta, prontamente aceita para aquilo que vinha expondo em seu texto: *[...] – "Bairro é uma naçaõzinha. – Entenda-se: a porção de terra que os moradores têm consciência de pertencer, formando uma certa unidade diferente das outras".* Poder-se-ia dizer, conforme Magnani (1998), que os habitantes da vila São Pedro constituem-se em um segmento urbano marcado pelas condições próprias de vida daqueles que residem em bairros de periferia, embora tendo suas particularidades. Especificamente, no caso da vila São Pedro, o trabalho – em maior parte executado por assalariados rurais ali residentes – proporcionaria, a partir de nossa leitura de Cândido (1982), a formação de um grupo social reunido em um território com determinadas expectativas, sentimentos de localidade e de pertencimento a uma unidade diferenciada das demais.

As nossas primeiras visitas à vila iniciaram-se na segunda quinzena de setembro de 1999, e como já havia transcorrido um mês e estávamos na penúltima semana de outubro, o final da safra começava a se aproximar. Para nós que ainda não tínhamos conseguido realizar a observação do local de trabalho, a parada no corte da cana era um tanto perturbadora.

Tínhamos a intenção de sermos convidados e não de nos convidar para ir ao talhão – até porque não conhecíamos nenhum empreiteiro – e como ainda não havia ocorrido o convite, resolvemos seguir as indicações[25] de alguns trabalhadores e comerciantes, com os quais comentamos a disposição e o interesse em conhecer aquela realidade.

Ao procurarmos um dos empreiteiros, o Sr. Francisco[26], indicado por um componente da turma – depois saberíamos que se tratava de um fiscal contratado pelo turmeiro – e falarmos da nossa intenção, o empreiteiro, proprietário do ônibus da turma, não opondo nenhuma objeção, convidou-nos de supetão a embarcar já no próximo domingo rumo ao canavial. Em um primeiro momento desconfiávamos que aquilo fosse um teste para saber se realmente estávamos, ou não, interessados naquilo que nos propúnhamos fazer.

Mas infelizmente não foi possível comparecer conforme o combinado. Não conseguimos nos deslocar de casa a tempo, devido a algumas dificuldades que não cabe aqui relatar. Pensamos, inclusive, ter perdido a confiança do turmeiro e do trabalhador. No entanto, no outro final de semana, comparecendo ao ponto de embarque da **Turma Dezessete** e encontrando o fiscal, este foi logo perguntando por que não tínhamos vindo na semana anterior.

Aproveitando a situação, consultamos o empreiteiro, perguntando sobre a possibilidade de estarmos viajando com a turma dos trabalhadores naquele mesmo dia. Para o nosso contento nos respondeu o empreiteiro dizendo que não havia problema.

Naquele momento percebemos que a nossa presença tinha sido aceita e que isso permitiria realizar outras incursões com o grupo; mas, diante da urgência do

---

[25] Ainda não tínhamos optado por esta ação porque não queríamos agir de maneira abrupta. Não buscávamos causar uma indisposição no trabalho de campo e, além disso, estávamos conhecendo devagarinho aquele *pedaço*, embora já fosse quase final da safra.

[26] Optamos por não revelar os nomes verdadeiros das pessoas envolvidas nesta investigação, pois o anonimato foi uma das garantias negociadas com aqueles que se dispuseram a dar o seu depoimento, visto encontrarem-se diretamente envolvidos no processo produtivo.

cumprimento dos prazos para realização desta pesquisa, isso não se tornou possível[27].

História de vida

Em nossos dias, a história de vida vem sendo resgatada de uma perspectiva que busca reconstruir a experiência humana vivida em grupo. Por isso, conforme Briochi e Trigo (1987, p.635), esta técnica passou a ser *[...] "mais um questionamento da problemática e do objeto da antropologia do que uma simples recuperação [...]".*

Entende Kosminski (1986), ao citar Bastide, que o emprego da história de vida como técnica de pesquisa na sociologia teve seu início nos EUA nos anos trinta, presa às origens psicológicas, preocupando-se antes com a personalidade que propriamente com os fatos sociais.

Mas após um período de *penumbra* – nos anos quarenta – dada a ascensão das técnicas estatísticas, passou a ganhar – nos anos cinqüenta – um novo sentido a partir dos trabalhos de Maria Izaura Pereira de Queiroz.

Neste sentido, a história de vida se expressa, ao consultarmos Pereira de Queiroz (1987), em um quadro amplo da história oral, assemelhando-se às histórias de vida as entrevistas, os depoimentos pessoais, as autobiografias e as biografias.

Nesta investigação, diante da demanda do tempo, aspecto fundamental da coleta e transcrição das fitas em que se encontram armazenadas, optou-se pela captação de depoimentos a partir de um roteiro de assuntos vinculados à temática desta pesquisa.

Em princípio, tinha-se como perspectiva aprofundar o diálogo sobre a sensação de risco e perigo a partir das situações observadas na vila e no talhão, tomando-se, para tanto, alguns depoimentos de vida e a experiência profissional de trabalhadores, trabalhadoras, empreiteiros da turma e de outras turmas de cortadores de cana, as quais tivemos oportunidade de observar em uma jornada de trabalho.

No entanto, o agendamento das entrevistas acabou, em um primeiro instante, não saindo como esperávamos. Muitas foram as dificuldades, em face da disponibilidade de tempo – independentemente de ser sábado e domingo, como

[27] Em maio de 2001, voltamos a viajar novamente com a turma, mas para um torneio de futebol disputado na usina. Nesta oportunidade fomos, mesmo que em tom de brincadeira, convidados pelo empreiteiro a participar de uma partida do time. Sobre esta experiência veja o Apêndice C .

dissemos, trabalha-se cinco dias e se descansa um na semana. Estas dificuldades são maiores entre as mulheres, devido os seus outros afazeres domésticos. Além disso, existe o não-interesse, ou desconfiança em se falar de coisas que dizem respeito a um universo que envolve uma certa aproximação com o investigador.

Mediante as dificuldades surgidas, passamos a adotar o critério da disponibilidade e interesse daqueles que quisessem relatar a sua história de vida, mesmo sendo esta pessoa de uma outra turma, pois entendíamos que o ato de morar na vila e ser cortador de cana – passando pelo processo de recrutamento dos turmeiros – obedecia a uma situação comum, tanto entre aqueles que observamos[28], como entre alguns entrevistados recrutados por outros empreiteiros.

Ao todo foram colhidas nove histórias de vida, correspondendo a três testemunhos de antigos moradores, a trajetória profissional de um cortador de cana e de seu ex-empreiteiro de turma; além de três outros relatos de trabalhadores que viemos a conhecer no bairro, e a de um turmeiro provindo de outro município da região.

Com relação à perspectiva das ciências sociais, tal como assinala Pereira de Queiroz (1987), a nossa intenção não foi a de verificar a veracidade dos fatos narrados pelos sujeitos da investigação. Na verdade queríamos compreender, a partir do confronto de significados, sentidos, situações presenciadas ou não, expectativas em relação à sensação de risco e perigo na prática social do discurso daqueles que, mesmo vivenciando tais fenômenos, apresentam-se como leigos mediante o discurso pericial.

Os relatos destes cortadores de cana correspondem a narrativas que se apresentam sob a forma de discurso. A apreensão da realidade desta prática social, por não se revelar de maneira direta ou através de leis, exige que se faça uma interpretação das relações materializadas nestes relatos, buscando-se entender como estes sujeitos sociais interpretam as suas praticas frente àquilo que consideram ou não como risco-perigo, confiança-segurança.

Embora os relatos apresentem-se individualizados, o que interessa, segundo Pereira de Queiroz (1987, p. 277), é que

> Neste caso, o aproveitamento da biografia, ou da autobiografia se faz no sentido de buscar como estão ali operantes as relações do indivíduo com seu grupo, com sua sociedade. Não se trata de considerá-lo em sua unicidade; o que se quer é captar, através de seus comportamentos, o que

[28] Entrevistamos apenas um trabalhador da turma em que viajamos rumo a uma seção da usina nos arredores de Jacarezinho, ver o Apêncice C.

> se passa no interior das coletividades de que participa. Indivíduo não é mais o 'único', ele agora é uma pessoa indeterminada, que nem mesmo é necessário nomear, é somente unidade dentro da coletividade.

Esta pesquisa, por assim dizer, propõe-se não só como observação e coleta de depoimentos, mas também como tentativa de compreender o ato do narrador e do investigador ao atribuírem significados para aquilo que foi dito, portanto, interpretado[29].

Sobre o risco-perigo

De acordo com Guivant (1998), o risco passou a ser nos anos noventa um conceito central na teoria social; os teóricos que mais contribuíram para esse fato foram Beck e Giddens.

Embora não sendo uma discussão recente – a temática sobre o risco –torna-se, a partir destes autores, uma categoria fundamental em relação à análise da realidade social vivida no mundo contemporâneo, ou seja: os efeitos colaterais da *modernidade reflexiva*.

Sobre este conceito, entende Beck (1997, p.16) que ele,

> [...] não implica (como pode sugerir o adjetivo 'reflexivo') reflexão, mas (antes) autoconfrontação. A transição do período industrial para o período de risco da modernidade ocorre de forma indesejada, despercebida e compulsiva (...) seguindo o padrão dos efeitos colaterais latentes. Pode-se virtualmente dizer que as constelações da sociedade do risco são produzidas porque as certezas da sociedade industrial (o consenso para o progresso ou abstração dos efeitos e dos riscos ecológicos) dominam o pensamento e a ação das pessoas e das instituições na sociedade industrial.

A certeza da maior produtividade na busca da modernidade, a partir do surgimento da sociedade industrial, trouxe consigo, de acordo com Beck (1995), efeitos que se colocam como algo inerente à sua própria condição de existência e, por isso, incapazes de serem rejeitados, daí a obrigatoriedade da convivência com estes elementos.

Segundo Beck (1995), a autoreflexão sobre as condições e situações proporcionadas pelos efeitos colaterais da sociedade industrial manifestar-se-ia em ações de autoconfrontação com aquilo que se denomina sociedade de risco.

Por isso, diz Beck (1995, p. 17)

> No sentido de uma teoria social e de um diagnóstico de cultura, o conceito de sociedade de risco designa um estágio da modernidade em que

[29] O que está pressuposto por esta postura metodológica é que o investigador tome consciência de que ele não é um observador neutro e que está em um processo de comunicação e interação social, por isso a neutralidade científica é substituída pela problematização, a situação da entrevista, a sua presença no campo.

> começaram a tomar corpo as ameaças produzidas até então no caminho da sociedade industrial. Isto levanta a questão da auto limitação daquele desenvolvimento, assim como a tarefa de redeterminar os padrões (de responsabilidade, segurança, controle, limitação do dano e distribuição das conseqüências do dano).

Entretanto, é preciso salientar, como ressalta Guivant (1998), que as reflexões de Beck recorrem à situação da Alemanha onde se destacam preocupações com riscos globais.

Ainda conforme Guivant, não é que Beck negue o fato de que alguns são mais afetados que outros; mas, entre o risco de se passar fome e o risco de ser contaminado pela poluição ocorreria, no primeiro caso, uma hierarquização, enquanto que no segundo uma democratização do risco.

Guivant também sublinha que Giddens, apesar da sua proximidade com Beck, tem um tom menos dramático que o teórico alemão, embora entenda também estar ocorrendo em nossos dias um reordenamento reflexivo da ordem social.

O conceito de separação do tempo e do espaço, segundo Giddens (1991), é crucial para entendermos a sociedade moderna em sua descontinuidade. Um mundo em que se criaram oportunidades e possibilidades de existência seguras, mas que também, em seu lado sombrio, permitiu em larga escala a destruição do meio ambiente, guerras e regimes totalitários.

Giddens, de acordo com Guivant (1998), entende que a sua análise da modernidade não apresenta os riscos em maior escala valorativa que no passado; mas, ocasionados pelo próprio desenvolvimento científico e tecnológico, eles aparecem em oposição aos riscos naturais nesta sociedade de *alta modernidade*.

Giddens e Beck, em relação à questão do risco, têm em comum o princípio de que na sociedade da autoconfrontação ninguém é perito, ou seja, todos são especialistas sobre o assunto.

Diz Guivant, ao interpretar Giddens (1998, p. 21):

> A especificidade maior dos riscos atuais estaria em que, tanto para leigos como para peritos, a sua estimação é um exercício constante. A maioria de nós inevitavelmente se depara, no cotidiano, com sistemas de conhecimento peritos diante dos quais somos leigos. Mas se contamos com recursos apropriados, o conhecimento perito está disponível para todos. Nas sociedades pré-modernas ao contrário, o conhecimento perito é codificado e inacessível para os indivíduos leigos por causa do analfabetismo.

Risco e perigo, para Beck (1995), parecem conter o mesmo significado, pois segundo este autor, correspondem a uma construção cognitiva e social. Entretanto, para Giddens (1991), apesar de risco e perigo estarem intimamente relacionados na

modernidade, a ação do indivíduo ao pesar conscientemente as alternativas para tais situações, faz com que o risco pressuponha determinado perigo e com isso a sua distinção.

Estes autores, contudo, ao trazerem a categoria risco para o centro de uma teoria social, de acordo com Guivant (1998, p.28) – mesmo que em um primeiro momento sejam contrários as separações entre um *conhecimento perito* que determina os riscos e uma população leiga que os percebe – acabam reproduzindo acriticamente esta dicotomia, pois

> [...] reforçariam a falta de reconhecimento do caráter cultural/hermenêutico do próprio conhecimento científico [...]. [e que] A reflexidade em relação aos conhecimentos peritos sempre estaria presente entre os leigos, só que com diferentes graus de explicitação.

Do ponto de vista da análise cultural, é Mary Douglas (1976) uma das primeiras autoras a direcionar suas críticas a técnicos, enquanto detentores de um conhecimento, mas não único, das práticas de análise do risco.

Guivant (1998), destaca que Douglas tem como princípio a concepção de que os indivíduos são organizadores ativos de suas percepções, e que estes impõem seus próprios significados aos fenômenos.

Diz Douglas (1976, p.14):

> A ordem ideal da sociedade é guardada por perigos que ameaçam os transgressores. Essas crenças-perigo são tanto ameaças que um homem utiliza para coagir um outro, como são os perigos que ele próprio teme incorrer por lapsos de retidão. [...] nesse nível, as leis da natureza são introduzidas para sancionar o código moral [...].

Nesta investigação sobre os cortadores de cana, busca-se compreender a percepção do risco a partir do modo de viver destes trabalhadores, isto é, interpreta-se o discurso daquele que é considerado leigo e que vive sob as condições objetivas e subjetivas em que se manifesta o risco. Uma condição de vida, por sinal, marcada pela diferença muito grande em relação à distribuição de renda e bens públicos como serviços de saúde, educação, trabalho e moradia.

Parafraseando Guivant (1999), poder-se-ia dizer que temos uma demanda por bens como aqueles assegurados pelo estado do bem estar social e os problemas da sociedade de risco, embora não havendo uma reflexidade ativa tal como nos locais citados por Beck e Giddens – muito embora não deixe de ser uma concepção de autoconfrontação.

Análise do discurso e sentidos do silêncio

No entender de Maingeneau (1997), a análise do discurso, ou mais especificamente, a análise de discurso de linha francesa (A/D) até os anos sessenta se apresentou na Europa associada, tradicionalmente, à filologia em sua reflexão sobre textos e história. Mas a partir dessa época, sob o domínio do estruturalismo *[...] "viu articularem-se, em torno de uma reflexão sobre a 'escritura', a lingüística, o marxismo e a psicanálise"*, pondo-se como uma contribuição às hermenêuticas contemporâneas, na busca de um sentido oculto que deve ser captado à luz das ciências sociais da qual ela depende.

Ainda como lembra Maingueneau (1997, p. 12), 'o sucesso da análise do discurso' expressa uma certa ambigüidade para a disciplina e para aqueles que se utilizam dela, pois tamanha é a sua circularidade que,

> [...] nos dias de hoje, 'análise de discurso ' praticamente pode designar qualquer coisa (toda produção de linguagem pode ser considerada 'discurso'), isto provém da própria organização do campo da lingüística. Este último, muito esquematicamente, opõe de forma constante um núcleo que alguns consideram 'rígido' a uma periferia cujos contornos instáveis estão em contato com as disciplinas vizinhas (sociologia, psicologia, história, filosofia, etc.). A primeira região é dedicada ao estudo da 'língua', no sentido saussuriano, a uma rede de propriedades formais, enquanto a segunda se refere a linguagem apenas à medida que esta faz sentido para sujeitos inscritos em estratégias de interlocução, em posições sociais, ou em conjunturas históricas. O termo 'discurso' e seu correlato 'analise do discurso' remetem exatamente a este último modo de apreensão da linguagem.

Esta investigação, embora possa estar, conforme Maingueneau (1997), na periferia das áreas de análise do discurso, na verdade quer articular o equipamento conceitual da semântica do discurso com as ciências sociais.

A formação discursiva e sua enunciação, a partir das formas do silêncio no movimento dos sentidos, conforme Orlandi (1993), combinada às transformações do tempo e do espaço, a partir do discurso dos cortadores de cana sobre assuntos como segurança e perigo, confiança e risco, de acordo com Giddens (1997), tornam-se para nós uma materialidade a ser compreendida mediante uma determinada formação social e ideológica.

Portanto, tem-se como referência teórica para efeito de análise das entrevistas coletadas sobre a sensação do risco e perigo, segurança e confiança entre o lar e o talhão, as questões apontadas por Orlandi (1993) sobre o sentido do silêncio e seus significados.

A opção por este referencial teórico analítico, de modo geral, obedece às nossas primeiras indagações quando da elaboração do projeto de desenvolvimento desta pesquisa, isto é, a pressuposição de que as palavras mesmo não sendo pronunciadas, ou então – quando ditas – expressam um silêncio repleto de sentidos e significados.

Palavras como "risco" e "perigo" parecem dar nome a eventos ou a situações em que o seu sentido manifesto revela não só uma situação objetiva, mas também subjetiva em relação a um poder de designar objetos. Referem-se a algo que tenha ocorrido ou que venha a ocorrer, passando então a ser no dia-a-dia aquilo que não deve ser pronunciado ou pensado. Neste aspecto, risco e perigo parecem evocar um silêncio construído entre aqueles que participam de uma determinada ordem social e cultural.

De acordo com Orlandi (1995), o silêncio em sua forma elementar corresponde a um modo de estar no sentido, pois sem este não haveria o próprio sentido da palavra[30].

Por falarmos com as palavras e não estarmos nas palavras, o sentido que estas trazem tende a ser manifesto porque há silêncio nas próprias palavras quando ditas e, também quando não ditas.

Por isso "risco" e "perigo", quando pronunciados, trazerem em si um silêncio que os atravessa, ou ao contrário: quando não ditos, abrem espaço para aquilo que poderia ser dito.

Logo, o sentido, a maneira de significar, estaria diretamente vinculado a uma determinada formação social em que se acham os *falantes*[31]; daí o modo como o silêncio dos nomes "risco" e "perigo" serem compreendidos e expressos enquanto discurso do silêncio.

---

[30] *"Na distinção entre os dois aspectos do significado baseia-se a distinção que a lógica moderna de cunho tradicional estabeleceu entre os dois elementos do conceito: chamamos ora compreensão e extensão [...]; ora intenção e extensão [...] e outras vezes conotação e extensão [...] G. Frege nada mais fazia senão expressar uma nova e velha tradição, ao distinguir sentido e significado. 'Pensando num signo, dizia (seja ele um nome ou um conjunto de várias palavras, ou uma simples letra) devemos ligar a ele duas coisas distintas: a saber, não só o objeto designado que chamará significado [...] daquele signo, mas também o sentido do signo, que denota no modo como nos é dado aquele objeto [...] Perce falava do objeto* [terminologia diferente] *do signo e do interpretante do próprio signo que é o sentido de Frege"* (Abbagnano, 1982, p.858)

[31] Conforme Brandão (1991, p.2) *[...] "para a análise do Discurso, não existe um sentido apriori, mas um sentido que é constituído, produzido no processo da interlocução, por isso deve ser referido às condições de produção (contexto histórico social, interlocutores...) do discurso. Segundo Pecheaux, o sentido de uma palavra muda de acordo com a formação discursiva que pertence".*

Assinala Orlandi (1993) que o silêncio constitui-se em uma materialidade simbólica: quer dizer, o silêncio obedece à expressão das condições materiais surgidas historicamente a partir das relações sociais de produção entre os homens.

Fala-se com as palavras e estas só tomam sentidos a partir do silêncio, quando estas passam do sentido verbal à imagem, e ainda, destas para as próprias palavras, entrando, propriamente, no jogo da significação. Porém esta dimensão do jogo das palavras parece levar-nos a acreditar que estamos nas palavras e que, fora elas, não existiriam significados para as coisas.

O silêncio, como indica Orlandi (1995), faz sua entrada justamente neste jogo em que as palavras acabam sendo remetidas a outras palavras – no entremeio daquilo que se quer ou não dizer. Ele – o silêncio – constitui a unicidade daquilo que se quer fazer a partir da multiplicidade em suas mais variadas e arbitrárias formas.

A sensação do risco e do perigo como a segurança e a confiança, apresentar-se-iam, por assim dizer, enquanto palavras permeadas de silêncio em relação às condições de produção do discurso em seus múltiplos sentidos.

Segundo Brandão (1991), o contexto histórico social, os interlocutores, o lugar de onde falam, a imagem que fazem de si, do outro, o poder de designar objetos, são constituintes de uma forma verbal do discurso, e esses elementos correspondem às condições de produção do discurso.

Desse modo, pode-se observar que, subjacente ao discurso, encontram-se as *marcas de sua produção* e o seu enunciador, a pessoa cujo ponto de vista quer ou não se identificar com aquilo que está falando.

Portanto, o discurso sobre o risco e perigo para aqueles que se encontram envolvidos na divisão do trabalho assume – na denominada *civilização da usina*[32] – diferentes formas e sentidos, mesmo falando a mesma língua.

Nesta tentativa de se compreender o discurso sobre o risco entre os cortadores de cana, faz-se necessário, como diz Orlandi (1987), voltar o olhar para a

[32] Em relação à civilização, entende Elias (1994), que por este conceito, as diferenças entre os povos são minimizadas, enfatizando-se aquilo que é comum a todos seres humanos, enquanto que cultura dá ênfase especial às diferenças. Peirano (1991) ao retomar este debate sugere que as ciências sociais, especificamente a antropologia e a sociologia, encontram-se classicamente neste terreno, entre uma abordagem cultural e uma teoria com um compromisso político. Nesta pesquisa recorremos a Moraes Silva (1999, p.221) que entende ser a civilização da usina [...] *"um processo homogeneizador imposto sobre os destroços do antigo universo cultural dos colonos, sitiantes, e fazendeiros do café: As cidades Dormitórios, as periferias de outras cidades, o mundo rural despovoado e coberto pelo verde dos canaviais, laranjas e cafezais [...]"* , embora buscando não reduzir a realidade deste modelo.

produção dos relatos colhidos em seu aspecto de discurso que se faz no confronto, no reconhecimento e, mesmo, no conflito da tomada da palavra.

Ideologia e análise de discurso

Nossa intenção neste tópico não consiste em aprofundar uma análise sobre o conceito de ideologia. Ainda que tivéssemos tempo e reuníssemos uma gama de conhecimento capaz de sintetizar as mais variadas contribuições sobre este conceito, acabaríamos sendo consumidos e fugiríamos às intenções desta dissertação, tamanha é a diversidade do debate relativo a esta temática.

Contudo, é preciso salientar que, a respeito de ideologia, encontram-se agrupadas duas linhas teóricas de argumentação – tanto na análise do discurso, como nas ciências sociais. Em seus aspectos mais gerais: uma define a ideologia como produção da ilusão, outra a concebe como visão de mundo.

Nas obras de Marx e na tradição marxista encontrar-se-iam, entende Bruni (1986, p.87), as bases da principal vertente que compreende o fenômeno ideologia como ilusão; aqui, conceitos como: poder, pensamento e classe social são articulados à idéia do saber, constituindo-se em uma forma de poder, diz o autor:

> Sua gênese se dá sob o signo de uma dupla divisão social do trabalho e a divisão da sociedade em classes. A separação entre trabalho manual e trabalho intelectual origina a ilusão da autonomia do pensamento; a separação entre classes dominadas cria as condições para a subordinação do pensamento aos interesses da classe dominante. Desta maneira, o pensamento passa a exercer também uma função e dominação, na medida em que, pelo poder do pensamento, pela força lógica da argumentação, procura-se justificar a necessidade da aceitação de certas idéias e certos valores que, por serem universais, devem se impor à sociedade [...]. Assim, o emprego sistemático do princípio da universalidade abstrata torna-se o recurso lógico fundamental da ideologia.

Seguindo os postulados de Marx, Althusser entende que, para tais idéias serem difundidas e aceitas, a sociedade cria mecanismos de perpetuação ou de reprodução das condições materiais ideológicas e políticas de exploração (Brandão,1991). Estes mecanismos são assegurados pelo que se designa Aparelhos Ideológicos de Estado (AIES).

Deve-se dizer, ainda conforme Brandão (1991), que embora Althusser conceba a ideologia como aquilo que está vinculado aos aparelhos ideológicos do Estado, ela não corresponde a uma representação mecânica da realidade, mas à maneira pela qual os homens vivem a sua relação com as condições reais de existência, uma relação necessariamente imaginária.

Daí Brandão (1991, p.23) assinalar sobre a concepção de ideologia em Althusser que,

> [...] o homem cria formas simbólicas de representação da sua relação com a realidade concreta. O imaginário é o modo através do qual atua com as condições reais da vida. Sendo essas relações imaginárias, isto é, representadas simbolicamente, abstratamente, supõe um distanciamento da realidade.

Por esta leitura em Althusser, teríamos uma superestrutura formada pelos aparelhos ideológicos e os aparelhos de repressão – impondo uma determinada maneira de agir e pensar – que encerraria as classes e os grupos sociais em uma estrutura de dominação e assujeitamento sem precedente e sem possibilidade de rompimento.

Não obstante, quando se analisa o conceito de ideologia enquanto *visão de mundo*, conforme Bruni (1986), tratar-se-ia fundamentalmente de interpretá-la sob o ponto de vista histórico, isto é, aprofundando o debate e a crítica da ideologia como ilusão.

Por isso, o ato da compreensão da consciência iludida constituiria, para este autor – que vê no marxismo de Gramisci um rompimento com esta concepção – uma crítica às formas objetivas em que se apresentam e em que se dão as práticas e representações sobre a realidade.

Diz Bruni (1986, p.89),

> Não se trata, portanto, de se considerar a ideologia como saber ilusório: o problema passa ser a tentativa de compreender a força histórica das diferentes ideologias, sua transformação. Como modo de ver a vida, a ideologia não se situa necessariamente na ordem intelectual. Pertence muito mais à ordem da crença, da convicção profundamente vivida da vontade [...]. Pensar a ideologia como visão de mundo é pensá-la como forma de poder, isto é, dentro de uma dimensão política e não da perspectiva do saber.

Bruni observa que a ideologia sob a perspectiva do saber reproduz a sua própria condição como ilusão, pois pressupõe que a crítica à ideologia exija do sujeito a capacidade de adotar a razão no sentido de desvelá-la[33].

Para Ricouer (1988), antes que tratar do conceito de ideologia do ponto de vista marxista ou antimarxista, ou ainda fechar esta discussão em torno das classes sociais, é necessário estar atento às armadilhas que este tema apresenta.

---

[33] *"A crítica à ideologia assume então, em relação ao dominado, um caráter elitista; o novo saber produzido pela crítica é levado de fora e despejado por sobre ele. Suas possibilidades próprias de compreensão da crítica não são avaliadas concretamente e esta corre o risco de se tornar inteiramente inócua: o dominado não percebe se quer seu sentido"*. (Bruni, 1987, p.89)

Dizer, conforme Ricouer, que a ideologia é a justificação da classe dominante, em vez de compreendê-la em seu aspecto mais amplo na qual está inserida, isto é, o universo da integração social, dimensão em que se encontra também a dominação, é cair em outra armadilha.

Por isso diz Ricouer (1988, p. 65) :

> [...] “se tomarmos como adquirido o fato de a ideologia ser uma função da dominação é porque admitimos também, sem crítica, o de a ideologia ser um fenômeno essencialmente negativo, primo do erro e da mentira, irmão da ilusão”.

Ao analisar o critério do fenômeno ideológico, Ricouer propõe chegar ao conceito de ideologia a partir daquilo que ele denomina um *cruzamento* com o marxismo.

Tomando como referencial a teoria de Weber[34] para análise da ideologia, Ricouer quer desenvolvê-la considerando-a em três etapas: função geral, função da dominação e função de deformação.

Enquanto *função geral*, a ideologia apresenta-se para este autor como aquilo que permite a *integração social*, pois está diretamente vinculada à ação social entre os indivíduos, correspondendo à orientação de comportamentos, previsibilidade e estabilidade de um sistema de significações.

As ações sociais – a disposição de orientação do comportamento a partir das relações sociais – viriam corresponder à necessidade de atribuir e conferir uma imagem aos grupos sociais em si mesmos, inclusive em suas encenações e representações.

Ricouer entende que o papel da ideologia não seja somente de difundir a convicção, mas de perpetuá-la e, sempre, a partir de uma interpretação retroativa de si mesma em uma domesticação da lembrança.

Muito cedo a ideologia, segundo este autor, traduz-se na manifestação do consenso, da convenção e da racionalização, tornando-se o sentido da justificação desse momento. É uma motivação social tanto no aspecto da práxis social como individual; é um argumento do desejo do grupo e que a apresenta sob a razão de ser o que é.

---

[34] Embora Weber (1991, 2001) não possua uma discussão específica sobre a ideologia, parece-nos que esta temática se apresenta em sua obra Economia e Sociedade, quando trata dos tipos de dominação.

A ideologia, além disto, em sua *função geral* teria na mediação das ações sociais um *caráter gerativo*, vinculando empreendimento de instituições, enquanto justificações, e desenvolvimento de projetos.

Para conservar o seu dinamismo, a ideologia careceria da simplificação e de um código que permitiria dar uma visão de conjunto, bem como a perda do rigor do pensamento entre aqueles que por ela sintam-se motivados, passando então, nestas condições, de um sistema de pensamento a um sistema de crenças.

Diz Ricouer (1988, p.69),

> A idealização dá imagem que um grupo faz de si mesmo e é apenas um corolário dessa esquematização. De fato, é através de uma imagem idealizada que um grupo representa a sua própria existência, e é essa imagem que, por contra reação, reforça o código interpretativo [...] desde as primeiras celebrações dos acontecimentos fundadores, aparecem os fenômenos de ritualização e estereotipia; já nasceu um vocabulário com ele, uma ordem de dominação correta, é o reino dos ismos, para o próprio pensamento especulativo, por assimilação a esse nível de discurso: espiritualismo, materialismo, etc.

O código interpretativo da ideologia põe-se como aquilo que os homens acreditam pensar, mais até que algo que possa de fato fazer e expressar. A ideologia, neste aspecto, é operatória, pois está, de acordo com Ricouer (1988, p.70), *[...] "atrás de nós mais do que possuímos como tema. É a partir dela que pensamos, mais do que podemos pensar sobre ela" .*

É neste aspecto, observa Ricouer, que a crítica de Marx à ideologia – sobre a posição das classes sociais – tem seu aspecto mais preponderante. A ideologia, enquanto algo não transparente e de manutenção da distancia entre reflexão e posição social, a partir do seu aspecto dissimulador, encontraria neste mecanismo o meio de controle das expectativas e previsibilidade de comportamentos nas relações sociais vividas entre os grupos que não compartilham, ou que não venham a compartilhar do evento inicial.

Por isso diz Ricouer (1988, p.71)

> [...] a ideologia é ao mesmo tempo interpretação do real e obturação do possível. Toda interpretação se produz num campo limitado. Mas a ideologia opera um estreitamento do campo com referência às possibilidades de interpretação que pertencem ao élan inicial do evento. É neste sentido que podemos falar de enclausuramento ideológico e, até mesmo de cegueira ideológica.

A dissimulação está intimamente vinculada à condição particular da dominação, isto é, a hierarquização da organização social, pois é a partir desta característica da ideologia que se justifica a relação com as autoridades. A

legitimação da autoridade é, assim, uma ação social desenvolvida por aquele que tem a pretensão de angariar a crença depositada por determinadas pessoas diante das mais variadas expectativas.

Por isso, entende Ricouer que é na decisão daquele que busca a autoridade que se dá o arrebatamento das crenças e, daí, a dominação. Até porque é neste momento que ocorre, segundo o autor, a interferência da *ideologia-dominação* em todos os traços da *ideologia-integração*.

No momento em que há o encontro entre ideologia-integração e ideologia-dominação, o fenômeno passa a atuar em caráter de distorção e dissimulação. Contudo, lembra-nos Ricouer que a integração de um grupo não se reduz à autoridade e à dominação, e nem se refere unicamente à questão da dissimulação.

Como deformação, a ideologia tem na dominação a função de inversão da realidade, basicamente o que Marx entende como um processo geral pelo qual o processo real da vida deixa de se constituir para transformar-se naquilo que os homens dizem imaginar e representar.

Portanto, como afirma Bandão (1991, p.27):

> De um lado, temos a concepção de ideologia ligada à tradição marxista, que representa o fenômeno ideologia de maneira mais restrita e particular, entendendo-o como mecanismo que leva ao escamoteamento da realidade social, apagando as contradições que lhes são inerentes. Conseqüentemente preconiza a existência de um discurso ideológico [...] para legitimar o poder de uma classe ou grupo social. De outro lado [...] uma noção mais ampla [...] que é definida como uma visão, uma concepção de mundo de uma determinada circunstância. Isso vai acarretar uma compreensão dos fenômenos da linguagem e ideologia como noções estreitamente vinculadas e mutuamente necessárias [...] não há um discurso ideológico, mas todos os discursos o são. Essa postura, deixa de lado uma concepção de ideologia como falsa 'consciência' ou dissimulação, mascaramento, voltando-se para outra direção ao entender ideologia como inerente ao signo em geral. Dessa forma, pelo caráter arbitrário do signo, se por um lado a linguagem leva à criação, à produtividade de sentido, por outro representa um risco na medida que permite manipular a construção referência.

Ao procurar desenvolver uma teoria materialista do discurso, Pecheux (1990) – a partir da crítica a Foucault e retomando as análises de Althusser – conforme Brandão (1991), irá propor um quadro epistemológico geral da análise do discurso, englobando o materialismo histórico, como teoria das formações sociais e suas transformações; a lingüística, como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação; e a teoria do discurso, como teoria da determinação histórica dos processos semânticos.

Do ponto de vista do debate sobre o fenômeno da ideologia, Pecheux, de acordo com Orlandi (1987), irá entendê-la como materialidade do discurso em que o sujeito (locutor) tem a ilusão de se apropriar da linguagem, muito embora isto corresponda de fato a uma prática social, pois o ato de dirigir a palavra se dá mediante a ideologia.

Com isso Pecheux, afirma Orlandi (1993, p.17),

> [...] estabelece consequentemente a sustentação fundamental da análise do discurso, [...] lugar particular que ele dá a língua, de um lado, em relação à ideologia, que ele trata no domínio conceptual do 'interdiscurso', e, de outro, ao inconsciente na relação da língua com o que seria a 'lalangue' (Lacan) e de que Pecheux não trata especificamente em seu trabalho, já que ele visa especificamente o outro lado dessa relação: o discurso, como lugar de contato entre língua e ideologia.

Poder-se-ia então dizer que Pêcheux, ao propor a construção de uma teoria materialista do discurso, a partir de Althusser e sua teoria sobre o fenômeno da ideologia, conforme Orlandi (1987) e Brandão (1991), está não só preocupado com o discurso enquanto um falseamento da realidade, mas também com uma visão de mundo daqueles que se encontram em uma determinada formação social. Até porque, como afirmam estas autoras: "todo discurso é ideológico".

A questão que ora se apresenta do ponto de vista metodológico, na relação entre língua e fala, sob a ótica materialista, face ao fenômeno da ideologia e da cultura parece apontar para uma discussão clássica entre os autores que lidam com os fenômenos sociais em seus aspectos objetivo e subjetivo.

É por isso que Saussure, conforme Hall (2001), afirma ser a língua algo que precede-nos e por isso não somos autores de nossas afirmações, ou dos nossos significados. Na verdade, a partir da semântica discursiva esta é uma problemática a ser reinterpretada, pois mais

Se para Saussure a língua se apresenta como um fato social, a sua limitação em uma semântica da linguagem dar-se-ia justamente por este tipo de pensamento objetivista escamotear as condições em que se deu a sua produção, pois a fala é social, bem como os motivos que possibilitaram o seu desencadeamento.

Entretanto, o enfoque subjetivista, ao ver na ação dos agentes sociais um mero caráter organizacional, não ofereceria uma proposta de investigação condizente com a dinâmica de sua existência.

Os teóricos, ao interpretarem a língua e a cultura sob a perspectiva única dos sistemas e das representações, estariam, de fato, limitados a compreendê-la enquanto uma "estrutura estruturada", quer dizer, algo que foge a ação dos agentes sociais tal como os motivos que possibilitaram o seu desencadeamento – os aspectos políticos e econômicos.

O imaginário enquanto uma estrutura inconsciente em que se apresenta um sistema de representações de ordem simbólica, indica uma subjetividade em que estariam incluídas: língua, cultura e relações sociais. Mas como compreender a produção do discurso a partir de um método objetivo que obedeça e estabeleça critérios de classificação?

As análises da cultura sob o enfoque do poder na "tradição materialista" são interpretadas e explicadas como "alegorias dos sistemas simbólicos", uma "estrutura estruturante" possuidora de um caráter orgacional próprio, embora não ofereçam um método de investigação capaz de explicar a dinâmica de sua existência.

Esta é uma problemática metodológica que nos parece ser evidente na análise de discurso de linha francesa, ou seja, a busca dos processos inconscientes, neste caso a língua, não reduzida a uma estrutura estruturante[35] com uma autonomia absoluta.

Ao citar uma passagem de um texto de Bourdieu sobre a relação entre fala e língua, Miceli (1978) nos chama atenção para o fato de que foi a fala que possibilitou o surgimento da língua, assim como esta se encontra implícita na fala.

Assim sendo, seria preciso buscar o sentido simbólico a partir da sua prática, não só do ponto de vista do discurso da fala, mas considerando a prática do discurso de acordo com as condições que lhe permitem ter existência. Nos próximos capítulos retomamos esta dicussão sobre a prática metodológica, analisando a enunciação do discurso sobre o risco, a partir das ações dos cortadores de cana tendo como perspectiva o local e as condições objetivas e subjetivas que possibilitou e que caracterizam a expressão e o surgimento de um estilo de vida destes atores sociais.

---

[35]Tal como analisa Hall (2001, p.41), referindo-se a Derrida ao ser influenciado por Saussure: *[...] "em que o falante individual não pode, nunca, fixar o significado de uma forma final, incluindo o significado de sua identidade. As palavras são 'multimoduladas'. Elas sempre carregam ecos de outros significados que elas colocam em movimento, apesar de nossos melhores esforços para cerrar o significado. Nossas afirmações são baseadas em preposições e premissas das quais nós não temos consciência, mas que são, por assim dizer, conduzidas na corrente sangüínea de nossa língua".*

Capítulo II. – O processo colonizador

Podemos dizer que Jacarezinho, enquanto um dos municípios do vale do Paranapanema, integrado à área canavieira[36], de modo geral obedeceu ao mesmo processo característico de povoamento e urbanização dos municípios do oeste paulista em sua margem direita.

Quer dizer, Jacarezinho na sua aurora, como os demais municípios paulistas, esteve intimamente ligado à ação do indivíduo mineiro em busca da posse de terras devolutas, devido à decadência do ciclo do ouro na Província de Minas Gerais, bem como às condições políticas criadas com a Guerra do Paraguai.

Desde o século XVIII, assistia-se à migração de mineiros para as Províncias de Goiás, São Paulo, Rio de Janeiro e Paraná, causada pelas medidas coercitivas da coroa portuguesa frente à diminuição do ouro, e pelas implicações políticas surgidas com a Guerra do Paraguai, de 1864 a 1870[37], aumentando o fluxo migratório rumo ao oeste paulista.

Ainda com relação ao declínio do ciclo do ouro nos finais do século XVIII, bem como ás condições econômicas pelas quais iriam passar o Brasil e o mundo na metade do século XIX, é interessante lembrarmos que o açúcar, nosso principal produto comercial vinha atravessando uma grande crise de produção desde o início desse período.

Tal como afirma Caio Prado Júnior (1973), o deslocamento das velhas regiões agrícolas do norte para o centro sul, foi causado pela decadência das lavouras tradicionais (cana-de-açúcar, algodão e tabaco) tendo em vista a "desconfortável conjuntura internacional": com a alta do consumo do açúcar de beterraba pelos EUA e Europa, principais consumidores do produto nacional. Isto veio proporcionar, a partir do início do século XIX, o aumento da produção do café em detrimento à cana-de-açúcar.

---

[36] O vale do Paranapanema na sua margem direita - São Paulo - é formado pelos municípios de Rancharia, João Ramalho, Quatá, Paraguaçu Paulista, Maracaí, Assis, Florínea, Platina, Cândido Mota, Palmital, Ibirarema, Salto Grande, São Pedro do Turvo, Sta. Cruz do Rio Pardo, Ipauçu, Iepê, Taciba, Ourinhos e Xavantes. Na margem esquerda – Paraná – encontram-se Jacarezinho, Bandeirantes, Cambará, Andirá, Itabaraçá, Santa Mariana, Alvorada do Sul, Porecatu, Florestopois, Mirasselva e Centenário do Sul (Bray: 1980, p. 233).

[37] A frente de combate tinha carência de novos soldados, sobretudo de jovens do sul de Minas, mais próximos da capital do Império:*[...] "Naquele tempo, o meio ideal de que dispunham as famílias para livrar seus filhos da convocação e de suas conseqüências era a partida para regiões distantes e despovoadas [...]"*. (Tobias:1990,p.38)

Além disso, estava ocorrendo na metade do século XIX um crescimento do comércio mundial em um ritmo sem precedentes, o que viria a ter grande influência sobre a economia dos países onde o desenvolvimento do capitalismo ainda era muito fraco. Ou seja, é a época em que a exportação de capitais torna-se dominante[38].

Primórdios da colonização

Com relação à caracterização dos contornos geográficos e históricos de Jacarezinho, podemos dizer que o povoamento do município, bem como o restante do extremo leste do norte do Paraná – o chamado Norte Pioneiro – se remete diretamente ao contexto histórico apresentado nos parágrafos anteriores.

Na medida em que se deu a busca por novas terras, enquanto uma prática comum – até a metade do século XIX – com o avanço do café, as terras localizadas entre as margens do Itararé, na divisa entre São Paulo e Paraná, passam, em meados do século XIX, a ser alvo das investidas dos mineiros e paulistas na região, pois já não eram totalmente desconhecidas.

Como anota Wachowicz (1987), as terras localizadas nas margens do Itararé vinham sendo cruzadas pela atividade tropeira dos mineiros em busca de muares e bovinos no Rio Grande do Sul já há longo tempo.

Nestas investidas ao sul do país, os tropeiros, ao revenderem suas mercadorias em São Paulo e Minas, necessariamente cruzavam – mesmo que em rápidas passagens – o Itararé, e com isso acabavam tomando conhecimento da existência de vastas extensões de terras ao norte do Paraná.

Sampaio (1955, p58), em sua monografia sobre o vale do Rio Paranapanema[39], o qual percorreu entre 1886 e 1888, entende que o Itararé, enquanto um grande afluente do Paranapanema até àquela época, apresentava uma população à beira rio com

> [...] toda falta de recursos, maus caminhos um deserto enfim, eis o que divisa nas proximidades do rio. Entretanto a fertilidade das terras é cada vez mais evidente, o solo variado e coberto de floresta virgem, sítios aprazíveis e com as melhores proporções para vastos estabelecimentos agrícolas, todos os dons de uma natureza pródiga e ainda quase totalmente intacta […].

[38] Silva (1976, p. 25)

[39] Esta monografia corresponde ao estudo de Teodoro Fernandes Sampaio, integrando a comissão de levantamento da carta geológica da Província de São Paulo em que relata, a partir do seu contato, o que se constitui em nossos dias a linha divisória entre os Estados do Paraná e São Paulo.

É interessante notar que o relato acima, além de revelar o quão estava certo o geógrafo com relação aos futuros estabelecimentos agrícolas na região, demonstra o interesse do governo da Província de São Paulo, através da constituição dessa Comissão Geográfica e Geológica, em reconhecer o seu território e, juridicamente, a posse de suas terras enquanto agente imobiliário.

Com relação às situações de perigos enfrentados pelos primeiros posseiros no vale do Paranapanema, vale lembrar que as condições adversas à conquista dos novos territórios eram coisa comum[40].

Sampaio (1955), anota ainda em seu relatório que, na tentativa de subir o Itararé em 1886, vindo pelo sul, a sua equipe enfrentou inúmeros obstáculos: além de se deparar com trechos encaichoerados do rio, um dos integrantes da Comissão, veio a adoecer, obrigando-os a abandonar tal objetivo. Quer dizer, apesar do autor não chegar a comentar diretamente sobre as condições insalubres nas margens dos rios nessa época[41], esta parece ser uma situação comum até aquele período.

No caso das terras no norte do Paraná, como assinala Fresca (2000), vários foram os processos de ocupação, mas de modo geral a iniciativa se deu a partir dos paranaenses – em uma ação conjunta com o governo imperial – ao fundarem núcleos de povoamentos no final do século XIX [42].

E, um pouco antes que os paranaenses, os mineiros penetraram lateralmente, em meados do mesmo século naquela que se tornaria uma Província emancipada do domínio político e territorial paulista, após 1853.

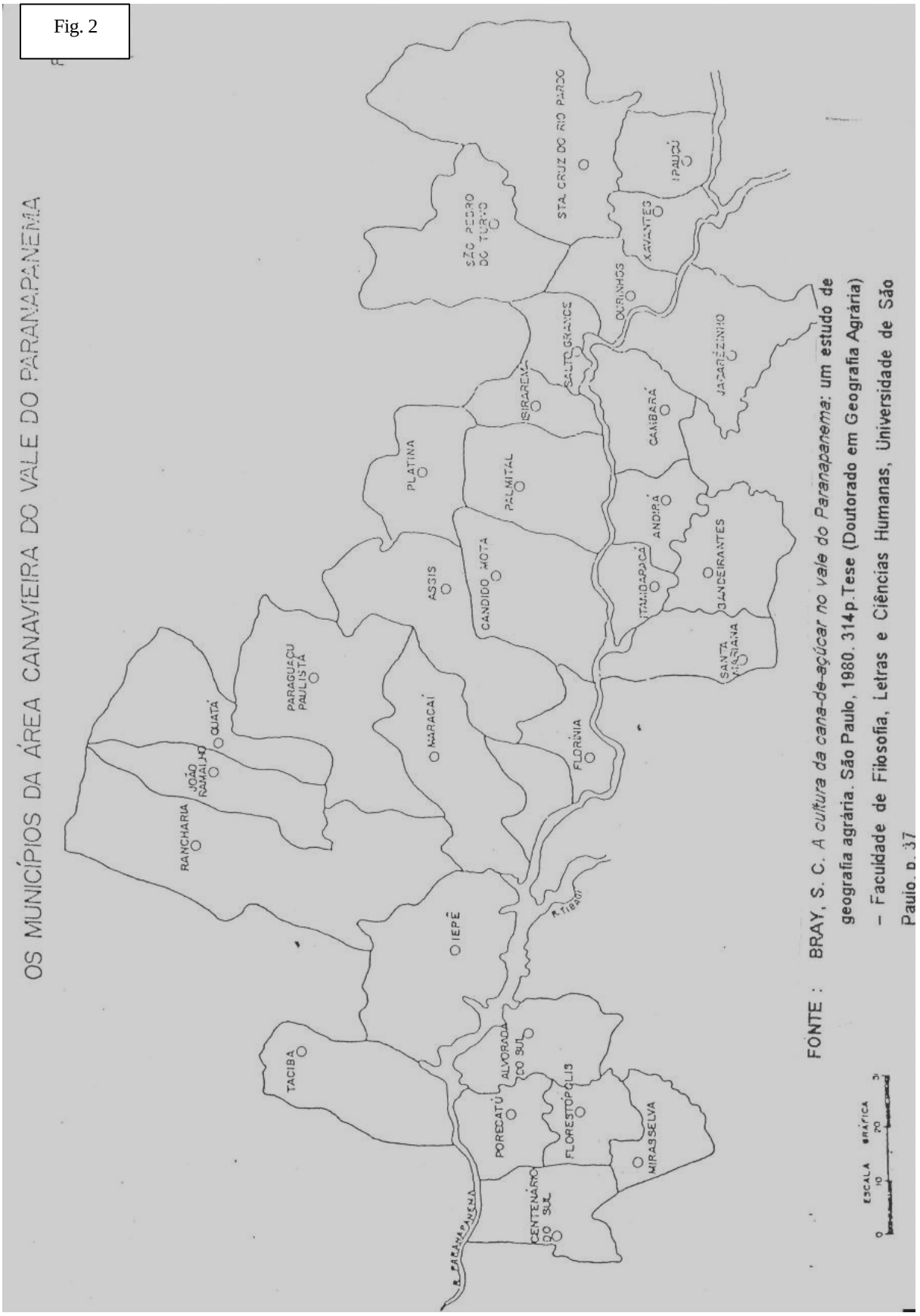
---

[40] A posse dos novos territórios, segundo Wachowcz (1987), seguia o principio mineiro da conquista da cabeceira de um riacho. E pelo que podemos entender isso se deveu principalmente à necessidade de localizar a divisa, face aos acidentes geográficos e, mais que isso, a extensão da posse em relação ao comprimento do rio e às terras por ele banhadas.

[41] Conforme Mombeig (1984, p.323), *"Praticamente todo estado de São Paulo* [naquela época] *é devastado pela malária [...] O litoral é o primeiro foco. O segundo é formado pelas bacias do Tietê, do Paranapanema e dos rios secundários dos planaltos, e prolonga-se até o estado do Paraná, pelos vales dos rios Tibagi e Ivaí.[...]".*

[42] Cambiaghi (1953, p. 83) afirma que os espanhóis no século XVII, principalmente jesuítas, esboçaram uma primeira tentativa de fundar missões nas terras do norte paranaense e, posteriormente os bandeirantes paulistas, já no fim deste período viriam aniquilar os Caiagang que ocupavam a região. Com a criação da colônia militar de Jataí e dos aldeamentos de Pedro de Alcântara e São Jerônimo, os paranaenses, logo após este período, vêm reconquistar este território.

Fig. 2



Os problemas de fronteiras indefinidas, de modo geral, constituíram, ao longo do governo imperial, preocupações constantes. Encontrar um caminho que

permitisse estabelecer uma via de comunicação entre a corte do Rio de Janeiro e a Província do Mato Grosso, naquele período, tornava-se algo de máxima urgência ao Império, pois diante do isolamento do Paraguai e suas reivindicações territoriais, geopoliticamente, aquela Província era um ponto fraco na estratégia brasileira[43] .

Desde 1835 vinha-se percorrendo rio de Mato Grosso e São Paulo, mas foi o sertanista Joaquim Francisco Lopes, um pioneiro local nesta prática, que abriu um "picadão" pelo vale do rio Tietê[44], passando por Piracicaba até aquela Província, o que acabou por estabelecer um importante avanço nos planos territoriais do governo imperial.

Ainda, muito distante, esta via, estabelecida por Lopes, quase se tornou inexeqüível. Na busca de um melhor caminho para o Mato Grosso, João da Silva Machado, o futuro Barão de Antonina, contratou os serviços de Lopes e do agrimensor Eliot; acabaram por percorrer em conjunto ou mesmo sozinhos, as terras ao norte do Paraná e seus rios – Tibagi, Itararé, Congonhas, Ivaí, Paranapanema – bem como os do Mato Grosso, anexando vasto latifúndio em nome do cognominado *Barão Papa Terra*.

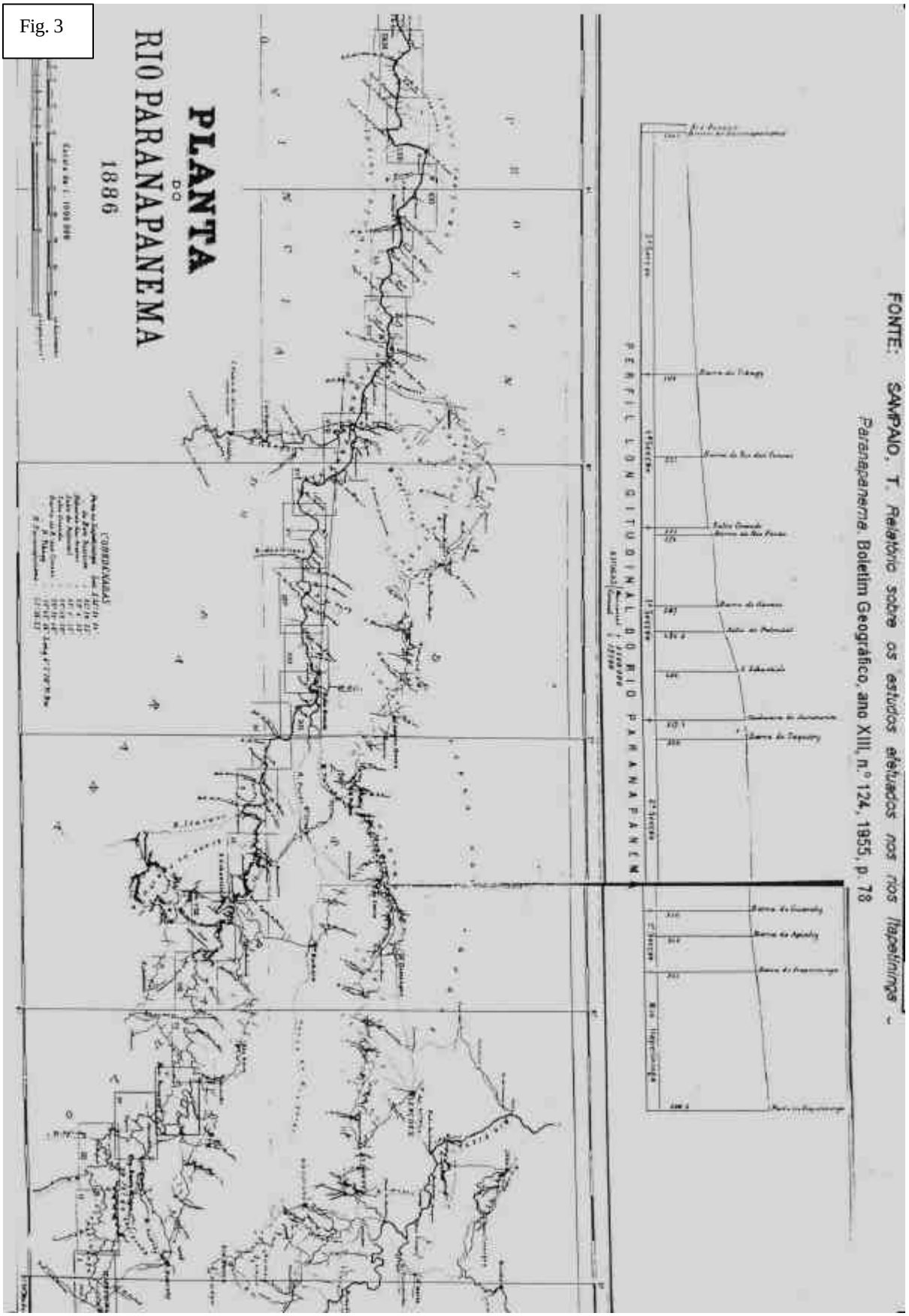
Mas foi em 1847 em uma viagem que durou cerca de três meses, ao sair em uma picada próxima a um trecho navegável do Tibagi, que a expedição do Barão chegou por um percurso menos distante ao Mato Grosso.

---

[43] Wachowicz (1987, p.12)

[44] Integração e comunicação via fluvial entre Províncias parece confirmar, segundo Sampaio (1955, p.57) uma prática já consagrada no roteiro dos primeiros portugueses no Brasil, além de ratificar a importância do rio Tietê e o Paranapanema em são Paulo, bem como o Paraná enquanto rio fronteiriço.

Fig. 3



FONTE: SAMPAIO, T. Relatório sobre os estudos efetuados nos rios Itapetininga e Paranapanema. Boletim Geográfico, ano XIII, n.º 124, 1955, p. 78

Deste empreendimento, do futuro senador da Província do Paraná, surgiu, em 1851, a colônia militar de Nossa Senhora da Conceição do Jataí, localizada à

margem direita do Tibagi, em confluência com o riacho que leva o mesmo nome; o mesmo ocorreu com a Vila de São Pedro de Alcântara, na outra margem, a qual se tornaria um aldeamento de índios.

A criação desta colônia militar, compara Wachowicz (1987), remonta aos primórdios da independência, isto é, ao modelo utilizado na Áustria, fronteira húngara com os territórios turcos e pátria natal da princesa Leopoldina.

No caso dessa colônia em Jataí, estrategicamente, a sua tarefa seria a de proteger o território nacional; e, por ser um centro agro-militar, um pólo para a "civilização" dos índios conhecidos como Coroado ou Caiagangue[45],a fim de se evitar possíveis ataques àquela fortificação, nem que para isso fosse preciso promover o conflito entre nações indígenas[46].

Observa Bigg-Wither (1974, p. 410) em sua viagem pela Província do Paraná entre 1872 a 1875, em relação ao sistema de catequização dos "índios selvagens do Brasil" que,

> Esta colônia (o aldeamento de índios) foi formada espontaneamente no ano de 1859 pelos próprios índios (Coroado) que cansados das guerras constantes com os brancos de um lado e os índios caiuás (sic) de outro, apareceram um dia às margens do rio, do lado oposto da vila brasileira de Jataí, demonstrando, por meio de um intérprete, o desejo e a intenção de se estabelecerem pacificamente na vizinhança dos brancos [...].

Em resumo, foi deste empreendimento do *Barão Papa Terras*, futuro senador pela Província do Paraná, que surgiram em 1851 a colônia militar de nossa Senhora do Jataí, localizada na margem direita do Tibagi, e à sua esquerda o aldeamento de índios São Pedro de Alcântara.

Já a porção nordeste paranaense se tornaria, especificamente entre os vales do Paranapanema, Laranjinhas e Itararé, território muito atraente no início do século XX, dada a presença da terra roxa – considerada excelente para plantação do café – os numerosos cursos d'água e o relevo pouco movimentado. Por isso, desde1842-

---

[45] Segundo Mombeig (1984) os Caiacang, designados como Coroado, encontravam-se a partir do século XVIII distribuídos tanto pelos planaltos paulistas como pelas regiões do Paraná. Cobra (1943, p.49), ao descrever a entrada dos primeiros mineiros em 1856 no futuro povoado de São José do Rio Novo - Campos Novos Paulista - ressalta: *"Imagine agora o leitor a situação da pequena turma de immigrantes (sic), collocada em ponto distante mais de quinze legoas da freguesia de S. Domingos, mais de vinte da villa de Lençoes e cinco, da nascente povoação de S.José do Rio Novo. Achava-se em pleno deserto, onde o echo dos lamentos, que soltasse, ir-se-ia perder, sem repercussão, pelo espaço em fóra. Nem um raio de esperança. Tinha deante (sic) de si entrada da matta (sic) de onde, cada instante, poderiam desembocar os índios corados* (sic*), os mais terríveis de todos [...]".*

[46] Foi neste sentido que o Barão de Antonina, de acordo com Wachowicz (1987, p. 15), *[...] "ordenou então várias providências entre as quais a de procurar aldear os índios caiuá, contatados em Mato*

1843 começam a surgir, analisa Wachowscz (1987), as primeiras posses naquelas redondezas.

Mas não eram quaisquer indivíduos que faziam ou podiam reunir condições para tomar posse de uma determinada área de terra. Só quem detinha algum recurso ou influência política podia reunir condições de realizar este tipo de projeto.

Sendo assim, os primeiros mineiros vindos para o norte do Paraná a fim de conquistar a posse de uma determinada gleba de terra tinham que, no mínimo, possuir outras terras, ou então contar com algum tipo de prestígio pessoal ou político.[47]

Ainda com relação ao sentido e conceito de renda capitalizada, pode-se dizer que neste processo de aquisição de novas áreas territoriais, começa-se a transferir do escravo para a terra o valor que este até então encarnava. Para ilustrar tal concepção vejamos o seguinte comentário, segundo Wachowiscz (*Apud* Batista,1950, p.29), sobre a história de Jacarezinho e os motivos que levaram Antônio Alcântara a vir para o Paraná em 1888:

> Imaginai senhores, 254 pessoas, entre elas damas de aprimorada educação, donzelas saídas de internatos de freiras, jovens ainda cursando universidade, médico ilustre [...], um vigário paternal e dezenas de outros valores humanos a palmilharem os sertões brasileiros, após dias, noites, por meses a fio, enfrentando temporais, abrindo estradas, dormindo sob árvores e banhando-se em ribeirões, onde talvez os miasmas da febre os esperassem para a morte.

Há que se dizer que o mineiro da região sul da Província, na sua ânsia por fugir da pobreza e do serviço militar durante a guerra do Paraguai, preferiu enfrentar as incertezas do sertão a ficar em sua terra natal[48] .

Como lembra Mombeig (1984), a avançada mineira foi mais sensível no espigão que separa a bacia do Paranapanema da do Rio do Peixe. Por isso, podermos compreender a importância de Botucatu em 1850 enquanto povoado que

---

Grosso. Estes índios, pertencentes à grande nação tupi-guarani, localizavam-se na Província de Mato Grosso, na margem direita do rio Ivinheima do Iguatemi".

[47] Conforme anota Wachowiscz (1987, p. 81-82), Domiciliano Corrêa Machado, vindo se instalar na margem esquerda do Itararé, depois de registrar a sua posse, ao retornar a Minas Gerais vendeu sua fazenda, organizou uma comitiva composta com parentes, amigos e escravos para vir de vez para os lados do Itararé. Da mesma maneira o fez o capitão Tico Lopes, chefe político em São José da Boa vista e um dos pioneiros da Colônia Mineira (1886), hoje Siqueira Campos.

[48] Diz Cobra(1947, p.43-44*) [...] " O governo imperial mandou proceder a conscripção (sic) geral começando, naturalmente, pelas províncias do sul mais próximo do theatro (sic) da guerra, Minas, já bastante povoada, offerecia (sic) vasto campo de acção (sic) aos agentes da autoridade militar, tanto mais quanto a distancia que separava da Capital do Imperio era relativamente curta. Por isso, nas localidades do sul dessa província, se fez sentir mais premente a energia dos recrutadores. Prendiam solteiros, noivos, casados e viúvos".*

permitiria o acesso aos mais distantes pontos do sertão paulista, bem como Jataí, a noroeste do Paraná, ou então Lençóis Paulistas na sua ligação com o Tietê, através do rio Piracicaba.

Cobra (1943), ao descrever o acesso às novas terras, entende que as águas do Tietê e as do rio Paraná tenham sido providenciais para este empreendimento na conquista de novos territórios. Exemplo típico dessa ação foi a de José Theodoro de Souza, que veio tomar posse, em 1856, do maior latifúndio conhecido na província de São Paulo nessa época: uma área que compreendia 50 Km^2 de frente por 150 Km^2 de fundo, nada mais nada menos do que a margem direita do Paranapanema – de São Pedro do Turvo à Barra do Tibagi, tendo como comprimento, o rio do Peixe[49].

Também, Severo Batista, mineiro de Alfenas, residente em Casa Branca, entre 1884 a 1885, ao atravessar a margem esquerda do Paranapanema veio a ocupar os terrenos onde hoje se localizam as cidades de Cambará e Jacarezinho.

De volta a São Simão, após o reconhecimento de sua posse em Curitiba, Severo Batista veio saber em 1888 que o seu latifúndio estava sendo invadido. Isto realmente se confirmava, pois Antônio Alcântara, outro *fornecedor da Guerra do Paraguai,* havia mandado o neto na frente, preparando a posse para a chegada da comitiva.

A primeira posse que os Alcântaras fizeram foi, de acordo com Wachowicz (1987, p. 81-90) a da Água da Prata e, em seguida com a chegada da comitiva, a Água da Estiva, a Água de Ourinho, a Água do Alambari e muitas outras mais.

Na tentativa de conter o avanço dos Alcântaras em suas terras, Severo Batista mudou-se com a família em 1895 para aquela região, exibindo a documentação oficial daquela área territorial e comprovando ser assim o legítimo dono. Com isso os dois grupos passaram a negociar, ficando decidido que o Alcântaras pagariam 12.000$000 réis por aquelas posses.(Wachowicz, 1987 p. 100).

O núcleo fundado pelos Alcântaras na Água da Prata foi mudado para um local definitivo e construiu-se uma capela. Sucederam-se vários nomes para aquele núcleo que começou a se urbanizar, tais como: Ourinho, Jacarezinho e Nova Alcântara, para depois, em 1902, retornar à antiga denominação de Jacarezinho.

---

[49] Ao tomar posse dessa área depois da promulgação da Lei de Terras em 1850, segundo Cobra (1943, p.23), o posseiro alegou tê-las conquistado em 1847, e *[...] "com um salto desses, dado para trás, o interessado incluía seu nome entre os posseiros cujos direitos a lei assegurava, não para lhe*

Em suma, com relação à periodização, diante da chegada dos mineiros ao noroeste do Paraná e a formação dos primeiros povoados no chamado Norte Pioneiro, pode-se dizer, de acordo com Fresca (2000, p.37), que

> O primeiro núcleo urbano foi São José do Cristiano às margens do Itararé, em fins dos anos de 1840; o segundo foi o núcleo de são José da Boa vista, que em 1875 incorporou o primeiro em função de suas condições insalubres. E segue-se a fundação dos núcleos como Siqueira Campos, Tomazina, Santana do Itararé, Salto do Itararé, Ribeirão Claro, Jacarezinho, Santo Antonio da Platina, Carlópolis [...] .

Diante do exposto, parece-nos importante tecer algumas considerações com relação à ocupação do Norte Pioneiro em comparação com a província de São Paulo, haja vista a Lei de terras promulgada em 1850.

De acordo com Fresca (2000), a transformação da terra em mercadoria através do meio jurídico, só se tornou efetiva no Paraná após a proclamação da República, pois até então as terras ao norte ainda se encontravam ocupadas pelos indígenas, não despertando o interesse de compra da gente paranaense e nem dos pioneiros paulistas e mineiros.

No caso do Oeste Paulista, no entanto, a promulgação da Lei de Terras na verdade se tornou uma "letra morta" naqueles locais onde ainda não ocorria a posse da terra, haja vista a expansão cafeeira. Mesmo onde essas ocorriam, conforme Martins (1986, p. 29), surgiu uma *[...] "verdadeira indústria de falsificação de títulos de propriedades, sempre datados de época anterior do registro paroquial, registrados em cartórios oficiais, geralmente mediante a subornos e escrivães notórios [...]*".

Mombeig (1984) revela que, em todos os países onde a terra teve uma valorização súbita, o grileiro, isto é, o falsificador de títulos de propriedades, fez-se presente. Não existiu esta mesma característica nos locais em que a topografia se mostrou plana e com vegetação de pradarias, facilitando nesse contexto a aplicação de uma legislação rigorosa, apoiada em magistratura e polícia soberanas.

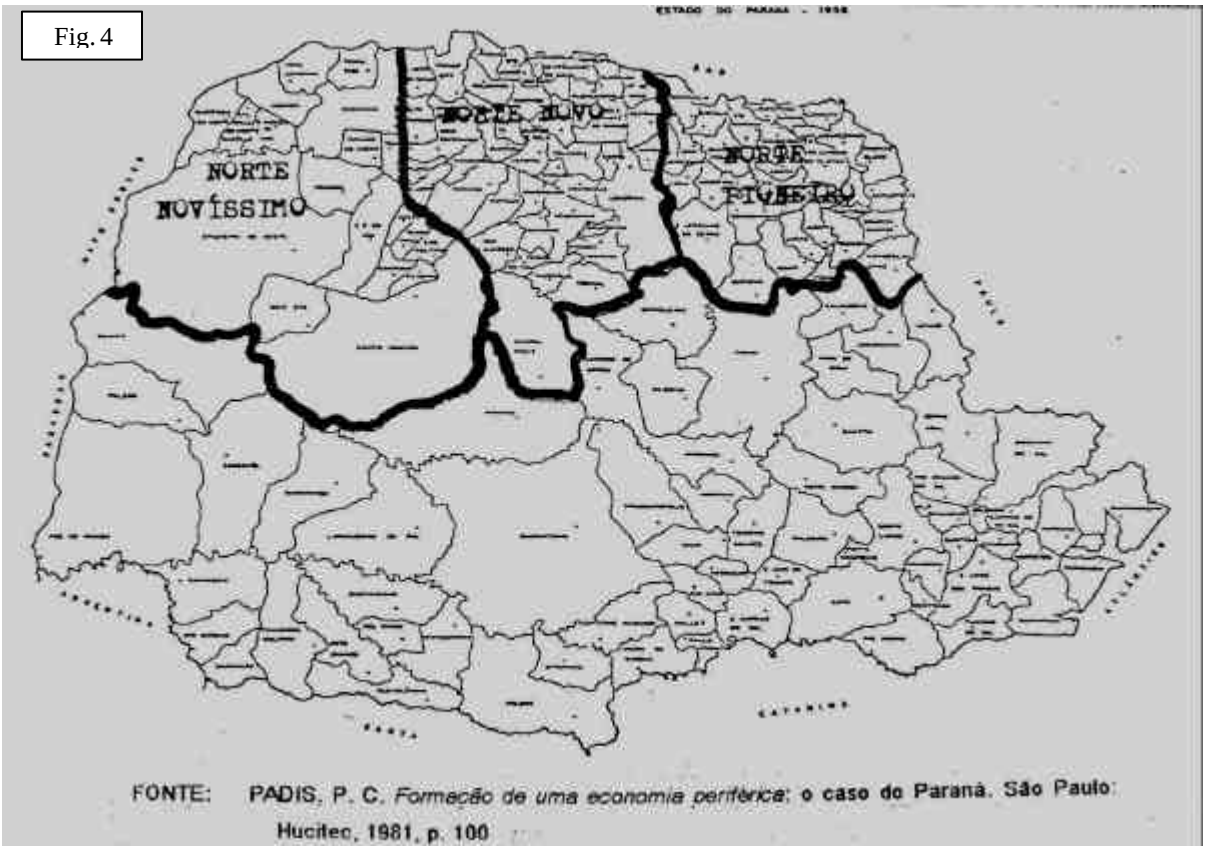
No caso do Brasil, ainda segundo este autor, com matas de penetração difícil, costumes políticos e moral individual nem sempre desinteressada, as dificuldades se

---

atribuir domínio, mas um começo, com que poderia reclamar ao processo de legitimação, segundo o parecer que provavelmente lhe dera em Botucatu

apresentaram de complicada resolução, além de que a colonização se tornara uma questão de segundo plano, prevalecendo o desejo de especular.

Fig. 4



FONTE: PADIS, P. C. *Formação de uma economia periférica*: o caso do Paraná. São Paulo: Hucitec, 1981, p. 100

Desenvolvimento econômico nos primeiros anos do século XX

O Norte Pioneiro, nos seus primeiros anos de colonização, entende Wachowicz (1987, p. 195),apresentou as mesmas características das sociedades paulistas e mineiras dos tempos coloniais, isto é, patriarcal, latifundiária e escravocrata, embora esta última em evidente desagregação.

Jacarezinho, embora, viesse a constituir a partir dos anos vinte em um grande centro de produção cafeeiro, até as primeiras décadas, como as demais cidades do vale do Paranapanema, tinha a sua economia voltada para produção de arroz, feijão, milho e, principalmente, criação de porcos: uma economia com base na subsistência.

A maioria da população poderia ser considerada pobre, e mesmo os grandes proprietários dessa época tinham dificuldade em conseguir dinheiro, pois o escoamento da produção se apresentava como mais um embaraço aos interesses dos latifundiários.

Contudo, as cidades paulistas – onde o café tinha se estabelecido em decorrência da penetração da Estrada de Ferro Sorocabana – tornavam-se entrepostos de vendas com grande fluxo de mercadorias. Botucatu e Cerqueira César se constituíam em locais de grande expressão do ponto de vista das relações comerciais e, de forma geral, centros comerciais para onde se destinavam as comitivas que lidavam com o negócio do criame de porcos.

A suinocultura se tornava assim de grande importância à economia das cidades do norte pioneiro, bem como as do oeste paulista, tamanha era a dificuldade do transporte e a procura deste gênero alimentício, Procedeu-se, deste modo, a uma verdadeira especialização, em face à divisão regional do trabalho.

A safra constituir-se-ia, por esta forma, uma técnica comum de criame de porcos em quase todo o norte paranaense, proporcionando *frentes de ocupação* na província e no Estado até os anos cinqüenta[50], além de integrar as economias paulista e paranaense, esta última, até então, concentrada em Curitiba e nos Campos Gerais (Fresca, 2000 p.38).

Derrubada da mata e queimada, de trinta a quarenta hectares para plantio de milho, abóbora e batata doce, de modo geral, constituíam-se as principais atividades do *safrista* à espera do crescimento e amadurecimento das plantas, tornando estes locais verdadeiros *mangueirões* para os animais que ali eram soltos.

Mesmo os grandes proprietários de terra, neste período, adotavam esta economia típica, como anota Wachowicz (1987, p. 97) :

> Em Jacarezinho, que mais tarde vai se transformar na primeira capital do café no Paraná, os Alcântaras haviam plantado mais de 500.000 cafeeiros. Em 1902, uma forte geada e as dificuldades de comercialização levaram os Alcântaras a abandonarem essa produção. Começaram a criar porco, derrubaram o mato fino, a roça pintada e plantaram milho e abóbora [...]

O tropeamento de porcos até as cidades mais próximas de São Paulo era coisa comum. Mas foi com a chegada da linha férrea Sorocabana – em Ourinhos, 1908, e em Salto Grande, 1909, depois de estar em Cerqueira César há muito estacionada[51], bem como a expansão da Estrada de Ferro São Paulo - Rio Grande,

---

[50] Wachowicz (1986) entende que o fenômeno de plantar milho e criar porcos vai ser uma das principais características do que denomina “frente de ocupação” territorial, tipicamente cabocla, e que veio se espalhar pelo interior do Paraná, devastando a mata natural.

[51] *[...] “antes da inauguração da E. Ferro em Salto Grande, o comércio entre Paranapanema e S. Paulo fazia por S. Pedro do Turvo, Santa Cruz do Rio Pardo e Cerqueira César. De Santa Cruz a Campos Novos, porém, contaram-se 9 légoas (sic); o governo mandára (sic) construir estrada de rodagem de São Pedro para deante (sic) na extensão de 6 légoas (sic), melhorando as*

entre os trechos Itararé e Jaguariuna no Paraná, em 1905, que se pôde observar uma maior intensificação desse tipo de atividade econômica.

Capital do Norte Pioneiro

O café, onda verde que vinha se estendendo pelo o Estado de São Paulo, chegando ao norte paranaense, conforme Barthelmess (1958), encontrou condições favoráveis para o seu desenvolvimento mais do que em qualquer outra região brasileira.

Dentre os estímulos – o clima menos sujeito às secas, a predominância das terras roxas e as propriedades de menor extensão, bem como a conjuntura econômica internacional mais favorável que no início do século passado, além do transporte rodoviário mais rápido e com menos custos – estes parecem constituir as principais variáveis que permitiram o grande volume produtivo de café, a partir dos anos vinte no Norte Pioneiro.

Contudo, é interessante lembrar que até 1904, de acordo com Wachowicz (1987), as primeiras tentativas de plantio do café se mostraram malfadadas, justamente pelas condições que dezesseis anos mais tarde, tornar-se-iam fundamentais para o seu desenvolvimento.

A fertilidade da terra[52], mesmo frente às condições adversas, sugere Wachowicz (1987), acabou por vencer e sobrepujar o medo das geadas. A fama da terra roxa iria, nesta segunda fase da colonização, atrair produtores de São Paulo e de outros Estados, ou seja: a invasão da gente que trazia consigo a tradição e o hábito da cultura do café, iniciando de fato a maciça ocupação do norte do Paraná. (Barthelmess: 1958)

Para Jacarezinho, no início do século XX, destinaram-se, além dos antigos produtores de café, grande número de colonos: caixeiros viajantes, imigrantes e

---

comunicações. Tentou-se antes fazer a ligação com Piratininga, servida pela E. Ferro Paulista [...] a distancia , porém, era de 18 légoas (sic), egual (sic) à Campos Novos a Mandury (sic): não havia, pois vantagem, pelo que foi abandonado esse projeto, que seria útil, se a Sorocabana continuasse a quem de Cerqueira César, onde permanecia de a muito tempo [...]". (Cobra, 1943, p. 212)

[52] *"Dizia um observador que um pé de mandioca produzia de 40 a 50 quilos. Era a mesma coisa que enterrar rama e arrancar ouro. Era preciso quatro cebolas para fazer um quilo, ou nove batatas inglesas; uma só batata doce chegava a pesar cinco quilos; espigas de milho com 600 gramas, cana-de-açúcar de 2 a 4 metros de cumprimento".* (Wacowicz, 1987, p.115)

filhos de imigrantes residentes até então em outras cidades do estado de São Paulo[53].

Mas, como dissemos nos parágrafos anteriores, os primeiros a chegar na futura "capital do norte paranaense" foram os mineiros provindos do sul daquele Estado; portanto, os principais proprietários de terras e futuros administradores de um mercado imobiliário de grande valor especulativo, após a primeira década do século XX.

É também importante lembrar, no entanto, que os estímulos apontados por Barthelmes (1955) sobre os anos de prosperidade do café em Jacarezinho, por um lado estavam agregados às condiçõe da natureza – terra fértil e clima menos sujeito à seca; por outro, como lembra Wachowicz (1987), ao citar um habitante de Jacarezinho, dinheiro naquelas paragens era muito escasso e os cereais, quando exportados, causavam até prejuízos.

Vê-se assim que o mercado imobiliário, como a produção do café e o comércio, estavam intimamente articulados e dependentes de uma dinâmica mais intensificada de transporte, neste caso as estradas de ferro. A Sorocabana, neste aspecto, ao se estabelecer em 1908 em Ourinhos, estimulou então a retomada do plantio do café em Jacarezinho, passando ser esta cidade um pólo de atração em todo o norte paranaense.

Mas, conforme o testemunho de Da Luz (1973, p.28), um ex-funcionário do Banco do Estado do Paraná, em 1929, quando da implantação de uma agência em Jacarezinho, o governo do Paraná, tal como as populações do sul e do centro, subestimavam o dinamismo dessa região, por não ter ainda conhecimento do volume da sua produção.

E apesar das notícias sobre as terras férteis no norte do Paraná atingirem outros estados há um bom tempo, tudo indica, conforme Wachowicz (1987, p.109), que

> [...] a comunicação do Norte Pioneiro com Curitiba tornava-se cada vez mais difícil, Jacarezinho – em 1916 – recebia uma ponte metálica ligando-a com São Paulo e, ao mesmo tempo, chegava o telégrafo, para ligar de uma vez para sempre todo comércio desta zona do Paraná a capital paulista.

[53] Aimone (1975), embora não desenvolva em seu estudo uma discussão mais aprofundada sobre a procedência dos pioneiros imigrantes vindos para Jacarezinho no início do século XX, permite-nos verificar em seu estudo que os primeiros moradores, senão provindos da Itália e de outros países, eram filhos ou parentes próximos das pessoas pertencentes a este grupo.

O declínio do café e a intensificação da produção da cana-de-açúcar

Neste tópico discorremos, sobre as condicionantes que permitiram a queda da produção do café no Norte Velho ou Norte Pioneiro, especificamente em Jacarezinho, bem como a ascensão do plantio da cana-de-açúcar e com ela uma outra relação tempo-espaço, mediante as novas relações no modo de produzir. Aquilo que passa ser produzido em escala industrial libera a força de trabalho que se encontrava presa a pequenos sítios e antigas fazendas de café, proporcionando o deslocamento de um contigente populacional para a periferia da cidade, formando bairros-dormitórios, como a vila São Pedro. Este fato vai redefinir, conforme iremos verificar nos próximos capítulos, a divisão e as relações de trabalho que passam ser vinculadas à disciplina da usina.

Para podermos compreender a dinâmica pela qual passava a economia cafeeira e o seu declínio na década de trinta em Jacarezinho, é necessário voltarmos o nosso olhar para a especulação do capital estrangeiro em nosso país, nos finais do século XIX e nas primeiras décadas do século XX. Devemos ter em mente também as sucessivas crises de preço e a superprodução, juntamente com a especulação em função dos interesses internacionais. (Prado Júnior: 1973)

Este é um período em que as inversões do capital estrangeiro vinham tomando, conforme Caio Prado Júnior (1973), maior vulto, dadas as condições econômicas que se seguiram à transição política da República no Brasil: haja vista a perpetuação da crise financeira decorrente do descontrole da emissão de moedas em uma condição histórica favorável às operações especulativas[54].

Contudo, conforme Fausto (1981) – ao analisar este período, que culminará na instauração da Primeira República – a sociedade brasileira vinha se mantendo sob uma economia voltada predominantemente para o setor agro-exportador. Mas do ponto de vista político, encontrava-se sob a ordem de uma burguesia em suas versões paulista e mineira, cujos interesses eram dependentes de uma mercadoria que sofria oscilações de preço de impossível controle no mercado internacional.

---

[54] De acordo com Basbaum (1981, p.35) este é um período em que [...] *"Rui Barbosa punha em prática a mesma política monetária de Ouro Preto que, dias, tanto combatera antes da República. Essa política de incontinência emissionária [...]. A fase que então se chamou de encilhamento, lembrando o jogo das corridas de cavalo [...] Para se ter dinheiro, era necessário apenas um pouco de imaginação, inventar um nome qualquer para uma empresa qualquer [...] depois era só imprimir ações sem limite que eram vendidas e revendidas [...] O que importava era que os bancos emprestavam dinheiro, que o governo garantia juros às empresas fundadas e indenização em caso de malogro [...]".*

Daí que durante os primeiros anos da Primeira República, com a baixa do câmbio permitindo a transferência de renda aos interesses dessa burguesia, aqueles que exportavam café, mesmo com um câmbio baixo, mantinham-se com o seu produto em circulação recebendo em dólar. Porém, aqueles que importavam pagavam em réis as suas importações, ocorrendo assim, de acordo com Fausto, uma transferência de renda daqueles que pagavam as suas importações para aqueles que vendiam exportações.

Esta prática de desvalorização do câmbio, entretanto criava uma situação insustentável se pensarmos que no Brasil, conforme Basbaum (1981), importava-se de tudo e para todos fins, isto é, desde cereais a *alimentos que davam em fundo de quintal*.

A crise cambial por assim dizer, segundo Fausto (1981), agravava não só a sustentação do governo, por isso Campo Sales (1898 a 1902) se viu obrigado a recorrer a um acordo com os credores internacionais para buscar o reerguimento do Estado[55]. E, além disso, em meio a esta crise externa, abria-se uma crise de preços do café como resultado da superprodução. Não podendo se valer da desvalorização cambial, os Estados cafeicultores viram-se obrigados a elaborar uma política de valorização do café a qual foi encampada posteriormente pelo governo federal[56].

A intervenção do Estado, ao comprar parte desta produção estocada para revendê-la em ocasiões mais favoráveis – medida econômica que vigorou até 1924 com a criação do Instituto do Café – iria resultar, entende Fausto (1981, p. 230), em um ônus incapaz de ser arcado tanto pela União como pelos Estados da Federação. Estavam postas então as condições favoráveis para maior entrada em cena do capital estrangeiro, *[...] "assegurando [...] para si as maiores vantagens não apenas em termos de pagamento do serviço da dívida* [externa]*, mas através do progressivo controle do comércio exterior*".

Este é um período, entretanto, em que os intermediários em última instância são agentes diretos ou indiretos da finança internacional, controlando deste modo,

---

[55] Diz Fausto (1981, p.228): *[...] "a depreciação cambial chegou a limites extremos em fins do século XIX – menos de 6 dinheiros ingleses por mil reis – forçando Prudente de Morais, Campos Sales e seu ministro da fazenda Joaquim Murtinho, a buscar o reerguimento do Estado, a partir de 1898, através de um acordo com os credores estrangeiros, o célebre 'Funding Loan".*

[56] Os fazendeiros do café em São Paulo, segundo Fausto (1981), os mais interessados em tais medidas, a fim de melhorar os preços no mercado internacional exigiam do Estado uma ação que minimizasse suas perdas no intuito de fazer com que houvesse uma valorização do produto, escoando o estoque que se encontrava em crescimento, livrando-se assim das perdas de seus investimentos.

segundo Prado Júnior (1973), o comércio de exportação, aproveitando-se do desequilíbrio financeiro no país, tornando o jogo do câmbio algo muito proveitoso aos apetites estrangeiros.

Ao especularem com os preços, impedindo que os excessos do produto nacional chegassem ao mercado consumidor, já que se encontravam sem modificações, as condições financeiras nacionais tornar-se-iam ainda mais interessantes, devido às superproduções: pois os preços tendiam cada vez mais a se reduzir para os agentes intermediários.

No Paraná, no entanto, a crise da superprodução que se iniciou no começo do século não proporcionou maiores problemas pois, como afirma Fresca (2000, p.41), *"Se em São Paulo estava proibido o cultivo e os impostos eram elevados, fazendeiros transferiam-se para o Paraná e acrescidos dos mineiros já presentes, iniciaram seu cultivo*".

Logo, pode-se dizer que a produção e a expansão cafeeira no Norte do Paraná, especificamente em Jacarezinho, fez-se em decorrência as seguidas crises que passavam a fustigar as antigas áreas de plantio do café no Estado de São Paulo.

Contudo, as fazendas de café do Norte Pioneiro, mesmo com a chegada da linha férrea a Ourinhos em 1908, necessitavam de uma estrutura viária que permitisse o escoamento da sua produção[57], pois como anota Tomazzi (1989, p.28):

> Apesar de toda a boa vontade e esforço destes desbravadores [do Norte Velho] continuava a existir o grande e grave problema do escoamento da produção, principalmente porque agora já existiam outras cidades que se organizavam em direção ao rio Tibjí, como Cambará, Bandeirantes, Cornélio Procópio, Santa Mariana, Assaí e Uraí, que já exigiam uma ligação mais efetiva e mais segura com São Paulo.

Portanto, a proposta de se construir uma estrada de ferro que permitisse ligar São Paulo ao Estado do Paraná correspondia a um anseio dos pioneiros na região, e um dos motivos que iria levar um grupo de cafeicultores a se lançar na realização desse projeto.

---

[57] Da luz (1971, p. 101) em sua chegada a Jacarezinho – provindo de Curitiba – conta-nos que a estrada de ferro São Paulo – Rio Grande encontrava-se em construção no trecho Guimarães Carneiro – e que foi obrigado a pegar um táxi que o levou a cidade. Mas, ao pagar a viagem, espantado confessa o autor em suas memórias: *[...] "pude sentir, desde logo, o vigor econômico daquela gente. Para nos dar o troco, o motorista tirou um 'calhamaço' de dinheiro do bolso, parecendo que guardava ali toda a sua fortuna. Compreendemos, então, que seria muito oportuna a instalação de um Banco na zona a fim de carrear aquelas economias e revertê-las em benefícios de atividades produtivas".*

Mas, analisando o projeto da Companhia Agrícola Barbosa[58], em um primeiro instante, aquilo que parece demonstrar arrojo empresarial, sugere-nos de fato uma operação especulativa.

Vejamos por quê. A Companhia, quando da inauguração dos primeiros trilhos da estação Leoflora, em 1924, demonstrava sinais de que não poderia dar prosseguimento ao projeto da construção da linha férrea iniciada; por isso, o plano de atrair os investimentos estrangeiros indicar interesses especulativos há muito presente no ideário do grupo paulista[59].

Com a chegada da Missão Montagu em 1923, portanto um ano antes da inauguração dos primeiros trilhos, o grupo de cafeicultores viu, oportunamente, uma solução para a falta de capitais ao seu projeto[60].

Conforme anota Tomazzi (1989), anteriormente à visita da Missão Montagu ou Missão Inglesa no Brasil, em 1924, o governo de Arthur Bernardes (1922 a 1926), em sua política econômica, voltava suas pretensões principalmente para três objetivos: a) liquidar a dívida com o Banco do Brasil; b) implementar o Plano Permanente de Defesa do Café; c) criar um Banco Central e retornar ao padrão ouro.

Na implementação dessa política econômica, o governo recorreu mais uma vez aos credores internacionais, com o pedido de empréstimo de 25 milhões de libras à Casa Rotschild[61], em Londres, o qual não foi atendido de modo imediato.

Lembra-nos Tomazzi (1989, p.87) que a resposta que se seguiu foi a de uma contraproposta, ou seja, a *[...] "de que a decisão sobre o empréstimo estaria condicionada à presença e às recomendações de uma missão que os ingleses*

---

[58] *"A 3 de Agosto de 1920, concedia o Estado do Paraná a um grupo econômico paulista, liderado por Antonio Barbosa Ferraz, a exploração por 70 anos de uma estrada de ferro que saindo de uma conexão com a Sorocabana em Ourinhos, cortasse os rios Cinza e Laranjinha em direção à ex-colonia militar do Jatai, com preferência até a margem do rio Paraná fronteira com o Paraguai e o Estado do Mato Grasso".* (Wachowicz, 1987, p.142).

[59] De acordo com Wachowcz (1987, p.142) *[...] "já no ato inaugural, sabiam os dirigentes da São Paulo – Paraná que não dispunham de capitais para prosseguir com a ferrovia além da estação de Cambará. Resolveu então o grupo, chefiado por Antonio Barbosa Ferraz, atrair para o Norte do Paraná as atenções de um dos componentes da Montagu [...]".*

[60] Um período, como anota Tomazi (1989, p.30), em que *[...] "os fazendeiros da região farão de tudo para que os ingleses se interessem em fazer investimentos no norte do Paraná e, principalmente, na extensão da ferrovia. Para tanto, em 15 de janeiro de 1924. O grupo de fazendeiros, que fazia parte da diretoria da companhia ferrovia São Paulo Paraná, sabedores da presença de Lord Lovat em São Paulo, fazem publicar extenso artigo no jornal O Estado de São Paulo onde procuram sensibilizar este Lord para a viabilidade e rentabilidade do desenvolvimento da ferrovia naquela região".*

[61] *"Banqueiros europeus de origem judaica. O nome derivou do escudo ("Schild") vermelho ("rot") colocado na casa em que moravam seus antepassados, no gueto de Frankfurt-sobre-o-Meno na Alemanha. Sua ascensão no mundo financeiro iniciou-se no século XVIII na figura de Mayer Anselm [...]".* (Enciclopédia Abril:1972)

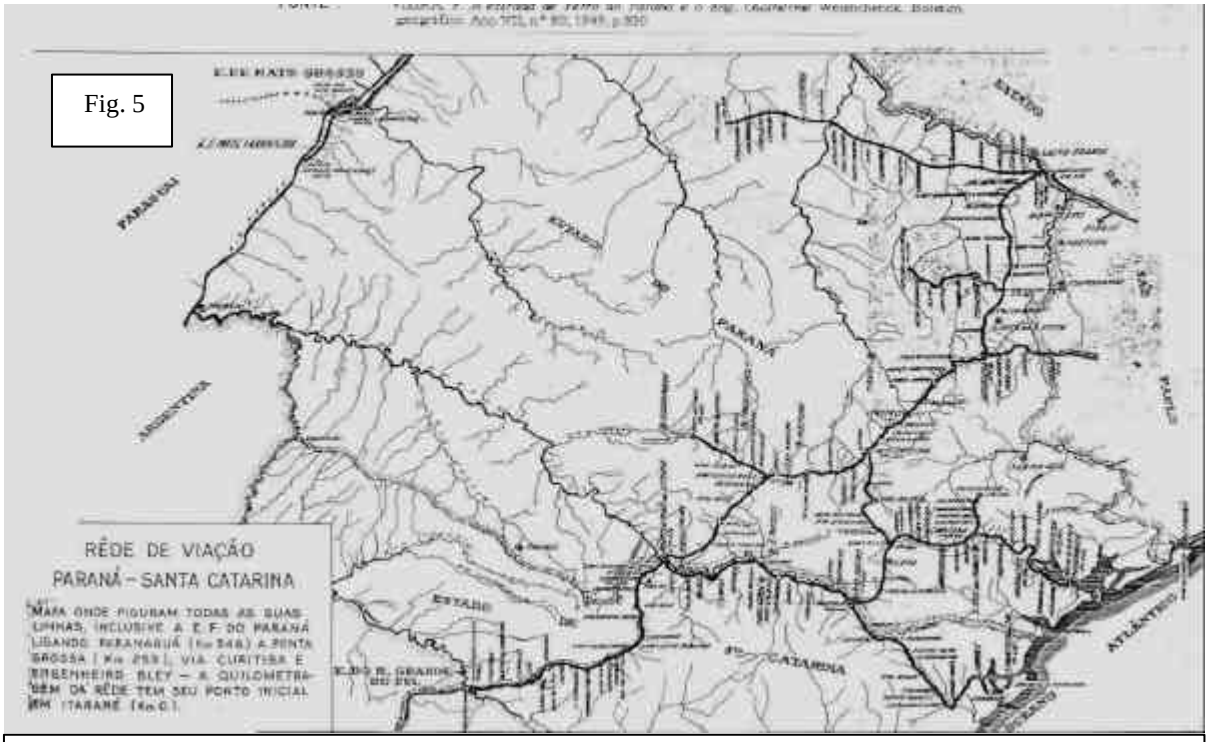
enviariam ao Brasil". Portanto, o governo Bernardes se via sob a mira das imposições dos banqueiros internacionais.

De fato, por estes antecedentes pode-se verificar, conforme anota Tomazzi, que os banqueiros ingleses estavam interessados não só em verificar se suas dívidas seriam saldadas, mas também em ampliar os seus negócios. Porém, precisavam de informações sobre o comportamento da nossa economia e o local ou locais em que se poderiam empregar os seus empreendimentos, haja vista serem estes acionistas representantes do governo inglês e mesmo donos de empresas interessadas em expandir e especular com o seu capital financeiro.

Ainda segundo Tomazzi (1989), a política econômica do Governo Arthur Bernardes, a partir do relatório apresentado por esta Comissão, na verdade ficava comprometida e submetida aos interesses das organizações privadas inglesas. Além disso, seria obrigada a implementar, após os estudos da Missão Montagu, as modificações na estrutura operacional da sua política monetária, fiscal e comercial do café, frente à necessidade de se fortalecer a capacidade de pagamentos amortizados da dívida externa acordados com os banqueiros em 1914.

É neste sentido que devemos entender o interesse do grupo de cafeicultores em sua tentativa de atrair as atenções de um dos participantes desta comissão – o representante de um grupo econômico inglês – interessado em produzir algodão no Brasil: este se tornaria, em 1926, proprietário da ferrovia São Paulo-Paraná e das áreas de loteamentos por onde se estenderiam os trilhos da futura Companhia de Terras do Norte do Paraná – CTNP. Depois, em 1940, tornar-se-ia Cia. Melhoramentos Norte do Paraná – CMNP – adquirida por um grupo brasileiro que, além deste empreendimento, reunia uma série de fazendas cafeeiras, transformando-as em seguida em áreas de plantio de cana-de-açúcar; e posteriormente, instalando, em 1947, a Cia Agrícola Usina Jacarezinho.

Fig. 5



Fonte:VIEIRA, A. A estrada de ferro do Paraná e o engº Guilherme Weinschenck. Boletim Geográfico, Ano VII, n.º 80, 1949, p. 830

Em suma, foi por intermédio do capital inglês, direta e indiretamente que se introduziu na *civilização do café* do Norte Pioneiro uma nova dinâmica; e foi a partir da especulação imobiliária, através de pequenos lotes que se possibilitou a expansão da frente pioneira rumo ao denominado Norte Novo.

Embora não entrando em maiores detalhes, assinala Fresca (2000, p.44) que o interesse da empresa inglesa pelas terras que viriam a se denominar Norte Novo, era ressonante com os projetos do governo do Paraná, pois

> Do princípio do século até o final de 1919, várias foram as concessões realizadas de terras devolutas no norte do Estado, mas que não resultaram numa ocupação efetiva, devido, a falta de capital das empresas e/ou de particulares, ambos concessionários, [pois havia] ausência de vias de comunicação, dificuldades na comercialização da produção [...] e dificuldades na fixação da mão-de-obra. Diante da não implantação dos projetos, as concessões foram em grande parte anuladas.

Portanto, a formação da Companhia de Terras do Norte do Paraná – CTNP – ,instalada em 1925, tinha como objetivo original a plantação de algodão, matéria prima para a indústria manufatureira inglesa. Mas seus proprietários perceberam, no desenrolar dos acontecimentos na década de trinta, que a aquisição de glebas de terra para comercialização naquela região constituir-se-ia de fato em um negócio de grande rendimento.

Logo, a expansão dos novos cafezais rumo ao oeste do Norte Pioneiro se deu a partir da iniciativa privada da Companhia Barbosa, depois CTNP – adquirida em

seguida com a compra das glebas de terra. O prolongamento da linha de ferro, a comunicação e a fixação da mão-de-obra nos novos territórios abriram assim uma nova fase na colonização do norte paranaense, possibilitando a cultura de plantas não permanentes como, a cana-de-açúcar, nas antigas fazendas de café.

Vê-se desse modo que muitos ex-colonos tornar-se-iam proprietários de pequenos estabelecimentos rurais a oeste do Norte Pioneiro. Mas, em decorrência da operação custosa e demorada na formação do novo cafezal, conforme Da Costa (1958), novas formas de trabalho como o arrendamento e a empreita[62] vão transformar esta região em uma área de atração para migrantes nordestinos, passando estes a serem colonos dos antigos colonos.

É a partir deste contexto que se pode entender os interesses escamoteados pela Comissão Montagu[63] no Brasil, cujo objetivo seria estudar os processo usados para saldar nossa dívida[64] . O deslocamento da frente cafeeira, que até a metade da década de vinte se encontrava estacionada em Jacarezinho, dava início ao que poderíamos denominar, conforme Moraes Silva (1999), a *civilização da usina.*

[62] O arrendamento corresponderia a uma forma de trabalho no campo em que o pagamento se daria mediante uma importância em dinheiro, ou em produtos ao proprietário terra. A empreita, a forma mais utilizada para formação do novo cafezal, levando de 3 a 5 anos para se formar no norte paranaense, habilitava o trabalhador para o plantio de e cereais ou outros produtos, bem como a disposição da primeira colheita do café (Da Costa:1958, p.36)

[63] A Comissão ou Missão Montagu, diz Wachowicz (1986, p.141): *[...] "foi algo encomendado pelo governo federal à Inglaterra para vir estudar o sistema de impostos federais [...] Nesta Comissão entrou um inglês que na realidade não veio para prestar serviços a pesar das aparências [...]".*

[64] De acordo com Prado Júnior (1973), quando dos acordos com os portadores dos títulos brasileiros em 1898, estes somente seriam retomados depois de amortizados, isto é, após um período de três anos.

Capítulo III. - Quando o bairro é a vila

Passamos especificamente neste capítulo a descrever a Vila São Pedro, enquanto local em que se constitui e se constrói a rede de relações entre os sujeitos desta investigação.

Consideramos rede de relações sociais aquilo que em sociologia, nas suas mais diferentes filiações ao pensamento clássico, entende por ação do indivíduo, haja vista uma expectativa coletiva, diante de determinado local, espaço e tempo[65].

Falar de relações sociais, antes de tudo, pressupõe descrever aqui os contornos da paisagem em que se apresentam os homens e mulheres na produção e na reprodução de suas vivências.

Neste caso, estamos falando das condições de vida, expectativas e perspectivas em que se encontram objetivamente os trabalhadores do corte de cana fora do seu ambiente de trabalho.

Trata-se de um universo a ser descrito, mesmo de maneira breve: é a partir deste quadro que tentaremos entender a organização do modo de vida destes trabalhadores do corte de cana que conhecemos e com os quais mantivemos contato durante o breve período de investigação.

Descrevemos aqui, então, as condições históricas e cotidianas de uma vila que, sob o impacto das mudanças geradas com o avanço das relações entre capital e trabalho no campo, a partir do final dos anos quarenta, veio a se transformar em um dos bairros típicos de residência dos trabalhadores do corte de cana, e um dos mais populosos de Jacarezinho.

Mas antes de entrarmos propriamente na descrição do bairro e das condições em que se apresentam os cortadores em carne e osso, entendemos – que seja importante pontuar o debate que vinha acontecendo em torno das mudanças ocorridas na produção e na reprodução da estrutura agrária nacional: trata-se da chamada *modernização da agricultura*, cujos efeitos estão diretamente vinculados à temática desta pesquisa.

Dentre os autores que se dedicaram ao trabalho de interpretar e explicar estas novas relações no campo, frente à intensificação de investimento de capital,

[65]Bourdieu (1987), ao tratar da prática investigatória sobre a intelecção do real, entende que, a compreensão das relações objetivas é estruturada não só a partir de uma força exterior, mas de uma dialética entre estruturas exteriorizadas e estruturas interiorizadas, por isso a coerção social, fazer-se-

podemos destacar, as obras de José de Souza Martins (1975), Octavio Ianni (1975), Eunice Durhan (1973) e Maria Conceição D'incao (1975) ao tentarem, a partir de um compromisso com a verdade, entender as transformações no campo e suas implicações sociais.

Desta forma, as análises das relações sociais no mundo agrário, à luz da expansão e da alteração das relações de produção na agricultura com a intensificação na integração de interesses de capitais intersetoriais, constituem-se no ponto chave para se compreender fenômenos como urbanização, migração, assalariamento dos trabalhadores rurais, bem como a relação entre capitalismo e tradicionalismo no Brasil.

Martins (1975), ao tratar da denominada *ideologia da modernização,* entende que foi a partir de 1964, com a tomada de decisão do Estado em sustentar uma filosofia não protecionista, que na prática acabou por se firmar a intervenção de órgãos do governo na economia agrária, tornando-se possível propor uma política de preços, difundindo a figura do consumidor e não do empresário no mundo rural.

Pois, se por um lado, argumenta o autor, esta prática permitiu uma *ideologia da modernização no campo*, "não se fazendo inócua" no sentido de poupar gastos com a força de trabalho, por outro, a venda de insumos e máquinas agrícolas traduziu-se, muitas vezes, em compra de equipamentos que se faziam de pouca ou nenhuma utilidade[66].

Ainda segundo este autor, estas transformações econômicas, bem como o uso de novos equipamentos repercutiu diretamente na dispensa do colonato[67] como forma de utilização da força de trabalho.

Ressalta Martins (1975, p.29):

---

ia presente em determinado tempo e lugar, mas as ações dos indivíduos não ficariam à margem deste processo.

[66] Se por um lado os técnicos do governo viam o homem rural na sua melhor expressão como o "Jeca Tatu", personagem literário de Monteiro Lobato, valorizando o 'moderno' contra o 'tradicional', por outro não era raro, , encontrar nos sítios e fazendas equipamentos subutilizados ou não utilizados, adquiridos devido às pressões paternalistas de vendedores locais de máquinas; *"[...] ainda nessa época*, diz Martins (1975, p.30), *tive oportunidade de observar, em Rio do Peixe, a utilização do trator como veículo de passeio, por mais de uma família"* .

[67] Segundo Gontijo (1988), o colonato representou, na segunda fase da revolução agrícola no Brasil (1888-1889), com a abolição da escravatura e a emigração de trabalhadores, um *novo tecido de relações de produçã*o de grande diversidade na lavoura do Oeste Paulista, onde o trabalho assalariado conjugaria com um compromisso entre economia camponesa, garantindo a rentabilidade do fazendeiro do café. O "camarada", uma outra modalidade de ocupação no trabalho, conforme Ianni (1977), constituir-se-ia em um outro tipo de assalariamento temporário para ocasiões de desmatamento, apanha ou secagem de café e que, em muitos casos, tratava-se dos próprios sitiantes ou membros da família a estarem se assalariando em uma empreitada.

> [...] a sobrecarga de trabalho na colheita e nas carpas é atendida pelas 'turmas'. Então são formados por uma população de origem rural e residência urbana, 'expulsa' das fazendas porque as condições de trabalho tornaram-se desinteressantes ou opressivas, reunidas em torno de um empresário de um caminhão [...].

De acordo com Ianni (1977), ao comentar os estudos de Hofmam e Graziano sobre a agricultura brasileira, as novas relações de trabalho, a situação dos trabalhadores no campo, os altos índices de concentração da posse da terra nesse meio século (1920 -1970) – tudo leva a entender que a estrutura agrária em nosso país proporcionou um alto padrão de riqueza, possibilitando a manutenção e a ampliação do poder político e econômico em face da *proletarização rural*.

De acordo com o que se poderia denominar escritos clássicos sobre o avanço da conotação capitalista na agricultura brasileira, a maior parte dos estudiosos que se dedicaram ou se dedicam a sua interpretação, têm em comum o pressuposto de que é preciso, antes de tudo, partir das formas orgânicas que compõe a produção agrícola.

Por isso, antes de tudo, a posse da terra[68] e sua extensão se apresentam como condições fundamentais para se poder entender as relações de produção quanto ao uso da força de trabalho, mecanização e quimificação em larga escala, uma situação comum às grandes empresas rurais.

Em um estudo sobre a passagem da condição de colono a "bóia-fria", no período que se estende dos anos quarenta aos setenta no oeste paulista, na região de Assis, Brant (1977), concorda com a tese de que a posse da terra e suas formas de apropriação constituem uma unidade que permite explicar a diversidade no desenvolvimento recente do capitalismo na agricultura. Entende que a concentração de terras implicou, naquela região, não só na proletarização, enquanto resultado da separação entre trabalhadores rurais e meios de subsistência, como também na instabilidade no emprego[69].

---

[68] *"Dos dois sistemas tradicionais de aquisição de terra, a Sesmaria e posse, o primeiro depende da posição no sistema político – administrativo nacional e favorece o fazendeiro, o segundo da ocupação efetiva favorece o caboclo. Mas no jogo dos interesses por áreas de terras, particulares a possibilidade de manipular politicamente as instituições administrativas sempre prevaleceu sobre os direitos de ocupação efetiva do caboclo sem proteção lega. A divisão de terras melhores (por mais férteis ou acessíveis) entre um número relativamente pequeno de grandes proprietários cria uma escassez relativa de terras e despeja o posseiro ou ocupante de direito à propriedade, expulsando-o para áreas menos favoráveis ou obrigando-o a 'morar de favor' [...]".* (Durhan, 1973, p. 84)

[69] *"O surgimento dos 'bóias-frias' diferentemente de outras situações de desemprego rural, não resulta de modo imediato de modificações na estrutura da propriedade fundiária (expropriação de camponeses, etc.) nem da aparição de excedentes populacionais frente á escassez dos meios de subsistência [...] O novo exército industrial de reserva resulta de transformações nas empresas agropecuárias capitalistas que se desembaraçaram de sua mão-de-obra residente, sem que haja*

Portanto, o desenvolvimento da grande empresa estaria diretamente vinculado aos interesses e às relações de produção. A expansão da área de produção, conforme Ianni (1977, p.11) ao citar o estudo de Correia de Andrade,

> [...] é feita do emprego cada vez maior do fator capital, de vez que os grandes proprietários as sociedades anônimas fazem grandes inversões a fim de organizarem uma produção competitiva face à concorrência internacional e se processa com a incorporação de terras antes inexploradas ou ocupadas por pequenos agricultores que se deslocam abrindo frentes pioneiras [...] .

Segundo José Graziano (1981) já se teria ido o tempo em que se considerava a herança da terra herdada do período colonial como um entrave ao processo de formação do capitalismo, seja pela rigidez da oferta de trabalho, seja, pela expansão de um mercado interno.

Com o chamado milagre econômico, após 1967, ainda segundo Graziano (1981, p.21), vários autores passam a entender que a agricultura se constituía em um importante setor de articulação das *economias reflexas*, isto é, uma garantia à nova divisão internacional do trabalho entre as nações do centro e as da periferia. Ainda sendo o autor: *[...] "no desenvolvimento do capitalismo monopolista, a afirmação do capital na agricultura não pressupõe, nem necessita, apriori da destruição total das formas não especificamente capitalista [...]".*

Neste sentido, em relação à produção teórica, a crítica que se fez no decorrer dos anos setenta foi endereçada ao modelo dualista de Arthur Lewis (1970) que entendia, conforme Graziano (1981), ser o campo enquanto uma esfera de ação atrasada, carecendo se modernizar a partir do investimento do excedente do "setor moderno" – a indústria.

Segundo o autor de **o Bóia-fria; entre aspas e com pingos nos is**, os seguidores da concepção dualista atribuíam à agricultura um sentido "passivo" frente ao processo econômico dos demais setores, cabendo-lhe apenas a *função de liberar* mão de obra para o setor capitalista e alimentá-lo a preços constantes, uma vez que o salário de subsistência passaria a incidir sob o custo da alimentação.

---

possibilidade de outras formas de emprego rural permanente para maior parte dos trabalhadores. Assim ele surge de preferência nas regiões onde a ocupação da terra se tenha completado, depois que a agricultura no capitalismo penetrou através das grandes plantações, ou naquelas em que um processo de concentração da propriedade territorial tenha precedido a intensificação da produção agropecuária [...]". (Brant: 1977, p. 40)

Há que se afirmar que esta dualidade, conforme Francisco de Oliveira (1986, p.11), constitui um dilema vivenciado por boa parte da intelectualidade latino-americana: está ao buscar no binômio "sociedade moderna" e "sociedade tradicional" os fundamentos do modelo dualista, *[...] "reconciliava o suposto rigor científico das análises com a consciência, levando a proposições reformistas".*

Para além deste debate, que foi muito intenso entre os economistas, também houve, pode-se dizer, de acordo com Oliveira (1986), a contribuição de outros cientistas sociais: sociólogos, historiadores e cientistas políticos. Tratando das mais diferentes facetas da realidade nacional[70], quase todos buscavam responder a questões do tipo: a quem serve o desenvolvimento capitalista no Brasil? Ou então: em que circunstâncias se encontram os setores marginalizados neste processo?

Segundo Cardoso (1988), apesar da contribuição das análises da teoria da marginalidade, que vinham dominando a cena intelectual há muitos anos na América Latina – em relação aos estudos sobre mercado marginal de mão-de-obra, incorporando inclusive o referencial marxista – com a crise intelectual iniciada nos anos sessenta e a crítica as formas convencionais de conhecer, permitiu-se que nesse momento ressurgisse, principalmente no Brasil, o interesse por estudos de favelas e bairros periféricos[71].

Os cientistas sociais, de modo geral, neste novo momento vão buscar na utilização de entrevistas longas e na convivência com o informante o que Cardoso (1988, p.98) denomina *[...] "uma espécie de volta ao significado em seu estado puro,*

---

[70]Conforme Martins (1997, p.145): *No começo da década de 70 Florestan Fernandes, Fernando Henrique Cardoso, Octavio Ianni, Maria Silvia de Carvalho Franco estavam fazendo pesquisas e estudos para, no fundo determinar o padrão do desenvolvimento histórico e capitalista da sociedade brasileira. Tratava-se de descobrir e trabalhar a nossa singularidade nas características universais do capitalismo e, ao mesmo tempo, investigar suas tendências e possibilidades [...]. Minha primeira pesquisa, e outras que fiz depois, partiam dessas orientações e das contribuições teóricas [...]. Em particular, enfatizo a importância dessa marca da 'escola sociológica de São Paulo' que foi a de tomar como referência metodológica da pesquisa científica não necessariamente o que está no centro do processo histórico, mas aquilo que está num plano secundário ou marginal [...]. O meu trabalho procurava seguir esse padrão. Fui estudar o pólo atrasado do desenvolvimento capitalista [...]. Não se tratava de retomar polarizações e dualismos [...] nos anos 50. Tratava-se de reconhecer no atrasado, no anôma-lo, no marginal a mediação que oferece a compreensão mais rica do processo histórico [...] o lugar histórico de bloqueio e resistências" .*

[71] *"No campo dos estudos sobre a classe operária também há uma inflexão no mesmo sentido: diminui o número de estudos sobre sindicatos ou relações industriais e aumenta o daqueles que procuram reproduzir o cotidiano dos operários, e cujo objetivo é desvendar o enigma de um suposto conformismo político. E o interesse principal da pesquisa engajada passa a ser mostrar os sinais velados de inconformismo e resistência que são delimitadores de um espaço operário".* (Cardoso,1988, p.97)

ao 'discurso real', a fim de descobrirem novos sentidos não previstos pelas análises macroestruturais".

Martinez-Alier (1975), em sua pesquisa, pretendendo focalizar e discutir o que vem a ser a condição do trabalho sob a perspectiva dos próprios trabalhadores. As condições objetivas da rotina de trabalho de uma turma de 40 a 45 trabalhadores que se dirigem um pouco antes das sete da manhã a um grande caminhão de bancos duros e sob um teto de encerado, parecem fazer parte justamente desta problemática apontada por Cardoso .

O mesmo ocorre em Carvalho (1978), ao descrever a queda de uma mulher de uma carroceria de caminhão – um dos principais personagens de sua crônica sobre o cotidiano de trabalho de apanhadoras de café – muito embora construindo uma narrativa ficcional. Porém, tal como Martinez-Alier (1975), parece-nos também buscar não só o universo objetivo em que se encontram os personagens de suas histórias, mas o universo das representações sociais em que se processam vivências e condições por que passam milhares de brasileiros que migraram do campo para a cidade.

Há que se enfatizar, no entanto, de acordo com Ianni (1968), que esta proposta, sob o ponto de vista de uma prática investigatória, parece estar diretamente ligada a um dos dilemas do pensamento brasileiro: a tentativa de se compreender a mentalidade do homem simples[72], cujo interesse, enquanto área de pesquisa, vinha se manifestando, principalmente, durante a vigência da democracia populista entre o período de 1945 a 1964.

Entendemos, então, que Martinez-Alier e Carvalho, se não partiram destas perspectivas, descritas por Cardoso e Ianni, foram no mínimo influenciados por esta atmosfera intelectual ao construírem os seus textos, deixando, como mesmo diz Martines-Alier, as mulheres do caminhão de turma – como muitas outras que se encontram, diariamente, postadas nas estradas interioranas do Estado de São

[72] Lembram-nos Ianni (1968, p. 114): *"Sob muitos aspectos, as artes e as ciências sociais estão descrevendo os aspectos importantes e ocasionais, cruciais e episódios da consciência dos homens simples. Isto é, estão realizando uma fenomenologia da consciência ingênua. Nesse sentido, aprendemos como essas pessoas percebem as outras pessoas do seu ambiente: a mulher e os seus filhos, os companheiros de trabalho e a luta, o beato e o cangaceiro, o marginal e o esperto, o soldado amarelo e o capataz, os que estão acima e os que estão abaixo. Compreendemos as suas vagas impressões sob o que é autoridade e o que é governo, dinheiro e o trabalho, a virtude e o pecado, deus e o diabo".*

Paulo, à espera de serem levadas ao trabalho – falarem por si mesmas das tais condições.

Ou então, como faz Carvalho, dando voz a apanhadoras de café para falarem sobre a sensação de medo, da ameaça e da necessidade em que vivem os trabalhadores que vêem sob seus pés a terra encolhida e que míngua a cada dia no país imenso.

Moraes Silva (1999) ao retomar os trabalhos de alguns autores aqui citados, entende que muito já foi escrito sobre a questão do processo que permitiu a expulsão de colonos e parceiros, arrendatários e pequenos proprietários de suas antigas formas de produção.

Mas considera importante tecer algumas considerações sobre a questão político jurídica quando da promulgação do Estatuto da Terra e do Estatuto do Trabalhador Rural, pois enxerga neste processo, se não as explicações para as condições em que se encontram hoje, ao menos as pistas para interpretar o que esta autora denomina como um dos fatores primordiais da *modernização trágica da agricultura brasileira* face a rubrica do Estado[73].

Pois diante das novas condições político econômicas dos anos setenta, sublinha Moraes Silva, mais importante que discutir o conteúdo expresso nas leis promulgadas pelo Estado seria entender o que elas representaram, bem como os motivos que propiciaram o seu sancionamento.

Segundo Moraes Silva, o embate entre trabalhadores e proprietários de terra, no campo jurídico e político, era algo que vinha acontecendo desde os anos cinqüenta, mas os movimentos por reformas, tanto no campo como na cidade, já nos anos sessenta vão propiciar uma movimentação social até então inédita.

No entanto, com a promulgação das leis que acabaram favorecendo a expulsão dos trabalhadores das fazendas, barrando o acesso à terra e aos locais em

[73] Referindo-se a Thompson (1984), Moraes Silva entende, antes de tudo, que a lei e sua interpretação estão vinculadas aos processos econômicos e aos conflitos de classe, pois o direito é um terreno em que se dá a mediação de oposições. Daí que para entendermos as transformações ocorridas com a modernização trágica do campo, com a promulgação do Estatuto da Terra e o Estatuto do Trabalhador Rural nos anos setenta, seria necessário termos como referência a produção do discurso das classes dominantes na sua versão desenvolvimentista de condenação ao campo dado o seu atraso, a sua fraca produtividade, os seus métodos atrasados e a miséria de seus trabalhadores.

que se davam as antigas formas de trabalho, através do arrendamento, da meação e das atividades próprias dos colonos e parceiros. Por este dispositivo jurídico acabou se garantindo os interesses dos proprietários de terras e a formação de uma grande massa expropriada e desenraizada da sua cultura. Instituindo-se a aventura da busca por novos locais de residência e de trabalho.

Logo, o Estatuto da Terra, bem como o Estatuto do Trabalhador Rural, proporcionariam a manutenção da propriedade privada e não a reforma[74]. Por isso estas leis – que em um primeiro momento pareciam sacrificar o poder econômico imposto aos proprietários – segundo Moraes Silva (1999), ao longo do tempo, de fato contribuem para produzir e reproduzir a propriedade privada enquanto um instrumento de captação do sobre trabalho.

Diz Moraes Silva (1999, p. 66):

> Portanto, o colonato não tinha mais razão de ser. Essas leis, na verdade, regulamentaram a expulsão do trabalhador do campo, retirando-lhes não apenas os meios de subsistência como também os direitos trabalhistas. Surge o 'bóia-fria', trabalhador volante, eventual, banido da legislação. O 'bóia-fria' é duplamente negado, enquanto trabalhador permanente e enquanto possuidor de direitos. Negam-lhe até o direito de ser trabalhador, Imprimindo-lhe a nominação de 'bóia-fria', sentida como vergonha, humilhação [...]. Arrancam-lhe não só a roça, os animais, os instrumentos de trabalho. Desenraízam-no retirando-lhe, sobretudo a identidade cultural, negando-lhe a condição de trabalhador [...]. Esse processo de valorização da força de trabalho [assalariada] permitiu os sucessos da modernização agrícola, garantidas pelo Estatuto da Terra (1964) e pelo Proálccol (1975).

Livres das amarras que os prendiam às antigas formas de produção e a um único patrão – sob a lógica da *indiferenciação* – os antigos colonos vão se ver na condição de adequar seus corpos às produções de cana, café, laranja e à organização do trabalho ditada pelo seu parcelamento nos mais variados períodos do ano. Uma condição, ainda segundo esta autora, paradoxal para aqueles que, apesar de trabalharem o ano todo, são considerados efêmeros, vagabundos, errantes, nômades.

---

[74] Em relação aos interesses da classe dominada, os Estatutos da Terra e do Trabalhador Rural constituíram-se em um modo de barrar, politicamente, as reivindicações por reformas sociais advindas dos setores de esquerda, trabalhadores urbanos e trabalhadores rurais. Além disso, com a criação da confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (Contag) e os direitos trabalhistas estendidos ao campo, polarizou-se, ainda segundo Moraes Silva (1999), a luta entre os próprios trabalhadores que acabaram entrando em uma situação permanente de conflito em relação a grande maioria de trabalhadores "bóias-frias" que até não são reconhecidos como trabalhadores por esta lei.

Esta condição indiferenciada de serem pertencentes, individualmente, a este ou aquele patrão, implicitamente trouxe consigo neste novo rearranjo espacial a concepção de igualdade de chances a todos aqueles que se encontravam livres para vender a sua força de trabalho; mas, na verdade iria se traduzir, a partir das categorias étnico-raciais, classe social e gênero, em uma lógica da *diferenciação,* um modo de mascarar as relações de trabalho e as relações sociais de produção.

A dialética da diferenciação/indiferenciação, além de assegurar a circulação da força de trabalho, propiciaria, ainda segundo Moraes Silva (1999), o controle e a dominação como uma variação deste processo contraditório: em que os contratos de trabalho com a vinda da mão-de-obra de outros estados, caracterizar-se-iam como uma forma de rebaixar os salários e desmantelar uma possível unidade reivindicativa desses trabalhadores.

Em decorrência dos meus primeiros contatos com os cortadores de cana na Vila São Pedro e da leitura dos trabalhos de Martinez-Alier (1975), Carvalho (1978) e Moraes Silva (1999), esta dissertação, no que diz respeito à questão metodológica, de fato é influenciada diretamente por estas leituras, na sua proposta de conhecer a sensação do risco-perigo, as ameaças e os medos entre os cortadores de cana.

Martinez-Alier (1975), trata das impressões, interpretações e reminiscências da categoria trabalho no itinerário de mulheres cuja história de vida encontrava-se marcada por expectativas e anseios comuns. Diante das condições em que se encontrava o mundo agrário, ela nos conta do significado de ser e não ser “bóia-fria” em um caminhão de turma numa cidade do interior do Estado de São Paulo, nos anos setenta.

Ao refletirmos sobre esta questão é que pensamos em partir das condições mais comuns pelas quais passam e vivem estes trabalhadores: ou seja, o bairro enquanto um local que oferece suporte aos sujeitos sociais para se lançarem rumo ao talhão, e que se constitui em um universo, não em oposição, mas em conexão com o *mundo do trabalho* nos eitos dos canaviais.

Enfim, entendemos que a pesquisa de Martinez-Alier (1975), a crônica de Carvalho (1975) e a investigação de Moraes Silva (1999), revelando a preocupação de interpretar vivências, sentimentos, medos, ameaças e perigos enfrentados por

uma parcela da população cada vez mais expropriada da sua humanidade, nos inspiraram na elaboração desta dissertação.

A vila anuncia o surgimento do bairro

Cinco horas da manhã, ainda está escuro, mas o movimento na José Pavan já é grande. Não é um vai e vem apressado e frenético como nos bairros operários das grandes metrópoles. Pelo contrário, o movimento é o da espera e de paciência pelo dia que será longo.

Parte do comércio também já está aberto; é fim de safra e o cansaço, mesmo após a noite de sono parece não ter reabilitado as forças daqueles que vêm trabalhando uma média semanal de quarenta e oito horas.

Nas padarias e bares, doces, bolachas e principalmente pães são os alimentos mais vendidos e, muitas vezes, deglutidos ainda no caminho para o trabalho. No período em que estivemos realizando esta investigação, saíam da José Pavan cerca de vinte ônibus de turma com destino aos canaviais nos arredores da cidade e, até mesmo, para outros municípios no Estado de São Paulo.

Para quem vem no sentido centro-bairro, a José Pavan é uma das principais, senão a principal via de acesso à Vila São Pedro. Na Vila Rondon a José Pavan se chama Dr. Heráclito, e somente depois de cruzar o ribeirão Ourinhos, o *Malária*[75], – limite da divisa entre as Vilas – é que passa a receber o nome do candidato a prefeito que veio a falecer em campanha eleitoral.

No passado, lá pelos idos anos sessenta e setenta, segundo alguns testemunhos, a José Pavan, até então rua Cambará, foi ao longo do seu percurso o maior ponto de saída de cortadores de cana e de apanhadores de café e algodão em Jacarezinho.

Foi um tempo em que os turmeiros disputavam, revela um empreiteiro, os melhores trabalhadores para tê-los em suas turmas: um tempo em que mais se ganhou dinheiro, lembrava-nos um outro empreiteiro[76] , nostálgico.

---

[75] A Água Feia e a Água da Prata, fontes formadoras do riacho, esta última no passado, constituíram-se, conforme a descrição do capítulo anterior na primeira aguada conquistada pelos Alcântaras na fundação do município

[76] Em uma de nossas observações sobre o cotidiano dos cortadores de cana após a jornada de trabalho, tivemos a oportunidade, em janeiro de 2001 – período de plantio – de participar, em um dos

Contudo, para entendermos a história da formação do Bairro, é preciso recuar no tempo em que este local era uma fazenda, ou seja, a fazenda Alagoas, de propriedade do coronel Batista[77]. Depois de uma sucessão de proprietários, já no final dos anos quarenta – dividida em uma série de seis lotes, um deles, uma faixa estreita de terreno – passa então a receber as primeiras construções de tábuas.

Surgia deste modo uma das primeiras Vilas em Jacarezinho, a ter em seu perímetro residencial casa construída, em sua maioria, por ex-colonos que estavam deixando as antigas fazendas do café.

A Vila São Pedro, em seus primeiros tempos, possuía como paisagem, conforme um dos seus primeiros moradores, somente goiabal e pasto,

> [...] na época em que Pedro Escandolo comprou de algum, há muito de passagem [...] depois resolveu lotear [...] antigamente era cafezal, formado por cima, por estes morros aí, mas eu não cheguei a conhecer o café nesse tempo, porque [...] foi em mil novecentos e trinta... e dois, eu morava na fazenda Flora[78].

As sucessivas divisões da fazenda Alagoas revelam que estava surgindo um bairro operário, mesmo com as novas áreas de plantio do café em franca expansão rumo às margens do Tibagi.

Os finais dos anos quarenta trazem uma nova dinâmica ao vale do Paranapanema: o início da produção canavieira[79], proporcionando diferentes relações na organização do trabalho, um outro ritmo de vida entre os trabalhadores, agora residentes na cidade; de modo geral, vão se tornar assalariados ou diaristas nas novas fazendas de cana, tal como nos antigos cafezais.

---

bares que é ponto de saída e chegada dos trabalhadores vindos dos canaviais, do encontro entre quatro empreiteiros que, em meio a alguns copos de cerveja, discutiam sobre a entrada da safra e as duas máquinas para o corte, recém adquiridas pela usina.

[77] Foram ex-proprietários da Fazenda: Jonas Fernandes de Mello, que a vendeu para Terturiano de Souza, depois para Jorge Melco – construtor de uma olaria –, mas que irá, após, dividir a propriedade em seis lotes, vendê-los a Pedro Escandolo, Joaquim Carvalho, José Quintino de Campos, Antonio Spiacci, Joaquim Fonseca e Scylla Peixoto (Caça ao tesouro, 1987, p. 1)

[78] Alvino Batista, depoimento gravado e concedido ao autor em 16 de dez. de 2000, em Jacarezinho.

[79] É interessante notar que de 1920 a 1950 houve, de acordo com Fresca (2000), um avanço das frentes pioneiras na busca de novas terras para o plantio de café. Mas já nos finais dos anos quarenta, com a aquisição de algumas antigas fazendas pela Companhia de Melhoramentos do Norte Paraná, deu-se início à produção da cana-de-açúcar em substituição as plantações permanentes de Jacarezinho e Cambará.

Podemos então dizer, ao interpretarmos Bray (1980), que os anos quarenta trouxeram ao vale do Paranapanema, a partir do cultivo da cana, uma nova perspectiva em sua produção, ou seja: a industrialização do campo[80].

Porque, com a implantação das usinas na região, e após as medidas adotadas pelo Instituto do Açúcar e do Álcool – IAA – em 1933, proibindo a produção do açúcar mascavo, em prol do açúcar cristal, ocorre um novo impulso na produção canavieira em todo o país (Bray: 1980).

E o vale do Paranapanema, especialmente, torna-se uma das regiões que mais se fortaleceu com tais medidas e que, ainda hoje, tem nestas agroindústrias a principal característica produtiva e de oferta de trabalho.

Segundo Bray (1980), até os finais da Segunda Guerra Mundial, o açúcar de "aparência grotesca" era produzido por engenhocas; sua comercialização e consumo eram realizados localmente.

Mas com o término da Guerra e a intensificação das inspeções do Instituto do Açúcar e do Álcool, as antigas engenhocas passaram a se dedicar à produção de aguardente e até mesmo se tornaram fornecedoras das novas usinas que vinham se instalando a partir 1942[81]; ou então fechando suas portas, como fizeram muitos engenhos.

Com relação à saída dos colonos das antigas fazendas de café e a aquisição dos terrenos loteados, disse-nos Batista, que além de construtor foi comerciante de material de construção na Vila São Pedro:

> [...] as fazendas tinham os colonos, mas [...] foram tirando aquelas colônias bonitas, tudo que era bem arrumado os campos de futebol [...]. Mas começou a vir esta nova lei, um erro do governo, pois a cidade tem que ter uma lei para ela, mas nenhum rural pode ser igual na cidade, tem que ser diferente. E veio a lei, os fazendeiros passaram a cobrar um quinto por mês do ordenado que a pessoa ganhava para pagar aluguel. A casa que tivesse um só morador pagava um quinto, mas tinha casa que tinha meia dúzia de

[80] Conforme Bray (1980), a cultura da cana-de-açúcar é algo existente no vale do Paranapanema, desde as décadas de vinte e trinta, mas até então esta se encontrava vinculada a alambiques e engenhos.

[81] *"No ano de 1942, após a portaria n.º 17 de 3 de novembro, foi autorizado a instalação de novas usinas em vários estados da federação, e entre eles o Paraná, com a fundação de duas usinas de açúcar e álcool no vale do Paranapanema: a Central Paraná no município de Porecatú, e a Bandeirante no município de Bandeirantes"*. (Bray:1980, p.112-113). A quarta usina a ser construída no vale do Paranapanema seria de Jacarezinho, cujo proprietário é o grupo empresarial paulista Mesquita Filho S/A – também donos da Cia. Melhoramentos Norte do Paraná S/A – CMNP – (Bray, 1980, p. 118)

> pessoal, então se descontava de todos, e foi indo, tiravam as plantas, as pessoas não podiam se animar. Olha, uma embrulhada, então começaram a indenizar o povo que daí começou a vir para cidade. Então chegavam aqui. Nós cansamos de vender madeira fiado. O Escandolo vendia os lotes para o sujeito ir pagando e fazer a casinha, seu Joaquim Ribas e o Barão – Scylla Peixoto – vendiam para as pessoas irem pagando o lote [...].

Foto 1



Colônia de café da fazenda Califórnia – junho de 2001

O desaparecimento gradual do colonato em Jacarezinho, a partir do final dos anos quarenta, parece-nos assim estar relacionado diretamente à expansão das fronteiras de produção agrícola e à intensificação do plantio da cana.

A cafeicultura brasileira, conforme Brant (1977), na busca de melhores terras e na tentativa de responder ao acréscimo da demanda dos mercados internacionais teve na disponibilidade da grande quantidade de terras o seu desenvolvimento, deixando para trás solos desgastados. Estes se tornarão, no futuro, áreas de plantio de culturas não permanentes.

Foto 2



Família de colonos à espera do despejo – junho de 2001

Ao mesmo tempo, com a abertura de novas fazendas rumo ao rio Tibagi, o desmatamento parece ter sido uma prática comum entre os cafeicutores. Seu sub produto, a madeira, tornou-se uma mercadoria farta e barata, dado o número de serrarias, tanto no bairro em formação como no restante dos municípios e na região[82].

Lembra Batista:

> Tudo de Madeira. Naquele tempo [...] é porque nós tínhamos depósito aqui, era fácil. Dirceu Piazza[83] tinha uma serraria muito grnade alí, o Barão

[82] De acordo com Aimone (1975), a primeira serraria a ser instalada em Jacarezinho foi a de João Frutuoso de Mello Coelho em 1910, aproveitando a água do Ribeirão Ourinhos e colocando uma roda d'água, a fim de movimentar uma serra para desdobramento da madeira. Depois dele, várias outras serrarias foram instaladas, inclusive a de Higino Flóride na Vila São Pedro.

[83] Luiz Antonio Piazza um outro pioneiro em Jacarezinho, conforme Aimone (1975), além de construtor de várias casas na entrada da Vila São Pedro – alugadas e mais tarde vendidas aos seus operários – também ali instalou olaria e serraria e talvez seja um dos integrantes da família Piazza, sendoé citado por Batista em nossa entrevista.

também tinha depósito de material. Tinha madeira por todo canto. Santo Antonio (da Platina) tinha serraria, então era fácil... de tijolo era caro.

Foto 3



Conjunto de casas de madeira na vila São Pedro – junho de 2001

Ainda de acordo com o testemunho do antigo morador, foi no final de 1946 que ele e sua família se instalaram na Vila, dando funcionamento em 1947 a um depósito de venda de madeira, por consignação da fazenda Igapó, posteriormente arrendada por Higino Flóride, que também iria instalar ali uma serraria.

Foto 4



Casa vazia de antigos colonos – Fazenda Califórnia – junho/2001

Hoje, a maioria das casas é de alvenaria, e não de tábuas como no passado, apesar de algumas poucas ainda serem testemunhas dessa época.

A Vila São Pedro – de um espaço restrito a uma faixa de terra – em nossos dias passou a se fazer em um *pedaço* mais abrangente que os três quarteirões da sua antiga área física.

Para quem vem do centro e não tem conhecimento dos limites divisórios entre as diversas vilas que compõe o bairro (e até mesmo para alguns que lá moram), toda aquela área que veio a se expandir mediante os novos loteamentos constituir-se-ia em uma única Vila.

O sentido e o sentimento de pertencer a um espaço mediado por condições habituais parecem, pelo menos em um primeiro momento, corresponder a uma identidade comum entre aqueles que lidam com o corte da cana.

Embora os problemas mais freqüentes – falta de calçamento e instalação de rede de esgoto nas ruas – não mais façam parte da área física da vila São Pedro[84], para os moradores do seu prolongamento estas dificuldades continuam a existir, como se essas novas vilas fossem pedaços diversos que traduzem, a partir da condição do trabalho e as típicas situações de moradia, um sentimento comum de pertencimento e de identificação de quem lá vive[85].

Pelo que pudemos observar, conforme alguns depoimentos, a vila São Pedro se constituiria em um "pedaço" próprio, com problemas específicos que tende a se projetar, caracteristicamente, como um lugar típico de moradia de assalariados rurais. Contudo, as novas vilas, apesar de vivenciarem situações parecidas com as do bairro em seu início, possuem, segundo alguns moradores, necessidades e identidades outras que reclamam uma alternativa em termos de identidade[86].

Nos seus limites ao norte, sul e oeste, o bairro mantém divisas com fazendas e sítios. A noroeste localiza-se, em seu prolongamento, as Vilas Dom Pedro Felipak, Vila Maria e Jardim João Afonso. Este último separado das áreas residenciais nobres da cidade por uma faixa de terra, talvez destinadas à especulação imobiliária.

Seguindo o planejamento educacional da Secretaria Estadual, o colégio José Pavan, fundado em 1952, é destinado ao ensino médio, e, o ensino fundamental a unidade municipal João Aguiar. No passado, quando a vila ainda era um bairro rural, a escola mantinha suas atividades na tulha de café da fazenda Spiacci.

Em 1948, entretanto, conforme Barbuio (2000), depois de cedido por um comerciante de madeira, o ensino passou a ser realizado em um barracão. Portanto, pode-se dizer que este fato vem marcar o inicio da urbanização da vila.

---

[84] A vila São Pedro está localizada na zona oeste de Jacarezinho e mantêm limites com as habitações surgidas a partir de antigos loteamentos como: vila Scylla, vila Maria e jardim Ismenia. Atualmente está ocorrendo um prolongamento ao norte através dos jardins: Pedro Escandolo, Boa Vista e Dom Pedro Felipak.

[85] Conforme alguns moradores e comerciantes a maioria das casas da vila São Pedro – em seu prolongamento – não possui rede de esgoto. E mesmo onde se tem rede, o esgoto não é tratado, pois cai in-natura no ribeirão Ourinhos.

[86] Ao procurar o endereço de um dos nossos entrevistados, morador na Vila Maria, acabei encontrando um antigo aluno que estava autoconstruindo sua residência. A surpresa e a curiosidade foram mútuas, mas dizendo que estava fazendo uma pesquisa, procurei travar de imediato uma conversa acerca de suas expectativas ao vir morar no prolongamento da Vila São Pedro.

No relato apresentado pelo documento abaixo, descreve-se claramente o lugar de onde provinha a maioria dos alunos da periferia, bem como as atividades que estes alunos executavam nos anos setenta.

No caso da vila São Pedro e nas demais vilas, apesar do relatório não oferecer dados estatísticos sobre o número de volantes ou empregadas domésticas, fica evidente que a maior parte dos trabalhadores cursavam as quatro primeiras séries. E que o corte de cana, neste período, parecia oferecer o maior número de vagas no mercado de trabalho, além do trabalho infantil ser considerado uma condição comum e de normalidade.

Porém, o mais interessante é que este documento, conforme a citação acima, revela um tom preconceituoso: esta parcela da classe trabalhadora é retratada como inferior devido ao baixo, ou nenhum poder de consumo destes homens e mulheres. Vejamos ainda a seguinte passagem do relatório:

> Em decorrência do ambiente em que vivem, evidentemente a maioria dos nossos educandos possui baixo nível cultural. Constatamos que a maior parte dos pais é composta de semi-analfabetos; seu único meio de distração são (sic) as 'quermesses' que as Vilas promovem. Poucos freqüentam cinemas e quase nenhum conhece teatro. Quase todos freqüentam igrejas, havendo predominância de católicos entre estudantes e suas famílias.

Portanto, pelo modo como são descritos os homens e as mulheres que vivem na vila São Pedro, teríamos naquele bairro uma determinada sociabilidade de segunda categoria. Contudo, esta situação, quer queiramos ou não, parece estar vinculada às condições vivenciadas por homens e mulheres face às necessidades de uma determinada época.

Estes homens, como as mulheres da turma eram e ainda são denominados pela imprensa como "volantes" ou "bóias-frias" e, de modo geral, moram nas periferias das cidades[87]. Muito embora a característica singular desse grupo de trabalhadores seja, na visão de Graziano (s.d., p. 52), a de

---

[87] Mesmo longo, considero ilustrativo o depoimento recolhido por Durhan (1973, p. 121) em relação ao processo de migração ocorrido na região de Ribeirão Preto, quando da passagem de antigos colonos à condição de assalariados no caminho rumo a cidade. Diz o informante: *"Quando casou minha irmã mais velha, éramos colonos na fazenda Guatapará: minha irmã veio para São Paulo com o marido tentar a vida. Logo depois veio também um irmão meu. Na mesma fazenda moravam também meu avô e um tio (irmão do meu pai): Nessa época (1947) os filhos já eram grandes e meu pai resolveu tocar terra a terça. Achava que podia ganhar mais. A família do meu avô e o meu tio foram também. Lá é comum os trabalharem na mesma fazenda. Quando um sai; os outros vão junto. Depois de uns dois anos, a fazenda foi loteada e tivemos de sair. 'Fomos para a fazenda Capão das Cruzes. Lá trabalhamos como empregados; dois dos meus irmãos lidavam com o gado, ganhavam*

> [...] apesar de ser um assalariado rural, ter o seu custo de produção determinado ao nível do setor urbano. Não é uma questão de privilégio o local de residência que é em si uma característica secundária; mas sim as implicações que decorrem no processo de proletarização que dá origem ao volante. Ele personifica a união entre proletariado rural e urbano no sentido de que a força, a convergência do custo de reprodução da mão-de-obra entre agricultura, implica na unificação do mercado de trabalho, o que representa uma ampliação da reserva de toda força de trabalho de toda economia, com os benefícios que daí derivam para o capital.

Com relação à reprodução das condições de sobrevivência das famílias trabalhadoras é importante salientarmos que também o modo como estas conseguem a satisfação de suas necessidades físicas e biológicas, encontra-se relacionada à maneira como os integrantes destas famílias se vêem e são vistos.

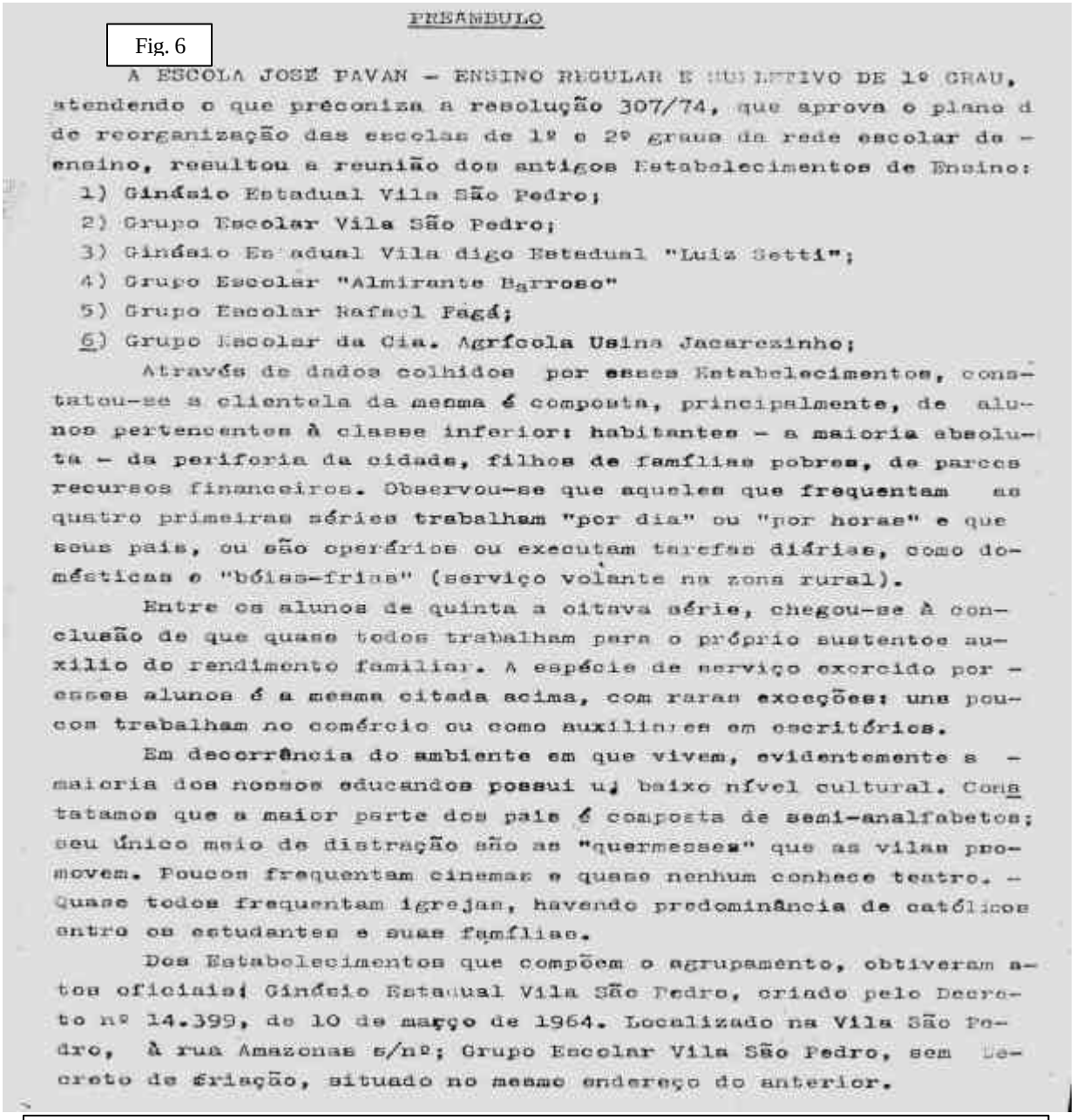
Poder-sei-ia dizer, conforme Telles (1993), que a família dos trabalhadores encontra-se hierarquizada em papéis tradicionais que permitem definir uma moralidade e um modelo de autoridade centralizado na figura do chefe provedor. Através dela, define-se a figura do homem e o da mulher, do adulto e o da criança, isto é, a construção de identidades[88].

---

por mês; meu pai no corte de madeira, recebia por tarefa. Os menores ajudavam como podiam. Nesse tempo minha irmã ficou viúva em são Paulo com 2 crianças e voltou com o meu irmão, que não tinha acostumado com o trabalho. Como o serviço de madeira era perigoso e não tinha ocupação para as irmãs, o pai resolveu mudar para a fazenda Figueira. Não ficamos nem um ano em Capão das Cruzes. Fomos todos, menos um irmão, que continuo trabalhando com gado lá mesmo. Na Figueira ficamos uns 5 anos, como colonos. Minha irmã viúva casou outra vez e ficou morando junto conosco. Gostamos muito daquela fazenda; a gente podia plantar mantimentos no cafezal e o fazendeiro ainda dava terra para plantar. Quando venderam a fazenda fomos embora. O cafezal estava velho e cortaram quase todos eles. Fomos tocar terra ameia na fazenda Santo Antônio. Meu avô não foi junto. Veio para São Paulo morar com a filha. Meu tio também não. A irmã mais velha, já foi juntar com os parentes do marido. Outra irmã casou e foi embora. Ficamos só um ano nessa fazenda. Meu pai brigou com o administrador por causa da pulverização do algodão. Voltamos a trabalhar com café, dessa vez na fazenda Aparecida. Saímos depois de dois anos, porque os donos começaram a plantar mantimentos. Outro irmão casou e foi com a mulher para Pirassununga, perto dos parentes dela. Lá trabalhava até hoje n'um engenho de cana. Entre os litros de cachaça. Voltamos para a Figueira, como empregados. Meu pai no viveiro de eucalipto, eu como carroceiro. Meu irmão mais velho arrumou emprego no armazém de outra fazenda – está nesse emprego até hoje. Depois de um ano meu pai brigou com o dono, por causa de um dinheiro adiantado – não sei bem. (Voltamos para fazenda Aparecida), cortando pita de empreitada. Pagavam Cr$ 0,40 por feixe de 30 folhas. Uma das minhas irmãs foi trabalhar na fábrica de cordas, que ficava perto. Quando acabou a colheita da pita, fomos colher café em outra fazenda. Mas daí eu briguei com o administrados... .Então resolvi vir para São Paulo. Estava cansado daquela vida. Vim com meu irmão mais novo para chamar a família quando tivesse arrumado emprego [...] ".

[88] Em uma das nossas entrevistas em maio de 2000, quando estivemos observando o movimento dos pacientes atendidos na Santa Casa de Misericórdia de Jacarezinho, obtivemos o seguinte relato do cortador de cana Reinaldo, branco, de 27 anos e residente em Santo Antônio da Platina: *"Bom, rapaz, eu comecei* [a trabalhar] *nos meus onze anos de idade, cortando cana. Através da separação do meu pai da minha mãe, tive que trabalhar junto com ela para ajudar a criar os meus dois irmãos. Então, foi assim rapaz, entrei na luta da roça e estou até hoje, e não consegui sair até hoje. Abandonei meus estudos, já era pouco na época, mas era novo tinha toda chance de recuperar e ter um bom estudo, hoje entrei na luta na roça e estou até hoje, sou um homem formado, sou um pai de família e a gente tá defendendo o pão do dia-a-dia na usina, cortando cana".*

Fig. 6



PREAMBULO

A ESCOLA JOSÉ PAVAN - ENSINO REGULAR E SUPLETIVO DE 1º GRAU, atendendo o que preconiza a resolução 307/74, que aprova o plano de reorganização das escolas de 1º e 2º graus da rede escolar de ensino, resultou a reunião dos antigos Estabelecimentos de Ensino:

1) Ginásio Estadual Vila São Pedro;
2) Grupo Escolar Vila São Pedro;
3) Ginásio Estadual Vila digo Estadual "Luiz Setti";
4) Grupo Escolar "Almirante Barroso"
5) Grupo Escolar Rafael Pagá;
6) Grupo Escolar da Cia. Agrícola Usina Jacarezinho;

Através de dados colhidos por esses Estabelecimentos, constatou-se a clientela da mesma é composta, principalmente, de alunos pertencentes à classe inferior: habitantes - a maioria absoluta - da periferia da cidade, filhos de famílias pobres, de parcos recursos financeiros. Observou-se que aqueles que frequentam as quatro primeiras séries trabalham "por dia" ou "por horas" e que seus pais, ou são operários ou executam tarefas diárias, como domésticas e "bóias-frias" (serviço volante na zona rural).

Entre os alunos de quinta a oitava série, chegou-se à conclusão de que quase todos trabalham para o próprio sustento ou auxílio do rendimento familiar. A espécie de serviço exercido por esses alunos é a mesma citada acima, com raras exceções: uns poucos trabalham no comércio ou como auxiliares em escritórios.

Em decorrência do ambiente em que vivem, evidentemente a maioria dos nossos educandos possui u; baixo nível cultural. Constatamos que a maior parte dos pais é composta de semi-analfabetos; seu único meio de distração são as "quermesses" que as vilas promovem. Poucos frequentam cinemas e quase nenhum conhece teatro. Quase todos frequentam igrejas, havendo predominância de católicos entre os estudantes e suas famílias.

Dos Estabelecimentos que compõem o agrupamento, obtiveram atos oficiais: Ginásio Estadual Vila São Pedro, criado pelo Decreto nº 14.399, de 10 de março de 1964. Localizado na Vila São Pedro, à rua Amazonas s/nº; Grupo Escolar Vila São Pedro, sem Decreto de criação, situado no mesmo endereço do anterior.

FONTE ; PARANÁ. *Secretaria da Educação*. Histórico do Grupo Escolar Vila São Pedro. In: Caça ao tesouro. [S.L: s.n.], 1987

Ainda que nossa pesquisa sobre os cortadores de cana na vila São Pedro se refira às condições objetivas deste tipo de trabalho, ela revela não só a insegurança pelo valor salarial recebido, mas também o fantasma do desemprego assustando as famílias de trabalhadores. Esta investigação, também, acena para as condições ambientais internas e externas do trabalho no talhão de cana, mostrando o seu controle sobre o corpo, ritmo e competição entre os cortadores de cana.

A ameaça, da miserabilização, manifesta através do desemprego, põe à prova constantemente os arranjos familiares. A superação dessa condição,

entretanto, dependeria de um esforço coletivo empreendido no âmbito da família, uma tensão constante em que se faz presente a fatiga e o consumo da saúde do trabalhador.

Vê-se deste modo que a miserabilidade, dada a insuficiência dos salários do chefe de família, faz do ingresso de mulheres e filhos no mercado de trabalho, um imperativo na estratégia da sobrevivência, a fim de assegurar a sobrevivência da família através da soma dos salários.

No entanto, a condição de trabalho para mulheres e jovens é marcada por discriminações nas relações de gênero, idade, raça-etnia, ou ainda, conforme analisa Telles (1993), são estas pessoas as principais candidatas às formas de subemprego.

O mercado de trabalho, segundo Telles, pressupõe uma lógica da verdade que quer refundar tradições, a partir da produção de sua verdade, por isso constrói a imagem de um chefe de família como ator principal, classificando-os, ou então o desqualificando como provedor do seu lar[89].

Em suma, a vila São Pedro, desde o seu alvorecer, traz consigo, emblematicamente, um modo de viver de uma parcela da população que se viu expulsa das antigas fazendas. Destituída e desenraizada de suas origens, impedida de produzir as suas condições de subsistência, classificada como um contingente de segunda categoria, esta parcela da classe trabalhadora viu-se obrigada a reinventar um modo de viver.

Ainda que sob a ordem da civilização da usina e a imposição de uma socialização para o trabalho, com seus mecanismos de controle e dominação, é ainda na prática social deste contingente, em sua estratégia de sobrevivência, que se deve buscar as

---

[89] Ressalta Telles (1994, p.65): *[...] "seria possível dizer que o mercado constrói as evidências – os salários baixos, o emprego instável, o trabalho desqualificado e desvalorizado – que fundam a lógica da verdade na qual se ancoram as representações do trabalho feminino e infantil como secundário e menos importante em relação aos chefes provedores. Isso significa dizer que as condições vigentes no mercado de trabalho refundam tradições que não são de agora na produção de sua verdade [...] Drama que se qualifica por referência a um universo simbólico no interior do qual identidades são construídas e que faz do chefe de família uma figura plena de conteúdo moral, que faz dele um sujeito que se reconhece e é reconhecido pelos outros na medida em que, através de seu trabalho, garante a sobrevivência de seus familiares" .*

pistas para a interpretação de um *saber local*, bem como o modo de lidar com essa condição de trabalho no universo do talhão de cana.

Bairro: cortadores de cana, empreiteiros e antigos moradores

Como vimos no tópico anterior, a *formatação do bóia fria* obedece a uma relação direta entre a passagem da *civilização do café* para a *civilização da usina***.** E o bairro, em seu desdobramento, enquanto ambiente de manutenção e reprodução das relações sociais de produção, constitui-se em um cenário em que se dão as tramas das relações entre cortadores de cana e turmeiros.

Neste sentido, entender a vila São Pedro e seu prolongamento enquanto local de onde saem cerca de vinte turmas de cortadores de cana – de um total de trinta e cinco, entre aquelas contratadas pela usina de Jacarezinho –, quantitativamente, faz deste bairro um espaço privilegiado aos interesses da agroindústria se entendermos que são mais de 900 trabalhadores rumo a talhões de cana durante o período da safra[90].

Frente à perspectiva de estar interpretando a relação entre bairro e talhão enquanto universos contíguos em que se dão práticas de dominação, hierarquização e representações sociais – sob o ponto de vista da materialidade do discurso sobre o risco – é importante se buscar a compreensão dos depoimentos dos cortadores de cana e de turmeiros, em suas sucessivas trajetórias de vida, mediante as condições objetivas do reordenamento e manutenção da força de trabalho fora do ambiente do talhão de cana, isto é, em suas práticas como moradores da Vila.

Assim, neste tópico procuramos, em um primeiro momento – com antigos moradores – o testemunho para as novas situações que vinham ocorrendo com o surgimento do bairro. Buscamos no relato oral a experiência vivida pelo narrador em relação ao processo de produção de uma consciência coletiva referente a grupo, profissão e camada social – levando-se em conta também as novas relações de trabalho e a experiência de viver em um período e um ambiente fundamentais aos interesses da agroindústria local.

[90] Ainda deste ponto de vista é interessante perceber que dentre o total de trabalhadores registrados em Jacarezinho, conforme dados preliminares dos Registros Administrativos – RAIS 2000 – do Ministério do Trabalho – MTB – 1579 trabalhadores se encontravam neste período relacionados ao grupo de atividade produção de açúcar e álcool, e, dentre estes, 69,78 % estavam ocupados no cultivo de cana de açúcar, 22,48% na usina de açúcar e 7,98 na produção de álcool.

A opção por investigar a memória viva dos antigos moradores, deu-se pela necessidade de reunir em tempo hábil material que pudéssemos entender a formação do bairro enquanto um local em que se constrói e se reproduz um modo de viver relacionado a determinadas situações: a oferta e a procura de trabalho, a submissão e a subordinação, a resistência e a resignação, isto é, aquilo que Moraes Silva (1999) denomina *socialização para o trabalho*[91].

Na busca da composição de um quadro populacional da vila São Pedro ,procuramos nas estatísticas oficiais das Secretarias e Departamentos da Prefeitura de Jacarezinho, e também em órgãos como IBGE, o número de moradores por bairro, ou quaisquer outras informações que possibilitassem esta perspectiva. Mas o resultado deste esforço se mostrou sem resultados objetivos à medida que percorríamos estas entidades.

A sensação que tínhamos era de estar à procura de uma agulha em um palheiro; mas por sorte ou azar, quando estivemos em uma destas Secretarias, depois de nos identificar e solicitar o número dos residentes na vila, uma das servidoras da Prefeitura – procurando na sua pasta alguns dados, mas não conseguindo encontrar – disse-nos também lá residir, assim como a colega de trabalho que se encontrava ao seu lado.

No entanto, podíamos perceber no diálogo das duas moradoras, claramente um conflito em relação à concepção de pertencimento e identidade entre estas vizinhas de bairro. Quando que uma delas declarava também ser moradora na Vila São Pedro, a outra, negando esta sua condição, afirmava ser a colega uma residente das imediações do bairro.

Mas, em conformidade, diziam elas que a vila São Pedro *"é só um miolinho"* e que à sua volta havia mais de oito vilas e quase todos que residem naquelas imediações identificava-se como moradores daquele antigo bairro, formado por três quarteirões de casas.

---

[91] A socialização para o trabalho não estaria restrita ou circunscrita a variáveis econômicas determinadas pela oferta e procura do trabalho. O dispêndio da energia física e mental do trabalhador exigiria, além de uma capacidade corporal, a capacidade intelectual em se submeter a formas de controle estipuladas por normas, regras, maneiras de entendimento do mundo, mas também, poderíamos dizer, as formas e estratégias de resistência.

A falta de estatísticas sobre a população residente na vila São Pedro e o diálogo observado entre as vizinhas foram essenciais para que decidíssemos buscar na memória daqueles que lá residem ou não, o sentimento de pertencimento e de identidade, bem como aquilo a que aspiram ser.

Em um primeiro momento, nesta dissertação, buscamos construir uma memória oral, a partir das recomendações de Pereira de Queiroz, limitando-nos a coletar o depoimento de três testemunhos, frente a acontecimentos compartilhados e vivenciados a partir do final dos anos quarenta.

Contudo, é preciso dizer que optamos por não aprofundar as nossas questões sobre este campo da história oral[92]; pois a seleção dos temas e subtemas contidos nas entrevistas, o sentido da (re) construção do indivíduo em uma coletividade, a experiência social a partir das relações sociais sob a retina da análise do discurso, de fato correspondem ao que mais nos interessa nesta investigação.

Toma-se assim, para efeito de uma primeira aproximação com a temática da sensação e percepção sobre risco-perigo no corte de cana, a construção da memória coletiva da vila São Pedro, mediante o depoimento de três testemunhos; as idades – para os dois primeiros narradores – encontrar-se-iam na faixa etária entre aqueles com mais de oitenta anos.

Estes antigos moradores (inclusive um deles tendo sua moradia nas proximidades da vila São Pedro) apresentam em seu relato – como poderemos verificar – um texto entrecortado por sentimentos de pertencimento construídos como que em oposição entre o **eu** e o **outro**: isto é, entre os que moram ou que moravam na vila Rondon – local de sua residência – e aqueles que residem ou que residiram na vila São Pedro.

O terceiro narrador tem sua importância para a investigação, neste tópico, não só pela sua experiência como um dos mais antigos empreiteiros do bairro, mas também pela sua trajetória enquanto pessoa que quase sempre viveu em usina até vir para a Vila São Pedro. Chegou até a trabalhar, ainda quando criança, no corte da

[92] Ao procurar definir o que vem a ser a história oral, Pereira de Queiroz (1997), chama-nos à atenção para o fato deste termo ser muito amplo e dizer respeito a uma quantidade de relatos e fatos não registrados por um outro tipo de documentação que não a memória do narrador.

cana, acompanhando a instalação daquilo que viria ser, na região, um dos principais locais de contratação dos trabalhadores.

No caso do nosso primeiro narrador é importante acrescentarmos que a entrevista se deu por intermédio de um informante que nos levou à sua residência, após as nossas primeiras explorações iniciais no bairro – descritas no primeiro capítulo desta dissertação.

Dentre os vários assuntos abordados nesta entrevista, o que mais enfocamos foi a representação de como se deu o inicio da Vila. Porém, pudemos observar neste narrador, como os demais, a insistência em relatar aquilo que mais consideravam ser digno de ser registrado, procurando, por assim dizer, demonstrar por todos os meios os aspectos que mais lhes pareciam satisfatórios, nos quais procuramos interferir o menos possível[93].

Pereira de Queiros (1997) ressalta que a história oral, apesar de lidar com história de vida, distinguir-se-ia desta última pelo fato desta procurar no relato a convergência destes depoimentos sobre um mesmo acontecimento em um determinado período, um testemunho capaz de revelar uma veracidade[94].

Entretanto, a história de vida estaria mais interessada na enunciação dos acontecimentos vividos por um membro ou membros de um grupo social, de sua profissão, de sua camada social e de sua sociedade global, ou seja: aquilo que cabe ao cientista social desvendar, ultrapassando o caráter individual, interessando-se mais pela coletividade em que o narrador se insere.

Com relação à biografia dos nossos entrevistados é preciso observar que estes agentes sociais narram as suas experiências de acordo com os grupos em que se inscrevem, ou que se inscreveram sob a mira das práticas sociais, daí as

[93]Na verdade a cada episódio relatado pelos sujeitos desta pesquisa sentíamos estar entre o desejo de intervir um pouco mais no depoimento e a dúvida em permanecermos calados por não termos claro se aquilo que iráimos perguntar mantinha alguma relação com a temática abordada pelo narrador e com o tema da nossa investigação.

[94] Não é, pelo menos nas Ciências Sociais, o depoimento de alguém sobre determinada situação ou realidade que estabeleceria o sentido da veracidade, mas, de acordo com Pereira de Queiroz (1997), o fato da comparação ou confrontamento entre relatos e outras fontes que poderiam proporcionar uma maior proximidade com a verdade científica. Por isso dizer a autora que*"(...) nas ciências sociais, o depoimento perde o seu sentido de 'estabelecimento da verdade' para manifestar somente o que o informante presenciou e conheceu* ". (p.275)

situações locais se remeterem a expectativas e à produção daquilo que interpretam e aspiram ser.

O ex-comerciante

Neste tópico – mesmo que não se tenha como prioridade uma preocupação imediata com a veracidade dos acontecimentos enunciados – para efeito de investigação e convergência entre fatos e a perspectiva histórica, os relatos do ex-construtor/comerciante que passaremos a analisar trazem em si, de modo **dizível** e **indizível**, a relação entre busca de novas áreas de trabalho e a saída dos trabalhadores de antigas regiões de plantio de café.

Portanto, o relato do Sr. Alvino Batista, ao se apoiar em acontecimentos que perpassam a atmosfera vivida por ele e sua família em seu trajeto rumo à cidade, traz uma materialidade discursiva que permite enunciar um sentido, um modo de interpretar a sua condição enquanto pessoa, bem como a posição da sua família neste processo denominado por Graziano (s.d) como mercantilização das relações de trabalho**.**

Logo, a biografia do ex-construtor/comerciante, futuro morador da fazenda Leoflora (a qual viria se tornar, em 1924, o local em que estão a se articular os anseios dos cafeicultores do Norte Pioneiro) permite-nos entender este testemunho como algo recorrente para a reconstituição de uma memória oral em relação às transformações que estavam acontecendo naquele momento em Jacarezinho. Um olhar próprio de quem se apresenta como herdeiro da tradição em se trabalhar no ramo da construção civil, uma prática, segundo seu Alvino, que *[...] "já vem mal de família... [...]"*.

Diz o ex-construtor:

> Então eu vim a Jacarezinho, lá da fazenda Flora [Leoflora] a pé, com onze anos; dezoito quilômetros vim e voltei, nem dei bola, calado, enfiando lá pelo meio do mato, seis léguas em 1926. Vim com meu pai arrumar serviço aqui. Jacarezinho era tão pequeno que não tinha casa para alugar, então o pai do Dr. João Aguiar que era o administrador, era o que estava construindo o hospital em 1924, foi quando começou o hospital em Jacarezinho. Isso é importante se o senhor for gravar, ele começou em 1924.

O fragmento acima do ponto de vista do **dizível** e do **indizível**, para efeito de uma primeira aproximação entre as ciências sociais e a análise do discurso, nos faz perguntar sobre o sentido da construção de um hospital e o fato da cidade não possuir casas para alugar, constituírem-se para o narrador/enunciador em temas que mereçam ser abordados.

Talvez a tentativa de se estar interpretando estas questões, como procuraremos demonstrar, esteja vinculada ao próprio fato do narrador e de sua família serem migrantes em busca de melhores dias. Seguiram, neste aspecto a expansão das frentes de trabalho rumo às terras do Norte Pioneiro no Estado do Paraná com seus cafezais em franco desenvolvimento e, por isso, elemento fundante e recorrente no evidenciar das posições ocupadas pelo locutor da narrativa.

Daí a memória sobre a construção do hospital, para este ex-comerciante, assim como a busca do próprio trabalho, constituírem-se em temas a serem não só ditos, mas também registrados pelo nosso gravador, pois o sentido e o significado desta instituição se encontram atados à ação e à enunciação do sujeito em seu discurso.

Por isso interpretarmos o hospital, em sua representação simbólica, como algo que corresponde à segurança, manutenção e garantia do viver dos familiares do ex-construtor e de outros moradores residentes no município; bem como as ações desses agentes sociais nas terras do norte do Paraná, um risco calculável.

> Nasci numa fazenda de café, porque uma fazenda dava muito serviço para construção, fazia terreiros, casa de máquinas e todas essas montagens, e então quer dizer que nasci em Sertãozinho foi uma fazenda importante [...], agora quando eu tinha onze anos e meio, isso no dia quinze de julho de 1924, nós viemos aqui para o município de Jacarezinho [...] na fazenda Barbosa, aí eu fui criado ali, saímos algumas vezes e voltamos [...] .

Pode-se verificar pelo relato acima, que as fazendas de café ofereciam para aqueles que se instalavam em suas dependências não só o trabalho de plantio e manutenção do cafezal[95], mas uma série de outros afazeres.

---

[95]Conforme Stolke (1986, p. 62-63) *"Além das famílias de colonos uma fazenda sempre possuía um grupo de camaradas, homens solteiros ou jovens famílias que viviam na propriedade e recebiam um salário mensal para tarefas tais como transportar café dentro da fazenda, secar e processar o café, preparar os pastos, levantar e consertar cercas, manter as estradas da propriedade e outros serviços manuais, eram geralmente executados por esses camaradas. Os colonos também podiam ser empregados em tais serviços em dias avulsos, por um salário diário que constituía uma fonte*

Contudo, o motivo da saída da antiga região em busca da fronteira agrícola – a qual estava em franco desenvolvimento[96], – não se apresenta, para o ex-comerciante/construtor, como algo que mereça ser mencionado neste relato.

Por isso, entendemos a possibilidade de se estar desenvolvendo a análise de uma discursividade que se apresenta sob o terreno da ideologia, enquanto produto do encontro da materialidade da história e da materialidade da língua em suas formas discursivas[97], isto é, sob a forma do **dito** e do **não dito** em seus vários sentidos.

> Em 1946, no principio de 46, minha mulher ficou doente, eu morava na fazenda, não deu pra mudar. Mudei quando ela melhorou, em quinze de julho de 1946, daí a quatro meses eu fiz daqui pra lá [...]. E esse [cômodo] aqui foi feito quatro meses depois. Foi aí pelos meses de setembro e outubro de 46.

Neste aspecto, entender o nível lingüístico e o extralingüístico manifesto, tanto no relato acima como nos demais, é estar atento à relação entre o evento do discurso e o sentido em que eles são enunciados.

Daí que a percepção do perigo e risco, segurança e confiança manifestarem-se como o que pode e o que não pode ser dito, isto é, como caráter próprio de um conjunto de enunciados marcados pelas mesmas regularidades que perpassam um conjunto de práticas e representações que definem um texto enquanto unidade complexa de significação[98] .

No caso do texto[99] acima, a passagem que anuncia a vinda para a cidade, a princípio, não se apresenta ao ex-comerciante como fato negativo ou positivo – pelo

---

adicional de renda para as famílias de colonos, e, finalmente às propriedades que empregavam uma série de trabalhadores qualificados".

[96] *"Os primeiros sintomas de enfraquecimento das terras na região de Ribeirão* [Preto] *levaram Barbosa Ferraz a transferir-se para o norte do Paraná, lá adquirindo grande área de terras entre Ourinhos e Cambará, onde plantou morando cerca de um milhão de cafeeiros. A exuberância da nova cultura fez atrair novos lavradores. Entretanto, a grande distância e a extrema precariedade dos meios de transporte redundaram na perda de grande parte das safras cafeeiras".* (Padis: 19981, p. 88)

[97] Seguindo a mesma filiação que Orlandi, entende Brandão (1991) que o discurso não seja apenas um instrumento de comunicação, ou suporte do pensamento, mas algo em interação com um modo de produção social, um lugar privilegiado na manifestação da ideologia, por isso ela não se faria neutra e tamouco inocente.

[98] Brandão (1991)

[99] Ainda sobre a questão entre discurso e texto, segundo Orlandi (1987*) [...] "eles se eqüivalem, mas em níveis conceptuais diferentes. Isso significa que o discurso é tomado como conceito teórico e metodológico e o texto, em contrapartida, como conceito analítico correspondente [...]. Se considerar o texto nesta perspectiva teórica estabelecida pelo discurso, não basta dizer que o texto é a unidade de análise, mas sim que o texto é a unidade complexa de significação, consideradas as condições de*

menos enquanto algo que mereça ser enunciado. As condições que levaram o sujeito do discurso a abandonar a vida no campo permanecem como algo a ser valorizado, mas não necessariamente pronunciado.

Contudo, não é porque não se acha dito que o evento – a vinda para a cidade, a vila ão Pedro – enunciado em seu silêncio, não seja capaz de produzir formas e sentidos, mesmo porque, de acordo com Orlandi (1993, p. 13):

> O silêncio é assim a 'respiração' (o fôlego) da significação; um lugar de recuo necessário para que se possa significar, para que o sentido faça sentido. Produto do possível, do múltiplo, o silêncio abre espaço para o que não é 'um', para o que permite o movimento do sujeito.

Neste aspecto, a vinda para a cidade far-se-ia presente como algo **não dito**, permitindo a construção de argumentos sobre a condição social do comerciante de madeira em ascensão, que chegou a ser proprietário de mais da metade do quarteirão da vila, habitada quase que exclusivamente por ex-colonos que estavam a se transformar em assalariados rurais.

> Bem, quando eu entrei aqui [na vila São Pedro] logo começou..., quando chegou no dia vinte de março de..., eu tenho as contas correntes guardadas aí, dia vinte de março de 1947, pus um depósito de madeira aqui, tinha um corredor que saía para aquele lado de lá... Todo dia tinha um caminhão de madeira que serrava na serraria da fazenda Igapó, o Higino Flóride que mais tarde mudou prá lá, também arrendou aquela fazenda, mas eu, já naquela época, vendia aquela madeira por comissão e então a vila começou a expandir, começou a crescer porque tinha o depósito de madeira. Nós chegamos a ter trezentos e quatorze quites em conta corrente de pessoas que compravam em conta. Naquele tempo o prejuízo..., a madeira valia muito pouco e o dinheiro era muito forte, então em quatro anos no depósito vendemos mil e quinhentos contos de madeira e recebemos mil e quatrocentos e noventa e cinco, perdemos só cinco e então foi indo, foi indo, aí logo o primeiro comerciante que veio aqui, ele morreu há pouco tempo [...] pois um negocinho, aí depois foi pra cidade e ficou sócio do Japonês.

Para o Sr. Alvino Batista, a condição material, a necessidade do abrigo e a moradia a ser construída, parecem ser os elementos de confiança que permitiriam, a partir da sua experiência como construtor e comerciante, organizar a reprodução não só da sua família, mas também a concepção de pessoa[100] pertencente a determinado grupo social.

---

sua realização [...] . O texto pode ter qualquer extensão: pode ser desde uma simples palavra até um conjunto de frases [...] ". (p.159)

[100] Conforme Brandão (1986) o conceito de pessoa tende a ver com aquilo que o indivíduo remete ao universo de símbolos e nomes com os quais os grupos sociais se definem, isto é, com aquilo que os

No relato acima, o sujeito do discurso se coloca como um facilitador do processo de habitação da vila, a partir do que Giddens (1991, p.. 28) denomina *[...] "'deslocamento' das relações sociais de contextos locais de interação e sua reestruturação através de extensões indefinidas de tempo-espaço"*, deixando de ser uma antiga região produtora de café para se constituir e integrar-se à *civilização da usina***.**

> Nesse quarto aqui nasceu oito filhos, minha mulher teve dez ao todo, dois no sítio para lá e oito aqui; tudo com parteira no sistema antigo, e então fiquei aqui na vila sem mudar, cinqüenta e tantos anos no mesmo quarto e na mesma casa. Isto não tem ninguém na vila e outra coisa, essa casa aqui está no centro desse quarteirão. Esse quarteirão tem oitenta metros assim: ali para baixo tem oitenta e seis, oitenta e sete e aqui na frente tem oitenta e oito, então o senhor mede de lá aqui, é que eu fui comprando devagar e cheguei a ter mais da metade do quarteirão, fazendo frente para aquela estrada de Cambará, que é ali e para a rua Mato Grosso que é ali, e para a rua Minas Gerais que é aquela ali com os vizinhos.

O fato das famílias terem muitos filhos e o ato de se dispensar a prática médica e seus peritos – pelo menos quanto à realização dos partos – como relata o ex-comerciante no fragmento acima, obedeceria a uma escolha que perpassaria ainda os valores sociais – cultuados tradicionalmente.

Ainda que a seleção dos riscos relevantes – através da medicina com os seus peritos – encontre-se enunciada como algo **não dito**, o que fica evidenciado no relato do ex-comerciante, é que a forma de lidar com o ato de se conceber os filhos, através do cuidado das parteiras, corresponda a um tipo de medicina popular culturalmente reconhecida e incorporada pela população[101] – mesmo estando o hospital funcionando desde 1924.

Vejamos ainda o seguinte depoimento do Sr. Alvino, em relação à sua trajetória de vida, frente ao surgimento da vila São Pedro e os vizinhos com os quais manteve proximidade:

> Então depois veio loguinho o depósito de madeira, foi em quarenta..., o depósito começou em quarenta e sete, o italiano Luiz Antonio de Carvalho, que fez uma casa de madeira e depois uma venda; depois teve um outro, da casa Progresso, que foi o seu fundador e que hoje em dia é de um

---

sujeitos e atores de determinado grupo pensam e se percebam em suas relações de troca de bens e de serviços.

[101] Para Mingueneau (1997, p.49) a eficácia do discurso tem que suscitar a crença, neste aspecto o co-enunciador, a parteira em sua ação *[...] "não é um indivíduo para quem se propõe ' idéias' que corresponderiam aproximadamente a seus interesses; é também alguém que tem acesso ao 'dito' através de uma 'maneira de dizer' que está enraizada em uma 'maneira de ser', o imaginário de um vivido"* .

> sobrinho meu [...]. Depois veio vindo outros [...] e teve o Dico, que era muito sabido, lidava com gente, com caminhão de bóia-fria e mulherada, trabalhando por estas fazendas [...] .

A situação, tanto imediata como mediata, revela que a vida urbana, em termos específicos à vila São Pedro, apresenta-se como lugar em que se inscrevem e em que se inscreveram práticas sociais e, por isso, guardam significações, dada a posição social ocupada pelos diferentes seguimentos sociais, bem como o modo como se enunciam os respectivos discursos.

Enquanto efeito de sentido, o discurso do Sr. Alvino traz consigo a marca do seu relacionamento com agentes sociais envolvidos diretamente na trama das relações de troca entre mercadoria e dinheiro.

No encontro entre memória e discurso, na passagem acima, pode-se verificar que o sentido da formação da vila obedeceu, para o ex-comerciante, à ação empreendedora dos negociantes, nos seus mais variados ramos de compra de madeira e venda dos terrenos a prazo.

O estabelecimento do comércio, assim como a relação social entre comerciantes e clientes, traz como tema **não dito** a questão do dinheiro, uma vez que ele é uma parte inerente da vida social na vila. Com ele, surge a questão do prejuízo enquanto um perigo para quem não o detinha, ficando impossibilitado de alienar propriedades – a não ser através da força de trabalho, a única propriedade dos assalariados rurais.

> [...] eu tenho as contas correntes guardadas aí [...] Nós chegamos a ter trezentos a quatorze quites em conta corrente de pessoas que compravam em conta. Naquele tempo o prejuízo...; a madeira valia muito pouco e o dinheiro era muito forte, então em quatro anos no depósito vendemos mil e quinhentos contos de madeira e recebemos mil e quatrocentos e noventa e cinco, perdemos só cinco [...] .

Poder-se-ia dizer que o tema confiança-segurança se apresenta neste fragmento acima de maneira **não dita**, isto é, marcado por um silêncio em relação ao tipo de lucro e as transações feitas a crédito; enquanto o risco-perigo, em caso do cliente não ter podido honrar com sua dívida, se apresenta como algo a ser **dito**.

Entendemos estar lidando neste aspecto com o silêncio no sentido das condições do significar, portanto, enquanto espaço de recuo em que o locutor[102] lança mão da sua memória e elabora um texto entrecortado por palavras; estas, mesmo sendo ditas, estarão necessariamente não dizendo outras, muito embora não deixando de compreender uma série de sentidos[103].

> [...] as fazendas tinham os colonos, mas as fazendas foram tirando aquelas colônias bonitas, tudo que era bem arrumado, os campos de futebol. Mas começou a vir esta nova lei, um erro grave do governo, pois a cidade tem que ter uma lei para ela, mas nenhum rural pode ser igual na cidade tem que ser diferente. E veio a lei, os fazendeiros passaram a cobrar um quinto por mês do ordenado que a pessoa ganhava para pagar o aluguel. A casa que tivesse um só morador pagava um quinto, mas tinha casa que tinha meia dúzia de pessoal, então se descontava de todos, e foi indo, tiraram as plantas, as pessoas não podiam se animar, olha; uma embrulhada; então começaram a indenizar o povo, que daí começou a vir para a cidade. Então chegaram aqui, nós cansamos de vender madeira fiado. O Escandolo vendia os lotes para o sujeito ir pagando e fazer a casinha, Seu Joaquim Ribas e o Barão também vendiam para as pessoas irem pagando o lote, então foi crescendo.

Conforme o texto acima, fica evidenciado que o Sr. Alvino Batista muda o sentido da discursividade em sua enunciação ao narrar a chegada na vila das pessoas provindas das fazendas de café, para habitá-la como "bóias-frias", bem como a expropriação material que estas sofreram ao virem para a cidade.

Mas, além disso, os temas que até então não se mostravam ditos quando da narrativa da trajetória de vida do ex-comerciante passam a ser expressos: é evidente que se tratava de uma parcela de população que viria se tornar um grupo social distinto e cliente potencial do seu e dos demais estabelecimentos comerciais. Portanto, há um deslocamento de enunciação, com relação à posição do sujeito do discurso que estava pensando sobre o que e o como falar de si, para um discurso sobre o que ou quem.

A saída dos ex-colonos das antigas fazendas passa então a ser uma interpretação sobre o que, em relação à evidência da igualdade perante a

---

[102] Conforme Brandão (1991, *p, 92*) locutor corresponde *a [...] "uma função enunciativa que o sujeito falante exerce e, através da qual se representa com o eu no discurso, mas não é um ser no mundo , pois trata-se de uma ficção discursiva" .*

[103] É interessante percebermos que a análise do movimento dos sentidos do silêncio, como diz Orlandi (1993, p.24), apresenta-se como: [...] "a) um silêncio fundador, aquele que existe nas palavras, que significa o não dito e que dá espaço de recuo, significante produzindo as condições de significar e b) *a política do silêncio que subdivide em b1) silêncio constitutivo, o que para dizer é preciso não dizer (uma palavra apaga necessariamente 'outras' palavras) e b2) o silêncio local, que se refere à censura propriamente em que as palavras constituem um silêncio (aquilo que é proibido dizer em uma certa conjuntura".*

indiferença da lei, apresentando aquele que morava no campo, mesmo vindo residir no mundo urbano, como um sujeito de segunda categoria. Daí a lei necessitar ser distinta para aqueles que residem no campo e por isso, [...] *"a cidade tem que ter uma lei para ela, mas nenhum rural pode ser igual na cidade, tem que ser diferente".*

O ex-sitiante

Em um outro depoimento o Sr. Pedro, morador desde sessenta e oito na divisa entre a vila São Pedro e vila Rondon, contou-nos que passou a viver na cidade depois de ter saído em cinqüenta e dois do sítio de seu pai.

Na entrevista, agendada um dia antes, o ex-cortador de cana demonstrava não estar encabulado com os temas suscitados, relatando-nos passagens da vinda do seu avô na comitiva dos Alcântaras[104] e suas experiências como cortador de cana, apanhador de café, empreiteiro e funcionário da Prefeitura.

Apesar de se encontrar bastante debilitado, o porte físico deste homem negro de altura avantajada, fez-nos acreditar que na juventude, o vigor de sua força tenha sido a sua principal ferramenta para as tarefas que exigiam a disposição do corpo em relação às condições adversas do trabalho.

Na sala de estar, local em que fomos recebidos, pudemos observar quadros e fotografias de casamentos – e de um filho morto aos quatro anos – bem como a solidão da velhice manifesta no volume baixo da voz do narrador, que a mantinha inalterada até ao tratar de assuntos relacionados ao pai e à organização do sítio.

As palavras, de maneira geral, pareciam não querer sair quando pronunciadas. Tivemos muita dificuldade com a interpretação e compreensão dos assuntos abordados pelo ex-sitiante e também a transcrição da entrevista, pois até então não havíamos deparado com tal modo de falar.

---

[104] A Água da Prata, primeira aguada conquistada pelos Alcântaras, mais que um lugar em que se deu o nascimento e criação do ex-sitiante, traz à sua memória os seus antepassados e a condição da sua existência, pois, segundo este, o avô havia vindo na comitiva do velho fazendeiro mineiro em 1888; e ele *[...["não era italiano, ele era um gambo, ele era um holandês. Meu avô era brasileiro, foro criado aqui no Brasil, né? Na cidade de Minas, então o pai do Antonio de Alcântara se dava com meu avô,* [porque] *foi criado tudo junto, então ele trouxe meu avô para cá..., dizia que meu avô era parente deles, era irmão deles; ele era bem claro [...] vendeu um terreno pô meu avô. Meu avô comprô o terreno, pagô e ele falô pô fio* [Antonio Alcântara] *tirá a escritura pô meu avô e desse o terreno que ele comprou. Ele* [o filho] *tapiou meu avô e ficou com os terreno de novo, por fim meu avô se acabou por aqui, desgostoso [...]".*

Durante o nosso diálogo[105], procurei temas que remetessem não só à questão do trabalho e à percepção do risco, mas também a assuntos como discriminação racial[106] e aquilo que pensava estar ou ter realizado – quando morou próximo à Vila São Pedro e nos diferentes ambientes de trabalho em que atuou.

Em seu relato o ex-cortador de cana ressalta, ao tratar da compra do sítio pelo pai, que dentre todas as tarefas e formas de trabalho realizadas por ele, aquela foi a mais difícil e árdua, pois,

> [...] quando nós entramos lá, peguemo aquilo. Comprou aquilo no machado, parece que custou vinte cinco conto. Então a gente vendia lenha pra estrada de ferro, vendia lenha na cidade, derrubava pra comprar o sítio. Então [se] meu pai fosse um... podia dá o café pra um cara [plantar, mas não] plantemo doze mil pé de café. Tocá o café, fazer pasto, criar porco, fazer uma coisa, fazer outra, então, meu pai não quis dar pra ninguém tocá. Foi um mineiro que...; não sei rapaz, parece que não quisesse que nada que fosse dele [fosse tocado por uma outra pessoa] então falavam pra ele: 'tem que fazê muita coisa pra pagar, tem de formar pasto, tem que fazer mangueirão de porco; então podia por uma pessoa'? 'Ah não [dizia o pai] vô tocá. Nós mesmo toca, não vou dá pra ninguém não'. Mas, o senhor não agüenta tocá tudo isso daí, o senhor não agüenta, mas nós vamos guentá: Alguém vai perde, se nós vamo investí na terra... . Então, pra tocá tudo isso daí não dá, tem que fazer uma coisa ou [fazer] outra, o tempo pra formar o café nós não pode ocupá do mangueirão e do pasto... .Eu via outros, o quê eles fazia; lá tinha um vizinho perto de nós que deu o café por quatro anos prá uns home lá. E aqui, pra cidade, já tinha olaria; [ele] foi tocá a olaria e o [colono] fez o café, formou quinze mil pé de café lá em quatro ano e nós plantemo doze mil pé e não podemo formar. O café tinha uma coisa: cobrir com uma coisa ou outra, carpindo...; o nego [ficava] lá no pé de café [direto]. O que mais a gente fazia? Vamo fazer o pasto, vamo fazer mangueirão, vamo fazer isso aqui, vamo fazer aquilo outro [...] nós era em três filhos, nós era [na realidade] em quatro [homens junto com o pai] e eu era o mais véio, então cada um ficô com três mil pé [de café], mas tinha aquele um que devia arrumá o pasto, arrumá a cerca, arrumá uma coisa, arrumá outra; era muita coisa. Três irmão praticamente só [para] tocá tudo isso. Quatro homens pra tocá isso aí... , quinze alqueire. Então meu pai não quis aceitar botar gente pra [trabalhar], meu pai era desconfiado em lidar com gente [...] tinha medo de lidar com gente, então perdeu. O café mal formado, depois veio a geada, e depois [...] a terra não ajudava [...].

[105] Ansiosos, não sabíamos muito bem o que perguntar, pois não se tratava de uma história de vida no sentido estrito, mas uma entrevista com um roteiro o qual presumíamos estar memorizado.

[106] Estávamos certos de que o ex-cortador de cana, em seu relato, poderia nos contar sobre situações que nos permitiriam aproximar de temas ou assuntos como os apresentados por Moraes Silva (1999) sobre as relações entre classe, gênero, raça/etnia a sua condição, enquanto homem negro, diante dos desígnios do trabalho com suas ameaças, situações de perigo e risco. Contudo, pudemos verificar um silêncio significativo em relação à questão do racismo, ou algum tipo de preconceito sofrido; embora não seja tema desta dissertação consideramos importante apresentá-la, mesmo que de modo breve, sob a expressão do seguinte relato quando indagamos sobre este assunto: *"Pode ser sim. A gente não fala pelas coisas que sente porque a vida hoje não é como era antigamente. Quando a gente é criado mais novo, a gente sente outro jeito, né? Depois da gente ficar sem ....; eu nasci em 1913, no dia dezoito de maio, hoje eu estou com 87, 88 ano, então eu já não sou aquele mais. No tempo que eu era mais novo, pra mim não tinha nada que ficou não, mas hoje com a idade que tenho é ruim e fracassado, já não sou mais o que era".*

No relato acima, ao tomarmos o trabalho de Orlandi (1993) para efeito de análise do discurso, podemos verificar um silêncio nas palavras do ex-sitiante que permite pôr em evidência a insegurança de seu pai – chefe da unidade familiar – ao se relacionar com outras pessoas que não as do próprio grupo.

Além disso, o Sr. Pedro enuncia em seu discurso uma confiança[107] na contingência do período em que vivia no sítio: o emprego de pessoas estranhas na unidade da produção familiar, mesmo diante da falta de informação plena sobre aqueles que poderiam vir a executar a tarefa da formação do cafezal; os resultados observados no "sitio vizinho" permitiria, conforme o autor deste relato, dar um voto de credibilidade ao estranho. Um elo entre fé e crença sobre um compromisso assumido.

Conforme Giddens (1991), perigo e risco, apesar de estarem intimamente ligados não são a mesma coisa. O ato de lidar com gente estranha era visto pelo pai do nosso entrevistado como algo inadmissível, pois um estranho em suas terras, mexendo com suas coisas, anunciava o cortejo ao perigo, ao roubo: um risco inaceitável.

A confiança, para o pai do Sr. Pedro estaria depositada na unidade familiar. Ao passo que o emprego de um "empreiteiro[108]" – honrando com seus compromissos –, de acordo com o ex-sitiante, constituiria um sinal positivo e não de ameaça ou medo: o perigo passaria a ser um risco calculado e a confiança teria como pressuposto o risco aceitável das situações ocorridas e observadas na vizinhança.

Portanto, pode-se dizer que o **não dito** apresenta-se, no relato do Sr. Pedro, constituído de juízos, valores e ideais sobre o modo como poderia ser administrado o sítio da família.

Com relação às dificuldades da permanência no sítio, o ex-cortador de cana – mudando-se para a colônia da usina – nos deu o seguinte depoimento:

---

[107] De Acordo com Giddens (1991, p. 41) *"A confiança pode ser definida como crença na credibilidade de uma pessoa ou sistema, tendo em vista um dado conjunto de resultados ou eventos, em que essa crença expressa uma fé na probidade ou amor de um outro, ou na correção de princípios abstratos (conhecimento técnico)".*

[108] Embora o ex-sitiante insista em dizer que o contrato de trabalho a ser estabelecido com aquele que poderia vir a ser o formador do cafezal – um empreiteiro – entendemos que ele esteja referindo-se à categoria mista entre colono e parceiro.

> Então, eu sei que ainda mora [na usina] os [meus] netos; ainda tudo mora na usina, [mas] estão mudando pra Ourinhos. Aquelas casas [dali são] que nem uma colônia na fazenda [de café], que nem essa assim..., de seis, sete cômodos e outras (...) tem três cômodo,[morar lá] bom não é, porque morar em colônia assim, tem gente de tudo jeito. Então, a gente mora porque precisa ganhar o pão. O mundo tem gente de tudo tipo, o senhor é de boa famia, seu pai criô o senhor bem, todo mundo na sua casa é [de gente] boa, já tem outros lá no meio..., assim [é lá na usina], tem muito nortista. O nortista é um povo meio criado, meio criado assim...., não é que nem nós [que] somo bem criado [é] que os pais cria os fio de um jeito [e] outros de outro, no religioso..., tem gente de tudo que é coisa na fazenda. Então, um já tem um gênio, e o outro tem outro gênio, é desse jeito: tem de saber viver no meio daquele povo. Um dia um camarada tava conversando com um [outro] camarada assim, e eu brinquei e ele me ameaçou de tocá a faca, se não é eu [sair]... . Nóis tava num buteco assim, estava prosiando e tomando umas pinga e ele ameaçou de tocá a faca em mim assim, se não é o dono do boteco o Sr. Manoel não falá pra ele: 'que isso rapaz o homem tá conversando com você e você querendo mete a faca nele?' Então esse povo são assim, desse jeito Às vezes você conversa coisa assim, tem que saber conversar com a pessoa, uma brincadeira, essas coisas, às vezes eles não gosta, estava ainda no entusiasmo, não estava esperando, então o Manoel falou: 'cuidado com ele, é meio perigoso'. Os nortista não são bem criado, são acostumados lá no norte ..., .Qualquer coisa eles matam, pinta um sete, é assim.... . A usina é cheio de nortista [...] o administrador mandava buscar em Minas aqueles mineiro, baiano, pernambucano, cearense; povo tudo mal criado. [Eles traziam estas pessoas] porque eles são bom pra cortá cana e nós paranaense aqui não somo criado com isso e lá eles são. O Estado de Minas tem um jeito, cada Estado tem um jeito de criar os fio, então os nortista são criado assim: nasce um fio, as mãe já tem aquele sangue dos bicho do mato, dão banho naquelas criança que nasce [e]com aquele sangue dos bicho bravo do mato que eles mata, depois dão pra eles bebe né? Por isso, que eles nasce com aquela natureza brava. Então estes nortista são povo..., eles são perigoso, eles não gostam de brincadeira, o camarada que facilitá eles mata, que nem se fosse matá um porco.

Embora a unidade familiar seja restaurada, agora sob a liderança de Sr. Pedro enquanto provedor do grupo, o que se observa é que o sentimento de pertencimento a um determinado território faz-se mais arraigado e ampliado quando do seu contato com indivíduos provindos de outros estados.

As experiências de relacionamento parecem se apresentar ao ex-sitiante, agora na colônia da usina, não mais eivadas de uma confiança até então comum na unidade de produção familiar.

Os padrões de comportamento trazidos do local de origem, as experiências acumuladas que serviam de diretrizes, na colônia se tornavam inapropriados na relação com o grupo de trabalhadores "nortistas". Se até então a confiança fazia-se como *"um dispositivo para se lidar com liberdade dos outros"* na unidade familiar, naquele novo momento, entretanto, isto passa ter um sentido diferente: ali na usina

a, ameaça do **outro**, o diferente, com o seu modo de entender o mundo e educar os filhos, manifesta um perigo, uma ameaça constante.

Deste modo, *"o mundo com todo tipo de gente",* para o ex-sitiante na sua relação com o *"povo nortista",* apresenta-se objetivado enquanto um perigo. E o ato de saber lidar com esse *"tipo de gente",* que não segue os mesmos princípios da educação passada por uma *"boa família",* apresenta-se como um perigo encarnado.

"Os nortistas", por não serem *"bem criados",* de acordo com a concepção do ex-sitiante, estariam pondo à prova os próprios preceitos da moral cristã, tornando-se pessoas *poluídas moralmente*[109] ao ferir a ordem social e os padrões de comportamento que representam ou que dizem respeito às experiências e expectativas dos paranaenses.

Ao referir-se à colônia enquanto local em que se dão as práticas sociais, hoje vista as condições do ato morar, o Sr. Pedro apresenta as casas da colônia com a mesma qualificação que as moradias da cidade, em relação ao tamanho e construção. O que as distinguiria não seria o conforto ou a estética, em sim o lugar, o contexto em que se encontram, embora as sensações de risco-perigo, ameaça-medo se apresentem sob outras condições objetivas.

Os fatores ambientais, quando do contato com pessoas provindas de outras regiões, sugerem – conforme o relato do ex-sitiante – uma indisposição, ou até mesmo, a nostalgia de alguém que um dia teve sua residência longe dos perigos da colônia e das ameaças de roubo na vila Rondon.

Vejamos a seguinte passagem do texto, em que o ex-sitiante relata a sua vinda para a cidade:

> Morava aqui na [Água da Prata], morei muitos anos e casei. É que eu sou nascido em Jacarezinho [...]. Aqui, antigamente, era uma invernada do Gasparino, um que tinha comércio, uma loja. Um comércio na rua Paraná, hoje é o Banco do Brasil, ele tinha um armazém, uma casa grande, principalmente onde vendia secos e molhados. Ele era espanhol, pois é, ele era dono disso aqui; para aquele lado [frente direita da casa] era cafezal;

[109] Douglas (1976, p. 160), trata dos rituais de pureza e impureza, buscando entender as crenças que reforçam as pressões sociais para se ter uma ordem ideal da sociedade guardada dos perigos que cometem os transgressores; ressalta esta autora que *[...] "não podemos entender esse campo da poluição, a menos que entremos na esfera que fica entre o comportamento que um indivíduo aprova para si e aquele que ele aprova para os outros; entre o que aprova como uma questão de princípios e o que deseja veementemente para si aqui e agora em contradição com o princípio; entre o que aprova a longo prazo e o que reprova a certo prazo".*

> para aquele [lado esquerdo da casa com vista para a vila São Pedro] era pasto.

A discursividade acima, de acordo com Orlandi (1996), leva-nos a entender que do ponto de vista da significação, o ato da interpretação dos indivíduos, de maneira geral, apresenta-se vinculado a um dispositivo teórico que lhe permite acessar e dar sentido ao modo como vivem e imaginam ser.

O fato de nascer e de ter sido criado na fazenda da Água da Prata em Jacarezinho, parece corresponder a um emblema que permite a identificação do ex-sitiante com o modo de vida rural, até mesmo quando da compra da sua casa na cidade[110].

Assim, o conhecimento do local em que viria a residir – mesmo antes da vinda para a cidade – enunciado na narrativa acima, revela a posição de onde fala o antigo morador, bem como sentido e o lugar de onde provêm os empregos das palavras usadas em seu depoimento.

Quando o ex-sitiante diz que a vila Rondon, local em que viria a residir era, *[...] "uma invernada do Gasparino. Um que tinha um comércio [...] na rua Paraná, hoje Banco do Brasil; ele tinha um armazém, vendia secos e molhados. Ele era Espanhol, era dono disso aqui tudo [...]"* está, o Sr. Pedro, a demarcar a posição do antigo proprietário, em contraste à sua situação de "colono da usina", que um dia também teve propriedade de terras.

Neste aspecto, a compra da casa na Vila Rondon – *"uma casa boa e barata"* – corresponde ao reconhecimento da origem e à identidade com o local de sua juventude; por isso o interesse em residir – mesmo na área transformada em perímetro urbano – naquilo que era de conhecimento e reconhecimento do ex-sitiante. Um emblema que lhe permitiria lidar com o seu passado de sitiante.

A saída da colônia com a herança recebida, a expectativa de aposentadoria e a educação escolar dos filhos, além de tudo, parecem proporcionar um sentimento de confiança e segurança, mas que se transformaria no presente em uma sensação de ameaça:

---

[110] Segundo Bourdieu (1989), com relação às lutas pela identidade étnica ou regional, pelas propriedades dos estigmas e dos emblemas, estes estariam ligados através do lugar de origem e de seus sinais ao sotaque, às crenças e ao reconhecimento.

> Eu mudei pra cá, mas continuei a trabalhar na roça, no sitio, ia todo dia de caminhão carpi café, depois que eu entrei na Prefeitura aí parei [...], mas eu falo: a roça se acabou, hoje não se vê roça mais [...] tem que entra um governo que invista na lavoura [...] esse povo não tem lugar na cidade, tão sofrendo aí. Tem gente morando embaixo da ponte, outro morando em cima da casa [...]. Esses camarada já não têm emprego, não tem nada [...] tudo é farta da lavoura [...]. Na casa dele [um morador do sítio] 'estava aquele mangueirão de porco, aqueles capado no chiqueiro, cabritada, mandiocá em volta da casa [caso perguntássemos] 'você quer ir pra cidade? [respondendo, diria o morador] 'eu? pra quê? fazê o quê na cidade? Eu não sô cachorro.

De acordo com Orlandi (1996), a posição ocupada pelo sujeito em relação ao sentido do discurso, do ponto de vista da sua análise, assume um caráter histórico, e não está fixada nas palavras.

Nesta perspectiva, devemos interpretar os sentidos do discurso – enunciados na passagem da história de vida do ex-sitiante – como uma relação contraditória entre linguagem e exterioridade, ou seja, a maneira como os sentidos se trabalham no texto em face o modo de viver, interpretar e compreender, não devendo ser entendido como forma de comunicação, mas um lugar de efeito.

Com isso queremos dizer que o Sr. Pedro escolhe um lugar de onde fala e, a partir deste, mantem uma relação com os fatos enunciados; daí que a moradia na cidade – na vila Rondon – para o ex-sitiante, mesmo se deslocando para o campo, ainda trazer consigo as marcas e os efeitos do tempo e do espaço anterior em que viveu.

A ameaça de não ter onde morar, ou melhor, de estar morando em subcondições, bem como a verticalização das construções, sugerem que o que está sendo dito se encontra sob efeito metafórico[111]. Por isso, a falta de lavoura como a roça que não mais existe, apresentar-se-ia como uma das condicionantes de risco e perigo; há *[...] "gente morando embaixo da ponte, outro morando em cima da casa".*

No relato acima, ao se referir a um tempo passado, evidencia-se um discurso da segurança e da *fartura*, assume-se o sentido de um período em que fatos já ditos e institucionalizados naturalizam um modo de viver. Poder-se-ia dizer que o Sr.

[111] O efeito metafórico, conforme Orlandi (1996, p.8), traz em si a produção da história e é representado justamente pelos deslizes do dizer, isto é, o dizer nas suas formas variantes de ser enunciado. O efeito metafórico, os deslizes na forma do dizer, compreende justamente as diferentes formações discursivas em que se apresentam os sujeitos e a variedade dos discursos ao se falar a mesma língua, mas de maneira diferente; por isso a própria ordem do simbólico, *[...] "lugar da interpretação, da ideologia, da historicidade"*.

Pedro, conforme Orlandi (1996, p.31), *[...] "toma como suas as palavras da voz anônima, produzida pelo interdiscurso (a memória discursiva)".*

Em comparação aos dias atuais, o modo como o ex-sitiante constrói a sua narrativa evidencia a sua filiação à memória daqueles que nas mais variadas formas tiveram acesso à terra. Mas o fragmento acima, em que ele descreve a casa onde existe *fartura* de produtos para o consumo, e talvez até para venda, não expressa o tipo de relação de trabalho, ou quem seja o proprietário.

[...] você quer ir pra cidade? Eu? pra quê ? fazer o quê na cidade? Eu não sô cachorro".

A enunciação do **outro**, refere-se ao deslocamento na rede de filiação a uma formação discursiva, próxima daquilo que o ex-sitiante tem como sentido. Uma visão de mundo expressa na argumentação daquele que é convidado a vir residir na cidade, apresentaria para tanto um qualificativo de identificação e condição não humana.

> [...] na roça [...] nós comia bem, nós comia gordura de porco; a carne de boi [de hoje] não é gostosa como era antigamente, criado no capim, hoje cria com ração [...] acho que daqui mais uns anos, e já sinto diferente – toda saúde minha... – de primeiro era um sujeito sadio forte, graças a Deus, trabaiava [...]. Hoje já vejo assim, toda mulecada criada [...], toda perdida, com maconha e estas coisas. Coisa mais triste é isso aí, tanto roubo, tanta coisa, antigamente não era assim. O povo inchou a cidade, tem que entrar um que invista na lavoura [...] eu tava morando na roça, eu sentia prazer em ensinar meus filhos trabalhar. Os filhos tão virando tudo ladrão [...] um dia desse entrou um moleque [aqui], foram pegá ele aí, ele entrou naquela janela [...].

A segurança, em oposição às ameaças e aos perigos, apresenta-se como um discurso de confronto à exterioridade em que se circunscreve a narrativa do falante, fazendo com que a materialidade discursiva tenha nestes temas a sua significação, remetendo-se a uma historicidade dada, menos pela sua cronologia, e mais pela produção dos significados que dizem respeito a uma distinção temporal.

Por isso, quando o ex-sitiante ao enuncia um tempo em que há a *fartura* de comida, em que os próprios alimentos tinham outro sabor, não devemos classifica-lo como um discurso idealizado e romântico, mas sim buscar uma interpretação que reclame um sentido e uma identidade do sujeito falante.

O sentido da discursividade – apresentada sob o efeito da evidência das ameaças e perigos – na materialidade do relato, permite-nos entender que, para o

Sr. Pedro, a qualidade dos alimentos e a memória de seu sabor apresentam-se diretamente relacionados com a manutenção da força para o trabalho e o ato de viver.

Mas a vida na cidade, gerando novos hábitos, a falta de trabalho, a perda do sabor dos alimentos (devido à maneira de produzi-los), além de anunciar novas ameaças à saúde, também se mostraria como um ambiente de risco à integridade física daqueles que nela se encontram.

E o *antigamente* se mostra como um discurso de confronto com os "dias de hoje[112]". Um passado cujo silêncio permite com que o ex-sitiante recorra e dê sentido ao mundo vivido; uma maneira de ordenar e que se faz sob um determinado modo de viver, permitindo o interpretar[113] e, muitas vezes, identificar-se com aquilo que está sendo dito e vivenciado.

Referindo-se ao bairro vizinho e seus moradores, por exemplo, disse-nos o ex-sitiante:

> [...] o povo da vila São Pedro ali, ele são mais da roça, vieram da roça, dos sítios aí, eles estão acampado por ali. Então ali, mais... seria o baile deles em dia de sábado e domingo [...], mais trabalhando; pegá o caminhão de madrugada, saí pra trabalhar e vortá de tarde, agora quase não [se] vê movimento [...].

O que se pode observar de imediato neste fragmento é que no discurso do ex-sitiante, o sujeito do texto não se encontra identificado com o narrador, ou seja: apesar do Sr. Pedro também vir da roça, os fatos presenciados e vivenciados no lugar de onde fala não se apresentam como elementos de identificação.

---

[112] Brandão (1981, p.182-183), sobre o lugar da escola e o sentido da educação em comunidades e classes populares, a partir do material coletado junto a lavradores ribeirinhos na Amazônia, parece-nos apontar para esta problemática entre o presente e o tempo antigo enquanto um discurso do confronto, ao afirmar que: "*A natureza foi pródiga e a todos se dava no tempo antigo. Suas qualidades distribuíam-se por todas coisas; a saúde das pessoas e dos animais de criação (sem remédios e muito mais saudáveis que a gente e os bichos de hoje), a riqueza das terras de cultura e por conseqüência, a produtividade das lavouras. Nos dias de hoje [...]. No entanto, foram muito empobrecidas as condições de vida e trabalho ofertados pela natureza. As terras são também mais fracas [...]".*

[113] De acordo com Orlandi (1990, p.36), *[...] "a ideologia não é dissimulação mas interpretação de sentido (em uma direção) não se relaciona à falta mas ao contrário, ao excesso: é o preenchimento, a saturação, a completude que produz o efeito da evidência [...] a ideologia, na perspectiva do discurso: há uma injunção à interpretação, já que o homem na sua relação com a realidade natural e social não pode não significar; condenado a significar, essa interpretação não é qualquer uma, pois é sempre regida por condições de produção de sentidos específicos e determinadas na história da sociedade".*

Para o ex-sitiante, aqueles que se encontram acampados na vila São Pedro teriam um estilo de vida próprio, diferente daqueles que moram em outras vilas, inclusive daqueles que residem na vila Rondon.

Por isso, as condições de vida e trabalho dos moradores da vila, segundo esta formação discursiva, sugerirem marcas e emblemas que permitem identificar o sujeito do discurso como “aqueles que pegam caminhão” e que se encontram “acampados”, sem residência fixa e em constante movimentação, carregando consigo determinados estereótipos.

Portanto, mesmo tendo vindo residir na vila Rondon e exercesse tarefas semelhantes às daqueles que estão “acampados” na vila São Pedro, o ex-sitiante nos apresenta um discurso de alguém que, mesmo não exercendo mais as suas atividades, mantém uma certa distância definidora de seu lugar: neste caso, a lida e a propriedade da terra enquanto fonte de trabalho, de ação contra o desemprego, de um saber e de uma identidade, ainda hoje, de sitiante.

O ex-empreiteiro

Passamos agora a discorrer sobre as condições em que se deram a coleta e a análise do relato do Sr. Nelson Pereira, com o qual tivemos contato por intermédio de alguns cortadores de cana. Um empreiteiro, que se faz lembrado como um dos mais afamados entre os turmeiros da época em que o trabalho era pago por diária, isto é, conforme o lance dado nos pontos de embarque da rua José Pavam, Chegou a manter três caminhões de turmas não fixas para o trabalho nos mais variados tipos de produção agrícola; mas que hoje por ter perdido tudo trabalha como fiscal em uma fazenda de café.

Morador desdes os primeiros anos da década de cinqüenta na vila São Pedro, o ex-empreiteiro nos contou que começou a trabalhar aos dez anos de idade, acompanhando o pai na tarefa de arar terra com canga de boi,nos municípios de São Pedro do Turvo e Maracaí, no Estado de São Paulo. Áreas de plantio de feijão e milho – até finais dos anos quarenta – e que depois, sucessivamente, iriam se transformar em locais de produção de cana-de-açúcar, com a instalação das usinas naquela região.

O ex-empreiteiro, branco e já sexagenário, ainda hoje trabalha em uma fazenda de café no município, e os fragmentos do relato que ora apresentamos, são resultado de nosso diálogo agendado em uma semana anterior junto a um dos seus filhos.

O Sr. Nelson Pereira se considera e é tido como um dos empreiteiros mais antigos ainda residente na vila São Pedro. Só nesta ocupação, como ele mesmo frisa, foram mais de vinte e três anos.

A vinda da família para Jacarezinho, como nos revelou o ex-empreiteiro, ocorreu no final dos anos quarenta. Pareceu-nos obedecer à busca por novas áreas de produção, tal qual afirma Brant (1977) sobre a tendência de redução do emprego que vinha se estabelecendo na região de Assis, frente às primeiras experiências com o cultivo da cana-de-açúcar[114], e sua maior penetração naquela região.

Vejamos o seguinte depoimento:

> Tenho uma coisa importante pra falá pô cê: a gente morava na usina Nova América [em Assis] [...] aí quando abriu aqui, essa usina [...] uma usininha essa de Jacarezinho em 1948 – daí meu pai falava: 'não, a gente ia mudá', eu tinha na época [..], já tava com oito anos, minha irmã [...] tinha deiz [...] um irmão com seis; dois anos [entre eu e ele] de diferença.

Ao tratar da usina Jacarezinho no relato acima, quando da sua instalação, é interessante observar que o ex-empreiteiro enuncia em seu discurso uma comparação com a usina nova América, tratando-a como "usininha" dando os seus primeiros passos[115]; por isso ele ao interpretar o pai, entendia ser uma boa oportunidade de se ganhar dinheiro.

---

[114] Conforme Brant (1977, p.58) *"O algodão e a cana – de – açúcar já na década de 40 assumiam alguma importância. As características de ambos permitiam que pouco se alterasse quanto à propriedade fundiária. Se o primeiro, pelos cuidados exigidos com a planta, favoreceu o arrendamento e a parceria, pelas condições de financiamento e de comercialização reforçava o controle dos grandes proprietários e das grandes empresas. O segundo, pelo caráter agro-industrial, levava mais rigidamente à concentração da produção. O fato de que ambos fossem menos exigentes do que o café quanto à virgindade das terras e por seu caráter temporário, se prestasse à rotação terá favorecido sua penetração na área. Mais dois outros fatores [...] infra-estrutura de transporte e comercialização [...] ; e a presença de um excedente populacional relativo mobilizável para as tarefas sazonais [...]" .*

[115] As instalações – da usina Nova América, em 1947, em Assis, e da usina de Jacarezinho, em Jacarezinho, em 1948 – representam, respectivamente, a terceira e quarta, entre as cinco agropecuárias que vieram se fixar na região denominada como Vale do Paranapanema. Por isso poder-se-ia dizer, ao recorremos a Bray (1980), que a usina Nova América, em relação ao período referido pelo ex-empreiteiro, de fato apresentar-se-ia como uma empresa com grande volume de produção, se comparada a de Jacarezinho. Pois só em 1949/50 foram fabricadas 59.728 sacas de açúcar (de 60 kg), ao passo que em Jacarezinho, nesta mesma época, obtiveram-se 10.082, embora

> Daí viemo, fiquemo quinze dia, meu pai ia de eito a eito. Ninguém sabia, não tinha um cortador de cana [risos], então meu pai ia cortano e eu, com minha irmã, amarrano e ensinando a todo mundo. Então, para lá, voltava; [porque] tinham amarrado froxo o feixe, tornava ensiná de novo, fiquemo quinze dia em quarenta e oito [...]aí veio o dinheiro; na época era bom [...] .

Como sugere o relato, na estratégia da sobrevivência, de acordo com Dias (1981), a família do ex-empreiteiro se mostra como uma unidade de cooperação e não como unidade de força de trabalho para a reprodução da sua subsistência.

Por isso, esta questão se constituir em um dos pontos fundamentais para entendermos as novas relações de produção proporcionadas pela introdução das agroindústrias no Vale do Paranapanema.

Embora o ex-empreiteiro mencione apenas que as atividades desenvolvidas pela família tenham sido as de aração da terra com junta de boi, e que o *"pai era muito andarilho",* poder-se verificar que a região de Assis, entre o final da década de trinta e quarenta, de fato, presenciou um crescimento vegetativo e migratório, para logo em seguida vivenciar uma desaceleração com a saída da população para outras regiões. Logo, do ponto de vista histórico, a família do Sr. Nelson encontrava-se inserida diretamente neste processo [116] de mudança de relações de trabalho no campo.

Por isso, entendemos que o trabalho de aragem da terra, em São Pedro do Turvo e em Maracaí, à base de tração animal – anteriormente a instalação das usinas naquela região – demonstra não haver mecanização para o plantio de milho e feijão. Daí podermos observar a família do ex-empreiteiro na busca constante por novas terras para lavrar, enquanto um trabalho semi-especializado frente às novas relações de produção e às novas exigências nas relações de trabalho promovidas pela agropecuária e agroindústria.

Como ressalta Brant (1977, p.69), estava ocorrendo *[...] "a modificação nas relações de produção [...] a utilização mais intensiva da força de trabalho (emprego temporário mais tarefas determinadas) mecanização e uso de insumos que multiplicam a capacidade produtiva de trabalho".*

---

tenham produzido 918.135 milhares de litros de álcool, enquanto a usina da região de Assis não apresentado.

Conforme Dias (1981) em seu estudo sobre o processo de proletarização rural, a família enquanto unidade de organização e produção, mediante as condições impostas pelo capital ao trabalho – não permitindo a produção da subsistência, através da restrição do acesso à terra – fez com que os componentes desta instituição assumissem antigas funções, mas para somarem ganhos de salários e, além disso, sob uma nova divisão do trabalho.

Agora, não mais se podia contar com uma unidade de produção familiar que ao intensificar o ritmo e a mobilização da força de trabalho, em favor de um maior rendimento monetário, vislumbrava a cognominada *fartura*[117] dos tempos idos da colônia de café.

Vê-se assim que a inserção dos filhos no trabalho[118] , em relação à condição do ex-empreiteiro e dos irmãos em sua infância, como enuncia o Sr. Nelson Pereira, constituir-se-ia em uma estratégia de sobrevivência da família. Uma prática que já era comum, mas agora sob o tempo do assalariamento rural das agroindústrias.

A vinda para a usina em Jacarezinho, *[...] "naquele tempo* [em que] *a pegadera era o braço do homem [...]"*, ainda que sob estas novas condições, propiciou à sua família, de acordo com o ex-empreiteiro, a oportunidade de auferir maiores ganhos, porque a experiência de alguém que conhecesse uma usina em ritmo de produção e em volume acentuado, até então, era algo muito requisitado. Era, por que não dizer, um trabalho que ainda mantinha a sua visibilidade pública.

Era um tempo em que se cortava cana na palha, isto é, não se faziam as queimadas, porque este tipo de procedimento implicava a necessidade de processamento da cana-de-açúcar de modo quase que imediato; pois, caso

---

[116]Como observa Brant (1977, p. 59*): [...] "o deslocamento da fronteira do café, já na década de 30", atinge o norte do Paraná e o desenvolvimento da pecuária em detrimento das atividades agrícolas na zona de Assis, o que viria resultar na diminuição da oferta de empregos"*.

[117]*"De fato, os trabalhadores referem-se ao colonato como uma época em que a alimentação era abundante. Apesar da possível idealização do passado, a medida da fartura aparece estabelecida pela deterioração dos níveis de vida do presente, quanto o assalariamento completo da relação de trabalho supõe a monetarização do custo de reprodução da força de trabalho à qual se soma; a atual só seria viabilizada pela intensificação real do trabalho tanto no cafezal como na lavoura de subsistência*". (Dias: 1981, p.28)

[118] Ainda de acordo com Dias (1981, p.31), em relação á produção da família na cafeicultura*: "A inserção da criança no trabalho produtivo propriamente dito iniciava-se a partir dos 10 anos de idade, podendo ser adiada até os 16 anos. Nessa época, já sendo fisicamente capaz de manejar a enxada trabalhava o dia todo na roça, fosse levando a marmita para os membros da família que estavam trabalhando, fosse prestando outros serviços; trato de animais domésticos, realização de pequenas*

contrário a matéria prima poderia perder o grau de concentração de sacarose e, até mesmo se estragar, causando prejuízo aos interesses da usina.

A atividade do corte da "cana na palha", ou "cana crua", parece exigir não só um maior esforço físico do trabalhador, bem como uma maior habilidade com o facão. Vejamos o seguinte fragmento:

> Naquele tempo rapaiz [...] sabe cana crua? Existe cana queimada, põe fogo pra queima, claro; pra cortá fica mais fácil. É, o cara tem que sê..., tem que sabê mesmo. Que nem ocê corta lá embaixo [no toco], ligeiro; corta de duas, treis [canas], corre o [...] ganchinho [...] [que está localizado] na costa [do facão] não é fácil, tem que tê prática, mas fui criado em usina, já tinha prática.

A "cana crua" com sua palha, isto é, com suas folhas inferiores que secam e podem cair, ficando frouxas, ou ainda, persistirem no colmo[119], embora não mencionadas no relato, apresentam uma série de fatores que expõem o corpo do trabalhador a riscos físicos [120].

E, ainda assim, o cortador precisa manter, conforme o relato do Sr. Nelson Pereira, a produção e a qualidade de seu trabalho. Por isso, a prática de se cortar a touceira da cana bem rente ao chão, requisitando o adestramento do corpo do trabalhador em um aprendizado ditado pelo ritmo da organização do trabalho no talhão, seguindo a correia de transmissão do maquinário reunido no galpão da indústria.

> [...] dava uma vontade de cortá uma cana queimada, sabe o que povo fazia, aqueles mais ativos ali, pegava uma vela [risos], ia no meio do canavial, enrolava a paia no pé da vela e ligava na outra, deixando [...] na paia da cana toda e [daí] ponhava fogo; a vela é grande, aí ia embora pá casa. É que [o fogo] ia demorá umas trêis hora mais ou menos, daí pegava na palha e aí incendiava. Aí ficava na costa do Costa Júnior [risos]; 'Nossa, o Costa Júnior tocô fogo na cana lá', no outro dia todo mundo ia cortá cana quente; de madrugada; nego saia pa cana [para] ganhá dinheiro.

---

tarefas, etc. Sobretudo durante a colheita sua força de trabalho era requisitada, assim como a dos demais membros da unidade familiar".

[119] Sobre a planta e o meio (Aranha; Yahn, 1987)

[120] As folhas, por exemplo, em contato com determinadas partes do corpo do trabalhador: olho, mão e outros, podem provocar cortes ou mesmo a obstrução da visão; o joçal, uma espécie de felpa que se encontra na base da folha da cana – em sua "bainha" – ao abraçar por completo o seu caule, contribui para provocar irritações na pele; além disso, a "cana na palha" permite a presença de insetos e animais peçonhentos, proporcionando maiores dificuldade para o seu corte; também o solo em que se encontram as touceiras escondem desníveis e buracos que podem levar a quedas no eito.

A prática da queimada da cana[121], pelo fragmento acima, mostra-se, antes de tudo, como a possibilidade do cortador aumentar a sua produção, evitando as ameaças e as condições adversas do trabalho. Do ponto de vista da análise da discursividade, a enunciação daqueles "mais espertos", ao jogarem a culpa da queimada "acidental" no antigo proprietário de terras em que se encontra instalada a usina[122], demonstra uma estratégia argumentativa, a partir de uma ação contrária à organização do trabalho de até então. Depois, passou a ser incorporada pela usina, à medida em que houve uma maior dinamização de seus maquinários.

Contudo, de acordo com o empreiteiro, a sua estadia como morador na colônia da usina foi breve. Em cinqüenta e dois já se e encontrava fora e, embora não tenha nos revelado o período em que veio morar na vila São Pedro, podemos deduzir que a sua chegada tenha ocorrido de modo quase imediata: até porque nos anos sessenta, depois de atuar como "bóia-fria" e fiscal de empreiteiro, já se encontrava arregimentando turmas de trabalho.

Como ressalta o Sr. Nelson, a vila São Pedro sempre teve um grande movimento de moradores "bóias-frias" – inclusive ele também foi um dia. Mas com a passagem dessa sua antiga condição à ocupação de fiscal, mesmo não havendo melhorias no ordenado, veio observar em relação a sua pessoa uma grande diferença perante aos demais trabalhadores.

> É [risos], o bóia-fria não tem conhecimento, falam: 'mas o que ele faz'? [e obtêm a seguinte resposta] 'ele é bóia-fria', 'ah, não conheço, não'[ao passo que] trabalhar de fiscal [é outra coisa] 'ah sei, foi fiscal meu aqui' quer dizê, ocê não conhece, mas outro te conhece [risos].

O "bóia-fria", conforme este relato, não possui visibilidade, e o que legitima esta condição é o caráter do seu não conhecimento sobre os processos de

---

[121] Recentemente, no Estado de São Paulo, com o estabelecimento do decreto 45.369, de 22 de julho de 2001 – sobre a queima da palha da cana – no primeiro e terceiro artigo deste documento, ficou estipulado, com relação às áreas com igual ou mais de duzentos e cinqüenta alqueires de terra que *"O emprego do fogo, como método despalhador e facilitador do corte da cana-de-açúcar* [enquanto algo que] *deve ser eliminado de forma gradativa, não podendo a redução a cada período de 5 (cinco) anos; ser inferior a 25% (vinte e cinco por cento) da área de cana, unidade agroindustrial ou propriedade não vinculada à unidade agro-industrial* [e que] *a partir do ano de 2003, inclusive, não se efetuará a queima, independentemente da área do imóvel, a menos de 1 (um) quilômetro de aglomerado Urbanizado, ou a menos de 500 (quinhentos) metros, contados a partir do perímetro urbano se superior".*

[122] Costa Júnior, antigo proprietário de terras onde hoje se encontra instalada a usina Jacarezinho – de acordo com o depoimento dos mais antigos moradores aos quais entrevistamos – foi um antigo grileiro de terras e que pelos maus tratos a seus empregados e pela cobiça, passou representar no imaginário popular um tipo de assombração, ou uma alma penada que ainda hoje fica a vagar pela sua antiga propriedade.

produção; isto é, o seu trabalho é visto como não qualificado, e estaria vinculado à perda das qualidades que o recomendavam, sob o aspecto público, dado a divisão e a hierarquização das relações de poder no trabalho.

A sua experiência e a habilidade com o facão passam a ser desvalorizados e descartados em decorrência dos novos saberes e tecnologias. Contudo, o fiscal de turma, conforme o ex-empreiteiro, mesmo não lidando com novas tecnologias, tem sua atividade considerada como um trabalho qualificado, pois estaria diretamente vinculado às relações de mando e controle.

Conforme Moraes Silva (1999), em relação ao processo de exploração-dominação, o fiscal de turma representa, além dos seus próprios interesses, os interesses de empreiteiros e usineiros, distribuindo os eitos de cana, abrindo clareiras, isto é, "fazendo o serviço andar".

Portanto, auxilia o turmeiro a disciplinar o corpo do trabalhador. E com isto, poderíamos dizer, é o fiscal iniciado em um aprendizado que possibilitaria almejar, como no caso do Sr. Nelson Pereira, a função de empreiteiro.

O que está posto é que o trabalho no talhão exige a submissão e a subordinação do cortador de cana à hierarquia da divisão do trabalho. Logo, o poder de mando do fiscal ao auxiliar o empreiteiro na organização da turma, contatando, indicando os melhores cortadores, recolhendo as carteiras profissionais para serem registradas e escalando os nomes para os eitos, o distinguiria da invisibilidade do igual, o "bóia-fria".

> Eu comecei a trabaiá de bóia-fria e os empreiteiro gostava demais de mim, porque era trabalhador, dava lucro prá eles e teve uns dois deles que se interesso: 'ah, Nelson, você dá um bom fiscal', aí passei a fiscal deles e, de fiscal deles, passei a sê empreiteiro e trabalhei vinte três anos [como] empreiteiro aqui em Jacarezinho.

Em sua trajetória, o Sr. Nelson Pereira – com relação ao objetivo de se tornar fiscal de turma, bem como às estratégias para alcançar a condição de empreiteiro – traz de modo não dito a submissão e o cumprimento do mando como um silêncio capaz de estabelecer uma ordem para o que deve ser dito – o seu esforço como "bom trabalhador", o elemento que possibilitou a sua ascensão na hierarquia das relações de trabalho.

O ato de poder contar com a afeição dos empreiteiros, os agrados, os presentes, parecem corresponder, nas relações de trabalho no talhão, a um costume, uma prática em que se mantêm expectativas, a partir da chantagem em relação às mais diferentes posições ocupadas dentro da divisão do trabalho[123]. Mantém-se a tradição da fama do "bom trabalhador", do "bom cortador", aliado ao vislumbre das vantagens de maiores ganhos, bem como a ameaça de se revelar a conduta daqueles que se recusam a seguir tal preceito, não os contratando para nova safra.

> No tempo que eu era empreiteiro quase não tinha ninguém registrado. Eu já tinha uma vantage, os outros empreiteiros não pegava muleque, mas eu conhecia os pais, sabe como é que é? 'seu Nelson, eu vô levá meu filho, mas ele tem doze anos, pode "? [Eu respondia] traga. Eu levava [e pagava] a diária por dia [daí eles dizerem] ' o que pagá lá tá bom', daí ensinava lá [o trabalho].

O trabalho infantil, conforme assinalamos anteriormente, vinha se constituindo em uma prática comum na estratégia da sobrevivência da família assalariada rural. No relato acima, os outros empreiteiros se negavam a levar crianças para o trabalho nas diferentes modalidades de produção no campo. Mas o Sr. Nelson, por conhecer os pais, entendia estar fazendo uma boa ação à família desses trabalhadores que o procuravam.

> A comissão? Sabe? A comissão era [na] base de... . Dependendo do serviço, das vezes você jogasse no fazendero, sabe comé qué? Você dava um jogo grande prá ele abaixá um pouco, mas das vezes ele tava apurado ele queria í naquele mesmo né [então dizia] ' ah então tá bom ', aí vindo esse um a gente ganhava até uns trinta por cento, mas o povo não era prejudicado, porque já tinha noção do que ia pagá pra eles. Eles ia ganhá dinheiro; podia abaixá, mas pra mim e não pra eles. Mas aí o fazendeiro [falava] ' tá bom demais [...], amanhã você tá aqui?' Eu dizia: tô, então a gente ganhava de deiz a cem por cento, mas sempre era vinte, vinte cinco por cento, era bom? era bom. Vamos supor assim, como hoje, né? Ele vai ganha deis conto. Eu ganho mais vinte cinco por cento [daí] são dois e

[123] De acordo com o empreiteiro Francisco, "No *tempo que a usina não dava facão, então pá começá a safra a gente comprava cinqüenta facão, cinqüenta lima e dava pô cara. Então a gente escolhia o cara bão, né? O cara bão eu falava: vamo comigo lá que te dou facão e lima, de início dou facão e lima. Aí durante a safra tinha aqueles mais cabicera memo, aqueles que nem parava, então a gente mantinha eles com facão e lima, é aonde...; uma garrafa térmica de água, café. A gente sempre fazia esses agradinho assim prá eles virem com a gente, mas agora a usina fornece tudo, e agora, a gente também não tem comissão. Então a gente agrada assim ainda os melhorzinho fazendo um vale. Na usina agora o pagamento é mensal, então ele precisa de vale pra um remédio pra uma criança (...). A gente tem que nem assim um privilégio. Que nem essa firma memo que nóis tamo lá, eu e meu irmão, então é uma turminha melhor de corte de cana pra muda. Então eu to cortando prá muda e os outro empreiteiro tão carpino, entende? A outra turma tá plantano, eles escolhem a turma (...) Eles escolhe os melhor, no caso pá plantar e no caso pra cortá, que nem tá minha turma, é melhorzinha pá cortá, então eles mantêm a minha turma no corte, que nem tem turma um pouquinho mais fraca lá, então eles põe naqueles...".*

> cinqüenta, é dinheiro né? Sei lá eu, dá dinheiro. Dava né? hoje não dá mais. [...] O frete era sagrado e [também] a comissão, [...] o [fazendeiro] da cana era o mais fraco [era o que pagava menos]. [Em] nosso pedido lá de cana você podia sabê que nóis não ia ganha muito não, era poco, o mais que dava dinheiro mesmo era [o serviço no] café.

No entanto, a apropriação do sobre-trabalho mostra-se como algo que justifica uma prática social costumeira. Pois "o povo", conforme o relato do empreiteiro, tinha noção do que iria receber pela tarefa realizada, demonstrando uma submissão na trama dessas relações, e reconhecendo que o preço pago pela sua diária de trabalho era um preço justo e de seu controle.

Agradar à turma, promover outras atividades fora do trabalho nos talhões de cana e das quadras de café, algodão, milho, feijão, soja, trigo, segundo o empreiteiro, era uma maneira de incentivar e contar com a afeição dos trabalhadores. Poder-se-ia acrescentar: disciplina no trabalho e, também, a interiorização de um estilo de vida.

> Já no sábado [...], não todos, mas principalmente a rapaziada, os moços, né? E as fazenda aqui, usina, por exemplo, Santana, fazenda Curitiba que era um movimento tremendo, Califórnia, Barrerinho, então eles convidavam eu pô rádio. Convidava eu pá í no baile, não convidava o pessoal, então ele avisava a colônia, ' óia, Nelson Pereira tá aí sábado', o pessoal ouvia, aí soltava a turma [para] tomá banho, fazê suas barba, quando era oito hora, nove hora nói saía. Enchia o caminhão de novo, de noite, ia pô baile [...] lá eu pagava pra eles sim. Aquele amigo, sabe como é que é? Na roça estamo junto, lá na noite também junto e incentiva o pessoal. Domingo, por exemplo, falava: óia vamo sem almoço ou vamo almoçá primeiro?[então diziam] vamo almoçá primeiro, 'pra onde a gente vai'? [respondia] pô Jacaré, praia do Jacaré, enchia de novo ia pô rio. Ali eu levava lingüiça, eles me dava tudo, não fazia falta, pão, carne pra assá, aí [ficava] um pouco dentro d'água, outro poco tomando..., outro poco tomando um pinguinha também. O presentinho mais pra eles era isso aí. A minha casa era assim: cheio de gente direto. Aí comprei caminhão, comprei um, depois comprei outro [...], hoje não tenho nada. O meu conhecimento era muito grande. Os outros empreiteiro sentia inveja, tinha inveja, mas não tinha como, não largavam(me) o pessoal. Daí,no fim fiquei sem nada.

No relato acima fica evidente a enunciação da preferência do turmeiro por determinados trabalhadores entre os demais componentes que formavam a turma, bem como sua posição como um "igual" perante os bóias-frias, um amigo que de dia estava na roça e à noite também, nas promoções e incentivos ao lazer.

A inveja dos outros empreiteiros, em face da popularidade anunciada no depoimento do Sr. Nelson, sugere-nos que os agrados, enquanto instrumento de manutenção, correspondendo a uma prática social assumida e calculada: ser conhecido e poder contar com a fidelidade dos trabalhadores através dos incentivos,

possibilitaria ao empreiteiro auferir maiores ganhos em seu negócio de compra e venda da força de trabalho.

A visibilidade do empreiteiro e o seu trânsito entre trabalhadores e fazendeiros, disputando campeonatos de futebol, concursos de dança, ou mesmo patrocinando festas de casamentos como padrinho dos noivos, demonstram a influência deste mediador no processo de produção e reprodução das relações de socialização para o trabalho.

Ao compararmos as biografias dos senhores Alvino Batista, Pedro Fugêncio e Nelson Pereira, verificamos que todos têm em comum, no final dos anos quarenta e início dos anos cinqüenta, a saída do campo rumo à vila São Pedro ou às suas adjacências como é o caso da vila Rondon.

Há que se perceber ainda, dada a experiência social que os informantes enunciam nos respectivos discursos, que a vila São Pedro se constituía em um bairro de moradores “bóias-frias”.

Contudo, as formações discursivas do ex-comerciante/construtor e do ex-sitiante, tomam sentidos opostos em relação à experiência de virem a residir no mundo urbano. Se para o Sr. Alvino Batista a mudança para a vila São Pedro permitiu o seu estabelecimento como comerciante e construtor da própria vila, para o Sr. Pedro a vinda para a cidade, a Vila Rondon, apresentou-se como uma prática negativa em relação à trajetória de sua vida e daqueles que nela se encontram sem trabalho e corrompidos moralmente.

A materialidade discursiva nos permite verificar que a sensação do risco-perigo, confiança-segurança, assume vários sentidos e significados em seus discursos.De modo geral, os assuntos sobre as condições de moradia, trabalho, saúde, família, entre outros, encontram-se constantemente ligados a esta noção enunciada nos relatos da trajetória de suas vidas.

Para o Sr. Nelson, vinte sete anos mais novos que os dois primeiros informantes, a experiência da vinda para a vila São Pedro não parece ter sido negativa. Ao contrário, permitiu-lhe alcançar uma posição social diferenciada perante os demais moradores da vila e, além disso, evidencia-se no seu depoimento o

orgulho por ter contribuído para a formação e o ensino do trabalho às novas gerações.

A inveja e a disputa pelos melhores trabalhadores, assim como as ações para se manter como empreiteiro mais forte em composição e número de turmas, revelam-nos que as sensações de risco-perigo[124] e também de confiança-segurança eram inerentes a alguém que se encontrava envolvido pelas contradições daquele tipo de trabalho.

[124] Diz Nelson Pereira *: "Vamos supor que nem hoje [sábado], aqui mesmo nessa casa, aqui estaria cheio de gente, quer dizer [imitando um trabalhador] ' Nelson faz um vale prá mim, amanhã eu vô trabaia com ocê´. Êh, rapaiz era uma dor de cabeça da grande procê, o outro chegava bêbado, era bom camarada, mas não pegava tento, óia, é de esquentá a cabeça. Aí um dia parei e sossegô a cabeça. Muito movimento, muita coisa, o cabelo branqueia antes da hora. Sempre no meio tem um mal elemento, né? Lá no serviço ele é bão, [mas] chega aqui [no bairro] ele bebe e vem colocá na porta da casa. Aqui memo, quantas vezes discuti..., das vezes ele queria tomá a frente do outro, né? Gente na frente e ele tava de fogo e aí começava chamá a gente de ladrão: 'O gato ladrão vai logo pagá´, Deus me livre. Ah, tem uns mau elemento que não é faci não, aí eu saía daqui e ia lá dá uns pescoção nele lá e [dizia] some rapaiz e [risos] amanhã você perdeu a vaga comigo e pronto. No outro dia ele ia cedo, segunda feira, ' o Nelson, me perdoa eu tava de fogo' [daí] eu falava: pega outro caminhão, não tem mais caminhão não, [o] meu não. "Mas não sei o que o Nelson tem, rapaiz, porque a turma não sai do caminhão dele", mas é o incentivo, né? Os outro empreiteiro chegava no sábado e domingo não queria nem vê bóia-fria. Eu não, mas não era todo mundo também não, tinha as preferências, né? Tem os preferido. Ah, tinha disputa pelos preferido, quer dizê, tinha briga de empreiteiro. Aí embaixo, e vez enquanto a gente ferrava no tapa [risos], um começava a robá a turma do oto, naquele tempo não era registrado, hoje não, hoje é organizado".*

Capítulo - IV. O desafio da descrição

Passamos, neste último capítulo, a descrever as condições atuais nas quais se encontram os cortadores de cana e os mediadores do processo de produção, no espaço intermediário entre o momento da circulação e reprodução da força de trabalho.

Para efeito de interpretação e comparação da relação contígua entre bairro e talhão, buscamos relatar aqui a experiência de se fazer observação participante e estar descrevendo, a partir das anotações do nosso diário de campo, as situações consideradas comuns na produção e reprodução das vivências dos sujeitos desta pesquisa: isto é, o ato de pegar ônibus para o trabalho itinerante nas seções em que se encontram os canaviais.

Rumo ao talhão

Era cedo quando chegamos à vila, o ônibus ainda não havia estacionado, mas alguns trabalhadores já se encontravam em frente ao bar que é ponto de referência para o embarque da **Turma Dezessete**. O movimento de trabalhadores era grande na José Pavam, ainda que próximo ao final da safra, último sábado do mês de outubro de 1999.

A vila São Pedro em seu prolongamento encontra-se marcada em sua paisagem por pastagens, colinas alongadas. Está localizada na porção norte da cidade, dando acesso no sentido Cambará – a noroeste – para a usina Dacalda e a leste para a usina Jacarezinho no caminho de ida a Ourinhos, no Estado de São Paulo.

Anteriormente, nos anos setenta, época de plantio do algodão, conforme o empreiteiro Sr. Francisco ao se lembrar do movimento dos trabalhadores, a José Pavam era um lugar em que se concentrava grande parte dos pontos de embarque na vila São Pedro, mas que passou a ter uma outra dinâmica após este período.

Lembra o empreiteiro:

> Na época começou a entrar muito empreiteiro, porque dava dinheiro, por exemplo, na época do algodão, então a gente né? pegava por conta. Nossa vida, tanto o povo ganhava dinheiro como agente [também] ganhava. Então começou [a] surgi molecada, rapaiz novo assim, sabe? Fretava um caminhão assim e passava na casa dos cara [dizendo] paga tanto: 'você não precisa í lá embaixo não, eu vou pegá você aqui na sua casa e te deixo

> aqui, ou [então] vamo fazê um pontinho aí, vocês mora aqui vamo fazê [o ponto de embarque para] deis, vinte ali, seis fica aqui, não precisa descê quatro, cinco quarteirão lá embaixo não'. Aí começou entendeu? Aí o povo já não vinha mais, pá quem não queria perder começo a passa nos ponto. Era uma concorrência danada, aí é onde hoje tá desse jeito.

Ao entrarmos no ônibus do Sr. Francisco verificamos que este se encontrava incompleto e que os primeiros trabalhadores a embarcar não se sentiam incomodados ou curiosos com a nossa presença, pois muitos destes já sabiam, desde a semana anterior, que estaríamos viajando com a turma.

O ônibus do empreiteiro – como os demais – é um antigo carro de linha da frota urbana de transporte e possui cerca de quarenta e cinco lugares. Tem rádio toca fitas e as poltronas são revestidas com espuma. Em nosso percurso rumo ao talhão, constava – a fim de que fosse completada a turma antes de chegarmos à usina – a passagem por algumas ruas da vila e também pelos bairros Aeroporto, Bela Vista e Vila Rosa, localizados na área leste do município, caminho de acesso à indústria na Br 153.

Não se sabia, entretanto, para qual seção da usina estaríamos indo. Poderia ser os talhões localizados no próprio Estado do Paraná ou no Estado de São Paulo, mas isto, conforme um dos trabalhadores, só se tornaria conhecido quando chegássemos na usina[125].

O coletivo, ao sair do ponto de embarque, à medida que ia circulando pelas ruas no prolongamento da vila, recebia novos componentes que eram imediatamente saldados pelo restante da turma – marido e mulher, mãe e filhas, companheiros do time de futebol e de troca de serviço na construção da moradia, entre outros.

Em seu percurso, ao tomar o sentido do centro, em um dos cruzamentos das avenidas Getúlio Vargas e Manoel Ribas, o ônibus fez novamente uma pequena parada para um novo grupo de trabalhadores embarcar. Bem próximo dali estava a

[125] Sobre a escolha da turma e os locais em que se realizam os cortes de cana fora do Estado do Paraná vejamos o seguinte depoimento do empreiteiro Sr. Francisco, até o período em que recebia comissão sobre a produção dos trabalhadores: *"Aí tinha que escolhe memo o pessoal, o pessoal bão memo, de boa vinda. Porque se tivesse uma turma lá na roça que desse uma média de três quatro reais, aí era prejuízo. Por exemplo, nóis vai corta cana lá em Ipaussú, Santa Cruz do Rio Pardo, Ribeirão do Sul, Salto Grande. Quando ia pra lá, das veiz faltava muita gente, chegava lá o pessoal não trabaiava direito, aí dava lá quarenta reais, cinqüenta reais, aí gera prejuízo. Dia de sábado a gente trabalhava até meio dia, ia lá dava vinte reais, trinta, aí era prejuízo, mas uma turma boa memo, nossa, era bem mais vantage".*

Catedral Diocesana de Jacarezinho. Ao passarmos em frente à sua fachada, pudemos observar o ato de se retirar bonés e chapéus e de se fazer o sinal da cruz em reverência à Igreja antes da chegada no talhão, uma cena que nos pareceu ser um ritual de identificação religiosa e de pedidos, quem sabe, de proteção entre os passageiros, pois tão logo isto foi realizado, os olhares curiosos dos trabalhadores voltavam-se para nós, querendo saber se compartilhávamos da mesma representação.

O volume das falas no coletivo era alto e o rádio contribuía para esta situação, encontrando-se sintonizado em uma freqüência que executava composições sertanejas, sambas e outras variedades musicais. Os vidros do ônibus estavam fechados, mas fumava-se despreocupadamente.

Quando do nosso embarque, por haver poltronas vazias e nos parecer mais conveniente, procuramos nos sentar sozinhos para observar a rotina da viagem[126]. A cada novo trabalhador ou grupo que entrava no veículo, percebíamos o interesse – em um primeiro instante – em saber quem éramos e o quê estávamos a fazer ali, mas passado este momento, muito embora não nos dirigissem palavras, os trabalhadores se acomodavam e seguiam a viagem.

Em uma das últimas paradas, sentou-se ao meu lado uma mulher negra, aparentando ter entre trinta a quarenta anos, que se virou para o lado do corredor do ônibus para conversar com um companheiro de turma.

Embora soubéssemos que não fazíamos parte da turma, mantínhamos a expectativa de que algum destes trabalhadores viesse a travar algum tipo de diálogo conosco, mas isso não ocorreu. Em todo o restante da exploração a busca do diálogo foi mais nossa que dos cortadores de cana. A solidão da observação daquela realidade, frente aos anseios dos nossos pensamentos, nos impelia a uma participação, uma ação comunicativa.

Muitos trabalhadores faziam as primeiras refeições de modo comunitário ainda no coletivo: tomava-se café, comiam-se pães e bolachas, recém adquiridas no comércio local – momento antes do embarque. O jovem casal que havia entrado

[126] Na verdade sentíamo-nos um pouco receosos por estar invadindo o espaço daquelas pessoas, e também por não estarmos muito à vontade em sentar ao lado de alguém, havendo poltronas vagas no ônibus.

ainda na vila, acomodado-se próximo a nós, reproduzia a divisão das tarefas e o costume da mulher servir o marido destinando-lhe os alimentos. Mais à frente, podíamos ver alguns trabalhadores tentando dormir o restante do sono da noite que fora interrompida.

Após trinta, quarenta minutos, chegamos à usina, mas ninguém desceu do coletivo. Nesta última parada embarcaram quatro fiscais de campo e um Fiscal Geral. Logo que nos viram, foram de modo imediato perguntar ao empreiteiro sobre a nossa presença[127].

A tarefa destes mediadores no processo de produção – como viemos verificar depois no talhão – era o de organizar e controlar, especificamente, o trabalho a ser realizado. Ao fiscal Geral cabia determinar a qual seção da usina deveríamos estar indo, o talhão a ser colhido e o preço da cana pela produção a ser paga, e, aos fiscais de campo a medição e a distribuição dos eitos a serem cortados.

No depoimento coletado junto a um dos trabalhadores posteriormente a nossa ida ao campo, realizada em 2001, disse-nos que não havia diferença entre a turma do Sr. Francisco ou a turma do Sr. Jair na qual estava agora. Mas era diferente o modo de trabalhar nas usinas[128].

Compara Roberto:

> É que lá na usina São Luiz o serviço é sorto e agora aqui [risos] no Paraná, na usina Jacarezinho, já é mais rígido, seguro. Éque lá [na usina São Luiz] você trabaia de empreita, você mete o pau. Lá você ganha o seu dia sossegado e não tem problema. Agora aqui é..., quarqué coizinha assim que se fô fazê eles não gosta. Eles já ti pune ocê por pouquinha coisa, você entende? [...] ocê corta cana, ocê corta o toco meio alto assim, aí eles já vai te puni.

Na saída da usina ouvimos alguns trabalhadores comentando, uns para os outros, que íamos para perto e que isso era bom porque daria tempo de assistir, quando da volta para casa, ao jogo do time do São Paulo contra o do Paraná.

---

[127] A negociação da ida ao talhão não contou com a participação ou consentimento da gerência da usina, por isso os fiscais ficarem espantados em nos ver. Em um dos nossos encontros posteriores a essa exploração, quando perguntamos ao Sr. Francisco sobre a possibilidade de estarmos retornando ao talhão junto com a sua turma, o empreiteiro nos disse que para isso deveríamos procurar o escritório da usina e que isso não dependia mais dele.

[128] Na ocasião desta entrevista em abril de 2001 – período da parada no corte da cana – Roberto, de 27 anos, branco, encontrava-se no seguro desemprego a espera do início da safra e dizia vir trabalhando na usina São Luiz, em Ourinhos desde 2000.

A organização do trabalho, como pudemos verificar, exige, em seu aspecto objetivo, tal como em uma unidade fabril, a racionalização dos processos de produção da matéria prima a ser processada; e por isso, a preparação do solo, o plantio e a colheita da cana obedecerem a controle e planejamento rígidos. E é exercida por técnicos e mediadores do processo de produção que são contratados e cumprem rigorosamente os interesses estipulados pela gerência da produção[129].

A busca de maior produção e qualidade da cana, por assim dizer, faz com que os usineiros instalem verdadeiros laboratórios para análise e controle das variáveis que possivelmente poderiam ou que podem interferir na maximização dos lucros da empresa.

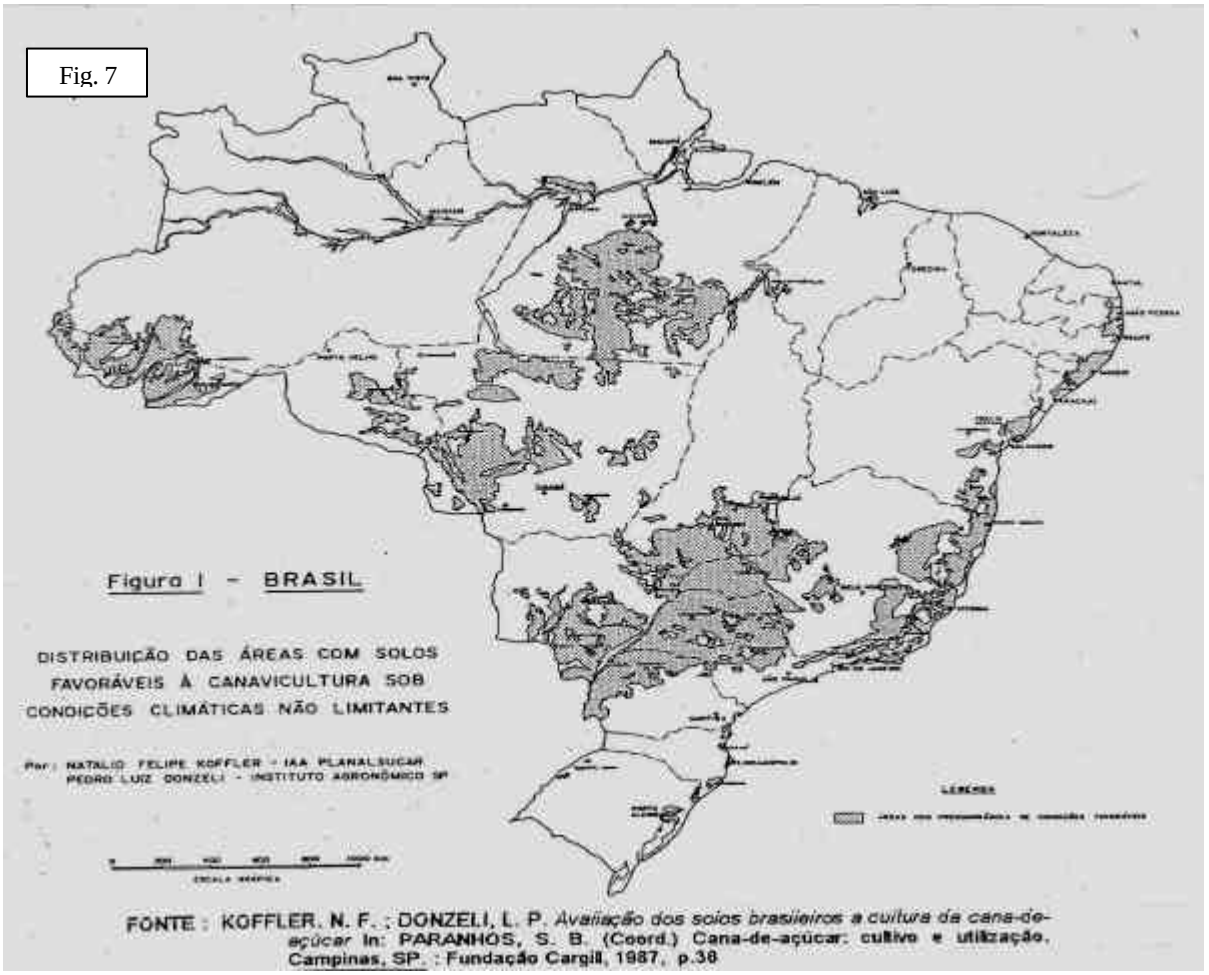
Por isso a preocupação com o solo[130] e o clima se constituírem em aspectos fundamentais dos interesses dos usineiros, pois dependendo do produto colhido, o tipo da cana em relação ao seu tempo de maturação poderia contribuir diversamente com outros departamentos da usina em relação à fabricação dos produtos açúcar e Álcool.

---

129 O talhão, de acordo com Moraes Silva (1999), é um departamento da fábrica e se apresenta fisicamente não só como local em que se dá a circulação dos caminhões e tratores, mas também como lugar onde ocorre a divisão de tarefas, a divisão do trabalho sexual, a supervisão, enfim, a organização do trabalho.

130 Conforme Kofler ; Donzeli (1987, p. 30) *"Dentre esses solos o latossolo roxo é o que se destaca pelos bons resultados que têm proporcionado à canavicultura. Sua maior ocorrênca é observada no Estado de São Paulo, Paraná, Mato Grosso do Sul, Goiás e Rio Grande do Sul".*

Fig. 7



FONTE: KOFFLER, N. F.; DONZELI, L. P. *Avaliação dos solos brasileiros a cultura da cana-de-açúcar* In: PARANHOS, S. B. (Coord.) Cana-de-açúcar: cultivo e utilização. Campinas, SP.: Fundação Cargil, 1987, p.38

Na ocasião em que estivemos na seção Santa Rita pudemos verificar que não só os mediadores do processo de produção têm preocupações quanto ao controle e à classificação da qualidade da cana, mas também os cortadores, em relação à idade da planta a ser colhida.

Ao entrarmos em contato visual com os primeiros eitos do talhão de cana a serem cortados, ainda de acordo com as nossas anotações, já no ônibus podíamos ouvir, entre os cortadores, comentários sobre a idade da cana a ser cortada: entre oito a dez meses.

Em um primeiro momento, aqueles comentários levavam-nos a entender que a planta a ser colhida tinha diferença em relação a tipos e variedades, mas não conseguíamos compreender o motivo daquelas manifestações.

Chegando no talhão, ficamos sabendo que a cana a ser colhida destinava-se à produção de álcool; pois aquela quadra tinha sido queimada por acidente, ou seja, era uma *cana mais fraca* em relação à concentração de sacarose e por isso se destinava àquele tipo de produção.

Ainda assim, não conseguíamos entender o motivo das observações dos cortadores de cana, bem como a diferença entre o fato da usina estar moendo para a produção do álcool, ou então para a produção de açúcar.[131]

Aquela discursividade dos cortadores, no entanto, chamava-no a atenção para alguma coisa, que ainda não tínhamos conseguido interpretar, com certeza relacionada ao pagamento ao desgaste da força do trabalho.

Refletindo sobre o assunto, ainda próximo do ônibus, observávamos que os eitos estavam sendo distribuídos, mas não ouvíamos nenhum tipo de manifestação contrária, tudo era silêncio.

Foto 5



O eito de cana e uma das posições típicas de esforço físico no trabalho

[131] A cana de açúcar, conforme a Fonsi et ali (1987, p.42), sofre influências climáticas em todo o curso do ano. As plantas destinadas à produção do açúcar são as mais exigentes, pois a concentração da sacarose estaria diretamente vinculada às condições de temperatura e umidade adequadas para permitir o seu desenvolvimento. Do ponto de vista econômico, de acordo com Bray (1980, p.50), poder-se-ia dizer que os fatores climáticos são preponderantes aos interesses dos usineiros em relação às exportações do açúcar, pois permitiriam a estes abastecerem os grandes centros importadores com o *açúcar do norte* e **o** *açúcar do sul*, garantindo-se assim as exigências do mercado e permitindo a desobrigação do ônus com a manutenção de estoque. Logo, os custos com transporte e distribuição seriam menores do que aqueles empregados em uma só estação climática, em uma única safra.

Em uma de nossas entrevistas, anteriormente às observações no talhão, viemos a saber que os eitos são irregulares em suas formações, apresentando maiores dificuldades para o corte nos locais onde se encontram os declives com suas curvas de nível e quando a cana se encontra caída ou então entrelaçada; mas a recusa ao trabalho era considerada como algo inadmissível.

Por isso a necessidade de se organizar o trabalho através de uma escala com nomes dos componentes da turma, para os eitos que apresentam maiores dificuldades, um instrumento de imposição e controle do trabalho, a fim de garantir a maximização da produção no corte da cana.

Para o cortador, o *eito ruim* é um lugar em que se dá maior dispêndio de força física e menor quantidade em metros de cana a ser cortada; portanto, *um saber local* construído na prática de classificar e estabelecer a relação entre desgaste da força de trabalho e rendimento em seus ganhos, correspondendo ao que poderíamos entender como um aprendizado.

Foto 6



A vigilância dos controladores do processo de produção

Lembra o fiscal de turma Samuel:

> [...] você termina o seu eito e vai passá prá vê outro eito [...] ao trocar uma lima, amolá um facão, você vai passá perto do eito [daqueles que são considerados os melhores] e vai vê o jeito que a pessoa tá trabalhano, [...]

> aqui também tem gente assim, vai no desespero, erra facãozada, acaba cortano a caneleira, bate forte demais, e outros não, porque vai na habilidade, sabe a potência certa de bate na cana e não desperdiça facãozada. Porque se desperdiça duas, treis facãozada numa moita, [é porque fica] ali até quase quarenta segundos abraçado numa moita. O cara que pega quinze cana no máximo e vai rápido, tá, tá, tá, prá cortá aquilo ali, o [outro] cara pega quatro , pá corta, pá corta, pá corta ele ganha tempo e vai [ter mais] fôlego, porque o outro que tá com trinta, ou quarenta cana no braço tá ali batendo forte, porque tem que cortá aquela cana que tá numa tocera. Vai te que cortá aquela [que está mais próxima do fio do facão] e a outra que está mais prá lá, nisso ele vai cortá o pé da cana duas vezes. Prá atingir a outra tem que corta a mesma cana duas vezes, vai cansá e o outro não, [porque] pegou quatro e para ele, é a mesma coisa que nada, vai corta mais quatro, alcançando aquele lá com quinze canas, chegando memo em vinte cinco devagar e o outro dezesseis cansando-se [bem mais] porque um pé da cana ele vai cortá treis, ou duas vezes.

Ainda de acordo com o fiscal de turma[132], em relação à competição e aprendizado no eito,

> [...] via na São José um tal de Barba [trabalhando], ele era baixinho e tudo, mas ele ficava sempre [com] o número dois, esse cara não comia direito, olha ele era doido prá sê o número um e tinha o Tonhão que era um cara magro, alto e mais novo que ele e que trabalhava só na mão tranqüilo. Pegava sim, abraçava também, mas déiz, doze canas e ele [o Barba] querendo acompanhar o número um, era difícil o dia que acompanhava, porque ele era muito desesperado, ele batia o facão e errava a facãozada. E o número um [o Tonhão] abraçava quatro, cinco, déiz cana batia e derrubava do [outro] lado, às vezes com uma facãozada ele cortava déiz, doze cana e derrubava e o outro [o Barba] que queria pega trinta, quarenta [cana] e pá, pá, pá... gastava muito mais tempo batendo no monte, enquanto o outro ia mais devagar .

Pode-se observar, pelo relato do fiscal que as condições do trabalho no eito encontram-se atreladas tanto a fatores físicos e ambientais, como ao universo mental em que se encontram individualizados os cortadores de cana e os mediadores do processo de produção.

A carga laboral, diante do desgaste na realização das tarefas e a necessidade de maior dispêndio físico, ao se manifestar enquanto recusa ao corte da cana, apresentar-se-ia – ao cortador que se encontra individualmente diferenciado no

---

[132] O fiscal de turma acumulava, anteriormente a redistribuição de tarefas dada ao fiscal de campo da usina, desempenhava uma dupla função, pois além de ser um cortador de cana, era também contratado pelo empreiteiro para distribuir os eitos no talhão e controlar a produção da sua turma, Mas conforme Samuel […] *'eles não paga mais pra isso, antes eles pagava uma porcentage pra quem tivesse um fiscal de turma pra dá* [o] *eito, vamo supor, tem que abri uma picada, porque você pega seis eito a cada turma, aí ocê tem que abri uma picada, cortano aquela cana caída, entrando pelo meio para saber onde tem aumento, onde o trator faiz aqueles aumento de rua, pra podê dá as lera certa, então tinha gente pra organizar, dizendo: 'desce deiz pessoa aqui, vão mais pra frente, sobe mais oito', hoje não tem, mas sempre os fiscais* [de campo], *mesmo deles lá* [da usina], *colocam umas pessoas pra fazê isso e na turma do Audir é eu, na turma do Carlão é outro, eles colocam um cara que....eles fazem esse tipo de serviço, aí eles reembolsa, põe uns metrinho a mais, colaborando*

microcosmo do eito – como uma relação conflitiva com o poder de mando e a insegurança de não poder ser contratado para a próxima[133]safra. Por isso, a necessidade de ser o número um, não se abstendo do trabalho e não criando confusão.

Em nossa investigação, um dos fiscais de área, contratado pela usina, ao observar o corte da cana, contou-nos que a sua tarefa no talhão era medir a quantidade de cana a ser cortada e fazer com que o serviço fosse executado.

Como antigo cortador, o fiscal da usina Ricardo, falando-nos sob a sombra de algumas árvores de eucalipto, dizia saber o quanto era desgastante o trabalho do corte de cana e também o quanto quis abandonar aquele tipo de trabalho; mas sempre procurou não misturar os problemas vividos em casa com os do talhão.

A recusa e a insubordinação dos cortadores ao trabalho, conforme sugeriu Ricardo (que também é evangélico), seriam motivadas não pelas condições irregulares do eito ou pela carga do trabalho, e sim pelo fato dos cortadores trazerem consigo para o talhão os conflitos de seus lares. Por isso, nesta sua nova ocupação como fiscal, encontrou na sua experiência como ex-cortador de cana um dos pontos fundamentais para a resolução dos problemas de insubordinação e revolta, já que tinha conhecimento da *psicologia dos trabalhadores*.Sobre as revoltas dos trabalhadores e a contigüidade entre casa e talhão, o empreiteiro Sr. Joaquim afirma que:

> [...] agente lida com o pessoal, [mas] no meio de cinqüenta sempre tem aquele, um, dois, três, quatro, ou cinco pessoas que é [e] tem o temperamento diferente da gente, né? Temperamento de nervo, às vezes se tem problema. Ele chega em casa, toma um banho e vai lá no boteco tomá umas duas, três, quatro, ou cinco aperitivo e chega na casa deles e discute com a família, discute com a mulher deles, discute com a esposa dele, aquela noite ele já não passa uma noite feliz, porque ele discutiu com a mulher. Levanta cedo, a mulher não levanta para fazer a bóia, a comida para ele e [não] ajeita todas as coisa que ele precisa: as ferramenta que ele precisa para vim para roça. E aí ele chega no serviço; ele já vem nervoso desde lá de sua casa. Eu estou tranqüilo, porque levanto cedo e peço a Deus pra mim lidar com todo mundo numa boa, chego nessa pessoa, ele tá diferente [dos] quarenta e nove [da turma de cinquênta, ele é um só mas

---

com a gente [fiscal de turma] *prá que a gente ganha igual o melhor* [cortador]*, o segundo..., .Sempre tem essa manhã, né" ?*

[133] Conforme Seligmann-Silva (1994, p.85-87), o desgaste analisado sob a ótica dos fenômenos da alienação do trabalho traz como questão de fundo a consideração do reconhecimento, a identidade dos trabalhadores e a transformação de sua personalidade, isto é, o embotamento afetivo, a incapacidade dos indivíduos entrarem em contato com os próprios sentimentos, suprimindo as suas próprias emoções.

> está diferente, está irritado, tá nervoso porque sabe que teve problema em casa, na família, no lar dele lá. Agora, em vez de ele acertar os problemas dentro da sua casa, ele vem querendo discontar no turmeiro. Mesmo que eu sou empreiteiro, ele acha que eu sou obrigado a escutar aquilo que tinha para falar com a mulher dele, acha que sou obrigado a escutar. Aí eu pego e passo perto dele, chego nele pra dar o serviço e explicar. Ele pega e me responde: 'ói hoje eu não tô bem, num quero conversa com o senhor porque hoje eu não to pra..., não tô a fim de ... , eu não quero nem trabalhar hoje'. Eu, então digo: é, mas não é assim fio, você é registrado, você tem compromisso com a firma.

No relato acima se evidencia uma classificação do trabalhador ,comparando-o a eitos do talhão. A diferenciação daqueles que se mostram contrários à organização do trabalho parece obedecer a uma disposição, um ânimo, um gosto provocado por situações externas ao ambiente de trabalho: estaria o temperamento do cortador relacionado à sua vivência no bairro, em sua casa, assim como os eitos da cana que sofrem as influências físicas do solo e das condições climáticas do tempo.

O ato de estar diferente do restante dos quarenta e nove trabalhadores da turma obedeceria a uma classificação diferenciadora da pessoa cortadora de cana na sua individualização qualitativa – *o bom* e *o ruim* cortador – aquele ou aqueles que assumem ou não determinadas tarefas, e que honram o contrato estabelecido com a usina.

Este mesmo empreiteiro, em relação a uma indisposição com um cortador de cana na distribuição dos eitos, contou-nos a seguinte experiência:

> É, eu cheguei – é dado o eito por escala – o [fiscal] Geral falou: 'você vai pegá esta quadra aqui'. Então, eu tenho os números das pessoas, uma por uma pela escala. Aí cheguei para dar o eito pra pessoa. O moço pegou e falou assim para mim: 'mas hoje eu vou pegá nesse eito ruim?' [então eu disse] não, você pega aí porque é a sua vez de trabalhar, este é seu eito hoje. Hoje tá ruim, mas amanhã tá melhor, você pega outro; daí ele pegou e sentou na garrafa [d'água] e falou assim: 'eu não vou pegá [...], eu não vou trabalhar'. Daí eu falei: tudo bem, só que o eito seu é este, é este e não vai mudar. Aí saí continuando a dar eito para outro pessoal, aí voltei pra trás, depois que dei eito para todo mundo. Voltei e ele [o cortador] estava sentado na garrafa ,já fazia quase uma hora. Daí eu chamei o Geral, que é o encarregado da usina e falei: o eito dele era esse, era a vez dele pegar. Aí o Geral falou virando-se para mim: 'se ele pega o eito, o eito é dele, a vez é dele – o eito dele é". esse, [mas] se ele não cortar nesse eito aí, amanhã ele vai levá uma suspensão de três dias' [...]. Aí a hora que estava perto dele, ele começou a amolar o facão, um facão que rapava até cabelo de braço e eu de mão limpa, só com a minha consciência e Deus comigo, aí naquela hora eu pensei assim: já pensou, será que ele vai cortá a cana ou vai me cortá? Ele, [o fiscal Geral,] não tinha acabado de contar a história. Aí ele [o cortador] pegou a cana e começou a cortar devagarzinho e olhando em mim e dizendo assim: 'então o meu eito é este mesmo'? Daí eu falei é este aí e ele começou a cortar, só que a cana que ele cortou o dia inteiro, até o

> almoço eu cortava. O meu serviço era outro, mas se eu pegasse o facão dele, a ferramenta dele cortar, eu cortava até o almoço e ele bateu o dia inteiro. Ele só pegou o eito, mas trabalhar ele não trabalhou.

A escala, com os nomes dos cortadores, apresenta-se como um instrumento de normalização das relações de trabalho diante das condições adversas em que se apresentam os eitos. Um mecanismo que se mostra em sua aparência como dispositivo de equalização de chances entre os trabalhadores, uma arte de quem tem o poder de organizar e distribuir a carga maior ou menor de trabalho.

Contudo, em nossas investigações, comparamos o discurso acima com o do cortador de cana em relação a esta prática de distribuição dos eitos e o uso da escala como uma igualdade de chances no trabalho entre os componentes da turma. Verificamos que corresponde a um instrumento legitimador do trabalho enquanto uma condição natural, e que muitas vezes é interiorizada pelos próprios trabalhadores como um mal necessário, a fim de que se possa cumprir o compromisso acordado com o empregador.

Diz o cortador de cana Roberto*:*

> Não, não tem escala, é sorte. Talvez você pega no eito bão, [contudo] perto de você ali eu pego no eito ruim, mais pra cima outro pega eito bão e o outro pega um eito ruim, aí [pode-se dizer] que depende da sorte da pessoa. [...] Óh, em todo e qualquer lugar existe escala, porque senão vira bagunça. Senão ninguém qué pega naquele eito ruim.

A ação de protesto do trabalhador ao se "sentar na garrafa", no relato do turmeiro acima, materializa-se em um discurso que se traduz em uma quebra de confiança em seguir a escala, tal como a enunciação do desprezo do empreiteiro para com aquele tipo de prática. Um ato repugnante e não digno das características viris do sexo masculino, porque ao se "sentar na garrafa", estaria o trabalhador traindo a confiança e voltando-se contra aquilo que é admitido por todos, a escala.

Ainda, segundo Roberto:

> A escala é assim, vamos supor hoje eu pego primeiro, amanhã você, certo? E, depois de amanhã, você já não vai tá ali no meio do primeiro, mas você já vai tá no meio da quadra, já vai tá no meio de outro pessoal diferente, mas é a mesma turma. Quer dizer, a escala é seu nome, entende o seu nome, tá ali [..] então fala assim: 'Donizeti, cinco rua aqui', mesmo que você não tá ali, você tá lá perto do ônibus bebendo água, então fala: 'Donizeti, teu eito tá aqui', você não tem negócio de í lá não sei aonde andá, não sei se você viu? A turma andava com galão e tudo pra pegar o eito, 'quer dizer que o Donizeti [está ali], [mas] o eito dele tá lá'. O negócio da escala é esse pobrema que dá, não tem esse negócio de ficar falando: 'ah, eu não vou pegá na curva não'. Óh, como na sua veiz você não vai pegá?

Na seção Santa Rita, pôde-se observar que o eito destinado a cada cortador era formado por cinco ruas de cana e que estes trabalhadores, conforme o Sr. Francisco, chegavam a cortar em média de dois a três em um dia de trabalho.

Por isso, antes de entrarmos propriamente na discussão sobre as representações do risco, é necessário descrever o talhão e as condições de trabalho no eito, lançando mão de anotações, entrevistas e literatura técnica.

Ao consultarmos Coleti (1987), podemos verificar que o talhão, semelhante ao croqui de um departamento industrial, exige um desenho detalhado do terreno para sua operação, prevendo-se o desenvolvimento de uma tecnologia na organização e no controle do trabalho nas suas mais diferentes fases.

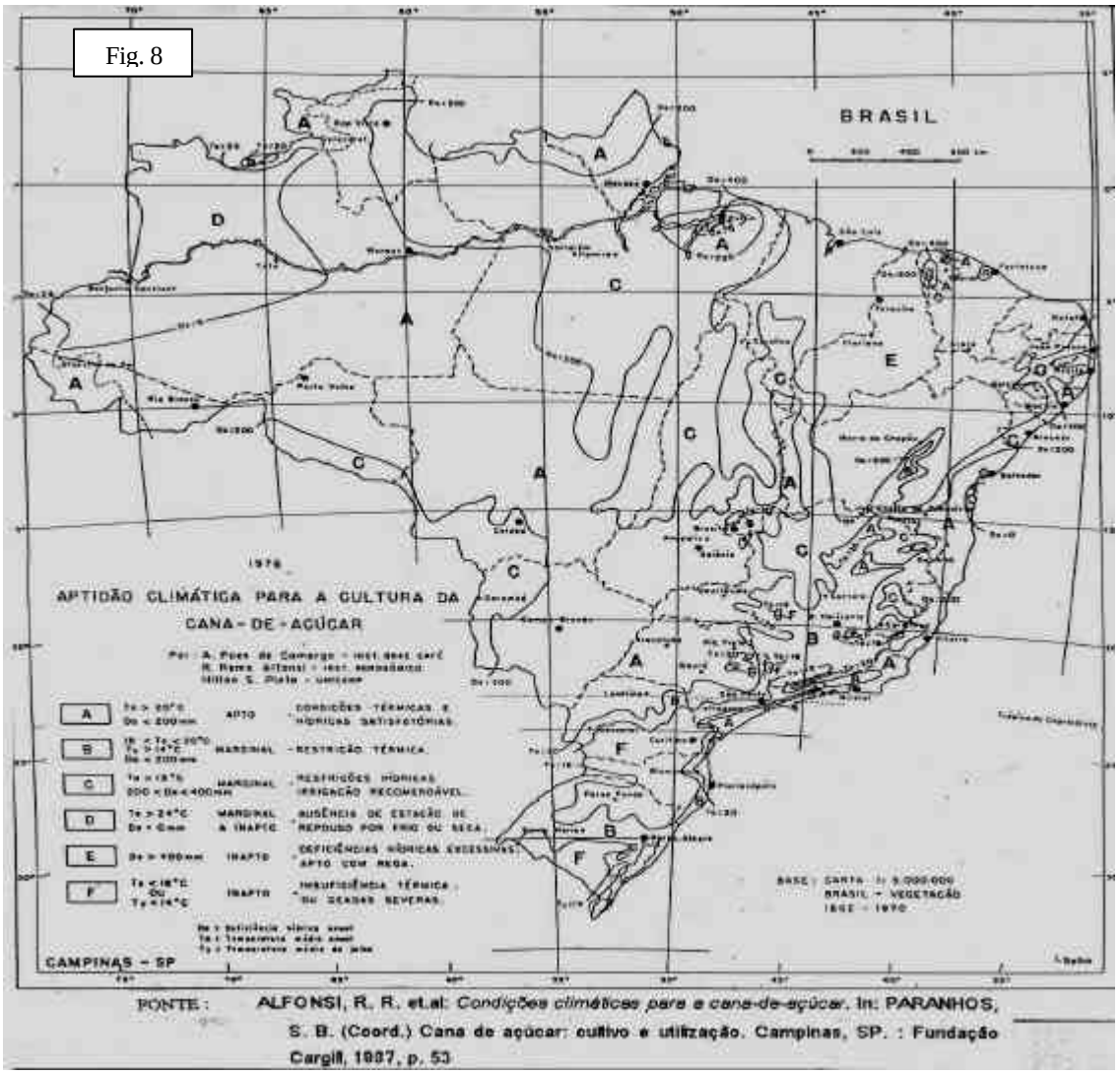
Neste aspecto, a condição objetiva do corte de cana obedeceria aos projetos da engenharia de produção em sua relação com os demais departamentos da fábrica e mediante a capacidade técnica operacional da usina, ao seguir as propostas das planilhas de execução e da ordem de produção.

Logo, os talhões, conforme aconselha Coleti (1987), deveriam ser planejados frente à capacidade de produção da usina e seguindo os modelos dos estudos propostos pela engenharia, no que diz respeito a modelos e dimensões; prevendo-se, inclusive, as operações com relação à utilização da força de trabalho manual e o uso de maquinários que venham a ser empregados[134] posteriormente.

Segundo o empreiteiro Sr. Francisco, na usina Jacarezinho os trabalhadores recebem por produção, isto é, depois da cana ser medida em metro pelo fiscal de campo, ela é convertida em tonelada. Quer dizer, teoricamente como admitiu o empreiteiro, quanto mais peso tiver a produção, maior seria o ganho dos cortadores de cana.

[134] As operações envolvidas no preparo do solo, tais como assinala Freitas (1987, p. 273), são: destocamento e enleiramento com o uso de trabalho manual no preparo inicial do terreno. No caso da renovação dos canaviais: limpeza, enleiramento, queima da palha e calagem se necessária, grade pesada para erradicação da soqueira, operações de conservação do solo, gradagens subsequentes, sistematização, subsolagem (em áreas que exijam esta operação), gradação pesada, gradagem leve de pré-plantio. No plantio propriamente ocorreriam, conforme Coleti (1987, 314), as seguintes operações: corte da muda, carregamento, transporte, sulcação, adubação, distribuição de muda, acerto de sulco, picação, cobertura, banqueta e repasse manual.

Fig. 8



FONTE: ALFONSI, R. R. et.al. *Condições climáticas para a cana-de-açúcar*. In: PARANHOS, S. B. (Coord.) Cana de açúcar: cultivo e utilização. Campinas, SP. : Fundação Cargill, 1987, p. 53

No entanto, nem sempre isso ocorre, porque – como nos revelou o empreiteiro – a cana sofre variações em relação à sua qualidade e variedade; isto é, ao ser pesada, mesmo reunindo as condições para render mais sacarose, (portanto, mais ágio no mercado), passaria a depender da linha de produção em que estaria sendo empregada.

Enquanto a linha de produção do açúcar tem dependência exclusiva em relação à qualidade da planta e ao seu poder de concentração de sacarose, a fabricação do álcool, não obedece à mesma prerrogativa para a sua produção, podendo a cana – enquanto matéria prima – ser colhida, inclusive, fora da época de sua maturação.

De acordo com Coleti (1987, p.288 -289), até o período em que desenvolvia as suas investigações, estava a ocorrer um crescimento numérico das indústrias de açúcar e álcool. E uma das características deste novo momento era a de que os

produtores estavam plantando cana nos meses que iam de agosto a outubro – **a cana de ano** – e colhendo-a em um prazo de doze meses, pois esta condição permitia a recuperação do capital empregado, dada a maior rapidez e volume nas transações econômicas.

Hoje, ao analisarmos a operacionalização da produção da cana a partir da literatura especializada e de nossas observações no talhão, verificamos que nestes últimos decênios houve uma sofisticação nos projetos agro-industriais: destacamos a informatização das planilhas de execução das tarefas e o controle sobre o volume da produção dos cortadores de cana a cada dia de trabalho e em cada eito, bem como a probabilidade e a meta a ser alcançada no final de cada mês[135].

Por um lado estas modificações permitiram ao usineiro um maior controle da produção em relação à quantidade e a qualidade da cana, e conseqüentemente maior volume de produção. Por outro, os trabalhadores parecem estar mais presos e a mercê dos interesses daqueles que são os donos dos guinchos mecanizados, da tecnologia de produção e, principalmente, dos maquinários no corte de cana nesta nova e última fase do seu processo de adaptação aos declives dos talhões.

A chegada ao talhão

O comentário dos trabalhadores sobre a idade da cana a ser colhida, observada no ônibus que nos trazia aos talhões da seção Santa Rita, leva-nos hoje a interpretá-lo como um discurso de contestação de modo a antecipar a proposta pelo que seria pago ao desgaste da força de trabalho no eito: ou seja, uma *cana*

[135] Samuel ao comentar o processo de trabalho e a classificação dos trabalhadores na usina Barra Bonita no Estado de São Paulo, até 1995, revelou-nos o seguinte relato: [...] "*eles fazia essa classificação; dentro da fazenda eles tirava vinte treis, vinte cinco pessoas letra A, os bons memo, e colocava no caminhão que cabe quarenta e cinco pessoa, era caminhão na época, então colocava de um lado os letra A e do outro os letra B, cada um em seu lugá. Niinguém sentava no lugar de ninguém e se o cara não viesse perto da janelinha aquele lugar ia vago, você não poderia sentaá naquele local. Era um banco normal de madeira, só que você não poderia sentar ali , o lugar era dele, porque tinha o* [lugarl] *um, o dois, o quatro, o cinco até o vinte cinco e, do outro lado, a letra A fraca e a letra A forte. Já tinha essa classificação, ocê descia do caminhão..., todo mundo já descia de peito aberto porque era A forte, o outro A fraco, mas também tava no caminhão e se ele faltasse não ia ninguém no lugar dele, nem de outra turma. Mas era difícil porque todo o meis tinha o remanejamento* [feito pelo] *computador da usina, toda tonelada sua vinha num papel assim em cima: Quantas toneladas ocê tinha cortado durante o dia, quantas toneladas ocê ia cortá durante o meis, o seu ganho, o seu desempenho, tudo, tudo, tudo, por isso era difícil a pessoa perdê dia, porque a pessoa não queria perdê para não* [ficar sem] *o lugar ou descê da letra".*

mais fraca, uma cana com menos sacarose e com menor valor a ser estipulado pelo Fiscal Geral.

Anteriormente ao episódio de exploração do talhão quando perguntamos sobre a sensação de desconfiança do cortador em relação ao pagamento da sua produção por metro/tonelada, mediante a variedade da cana e o seu teor em sacarose, o empreiteiro Sr. Joaquim ressaltou:

> Seu Donizeti, eu vou passar para o senhor que... . A gente ouve o pessoal falá: 'essa cana tá forte, esse preço tá barato', inclusive eles fala para mim: 'você é o empreiteiro vai reclamar o preço pra gente´. Só que aí a gente também vai caçá um caso ao ficar reclamando demais do preço assim. O Geral que está na roça, ele é mandado ... . É ele quem dá o preço, agora se o gerente... . Para ele suspender o preço daquela cana, ele tem que participar o gerente, se ele pode pagar mais ou menos. Então o trabalhador ... . Eu vou explicar um negócio para o senhor aqui e agora: seu Donizeti, o trabalhador que trabalha mesmo, que não desanima com o serviço, ele quer tê eito pra trabalhar, tendo eito ele tira mil metro, ele tira mil e quinhento, ele ganha mesmo. Agora, aquele cara desanimado que reclama mais, é o mais mole, o senhor desculpa.... . Então, esse que reclama mais chega em mim e fica: 'seu Joaquim vai lá, o senhor é o empreiteiro, vai lá reclamar o preço lá'. Esse um é o que trabalha menos, porque o cara que trabalha mais se pagá um pouquinho menos para ele, mas ele ó ... .Se ele falá: 'eu vou ganhar quinze conto hoje, ' ele ganha, porque se tem cana pra ele cortá. Porque o importante da cana, do eito, é ter eito para o cara trabalhar, não é o preço, até que ele não influi muito. Perdê um pouquinho no preço da cana até que não influi se tiver eito pra pessoa aproveitar, trabalhar mesmo, chegar cedo. Porque o tempo mais gostoso para cortar cana é o tempo de frio, porque não dá canseira no corpo da pessoa. Ele trabalha, trabalha, ele não desgasta, porque o desgaste é o calor. É o calor que dá o desgaste, então quando tem eito mesmo à vontade o senhor não vê ninguém reclamar de preço, agora se tiver pouco eito aí eles já começam: 'essa cana tá barata demais', porque [em uma cana boa] cortando só esse pouquinho já dá para tirar o dia. Você entendeu, né?

No relato acima, evidencia-se uma formação discursiva em que o enunciador, o empreiteiro, incorpora o discurso dos cortadores de cana, mas logo em seguida o apaga naquilo que expressa conflito: ou seja, a qualidade da cana e o teor de sacarose apropriado no momento em que há a conversão de metro para tonelada, na realização do pagamento pelo seu corte.

Conforme Moraes Silva (1999), o corte de cana de duas ou três ruas e o pagamento por feixe aos cortadores se caracterizou, até o final dos anos setenta, em Ribeirão Preto, por uma forma de exploração do "gato" no momento em que eram pesados os feixes, pois o preço da produção por tonelada era pago a estes sujeitos, para depois serem repassado aos trabalhadores.

A remuneração feita por feixe, ainda segundo Moraes Silva (1999, p. 90-91), obedecia à organização de turmas de trabalhadores volantes. Os volantes, ao ganharem por feixes de 18 a 20 canas, calculados em cerca de 20 Kg por unidade – em um total de 50 feixes – receberiam por 1000 kg ou uma tonelada de cana cortada.

Este é um período em que – apesar da maioria dos feixes serem de 18 a 20 canas, tendo um peso 20 kg à razão de trinta centavos cada, equivalendo portanto a cada 50 feixes a uma tonelada – os "gatos" pagavam aos cortadores, ainda conforme a autora, dez centavos a mais, desde que estes trabalhadores fizessem feixes de 24 a 25 canas com peso de 30 a 35 kg. O que representaria um acréscimo de 1600 a 1750 kg, ou seja: um sobrepeso de 60% a 75% a cada lote de 50 feixes.

Além deste trabalho captado a mais pelo "gato", as suas somas eram acrescidas com o pagamento da usina pelo transporte, arregimentação da força de trabalho junto aos cortadores de cana e as diferenças de pagamento em dinheiro para as modalidades de trabalho exercidas por homens e mulheres, e de trabalhadores fixos e volantes.

Mas, com a mudança para cinco ruas e o cálculo da produção metro por tonelada, adicionada à chegada dos guinchos mecanizados, passou a ocorrer, ainda segundo Moraes Silva (1999), uma maior intensificação no processo de corte da cana e uma nova maneira de se apropriar do mais trabalho.

A partir destas observações, podemos afirmar que este é um período em que está se dando um novo reordenamento no desenho da produção no talhão de cana, ou seja, um replanejamento na produção da usina em seus diferentes departamentos.

Em relação ao mais trabalho, a sua apropriação que até então era feita pelo "gato", com as novas tecnologias introduzidas e a mudança do corte da cana por metros convertidos em toneladas, os usineiros – nesta segunda versão – passam a dar o tão característico pulo sobre o excedente do trabalho no corte da cana, porque agora o preço passou a ser estipulado pelo próprio dono da produção e de modo indiferenciado dentre suas variações e, além disso, a cana aferida em seu peso não necessariamente coincide com a sua metragem no eito.

Embora Moraes Silva (1999) não entre em maiores detalhes sobre o critério do usineiro estar produzindo álcool ou açúcar, a sua pesquisa bem como a de Coleti (1987), leva-nos a entender que a cana esconde no seu teor de sacarose a divisão entre trabalho necessário e o trabalho excedente.

As novas tecnologias empregadas no controle do solo, clima e pragas, propiciam melhorias às plantas em relação à concentração de açúcares, o que é de conhecimento e uso exclusivo do usineiro, pois os trabalhadores – muito embora mantenham em suas falas um sentimento de desconfiança – não têm controle ou informação sobre o modo como se dá a expropriação do mais trabalho[136].

Mesmo a cana não apresentando a qualidade, isto é, a especificidade para a industrialização do açúcar, ela é aproveitada de maneira conveniente e oportuna para o álcool. Para o usineiro, tratar-se-ia de racionalizar o processo de produção da melhor forma que maximize os seus lucros; assim, uma *cana ruim* para a produção de açúcar poder se apresentar como boa para a produção de álcool.

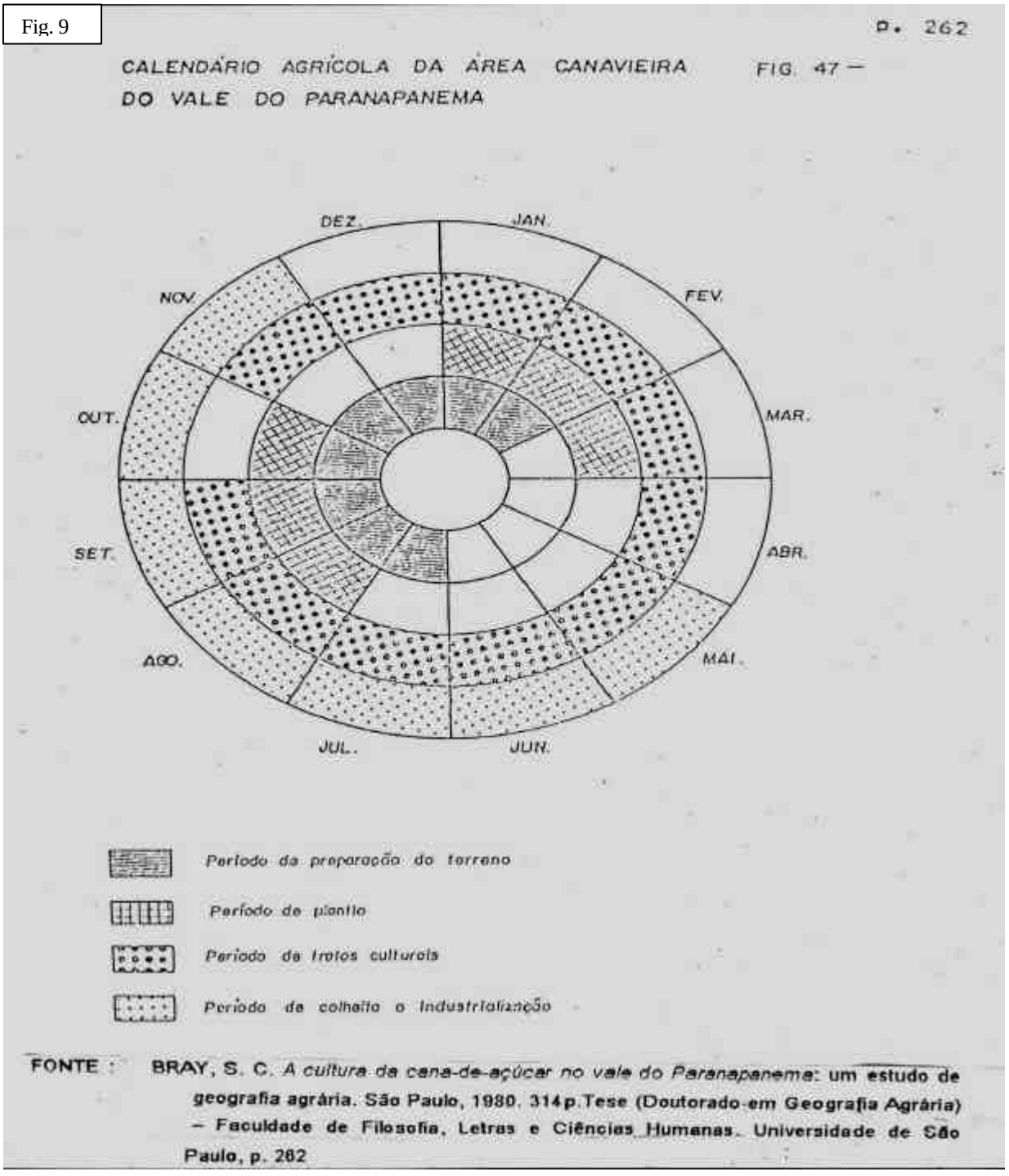
Daí poder-se dizer que uma *cana boa* ou uma *cana ruim* para o usineiro corresponde, de fato – dependendo da informação e do controle sobre a sua matéria-prima, em relação à composição dos investimentos na usina – à possibilidade de auferir maiores lucros, legitimando jurídica e ideologicamente a ação e o discurso empreendedor daqueles que assumem os riscos dos investimentos e de seus gastos.

Ainda em relação ao depoimento anterior do empreiteiro, é fundamental observarmos como este sujeito social se apresenta, mostrando-se aos cortadores como um possível líder em suas reivindicações. Mas, diante do conflito e da ambigüidade em que se encontra em relação à apropriação do excedente do trabalho, vê-se obrigando a identificar-se como aquele que não é cortador de cana.

---

[136] Diz Roberto: [...] *"a gente não tá lá pra vê, eu creio que com tudo isso ainda passa* [o preço menor]*, porque eles leva a cana lá pra a usina pá pesá, certo? Agente não tá lá, tá ali* [no talhão]*, o turmeiro tá ali na roça. Se acha que não engambela agente? Tocando a você que ganha quinze real, agente pensa: o beleza, hoje ganhei quinze reais, mas a gente tá lá na hora da balança? Lá dentro da usina, lá só tá os grã-fino, lá dentro tá os bão da boca. E lá, talvez* [a] *cana que você ganha quinze real no dia, talvez se eles pagasse certinho, certinho você ganhasse dezoito real, daí treis real eles..., mas quem vai sabê?"*

Fig. 9



E embora participando e tendo uma trajetória de vida parecida com a dos cortadores, o empreiteiro, tanto no talhão como no bairro – mediante a hierarquia das relações sociais – cumpre o papel fundamental de se fazer como uma caixa ressonante na interiorização de valores e sustentação das relações de dominação.

O *trabalhador animado*, o trabalhador que não reclama de preços e das condições de trabalho – poderíamos acrescentar – corresponderia, segundo o empreiteiro, ao cortador de cana, na sua individualização, que se esforça para

ganhar a sua diária no *microcosmo do eito*, pois o desgaste do trabalho seria algo próprio e exclusivo das condições da natureza e que sempre existiu na vida daqueles que têm seu passado na roça e que necessitam do corte de cana.

A valorização do trabalho expressa na quantidade de eitos, apresenta-se como uma espécie de garantia contra as reclamações dos trabalhadores. Isto permite-nos analisa-la enquanto um mecanismo de pressão, em que se evidencia o discurso do disciplinamento do corpo do trabalhador para suportar a carga de trabalho. E, além disso, existe a prerrogativa de que é preciso se esforçar um pouco mais para ganhar o dia no eito.

Segundo Moraes Silva (1999, p. 112), no mundo da colônia os antigos fazendeiros faziam as suas aparições transvestidos com suas máscaras, impondo aos trabalhadores um modo próprio de viver, através de uma série de normas que permitiam reproduzir as relações de trabalho e a produção de um modo singular de viver.

No entanto, com a passagem do colono à condição do trabalho assalariado por produção, as relações sociais passaram não ser mais as mesmas. Os fazendeiros deixando o palco, mas não a cena, fizeram-se substituídos por novos personagens que assumiram as antigas máscaras, mas sob um outro tempo e sob um outro espaço de relações sociais, caracterizado em um teatro de marionetes.

O “gato” tem a sua origem justamente neste novo palco, neste processo de mediação entre a circulação e reprodução da força de trabalho, devendo ser analisado, ainda conforme Moraes Silva (1999, p. 114 -137), à luz das novas relações e da organização do trabalho, pois ele se apresenta como peça fundamental na teatralização das relações de dominação na *civilização da usina.*

Nos relatos recolhidos junto aos empreiteiros podemos observar que estes sujeitos sociais trazem consigo, em suas trajetórias de vida, a experiência em comum com a dos cortadores de cana. Ou seja, provêm de famílias que se viram obrigadas a migrarem para as cidades e a residirem em bairros de periferia, cujo estilo de vida encontrar-se-ia diretamente vinculado a uma *socialização para o trabalho* na usina.

Porém, as semelhanças entre empreiteiros e cortadores de cana terminam justamente nesta passagem da *civilização do café* para a *civilização da usina*. Porque no bairro, assim como no talhão, a posição ocupada por estes mediadores do processo de produção corresponderia à manutenção e ao poder de determinar quem deve permanecer vinculado, a cada ano, às novas relações sociais de produção.

E mesmo hoje, com o avanço e as mudanças ocorridas, sob o impacto das novas tecnologias, ainda são os empreiteiros os principais orquestradores dos interesses dos usineiros no que diz respeito à classificação, disseminação dos ideais de comportamento, indicação para contratação e diferenciação dos trabalhadores, tanto no talhão como na vila onde desenvolvemos nossa investigação.

Como no passado, as relações sociais entre empreiteiros e trabalhadores se dão ambiguamente, a partir de uma unidade contraditória de interesses. Ser conhecido e poder se valer dos sentimentos de lealdade e amizade corresponde, mutuamente, a um costume que garante não só a contratação para o trabalho, mas também a cooperação para se manter, como no caso dos empreiteiros, vinculados à divisão do trabalho no departamento de produção da usina.

Por isso, os ideais de disciplina e expectativas de comportamento se apresentam em um embate no que diz respeito à conduta e à tolerância com relação aos comportamentos dos trabalhadores frente às ameaças, perigos, riscos em que se legitima um estilo de vida. Isto tudo interiorizado e reproduzido pelo modo de representar e viver as relações de dominação, submissão e, também, de resistência frente às ameaças contíguas entre bairro e talhão.

Com relação a este estilo de vida cristalizado, vejamos o seguinte relato do ex-empreiteiro Sr.Nelson:

> Quantos [não] têm aí casado que aprendeu comigo [a] talha, então ensinava o mulequinho a trabalha ser honesto, certinho, não saindo do seu eito; na hora do almoço sentá; na hora em que dá a hora de volta [ao trabalho] levantá. Por isso, não, têm vários aí, hoje já tamém aí quase avô e que foram crescendo. Mandava fazê um trato [e perguntava], comé que trabalho hoje o menor lá? 'O Nelson trabalho bem', [dizia] o dono do serviço, eu largava um poco num lugá, um poco noutro, sabe comé qué? O serviço era picado, passano pra frente, passava num outro [lembrava-me que] aqui também deixei um outro dos melhó, então tem que corrê; ' Nelson beleza, ele tá aí, manda pra mim'? Chegava no sábado, falava po patrão: e daí quanto valeu o muleque? Valeu meia diária, comé qué? [daí então ele respondia] 'não, não, não, a diária inteira, o mesmo valor'. Então chegava

> na hora de pagá, falava pra todos eles: vocês ganharo a diária que é de adulto, [então diziam] as mãe: 'ah, mas não acredito Nelson´, tá aqui; podia até robá se fosse um ladrão, mas não, ele [o patrão] pagô pra ele é dele, eu só quero a comissão. Qué dizê, um incentivo muito grande, aí começô, aí criei muita gente no caminhão, no fim dei um professor de trabalho, sabe comé qué? [risos] Um professor [de] trabalho de criança e de mocinhas também.

Em fevereiro de 2000, interessados em colher o depoimento do empreiteiro Sr. Francisco, fomos á sua residência na Vila São Pedro. Lá chegando observamos, em relação ao padrão de construção e conservação, que as moradias eram em sua maioria modestas. Contudo, a residência do empreiteiro – comparada às demais – destoava do conjunto residencial e da paisagem local.

Não que a casa do empreiteiro se apresentasse dentro de uma arquitetura ou modelo próximo ao das residências de um bairro de classe média alta em Jacarezinho. Mas, diferente das demais, a residência do empreiteiro tinha pintura nova, varanda, portão com grade alta e também uma garagem que era utilizada como pequeno comércio de doces e sorvetes.

Nesta ocasião, embora não encontrando o empreiteiro, ficamos conhecendo a sua esposa, que nos informou que o marido se encontrava no bar – o ponto de saída e chegada da turma –, local em que quase todos os dias os empreiteiros se reuniam após o trabalho.

Estávamos na entressafra – momento em que acontece a parada na moagem e no corte da cana, passando a vigorar o plantio ou replantio das soqueiras – um período em que a maioria dos trabalhadores fica desempregada e obrigada a recorrer ao seguro desemprego.

Todavia, segundo Sidnéia, que além de esposa do turmeiro é professora do ensino fundamental no bairro, este ano a noticia que se espalhava era a de que a usina iria executar o corte da cana mecanicamente; haveria dispensa, até mesmo de alguns empreiteiros, dada a novidade das duas máquinas recém adquiridas pela empresa.

Quando lhe dissemos que estávamos fazendo, justamente, uma pesquisa sobre os cortadores de cana que residem naquele bairro e as condições pelas quais passam dentro e fora do talhão de cana, Sidinéia, enfaticamente, sublinhou-nos que os cortadores são "bóias-frias" e que eles não se valorizam, pois bebem demais e

faltam muito ao trabalho. Além disso, afirma que na escola onde leciona, o reflexo desta situação se apresenta expresso na maneira como os filhos destes trabalhadores chegam à sala de aula[137].

Ao deixarmos a casa da professora para irmos até o bar do Guimarães, logo na entrada reconhecemos o Sr. Francisco a bebericar junto a três outros empreiteiros. Aproximando-nos do grupo e cumprimentando-os para nos identificar, dissemos ao turmeiro que estávamos a sua procura, assim como de algum outro trabalhador da sua turma para agendar uma possível entrevista.

Em um primeiro instante percebemos que o empreiteiro não se mostrava muito à vontade com a nossa proposta, mas se dispôs a dar o seu relato, dizendo que não havia problema e que era só marcar o dia e a hora, mas que no caso dos trabalhadores ele não poderia responder sobre esta possibilidade[138]. Hoje, depois de vivenciarmos a experiência da pesquisa de campo, podemos dizer que o momento do encontro e o convencimento das pessoas a falarem sobre suas trajetórias de vida se constituíram em um dos episódios mais difíceis neste tipo de investigação.

Neste encontro com os turmeiros, procurando ser o mais informal possível indo direto ao assunto, perguntamos sobre aquele momento no bar, e se era algo comum entre empreiteiros. Pelos sorrisos, a impressão que tivemos foi não só a confirmação daquilo que desconfiávamos, mas a sensação de que a nossa presença

---

[137] Em abril de 2001, quando retornamos à sua residência em uma exploração pela vila em seu prolongamento, em conjunto com alguns alunos da Faculdade de Filosofia de Jacarezinho, disse-nos Sidnéia que o principal problema do bairro era social, porque a maioria das famílias tinha pais "bóias-frias" e mães empregadas domésticas. Eles, ao saírem para o trabalho, deixavam suas crianças sozinhas brincando na rua sem nenhum limite e, quando na escola, muitas traziam problemas de saúde, como um dos seus alunos, que ela observou estar com uma infecção no ouvido e que chegava a feder. Além disso, haveria casos de usuários de álcool e drogas. Os professores mal conseguiam dar aula, e até mesmo, a sua casa já foi roubada por meninos que estudam na escola. Isto parece ter chegado a esta dimensão dada a transferência de alguns moradores de uma favela para as construções do Jardim Felipak, um dos bairros adjacentes à vila em sua expansão. Na verdade, ainda segundo a professora, isto tudo se daria em função da falta de uma estrutura familiar ou orientação de um adulto que cobrasse às crianças o cumprimento de um horário de ida para a escola. Por isso, só restaria aos professores aguardar as providências da família.

[138] No bar do Guimarães se encontravam apenas os empreiteiros e o fiscal Samuel - negro de 28 anos - que, separado do grupo, escutava o diálogo. O bar do Guimarães nos sugere ser um "pedaço" onde se tratam de vários assuntos, desde os jogos de futebol programados pela turma à contratação, organização dos trabalhadores, bem como o comentário sobre a qualidade do cortador de cana. Como diz Samuel: *"(...) no bar memo quando eu chego, no bar de seu Guimarães e tudo, nossa, tenho uma amizade com..., ontem memo eu tava lá e passou quatro pessoas querendo conversar comigo ao memo tempo, duas mulheres atrás de serviço e um outro querendo saber se o Audir, tava lá e o Cristiano filho do João* [empreiteiro]*, estas quatro, ou cinco pessoas tudo ao memo tempo querendo conversar comigo. E eu atendendo o rapaiz lá, conversando com ele assim e tal, tentando disfarçar e conversar com outro [...]".*

não os incomodava com aquele tipo de questionamento. Até porque, como nos relatou um dos empreiteiros – um mulato conhecido como Pé Grande – aquele era um momento de descontração em que se reuniam para comentar os assuntos do dia-a-dia.

Curioso em saber como eles estavam reagindo em relação à notícia da usina ter adquirido duas máquinas para o corte da cana, aproveitamos para lançar o assunto na discussão do grupo.

De imediato percebemos entre os olhares dos empreiteiros um misto de preocupação e espanto diante de nossa pergunta. Mas, segundo Pé Grande, isto já era algo esperado, mesmo porque na usina São Luís – em Ourinhos – o uso das máquinas vinha acontecendo desde o ano passado, e sabia que ocorreria dispensa de empreiteiros.

Mediante a resposta, insistindo no assunto, indagamos sobre a possibilidade deles se tornarem empreiteiros em outras usinas que ainda não haviam aderido ao processo de mecanização do corte de cana.

Um outro empreiteiro, branco, cunhado do Sr. Francisco, lembrou-nos que seria muito difícil entrar em uma outra usina; citando o exemplo da "Dacalda" [139], disse que no passado houve turmeiros de Jacarezinho que ao transportarem trabalhadores sem registro para aquela empresa, acabaram por prejudicar todos outros empreiteiros da cidade. E, desde este período, ela não mais aceitava empreiteiros do município, e tampouco, a usina Jacarezinho permitia a entrada de turmeiros de Cambará.

Muito embora não tenhamos entrado no assunto sobre o registro obrigatório dos cortadores de cana, o relato do Sr. Audir, à medida que foi inserido como temática neste diálogo, pareceu-nos um jogo de palavras para saber qual era a nossa posição com relação a este assunto.

O motivo que nos leva a interpretar a enunciação do seu discurso como um jogo de palavras, tem a ver com o fato de que a contratação dos cortadores de cana e dos empreiteiros em Jacarezinho ainda ser realizada pelo empregador – o usineiro – e não por cooperativas de agenciadores. Até porque, no momento em que se fazia

[139] Outra usina instalada em Jacarezinho

esta investigação, ainda não havia agenciadores com razão social estabelecida tal como as agências de terceirização que se encontravam em franca instalação na região de Ribeirão Preto, como analisa Moraes Silva (1999, p. 314) .

Neste aspecto o discurso do Sr. Audir, em relação ao tema por nós sugerido – a possibilidade de mudança ou a entrada de novos empreiteiros nas usinas da região – indica-nos a interpretação de uma discursividade em que há uma expectativa, ou uma sensação de ameaça frente às incertezas pelas quais vem passando o corte da cana no município.

Em seu depoimento sobre a sua trajetória de vida, o Sr. Francisco nos contou que provem de uma família de ex-sitiantes da região e que o pai, depois de vender a propriedade e ter se mudado com a família para cidade, veio – no passado – montar um pequeno comércio na Vila São Pedro. E adquirindo, posteriormente, um caminhão acabou entrando no transporte de "bóias-frias"; atualmente, ele e seus dois outros irmãos continuam a levar o negócio deixado como herança pelo pai.

Em relação ao registro dos trabalhadores, parece-nos que a preocupação enunciada no discurso do cunhado, em nosso encontro anterior na semana em que estivemos no bar do Guimarães, está também presente no discurso do Sr. Francisco, ainda que este empreiteiro esteja dando o seu testemunho[140] sobre a ação do sindicato dos trabalhadores rurais e o Ministério do Trabalho em 1987.

[140] Diz o empreiteiro em relação à regularização dos contratos de trabalho: *"Ah, começou a fichar em oitenta e sete, até oitenta e seis eu trabalhei sem fichar, pegava o serviço da usina e fazia o meu preço lá prá tirá o frete, o dia, a diária. Aí, em oitenta e sete veio essa lei que tinha que fichá mesmo. Aí davam uma comiçãonzinha prá nóis e tal: um frete. A pessoa trabalhava às veiz... . Com nóis não chegou a acontecer isso, porque nóis dominava a turma, sabe assim muita amizade? Então eles não fazia isso na fazenda que a gente tava, mas muitos ..., começou a surgi muitos empreiteiros novo, daí pegava assim, sabe? Aí ele ia lá ca turma e tal, escolhia a turma [mas] ia lá e fazia serviço porco, aí a fazenda, a usina não aceitava. Aí cortava ele; chegava de tarde e falava: 'ó, amanhã você não precisa vim mais'. Aí no outro dia ele levava tudo a turma no sindicato. Aí a usina ou fazenda teria que pagá, sabe? Uma semana, ou quinze dia, aí então foi aonde que aquela pressão começou demais, né? Quarqué coisinha a pessoa... ia um dia na roça, não trabalhava, aí o cara chegava na gente – o administrador – e falava: 'fulano, você não paga porque veio aí e não trabalhô e tal', então a gente [dizia] olha, de tarde você não vem, amanhã você não vem mais, não precisa vim. Aí, então..., com a gente nunca aconteceu isso, mas muitos aí já corria no Ministério* [do Trabalho] *e tal.., e já tava trabalhando lá fazia dias e não tinha nada escrito, nada que comprovasse o dia que ele começou a trabalhar, nada, só o caderno do empreiteiro ali, só, né?. Aí ia lá e recebia lá uma semana, na época*

Imagens e representações do desgaste no trabalho

O trabalho no corte da cana envolve um aprendizado e uma classificação daquele que o realiza. Estar habilitado a fazê-lo corresponde, especificamente no trabalho por produção, em um treinamento do corpo perante as condições adversas desta tarefa.

A habilidade com o facão e a resistência frente às posições assumidas pelo corpo, dada às situações em que se encontram os eitos, permitem não só aos trabalhadores, mas também e principalmente aos fiscais, empreiteiros e outros mediadores no processo de produção, classificar a qualidade do trabalho em relação à quantidade e o tempo despendido na colheita da cana, estabelecendo-se, inclusive, disputa pelos melhores cortadores.

Como diz Roberto:

> Se é bom o comentário roda, 'óh, o rapaiz lá é bom'. Agora se o cara é ruim Donizeti [a fama] corre também a mesma coisa, falam: 'ele é ruim, óh pegá ele..., aquele lá dá muito pobrema, perde dia'. [O] comentário roda a mesma coisa. [...] Perde dia e não gosta de trabaiá, pega em eito e depois não qué trabaiá, um cara que tá ali trabaiando certinho, ele tá desanimado e vai atrapaiá um outro que tá animado. O cara tá animado trabaiando certinho daí ele vem lá e diz: 'não sei o que tem lá, você viu o jogo lá do Brasil perdeu, [aí] ele vai ficando sujo na firma e sujo com o empreiteiro também [...], até um tempinho atráis existia [disputa de trabalhadores] que era [por] porcentagem né? Os empreiteiro ganhava por porcentage; quarenta por cento da pessoa que trabalha. Que nem eu tô falando: você é um trabaiadô assim, 'nossa, o Donizeti ele ganha vinte real por dia, a não ele tem que trabaia comigo porque ele vai me dá lucro de oito reais', e é hora que antigamente dava porque [...] tinha empreiteiro que ficava até com a cara amarrada com o outro e falava: 'o rapaiz ia trabaiá comigo, trabaia comigo e só', porque vamos supor, o Pé Grande chegava e falava: 'vamo trabaiá lá comigo rapais [lhe] dou um churrasquinho, uma cervejinha', [pronto] feiz a cabeça do rapaiz. E agora o rapaiz não vai trabaiá com o outro, vai trabaiá com o Pé Grande. Acontece isso, aconteceu muito, ha uns tempo de treis, quatro ano atrais.

Embora não sendo uma planta que obedeça a um ciclo de permanência no solo tal como o café, a cana-de-açúcar requer cuidados quase que semelhantes, para que possa propiciar uma nova touceira e com ela uma nova safra.

O corte manual da cana, de modo mais rente ao solo, constitui-se em um dos fatores de grande importância para que se possa garantir os novos brotos das touceiras em seu ciclo médio de produção de quatro anos.

---

pagava oito dia de aviso pra ele lá, daí eles [usineiros e fazendeiros] *começaram a perdê muito com isso. Aí onde veio a fichação".*

Contudo, a posição para realização desta tarefa exige do trabalhador um adestramento do corpo, um aprendizado em se lidar com o facão, bem como o estilo adotado frente às exigências dos mediadores da produção, pois o corte da cana deve ser executado em ambas as extremidades da planta, ou seja, rente ao solo e depois em sua parte superior. E, dependendo da época, da empresa em que está ocorrendo a colheita, apanha-se determinada quantidade de cana na touceira aplicando um número de golpes, para depois cortar o ponteiro de cada peça eliminando, a ponta da cana para manter-se garantida a concentração de sacarose e facilitar o transporte.

Revelou Samuel, fiscal de turma do empreiteiro Audir, quando da sua passagem pelas usinas São José e Barra Grande, no Estado de São Paulo, que o corte da cana obedece à determinação do Fiscal Geral e que ele sofre mudanças.

> Tem lugar que eles manda derrubá todas as cinco [ruas] pra um lugar só, outros lugar dependendo, no início da safra, eles manda só treis, e [também] cortá as ponta. Porque no início da safra, a cana não tá madura, ela tá meia verde, então se derrubá as treis e mais duas [que] vai dá cinco [ruas] e, naquele acúmulo de ponta ao cortá, vai ficá muito....ruim, você acaba cortando gomo. Você corta folha de um e gomo da outra, cortando cana em cima da outra. Agora, quando tá no meio da safra, já no final aí então eles até libera você. Então,daí eles deixam derrubá as cinco rua, mas é muito difícil porque rende bastante também, né? Porque no caso de você cortá na mão é um [jeito] e se corta derrubada é outro. Na usina São José e na Barra Grande, no início da safra, eles não deixam cortá cana derrubada, os dois primeiros meses. Um mês e meio é só na mão, aí é onde se destaca as pessoa que têm habilidade na mão. Corta só na mão: pega a cana, corta a ponta e joga na lera, [isto é,] cortá só na mão. Aí, quando eles libera é que já tão queimando bem a cana, aí ele [Fiscal Geral] libera você pra derrubá treis rua, então você vai cortando a [rua] do meio e vai jogando, depois as outras duas, você volta cortando as ponta e vai, chutando a palha, no caso é mais com botinão mesmo, é mais pesado. Porque na mão fica muito forte, então do meio da safra pra lá eles fazem isso.

De acordo com Alessi; Scopinho (1974, p.138), no processo do corte, plantio e manutenção dos talhões, os trabalhadores estariam envolvidos, tal qual como aponta Laurell (1982), direta e indiretamente com um conjunto de cargas laborais que se manifestam em padrões de desgaste da saúde biopsíquica do trabalhador[141].

[141] Laurell (1982, p. 7 - 8) ao comentar sobre a polêmica surgida nos anos setenta, com relação à manifestação da doença, e se esta tem uma essência biológica ou obedece a um processo social, entende esta autora, que o desgaste e a reprodução do processo biológico em que se encontra determinada coletividade está historicamente condicionada à maneira como os homens estabelecem suas relações com a natureza através do trabalho, Por isso a necessidade de construir um objeto de estudo que permita compreender e aprofundar o processo saúde-doença frente a causalidade destes estados em sua articulação com outros processos sociais.

Os pesquisadores ligados à psicologia social e às ciências sociais teriam em comum, conforme Selligman-Silva (1994, p.), o entendimento de que há um consumo do corpo do trabalhador em decorrência das condições em que se encontram no trabalho.

E é neste sentido que podemos interpretar as investigações de Alessi; Scopinho (1994) em suas pesquisas sobre a saúde do trabalhador na produção agrícola da cana-de-açúcar em Ribeirão Preto. Pois, como afirmam estas autoras, a produção da cana em suas diferentes fases, ocasiona aos corpos dos agentes sociais exposições e desgaste não só pelas cargas físicas[142], químicas, mecânicas e biológicas em suas diferentes manifestações, mas também pelas cargas fisiológicas e psíquicas[143].

No relato do fiscal de turma citado anteriormente, o que fica evidenciado é que a carga do trabalho no talhão de cana está diretamente vinculada ao modo como é determinado o trabalho, e também ao conhecimento e reconhecimento do cortador em posicionar corretamente o seu corpo nas diferentes condições em que se apresentam os eitos.

Os cortadores de cana, em seus depoimentos são unânimes em considerar às radiações solares e as chuvas como principais agentes de desgastes e fadiga no trabalho. No entanto, outras condicionantes que se encontram marcadas por uma subjetividade tendem a ser subestimadas em seus relatos, pois ao que tudo indica

---

[142] Inerentes a este tipo de trabalho, segundo Alessi;Scopino (1994, p.138), encontrar-se-iam [...] "*radiações solares; chuvas; mudança brusca de temperaturas; o contato com poeiras provenientes da terra, fuligem da cana queimada e agrotóxicos; acidentes provocados com instrumentos de trabalho; transporte inseguro; presença de animais peçonhentos e a contaminação bacteriológica causada pela ingestão de águas e alimentos deteriorados"* – configurando o que se pode afirmar como manifestações e eventos independentes da vontade dos trabalhadores, tais como: *[...] "dispnéia, infecções respiratórias, dermatites, conjuntivites, desidratação, câimbras, diarréia, oscilações da pressão arterial; ferimentos principalmente nos membros inferiores; superiores e no rosto e ameaça cotidiana da morte que pode materializar-se em acidentes de trajeto*".

[143] Ainda, de acordo com Alessi;Scopinho (1994, p.138-139), *[...] o esforço físico imenso, os movimentos corporais bruscos que o corte da cana requer; a monotonia e a repetividade no modo de realizar a atividade, principalmente no que se refere à coordenação dos movimentos corporais com o podão; o ritmo acelerado que se procura imprimir ao corte; a ausência de pausas regulares no trabalho, mesmo as necessárias para períodos de refeições; a total impossibilidade do trabalhador ter iniciativa; tomar decisões, introduzir mudanças e exercer algum tipo de controle, quer no modo como o trabalho possa vir a ser realizado, quer no controle de seu resultado final e, finalmente, a sujeição do trabalhador ao controle e à supervisão estrita de feitores, baseadores, fiscais e agentes intermediário. Esses cargos também configuram em padrões de desgaste que se manifestam em sintomas na coluna vertebral, dores lombares, torácicas e de cabeça; tensão nervosa e outras manifestações psicossomáticas que se traduzem principalmente em quadros de úlcera, hipertensão e alcoolismo ".*

estariam relacionadas ao modo como cada um, em sua individualidade e diferenciação lida com o ritmo do trabalho e as suas condições.

Vejamos o seguinte relato do cortador Roberto ao comparar a organização de trabalho, o seu controle e ritmo nas usinas de Jacarezinho e Ourinhos:

> É, você tem que trabaiá certinho no chão. Se acontece de um dia ocê esquecer o crachazinho da firma que você tem que levar todo dia... . Aqui você vai pra roça, você esqueceu de colocar na mochila, na bolsa, ah...chegou lá o fiscal procura, cadê? Vamo todo mundo passá o crachá prá começá o trabalho [...]. Lá na usina São Luiz tem também [o uso do crachá], mas só que lá eles passam no outro dia. Hoje eu esqueci meu crachá lá no Estado de São Paulo, longe, não dá, eu vou perder o dia, daí eles falam: 'então procura não esquecer mais que amanhã nóis pega e passa duas veiz'. Eis volta a data do coletor; [o] coletor é um computador que você passa o crachá, ali registra a hora que você entra para trabalhar e a hora que ocê sai. Pá mode manda prá usina, pa mode manda o ponto onde você trabalha. Lá eis faiz isso. Agora aqui no Paraná, na usina Jacarezinho, se você chegá a esquecê o crachá, você fica... [sem trabalhar], o meu tio mesmo [...] esqueceu o crachá, um dos fiscal lá falou: 'sinto muito, mas o seu dia já tá perdido, ocê vai ficá o dia inteiro aí parado, nós não pode deixar você trabalhar '. É..., é essas coizinha assim que influi numa usina pra outra [...] lá [na usina São Luiz] quem faz a hora é você [...] que nem lá [na usina em Jacarezinho] o pessoal almoça as deiz hora, lá [em Ourinhos] o almoço é nove hora, certo? das nove as deiz é horário seu de almoço, certo? Mas se ocê não quisé almoçá das nove as deiz pode almoça nove e meia, certo? Você não precisa tá almoçando naquela hora. Você tem hora prá você pegá, mas prá você fazê refeição não tem horário, e não é aquela passação de crachá, que nem eu tava falando procê [...]. Aqui, você vai pegar cedo, ocê tem que passá o crachá, você vai almoçá tem que passá de novo, cê vai tomá café, uma e meia... parece [tem que passar de novo]. Uma hora passá de novo, de tarde passa de novo. E lá na [Usina São Luiz] não tem isso. Lá na usina é duas veiz, você passa cedo e à tarde, você trabalha conforme você guenta. Se não güenta, trabalha mais poco. Se você não güenta...,se você qué trabalhá bastante, você fala taí. Se trabalha conforme se qué, se qué ganhá trinta real no dia, você ganha, se qué ganha deis real ocê ganha. É assim, lá eles não... , é sorto. Agora aqui já é mais seguro, mais nesse ponto assim, pelo menos pra mim achei lá uma diferença de lá prá cá. Eu achei uma diferença até meia grande. Agora a gente gosta daqui, mas eu acostu..., trabalhei uma safra lá esse ano passado e gostei. O seu Francisco tá loco pra eu voltar: ' vamo voltá lá com nóis, ah, vamo trabalha. Eu falei: ah, Francisco oh...eu acho que vou volta lá mesmo, que eu acostumei com o ritmo, sabe? Acostumei com o ritmo do serviço, chegá mais tarde, [de] lá eu volto mais tarde, certo? Hoje eu não estudo mais parei de estudá. De lá eu volto mais tarde [mas] acostumei com o ritmo do serviço. [...] **E**u chego aqui seis e meia, lá para quatro e vinte, mais chega aqui seis e meia. Agora a turma da usina [Jacarezinho] para deis pras quatro [diz o trabalhador com certo pesar] a semana inteira, cinco dia, porque trabalha direto domingo e tudo. E chega aqui [alterando a voz, quase que indignado] cinco e.., cinco horas, cinco e pouco a turma da usina já tá aqui em casa de velho. Eu acho que acostumei naquele lugar lá, rapaiz [...] o horário aqui [...] era uma beleza, só que na maneira de trabalhar que é diferente [...] por causa do serviço, né? E eu não estou acostumado com entojamento assim, o fiscal da orde no pé da gente assim que nem aqui. Toda hora não sei que tem [o que tem] lá. Lá [na São Luiz] não, lá você pega o seu eito e mete o pau, você vai trabalhá e o fiscal tá nem ligado em você não. Ele fala assim, ele fala: 'eu quero o serviço assim...', você pega e vai fazê e ele tá lá sossegado oiando o pessoal,

> agora aqui é difícil, a gente pega o serviço e [ele] fica ali toda hora: sai o fiscal, vem o fiscal geral, passa o fiscal geral, passa outro cara de carro assim berando o carreador. Se você tivé perto assim de gerente [ele] óia, se não tiver bom [o serviço] já para o carro e já vem, e já fala com você, pode até puní, [ou dar] treis dias advertência.

Na seção Santa Rita – quando lá estivemos – o dia tinha amanhecido nublado, mas à medida que avançavam as horas, o sol, que inicialmente aparecia timidamente, não nos dava trégua no decorrer do dia.

O calor escaldante era amenizado apenas quando ocorriam as rajadas de vento. Entretanto, desconfiamos hoje que isso não trazia maior conforto aos cortadores, já que seus corpos encontravam-se totalmente cobertos.

A nossa primeira tentativa de estabelecer contato com os trabalhadores no talhão se deu quando procuramos o Sr. Manoel no eito que se encontrava bem próximo ao carreador, local onde estava estacionado o ônibus que nos trouxera à seção.

Minutos antes desta primeira tentativa de observação e contato com os trabalhadores no eito, ouvimos o Fiscal Geral dizer ao empreiteiro que trabalhava sob um *fogo cruzado*: caso desse um preço muito baixo à cana, encontraria problemas com as turmas; no entanto se estabelecesse um valor acima da expectativa, estaria em uma situação desconfortável perante a gerência.

O discurso do Fiscal Geral, direta ou indiretamente, causava-nos a impressão de que ele desejava nos manter afastados do contato com os cortadores no seu microcosmo. Em um primeiro momento, ficamos bem impressionados com aquele discurso, sentindo-nos, inclusive, indecisos quanto à atitude que deveríamos tomar. A sensação era de estar tornando mais difícil o andamento do trabalho no talhão, e ficamos perdidos por alguns minutos, sem saber por onde ir ou começar.

Mas, vencendo a hesitação e nos aproximando de um cortador de cana, negro, o Sr. Manoel, buscamos, primeiramente, observar-lhe os seus movimentos. Ele estava trabalhando naquilo que os cortadores de cana denominam “bico de talhão”**,** uma beirada de carreador, um local ruim para alcançar uma boa produção.

Querendo causar uma boa impressão, aproximando-nos um pouco mais, e elogiamos o Sr Manoel pelo que considerávamos ser um trabalho rápido. O cortador, desconfiado, disse-nos que estávamos enganados, porque ele já estava com 59

anos e se preparava para aposentar, não merecendo enaltecimento pelo seu desempenho.

Procurando contornar a situação, sugerimos, em tom de brincadeira, que no ano seguinte ele estaria passando os dias brincando com os netinhos.Corrigindo-nos novamente, o cortador ressaltou que não tinha nenhum neto, apesar de ter duas filhas, e que estas se encontravam em Curitiba, longe dali.

Não esperando aquele tipo de resposta, naquele instante um grande desconforto nos abateu. Percebemos de imediato que não havíamos conseguindo estabelecer uma relação aprazível com o trabalhador. Mesmo assim insistindo na tentativa de manter um diálogo, indagando sobre as suas ocupações no passado e a experiência de ter presenciado ou sofrido algum tipo de acidente.

O Sr. Manoel, de maneira muito sintética, não se estendendo no assunto, contou-nos que foi saqueiro no passado e que tinha sofrido um acidente nesta época; mas considerava que a atividade no corte da cana era menos pesada que a antiga ocupação. Tamanha era a economia de suas palavras que percebemos estar incomodando o cortador, até porque ele poderia estar sendo vigiado em seu trabalho.

Despedindo-nos, dizendo que não queríamos atrapalhar e seguindo o carreador, ficamos curiosos ao vermos um trabalhador cortando o que então considerávamos serem brotos de cana. Depois de observarmos a sua ação por alguns minutos, resolvemos perguntar se aqueles brotos entrariam na produção, porque entendíamos que a cana estava muito nova para ser moída.

Esse trabalhador mais aberto ao diálogo, disse-nos que aquela cana derrubada entraria – depois do corte do seu ponteiro e limpa a sua palha – normalmente na produção. Soubemos então que André, mulato de 17 anos era novato no corte da cana. Vinha desde os 14 trabalhando em outros serviços, só estando naquela situação porque tinha três outros irmãos menores que sustentava, pois o pai tinha se separado da mãe.

André também nos disse que havia parado de estudar porque chegava muito cansado na escola, mas que sonhava com alguma coisa melhor que aquela condição de trabalho. Sempre que podia, lembrava aos irmãos que o corte da cana

os esperava, caso não estudassem. Em meio a este relato apareceu um outro trabalhador, branco, aparentando ter a mesma idade do companheiro que estava dando o seu depoimento.

Pensávamos que o trabalhador tinha se aproximado para ouvir o depoimento do companheiro e participar do diálogo. Contudo, no momento em que perguntei sobre o seu nome, sublinhou o rapaz que não revelava o seu nome de maneira gratuita e, piscando para o companheiro, dizia que não ia falar nada porque não era bobo[144].

Aquela frase do rapaz nos fez perder a paciência; logo estávamos a tecer uma série de comentários sobre o motivo de estarmos ali no talhão de cana, deixando claro que não éramos sindicalistas e tão pouco investigador de polícia.

Porém neste momento, eis que nos vimos diante do fiscal Geral que dizia estar sentindo cheiro de fumaça; com isso concordou o rapaz que não quis nos revelar o nome, mas que estava ali para saber se já tinha dado o horário do almoço.

Jonas, o Fiscal Geral, branco,de 55 anos, de maneira direta perguntou-nos se iríamos passar por todos os eitos a fazer perguntas aos cortadores. Deixando os trabalhadores e seguindo em direção ao ônibus, explicamos que não passaríamos em todos eitos, mas que tínhamos a intenção de ir a alguns. Entre uma batida do facão nos tocos de cana que estavam no chão, o Fiscal nos sugeriu as pausas do almoço e o café para a realização das entrevistas.

Não havendo outra alternativa, concordando com o Sr. Jonas, aproveitamos para perguntar sobre a sua trajetória de vida. O Fiscal, andando de um lado para o outro, contou-nos ter feito de tudo um pouco na usina, inclusive, jogando feixes de cana para dentro da caçamba de caminhão na época em que não havia ainda os guinchos mecânicos. Mas hoje, segundo Jonas, via as coisas muito mudadas, porque se fosse naquele tempo dos feixes de cana, estes trabalhadores – referindo-se às turmas no talhão – não agüentariam um dia de serviço. Admitiu-nos, porém, que era preciso mudar e acompanhar os novos dias.

---

144 Nesta pesquisa, tivemos sempre à mão uma câmara fotográfica e um gravador. Mas, especificamente neste dia resolvemos não utilizá-los; até para ver qual era a reação das pessoas frente a estes equipamentos, e também porque esperávamos poder retornar ao talhão mais vezes com esta turma.

Já eram 10:00 horas, momento de pausa para o almoço, e procurando seguir as recomendações do Fiscal Geral, pelo menos sob seu olhar, aproximamo-nos de três mulheres brancas que estavam se aprontando para almoçar. Tratava-se de uma família, isto é, a mãe e suas duas filhas. Dizendo qual era o motivo de estarmos no talhão, exprimimos o nosso interesse em saber como era o dia-a-dia delas, entre dividir as tarefas de casa e as do eito de cana.

A mãe, Dona Florísea, prontificando-se a falar, contou-nos que era viúva, morava na casa do genro, levantava-se às quatro horas da manhã, limpava a casa e preparava a "bóia" para levar ao trabalho. Há muitos anos vinha trabalhando na roça, morando em colônia de plantação de café, mas nunca plantou nada para o seu próprio sustento, porque sempre trabalhou para os outros.

O trabalho, sob o efeito dos raios solares, deixa a fisionomia das pessoas com uma aparência enigmática em relação à idade. No caso destas mulheres, mesmo tratando-se de mãe e filhas, estas pareciam possuir os mesmos anos de vida; as marcas do desgaste se apresentavam visíveis em suas faces envelhecidas.

Como deixamos de perguntar a idade dessas mulheres, considera-se aqui, para efeito desta descrição, o depoimento da filha mais velha, Ana, e o de sua irmã mais nova, Dinalva, com relação ao número de filhos e a suas respectivas idades.

Disse-nos Dinalva que uma das suas maiores preocupações em sair para o trabalho era ter que deixar a filha de 4 anos sob os cuidados da sogra, porque sentia muito em privá-la de sua companhia.

Ana, no entanto, remetendo-se a falta de oportunidade de estudar nos pareceu esboçar uma crítica ao que a irmã havia dito, pois, segundo a cortadora, elas sempre acompanharam a mãe no trabalho e nunca puderam estudar. E talvez por isso a mulher, apostando naquilo que não teve, nos explicou que o seu filho mais velho de 15 anos era apenas estudante e não trabalhava.

Quando perguntamos se elas se sentiam envergonhadas com o tipo de trabalho que realizavam – embarcando em ônibus pela manhã, trajando roupas que as descaracterizavam em sua feminilidade e caracterizando-se como "bóias-frias" – a mãe, achando engraçada a nossa indagação e se pondo a sorrir com facilidade, disse-nos nunca ter pensado sobre isso.

A filha mais nova, Dinalva, também disse que não guardava nenhum sentimento de vergonha pelo o que fazia, mas conhecia um rapaz que chegava na roça sempre muito bem trajado e que, ao término da atividade procurava se lavar, trocando a roupa de trabalho.

Na discursividade dessas mulheres, a palavra “roça” corresponderia simbolicamente ao local de onde se retira a provisão dos alimentos tão característico a produção de subsistência – um tempo em que havia esta possibilidade.

E mesmo com todo maquinário a circular no talhão, as mulheres demonstravam em seus relatos uma confiança na energia humana – naquele que corta e que põe abaixo uma determinada vegetação – parecendo-nos não se darem conta de sua condição como trabalhadoras assalariadas e que estão vinculadas a uma organização nos moldes da indústria de transformação.

Ana, no entanto, quando nos referimos à organização e ao ritmo no trabalho, contou-nos que certo dia havia tentado acompanhar o trabalho de um homem que estava em atividade em um eito paralelo ao seu; e que ao comentar esta iniciativa com o marido, disse ele, após ter sorrido muito, que isso era impossível para uma mulher. E, zombando da sua própria situação, a cortadora dizia que o vizinho do eito era um velho e, por isso tinha demonstrado tal intenção.

Voltando-se para nós, perguntando sobre a pesquisa que estávamos fazendo, Ana quis saber o que queríamos com elas, qual era nossa intenção de fato. Ao dizermos que estávamos buscando saber o que pensavam sobre as condições do seu trabalho, a mãe, intervindo, disse que a finalidade das minhas perguntas tinha a ver com o meu estudo, o meu trabalho, demonstrando-se claramente desconfiada e cuidadosa naquilo que estava sendo dito.

A esta intervenção de Florísea, julgamos oportuno convidá-la para uma possível entrevista, caso dispusesse de tempo para falar de sua trajetória de vida. Nisso, Florísea nos respondeu que não poderia, porque havia muitas atividades por fazer – mesmo entrando no período da entressafra, não trabalhando no domingo tinha que lavar, passar, cozinhar e etc.

Quando a filha mais velha perguntou como faríamos isso, explicamos que não precisava interromper o trabalho para nos dar a entrevista. Dinalva nos interrompeu

e perguntou se aquilo que tínhamos nas mãos era um gravador, se estávamos gravando aquele diálogo, demonstrando assim uma certa apreensão. Em tom de brincadeira, procurarmos passar confiança ao grupo, dizendo que estávamos com aquele equipamento só para nos identificar como pesquisador e não como um cortador de cana e que só faríamos a gravação, caso consentissem.

Foto 7



Fim de jornada de trabalho e o preparativo da volta para casa – outubro de 1999

Apesar de Florísea e Ana manterem-se desconfiadas, Dinalva se mostrou um pouco mais disposta a falar sobre a sua vida, perguntando-nos se uma empregada doméstica tinha ou não direito a receber o fundo do Programa de Intervenção Social (PIS) mantido pelo governo.

Em meio a esta conversa, aproximou-se do grupo uma outra mulher com cerca de trinta anos, dizendo estar indecisa em permanecer na turma para executar as atividades de capinar e de plantar cana na entressafra; pagavam pouco e ela não podia requerer o auxílio do seguro desemprego e manter-se fora do trabalho por ter menos que um ano e três meses de registro na carteira de trabalho.

Por isso a mulher negra, Jussara, que estava pensando em procurar outra turma de trabalho que estivesse envolvida no corte de cana. Até então pensávamos que a parada no corte fosse algo que ocorresse em todas as usinas da região. Ana

nos lembrou, entretanto, que ainda havia talhões de cana a serem cortados na usina Ponte Preta e na destilaria Archanjolo, no Estado de São Paulo.

Florísea, intervindo, disse que era da opinião de que Jussara permanecesse na turma porque ela precisava trabalhar – tinha filhos, mas não marido – e que não devia trocar a segurança de já estar trabalhando por uma coisa incerta, isto é, entrar em uma outra turma.

Mediante a chegada de Jussara e ao diálogo sobre as incertezas no corte da cana, enunciados naquelas discursividades, propusemos que elas falassem o que pensavam ser a dominação, e se sentiam dominadas no trabalho, ou então se existia alguma sensação de medo. Em relação à questão da dominação nenhuma das mulheres se predispôs a falar[145]; quanto ao medo no trabalho a única coisa que as fazia parar de trabalhar, conforme Ana, era quando ocorria o prenúncio da chuva com seus relâmpagos e trovões, porque, concordavam elas, os facões atrairiam as descargas elétricas.

Os equipamentos de proteção individual – perneira, luva, óculos e botina – segundo Ana, as livravam de muitos acidentes, e por isso não tinha medo de manusear o facão. Apesar dos óculos incomodarem um pouco, devido às lentes ficarem embaçadas pelo suor, este equipamento, ainda conforme a cortadora, evitava o contato do olho com a ponta da cana. Agora o que mais ocorriam, segundo ela, eram as quedas, principalmente após o período de chuva, mas que isso não era motivo para se ter medo de ir ao talhão

Após o almoço, na companhia das cortadoras de cana, resolvemos percorrer o talhão e observar de modo geral a disposição dos trabalhadores nos eitos. Os cortadores, no momento em que nos deslocávamos – passando pelos carreadores dos talhões e os eitos que já se encontravam em grande parte cortados – não entendendo muito bem o que estávamos fazendo ali diziam uns para os outros: *"lá vem o seu irmão"*. Apresentavam-nos como o **outro**, portanto, o irmão daquele que estava próximo do eito paralelo e que também era um **outro** para aquele que estava anunciando a nossa chegada.

[145] Esta questão sobre a dominação nas relações de gênero, talvez seja por demais intima a estas mulheres, por isso, o silêncio. Algo por demais pessoal para ser relatado a alguém do sexo, oposto que mal acabaram de conhecer. Ou até mesmo, diante da nossa inexperiência no trabalho de campo,

Em sua ação, os cortadores acham-se próximos um dos outros. Separados apenas por cinco ruas que compõem a cada eito, o trabalho em si é um ato solitário e programado para a competição. O silêncio, é quebrado apenas pela batida do facão em seu movimento contínuo e repetitivo.

Mas isso não quer dizer que não haja diálogo entre os trabalhadores vizinhos de eito. Porque apesar de não ser recomenda pelos mediadores do processo de produção, conforme os depoimentos recolhidos, a chacota e a gozação sobre a própria situação em que se encontram é um dos ingredientes para a competição, tal como no jogo de futebol em que o jogador é motivado a se superar perante a torcida[146].

Vejamos o seguinte depoimento do fiscal Samuel:

> [...] a escala da nossa turma o ano passado, ela era assim: começa do [número] um só que aqui não tá pô orde, porque o um é bom, os dois já não é muito bom, o treis poderia sê uma mulher, então ela não tá aqui, ela tá junto com os outros prá.... . A escala tem todos que gente conhece e aqui tá o número dos melhores: um, dois, treis .Então este C ['o ruim'] ele vai por último, porque no caso aqui, cana caída você sabe? Uma em cima da outra, do lado, vamo supor que eu pegue aqui [do lado de um 'bom cortador'] esta cana aqui do parceiro vai caí em cima da minha, e se ele não fô, então eu vô te que picá toda cana dele, então eu vô trabalhá mais e ele vai trabalha menos e vai ganhá quase igual eu. Por isso que tem essa lista, porque pega um bom perto de um bom e um vai ajudando o outro, levo minha rua e tiro de cima da sua e você vai cortando a sua e eu não estrovo a sua rua. [Quer dizer] tem essa intenção, mas que todo mundo aceita assim, porque o bom ajuda o bom e o ruim vai ficá sempre lá junto com o ruim. É, tem [competição] claro, no caso um tá lá na frente, um pega o facão e bate na cana, isso prá quem tá pra trás é irritante, já vi acontecê até briga. É um modo de tirá sarro um no outro. O cara tá trabalhando, aí faz telefone. São cinco ruas, você já ouviu falá? Sabe o telefone? Cinco ruas, né? Aí o telefone são as cinco ruas a par [...], aí você leva as suas treis e deixa duas pô lado de cima, aí você vai só com aquelas treis até varáa, até saí num caminho aí, depois você volta e vem derrubando as outras duas, esse é um telefone, você vai deixando aquelas duas ruas, aquela linha. Aí no caso, você tá lá na frente, você bate o, facão o detrás já fica nervoso porque tá sabendo que tá te chamando e não consegue acompanhá. Só que nesta

---

uma resposta para aquilo que deveríamos ter perguntado de maneira diferente, ou seja: o que não é a dominação?

[146] Conforme Roberto, *"Antigamente existia muito* [sarro], *agora hoje em dia não existe mais. Com essas lei aí cada um tem que ficá no seu serviço certinho, hoje em dia ninguém pode tê mais nada, antigamente existia bastante mas agora... , [...] sarro de futebol, sarro de cana que você pega [...] eito ruim, você pega o eito de cana fininha, cana fraquinha, que não cresceu, sabe? A cana não cresceu, ficou pequena, a outra lá teve mais adubo* [risos], *cresceu, mais ficou mais ruim. E outra, a gente tá lá naquela cana ruim o cara tá lá naquela cana fraca, mais pequenininha que não cresceu, porque o adubo não chegou ali e é a mesma quadra o cara fala:' ah, esse eito aí tá ruim , o meu tá bom [...] í vocês não vão prá frente,só ficá aí pra tráis' é isso; fala do time; 'é, seu time perdeu, aquele time seu lá é ruim'. Sarro, tudo faz parte da roça e a parte de sarro no meio da cana. Agora, hoje em dia não gosta [...], cada um pega o seu eito...".*

> lista a gente coloca sempre as pessoas que conhece e que têm intimidade de brincadeira pra não te esse tipo de atrito, porque tem pessoas que são meias ignorantes e não gosta, Então estas pessoas que já não gostam, já põe em separado, deixa mais por último.

As interrupções só ocorrem quando se amola o facão, quando se bebe um gole d'água, ou então quando é necessário fazer as necessidades fisiológicas em locais inapropriados. Até o período em que realizávamos esta investigação não existia a montagem das "cabanas" [147] para o uso das mulheres.

Os corpos das mulheres e dos homens, como dissemos, encontram-se todos cobertos para evitar o contato com a palha, o melaço e o joça da cana. O rosto, os olhos, a cabeça e a boca se encontram protegidos por bonés, chapéus e panos improvisados, como se fossem uma espécie de máscara para proteger contra a poeira e a fuligem da cana queimada.

A empresa oferece os equipamentos de proteção individual, mas os uniformes parecem ser poucos, tamanha a sujeira que as roupas apresentam no final do dia. Por isso a maioria dos trabalhadores faz uso de camisa, calças, calções, saias, blusas, que um dia foram usados em outras situações e ocasiões. Parafraseando Brandão (1982), parecem estar trajando uma armadura na peleja entre a vida e o desgaste da saúde.

Contudo, é importante ressaltar que algumas mulheres, mesmo trazendo todo um volume de roupa, usam calções e mini saias sobre a calça de elanca ou então de moletom, de modo a conservar ou produzir uma sensualidade a partir da modelagem de seus corpos; isto é, quase que uma ilusão de ótica[148].

Os corpos destes homens e mulheres executam três movimentos básicos na colheita da cana: a) agarra-se um feixe de plantas que varia de uma a cinco canas, dependendo da maneira como se vai se executar o corte; b) desfere-se o golpe do facão rente à raiz de modo que seja cortada e não arrancada a cana, deixando-se

---

[147] As "cabanas" correspondem a banheiros móveis montados no talhão de cana.

[148] Com relação à questão da sensualidade e à feminilidade no talhão, talvez a roupa usada por estas mulheres não tenha este objetivo, como contou-nos Roberto: "*Isso daí depende dá pessoa. Tem pessoa que já é de mais idade e não gosta de usar roupa curta, agora tem mulher mais nova que usa o short mais pequeno, por quê? Por causa do zip, por causa do zip da calça, tem mulher que às veis estraga o zipe, muitas vezes está sem camiseta pra tampá ali na frente, daí a gente, os outro vê, entendeu? Agora, com uma sainha curtinha, assim, fica tampano. Só é aquele medo, por causa disso. Sem aquilo ali, sem aquele shorts pequeno... . Se o zip estraga e daí? Como ela vai tampá? Agora, na hora que o vestido estraga, ela tá com aquele shortinho por cima e ninguém tá veno nada".*

tocos não acima de três centímetros do solo; d) corta-se o ponteiro em conjunto quando da cana tombada no chão, ou então por peça.

Estes movimentos, como dissemos anteriormente, são repetitivos e o desgaste tende a ser grande. Muitas vezes, conforme nos disseram cortadores e turmeiros, há casos de câimbras entre os trabalhadores.

Em nosso percurso pelo talhão encontramos um outro grupo de trabalhadores conversando sobre as condições do trabalho. Um dos rapazes, propondo-se a comentar conosco o que vinham discutindo, ressaltou que estava cansado daquela vida e que não adiantava se matar naquele talhão, porque aquela cana que estavam colhendo iria alcançar um preço muito baixo, e os donos daquela usina não pagavam o que mereciam.

Além disso, disse-nos também que já havia recebido um "gancho" – suspensão do trabalho e perda da folga remunerada[149] – naquela semana só porque tinha respondido a um fiscal e, por isso não estava a fim de trabalhar.

Quando dissemos que não estávamos gravando aquelas declarações, o cortador ficou um pouco confuso, mas garantiu-nos que pouco importava, até porque era final de safra e ele não voltaria mais, iria recorrer ao seguro-desemprego por uns seis ou oito meses.

O rapaz, negro de 22 anos, atendendo pelo apelido de Pelé, contou-nos que tinha dois filhos e que era viúvo. Neste grupo encontramos Roberto, que a partir de uma troca de olhares junto aos demais, confirmava o depoimento do companheiro de turma.

Dispersando os trabalhadores, logo apareceu Jonas. Quando perguntamos ao grupo se a nossa presença poderia prejudicá-los, Pelé, respondendo pelos companheiros e antevendo a atitude do Fiscal Geral, disse-nos que não, mas que o Fiscal iria mandá-los retornar ao trabalho. Isso de fato ocorreu.

[149] O "gancho", de acordo com Dicionário Aurélio (s.d., 15º ed.), corresponde a uma peça de metal ou de outra substância resistente utilizada para suspender quaisquer pesos. No discurso do cortador, o "gancho" corresponde a um instrumento para os conter em suas reivindicações, ou quaisquer outros atos que poderiam prejudicar a produção. Privando-os temporariamente das atividades no talhão, o "gancho" se apresenta como um instrumento de punição e de vigilância, pois aquele que é suspenso se tornaria mal visto pelos mediadores do processo de produção.

A observação do talhão, a partir dos personagens que viemos a conhecer e que estamos a apresentar nesta dissertação, poderia prolongar-se. Mas entendemos que o que foi relatado já é suficiente para, se não fechar a discussão, ao menos tecer algumas considerações sobre o que foi apresentado neste capítulo.

Contudo, diante do exposto, ainda queremos destacar um último fato, acontecido em nossa chegada ao talhão, mas agora tomando como elemento de contraste e síntese: o comentário de uma cortadora que, ao avistar uma pilha de cana, equivalente à altura de um prédio de cinco andares nas proximidades da moenda da usina, dizia ao companheiro o quanto de trabalho não teria realizado para a formação do conjunto daquela obra.

De fato, captada através da janela do ônibus que seguia seu destino de volta à vila São Pedro, a imagem da pilha de cana e da usina tomava uma dimensão desproporcional, se comparada à força de trabalho e à capacidade daqueles que são considerados como trabalhadores desqualificados. Mas, na enunciação daquele relato, após o desgaste e a fadiga da jornada no talhão, nos pareceu reavivar a indignação dos trabalhadores que teciam comentários sobre a qualidade da cana quando da nossa chegada no talhão; ou a recusa em se pegar o eito para a colheita, relatada pelo empreiteiro, ou então, o desabafo do trabalhador descrito nos parágrafos anteriores.

Considerações finais

O risco para os cortadores de cana, conforme os depoimentos apresentados, tende a se expressar a partir de situações objetivas que estão ocorrendo, ocorreram, ou em um silêncio manifesto que se materializa em um discurso que enuncia uma série de sentidos e significados.

Ainda que em um primeiro momento, na rotina entre bairro e talhão, a sensação do risco esteja presente em seus discursos cotidianos, o que podemos verificar é que a constituição desta percepção remete-se a uma realidade construída historicamente e sob uma determinada base social.

Por isso, os temas que dizem respeito ao trabalho no talhão de cana estarem vinculados ao desgaste físico, ritmo, fadiga, vigilância sobre a produção, apropriação do mais trabalho, entre outros, apresentarem-se como condições comuns, àqueles que se viram e que se veêm obrigados a reproduzir um estilo de vida, sob o estereótipo daqueles que são denominados como “bóias-frias”.

O risco, em seus vários sentidos e significados – mediante as condições sociais em que se encontravam os antigos meeiros, parceiros e ex-sitiantes, obrigados a mudar para a cidade – trouxe consigo não só a idéia da aventura do trabalho no talhão de cana como algo natural e inerente às novas condições, mas também a sua manifestação enquanto fenômeno comum e rotineiro.

Logo, pode-se dizer que o desdobramento da palavra risco para os cortadores de cana tende a se expressar como algo dizível e não dizível, pois em sua manifestação diária este problema não se constitui em um tema de reflexão e de articulação discursiva. Até porque, a questão a ser resolvida é a possibilidade de se manter no trabalho e *“ter eito de cana para cortar”*. Contudo, isto não quer dizer quer não se produza um discurso sobre as condições de vida e trabalho, com a percepção do risco em seus vários sentidos.

De fato, o risco-perigo se apresenta manifesto nas curvas de nível do talhão, beirada do carreador, na palha da cana, no transporte da turma, na carga do trabalho, no desnível dos sulcos, em suas vestimentas, vários seriam os agentes a propiciar a condição do risco-perigo no talhão.

Em um primeiro momento o risco-perigo – na discursividade dos trabalhadores – é remetida unicausalmente aos efeitos dos raios solares, à chuva sobre o corpo. Entretanto, procuramos estabelecer a trajetória dos sujeitos desta pesquisa, a partir de um olhar que privilegiasse o contraste da contigüidade entre casa, bairro e talhão de cana. Pudemos então observar que o risco-perigo, em sua manifestação fenomênica, encontrava-se intimamente vinculado a estes lugares, embora tendo como experiência social à representação e a tentativa de apartar a percepção desta sensação vivida nestes microcosmos.

Contudo, o cortador, ao comentar sobre estes locais e situações, na sua *práxis utilitária***,** representa esse risco de maneira natural como um hábito comum do tempo do roçado de subsistência. Porque, para estes trabalhadores que nunca chegaram a desenvolver tal tipo de economia, poder-se-ia dizer que se encontra estruturado um universo simbólico, um *habitus* que se remete a um tempo passado caracterizado como condição própria àqueles que lavram a terra com a força do trabalho manual.

A representação do risco-perigo na sua manifestação evidente e aparente apresenta-se como algo dito e não dito, demonstrando que na práxis cotidiana destes trabalhadores há sofrimento e, conseqüentemente, a recusa em se buscar o aprofundamento da reflexão em um discurso expresso sobre as condições da sua sobrevivência, tanto nestes ambientes como no bairro.

Em nossa reflexão, percebemos que o risco-perigo, sob a materialidade dos respectivos relatos de vida dos cortadores, enuncia condições e situações que são admitidas como ameaçadoras à integridade física e mental, mas cuja percepção parece volatilizada nos discursos destes sujeitos.

A ameaça de ser acometido por uma doença no trabalho, ou então o sofrimento com algum tipo de acidente são um risco calculável. Mas a proteção divina e o uso dos equipamentos de proteção individual, proporcionar-lhes-iam o sentimento de segurança no trabalho, um tipo de fé para enfrentar as condições adversas do talhão de cana.

O trabalho por produção, individualizado e competitivo neste aspecto, apresenta-se como um aprendizado e um disciplinamento do corpo do cortador que deve se acostumar com o peso de sua carga e não reclamar, mas continuar

trabalhando, mesmo que num ritmo menor. Então, o esforço dessa ação conduz a um saber fazer que permite classificar e diferenciar o *bom cortador* de cana daquele *ruim,* expressando aquilo que Moraes Silva (1999) denomina como lógica da indiferenciação diferenciada.

A recusa ao trabalho ou a crítica às condições circunscritas em que se apresenta no corte da cana, bem como o desentendimento com os mediadores do processo de produção, demonstram que a relação entre submissão e insubmissão no trabalho, faz-se presente pela evidência dos métodos de controle e na sua sofisticação. Por isso, a busca daqueles trabalhadores que, mesmo não apresentando uma média produtiva alta, mas que não se recusam a pegar em eito para trabalhar serem valorizados e recomendados aos empreiteiros no arregimentamento das novas turmas para a safra.

Enfim, esta pesquisa nos fez perceber o quanto à percepção do risco-perigo está presente no cotidiano dos trabalhadores e dos mediadores do processo produtivo e, através dos seus discursos, pôde-se observar que esta temática, se não demonstra uma posição confrontativa como nas *sociedades da alta modernidade* ela, no entanto, revela-nos o que pode, e o que deve ser dito ou não dito pelos cortadores de cana em relação a esta sensação. Logo o discurso social leigo sobre o risco dos cortadores de cana elvolve graus de explicação que foge ao conhecimento que quer se colocar como perito e, por isso, único.

Referências Bibliográficas

ABBAGNANO, N. (Ed.) *Dicionário de filosofia.* São Paulo: Mestre Jou, 1982, p.857-858

AIMONE, T. *Jacarezinho, seus pioneiros desbravadores e os que labutaram para o progresso da terra*. Jacarezinho: s/ed., 1975

ALMEIDA FILHO, N. de *A clínica e a epidemiologia*. Rio de Janeiro-Salvador: APCE/Abrasco, 1992

ALESSI, N. P.; SCOPINHO R. A. A saúde do trabalhador do corte de cana-de-açúcar. In: ALESSI, N. P. et.al. *Saúde e trabalho no Sistema Único de Saúde*. São Paulo: Hucitec, 1994

ALFONSI, R. R. et.al: Condições climáticas para a cana-de-açúcar. In: PARANHOS, S. B. (Coord.) *Cana de açúcar:* cultivo e utilização. Campinas, SP : Fundação Cargill, 1987

AYRES, J.R.C.M. *Sobre o risco*: para compreender a epidemiologia. São Paulo: Hucitec, 1997

ARANHA, C.; YAHN, C. Botânica da cana de açúcar. In: PARANHOS, S. B. (Coord.) *Cana de açúcar*: cultivo e utilização. Campinas, SP: Fundação Cargill, 1987

BARBUIO, F. I. *Contextos da fundação do Colégio Estadual José Pavan*. Jacarezinho, 2000. 60f. (Monografia apresentada à Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de Jacarezinho, para obtenção do título de Especialista).

BARTHELMESS, A. *Estado do Paraná*: aspectos geo-econômicos. Curitiba: Boletim do Instituto Histórico,Geográfico e Etnográfico Paranaense, p.31-44, 1958

BASBAUM, L. *História sincera da República*. 4º ed. São Paulo: Alfa Ômega, 1975, v.1

BECK, U. et al. *Modernização reflexiva*. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Editora Unesp,1997

BERGER, L.; LUCKMANN, T. *A construção social da realidade*. 17º ed. Trad. Floriano de Souza Fernandes, Petrópolis. RJ: Vozes, 1999

BIGG-WITHER, T. *Novo caminho no Brasil meridional*: a Província do Paraná: três anos em suas florestas e campos 1872/1875, Trad. Temístocles Linhares. Rio de Janeiro/Curitiba: José Olympio, 1974

BOURDIEU, P. *Coisas ditas.* Trad. Cássia R. e Denise M. Pegorin, São Paulo: Brasiliense, 1987

_____ *O poder simbólico*. 2º ed. Trad. Fernando Tomaz, Lisboa: Difel, 1989

BRANDÃO, C. R. *Casa de escola*: cultura camponesa e educação rural. 2º ed. Campinas, SP: Papirus, 1984,

_____*Identidade e etnia*: construção da pessoa e resistência cultural. São Paulo: Brasiliense,1986

_____*Diário de campo*. A antropologia como alegoria. São Paulo: Brasiliense, 1982

BRANDÃO, H. H. N. *Introdução a análise do discurso*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1991

BRANT, V. C. *Do colono ao bóia-fria*: transformações na agricultura e constituição do mercado de trabalho na Alta Sorocabana de Assis. Estudos CEBRAP, São Paulo, n.º 19, p.39-89, jan. fev. mar. 1977

BRAY, S. C. *A cultura da cana-de-açúcar no vale do Paranapanema*: um estudo de geografia agrária. São Paulo, 1980. 314f.Tese (Doutorado em Geografia Agrária) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

BRIOODCHI, L. R.; TRIGO,M.H.B. *Família*: representação e cotidiano. Reflexão sobre um trabalho de campo. São Paulo: CERU/CODAC/USP, 1989

_____ *Relatos de vida em ciências sociais: considerações metodológicas.* Revista Ciência e Cultura, São Paulo, v. 33, p.631-637, 1987

CAMBIAGHI, S. M. *O povoamento do Norte do Paraná*. Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1954, Vol. VI

CANDIDO, A. *Os parceiros do rio bonito*. 6º ed. São Paulo: Duas cidades, 1982,

CARDOSO. R. C. L. Aventuras de antropólogos em campo ou como escapar das armadilhas do método. In: DURHAN, E.R. et.al ; *A aventura antropológica. teoria e pesquisa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra,1988

CARVALHO, M. *A cara engraçada do medo*: contos. São Paulo: Hucitec; 1978

CHAUÍ, M. *Cultura e democracia*: o discurso competente e outras falas. São Paulo: Moderna, 1982

COBRA, A. N. *Recanto do sertão.* São Paulo: Hennies & Cia, 1943

COLETI, J. T. Técnica cultural de plantio. In: PARANHOS, S. B. (Coord.) *Cana-de-açúcar*: cultivo e utilização. Campinas, SP. : Fundação Cargill, 1987

DA COSTA, S. G. *Estudo das áreas culturais do Paraná como fundamento da Educação.* Curitiba: Escola Técnica de Curitiba, 1958

DA LUZ, A. *O Norte Pioneiro um pouco da sua história*. Boletim Histórico geográfico Etnográfico Paranaense, Curitiba, v. XVIII, p.98-111, 1973

DIAS, A. M. S. *Família e trabalho na cafeicultura*. Cadernos de Pesquisa (Fundação Carlos Chagas), São Paulo, n.º 37, p.26-38, maio, 1981

D'INCAO, M. C. *O bóia fria*: acumulação e miséria. Petrópolis, RJ : Vozes, 1975

DICIONÁRIO BIOGRÁFICO. (Ed.) Enciclopédia Abril. São Paulo: Abril Cultural, 1972 v.1, p. 638-52.

DOUGLAS, M. *Pureza e perigo*. Trad. Mônica S.L. de Barros, São Paulo: Perspectiva, 1976

DURHAN, E. *A caminhada para cidade.* São Paulo: Perspectiva, 1973

ELIAS, N. *O processo civilizador*. Trad. Ruy Jugman, 2º ed, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994 , v.1 e v. 2,

FAUSTO, B. *A revolução de 1930.* 12º ed. In: MOTA, C.G. (org.) Brasil em perspectiva. São Paulo: Difel, 1981,

FREITAS, G. R. de Preparo do solo. In: PARANHOS, S. B. (Coord.) *Cana-de-açúcar*: cultivo e utilização. Campinas, SP : Fundação Cargill, 1987

FRESCA, T. M. *Transformações da rede urbana no norte do Paraná*: estudo comparativo de três centros. São Paulo: 2000. 426f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

GEERTZ, C. A. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978

_____ *O saber local*. novos ensaios de antropologia interpretativa. Petrópolis: Vozes, 1988

GIDDENS, A. *As conseqüências da modernidade*. Trad. Raul Finker, São Paulo: Editora Unesp, 1991

GONTIJO, C. A *revolução agrícola no Brasil*: singularidade do desenvolvimento do capitalismo na agricultura brasileira: 1850-1930. Revista de Economia Política, São Paulo, v. 8 , n.º 2, p. 77-92, abr.-jul, 1988

GUIVANT, J. S. *A trajetória das análises de risco*: da periferia ao centro da teoria social. BIB (Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais), Rio de Janeiro, n. 46, P. 3-38, 2º sem. 1998

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz T. da Silva, Rio de Janeiro: DP&A, 2001

IANNI, O. A *mentalidade do homem simples*. Revista Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, ano III, v. 18, p. 113 - 117, mar. - abr. 1968

KOFFLER, N. F; DONZELI, L. P. Avaliação dos solos brasileiros a cultura da cana-de-açúcar In: PARANHOS, S. B. (Coord.) *Cana-de-açúcar*: cultivo e utilização. Campinas, SP : Fundação Cargill, 1987

KOSMINSKI, E. *Pesquisas qualitativas* – a utilização da técnica de história de vida e de depoimentos pessoais em sociologia. Revista Ciência e Cultura, São Paulo, v.38, p. 30-36, jan.1984

LAURELL, A. C*. La salud-enfermedad com proceso social*. Revista Latino Americana de Salud, n.º 2, 1982

MAGNANI, J. G. C. *Festa popular*: cultura popular e lazer na cidade. 2º ed. São Paulo: Hucitec/ Editora Unesp, 1998

MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise de discurso*. 3º ed. Trad. Freda Indursky, Campinas, SP: Editora Unicamp, 1997

MARTINS, J. de S. *O cativeiro da terra*. 6º ed. São Paulo: Hucitec, 1996

_____ *Capitalismo e tradicionalismo*: estudos sobre as contradições da sociedade agrária no Brasil. São Paulo: Pioneira, 1975

MARTINEZ-ALIER, V. *As mulheres do caminhão de turma*. Revista. Debate. e Crítica, São Paulo, n.º 5, p. 59 -85, mar. 1975

MICELI, S. A força do sentido. In: BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas.* São Paulo: Perspectiva, 1992

MOMBEIG, P. *Pioneiros e fazendeiros de São Paulo*. Trad. Ary França e Raul de A. e Silva. São Paulo: Hucitec-Polis, 1984

MORAES SILVA, M. A. *Errantes do fim do século*. São Paulo: Editora Unesp,1999

_____*As andorinhas. Nem cá nem lá*. São Paulo: CEDIC – F.C.L. Unesp – Araraquara, 1989

OLIVEIRA, F. de *Crítica da razão dualista*. Petrópolis, RJ: Vozes,1986

ORLANDI, E. P. et al. *Vozes e contrastes*. discurso na cidade e no campo. São Paulo: Cortez, 1989

ORLANDI, E. P. *A linguagem e seu funcionamento*: as formas do discurso. 2º ed. Campinas, S P : Editora UNICAMP, 1987

ORLANDI, E. P. *As formas do silêncio* – no movimento dos sentidos. 2º ed. Campinas, SP: Unicamp, 1993

_____*Terra à vista*: discurso do confronto: velho e novo mundo, São Paulo: Cortez, 1980

_____*Interpretação*: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986

ORTIZ, R. (org.) A procura de uma sociologia da prática. In: PIERRE B. *Sociologia*. Trad. Paula Monteiro e Alícia Auzmendi, São Paulo: Ática, 1983, (grandes cientistas sociais)

PADIS, P. C. Formação de uma economia periférica: o caso do Paraná. São Paulo: Hucitec, 1981

PARANÁ. *Secretaria da Educação*. Histórico do Grupo Escolar Vila São Pedro. In: Caça ao tesouro. [S.L: s.n.], 1987

PEIRANO, M. G. S. *Uma antropologia no plural*: três experiências contemporâneas. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1991

PEREIRA DE QUEIROZ. M. I. P. *Relatos orais do indizível ao dizível*. Revista Ciência e Cultura, São Paulo, n.º 39, v. 3, p. 272-286, março,1997

PRADO JÚNIOR, C. *A formação econômica do Brasil*. 16º ed. São Paulo: Brasiliense, 1973

REVISTA ESTUDOS AVANÇADOS. *Sociologia e militância*: entrevista com José de Souza Martins, São Paulo, n.º 31, v. 11, p.137-187,1997

RICOUER, P. Interpretação e ideologias. 3º ed. Trad. Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1988

SAMPAIO, T. *Relatório sobre os estudos efetuados nos rios Itapetininga e Paranapanema*. Boletim Geográfico, ano XIII, n.º 124, 1955, p.45-78

SELIGMANN-SILVA, E. *Desgaste mental no trabalho dominado.* Rio de Janeiro: Cortez,1994

SILVA, J. G. *O bóia-fria entre aspas e com pingos nos is*. III Reunião Nacional SOBRE MÃO-DE-OBRA VOLANTE NA AGRICULTURA. Botucatu, S.P. [S.L: s.n.]

_____ *A modernização dolorosa*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981

STOLKE, V. *Cafeicultura*: homens, mulheres e capital (1850-1980). São Paulo: Brasiliense, 1986

TELLES, V. da S. *A experiência da insegurança*: trabalho e família nas classes trabalhadoras urbanas em São Paulo. Revista Tempo Social, São Paulo, v. 4, p. 53 - 93, jan.- fev. 1992

TOBIAS, J. *A História de Campos Novos Paulista*. Marília, SP : Intercâmbio, 1990

TOMAZI, N. D. *Certeza de lucro e direito de propriedade*: o mito da Companhia de terras Norte do Paraná, Assis, 1989. 248 f. Dissertação (Mestrado em História) -

Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho”

THOMPSON, E. P. *Tradición, revuelta y consciência de classe*.Barcelona: Editoria Crítica, 1979

VIEIRA, F. *A estrada de Ferro do Paraná e o eng. Guilherme Weisnchencck*. Boletin Geográfico, Ano VII, n. º 80, 1949, p-820-829

WACHOWICZ, R. C. História do Paraná. Curitiba: SECE/ Biblioteca Pública do Paraná, 1986

_____*Norte Velho, Norte Pioneiro*. Curitiba: Vicentina, 1987

WEBER, M. *Economia e sociedade*: fundamentos da sociologia compreensiva. Trad. Régis Barbosa e Karem Elsabe Barbosa. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, v. 1, 1991 , v. 2, 1999

APÊNDICE A – Roteiro de entrevista

- Nome do entrevistado;
- Data de nascimento e local;
- Tempo e locais que vem trabalhando;
- Formação educacional;
- Existência de insatisfação no trabalho;
- Sentimento de raiva, vergonha, medo, ou insatisfação pelo que faz;
- Existência de sofrimento no corte da cana-de-açúcar;
- O que pensa sobre o contrato de trabalho;
- O que pensa sobre o pagamento por produção e como ocorre;
- Conhecimento sobre o processo de produção e seu controle;
- Casos de acidentes e doenças ocorridas com o informante, ou então testemunhados;
- Locais que oferecem mais riscos no talhão de cana.

APÊNDICE B – Entrevista realizada com o fiscal de turma Samuel no dia 28/04 de 2001 em sua residência, situada na Vila Maria – Jacarezinho – no período das 15:00 às 17:30 horas

Gostaria que você se identificasse?

Meu nome é Samuel

Porque Mamadeira*?*

Porque acabei de guardá, só fico com ela na boca.

Toma mamadeira mesmo?

Direto, não paro, não tem...

Quantos anos você tem?

Tenho vinte e nove.

E esse hábito...?

É um vício. Eu acho pra mim que é um vício, já tentei pará não consegui.

Você não fuma?

Graças a Deus não

Mas mamadeira...?

É todo dia e toda hora.

Tem crianças que deixam a mamadeira por uma outra coisa.

E o meu é contrário. Vamo supor, se eu tô nervoso ponho a mamadeira na boca e me acalmo, se tô com fome mesmo, assim, coloco ela na boca [aí] *passa. Posso ficá aí duas, treis hora sem comê nada que tá normal. É um..., pra mim já se tornou um vício, alvo de muitos pessoal* [a] *tirá sarro; quando tinha um poco de vergonha não saía com ela na rua, hoje em dia saio com ela no portão, vou pro jogo levo, vou trabalhar* [também] *levo comigo. Aonde for levo...*

Sua esposa, quando foi para vocês namorar, como ela reagiu?

Ela já sabia que eu uso, que eu tomava, nunca se importo, hoje em dia ela faz treis. Ela já não gosta muito, [risos].

Os dois filhos já estão grandes, não?

Não. Eles estão fora, saíram, foram para casa da vó, aqueles lá são sobrinhos.

Estão com quantos anos?

Um tá com quatro e o outro, com um e sete meses.

Bom, gostaria que você contasse sobre esta vida de "bóia-fria" cortando cana. É "bóia fria" ou é cortador de cana?

Bóia-fria... . Antigamente era bóia fria, hoje em dia já não é chamado mais bóia fria [e sim] *trabalhador rural, mas é quase a mesma coisa, só... .*

Mas ao lhe chamarem de "bóia-fria", isso o fere, atinge a sua pessoa?

Não na minha opinião, pra mim mesmo, eu sinto assim como um orgulho, porque é aquilo que sei fazê, graças a Deus, entendeu? Mantenho minha família e tenho quatorze, quinze ano já fazeno isso, cortano cana [e] *nunca saí pra trabaia de servente. Já trabalhei de servente de pintor, de servente de pedreiro, trabalhei em outras coisas, mas a maioria do tempo meu* [no trabalho] *é só mesmo lavora, é só corte de cana.*

Quando eu digo assim "bóia-fria"... . Porque quando entrevistei, um outro trabalhador, o Roberto, ele dizia que este nome era dado àquele cara "largado" que está no meio da rua, e que ele não era "bóia- fria".

Antigamente tinha esse preconceito de sê chamado de bóia-fria, mas é a mesma coisa. Vamo supor, hoje em dia pode falá trabalhador rural – no caso na usina mesmo eles dão marmita térmica – mais nem voga nada. No caso aí o almoço vai quente, mas continua sendo bóia fria, por isso não muda nada.

Você já ouviu falar em trabalhador volante?

Volante?

Você já ouviu este termo?

Não.

Trabalhador volante é aquele que sai na busca do trabalho indo de uma cidade à outra. Em Ribeirão Preto, por exemplo, tinha-se muitos volantes antigamente; não havia turmas fixas como a do Francisco e a do João. É aquela conversa que estávamos levando naquele dia lá no bar do Guimarães, lembra-se?

Antes era assim.

Você chegou a trabalhar deste modo?

Ôh, muito.

Como era?

Ah, sei lá! Era melhor. No caso você escolheria onde ia trabalhar: quando; o dia; entendeu? Vamo supor, você chegava no local, ali embaixo mesmo [na rua José Pavam] *e encontrava déiz doze caminhão - na época era caminhão - então o cara falava assim: "a gente tá colhendo algodão em tal lugar e tão pagano tanto a arroba". Então, já... , todo mundo tava ali, e quando não cabia* [o preço], *todo mudo já ia pra outro* [caminhão de turma]. *E era assim, você escolhia, não precisava í com aquele determinado gato, agora não. Agora já modificô, agora é registrado cê tem que tê carteira registrada e tudo. Você não sai muntano em qualqué veiculo, tem seguro de vida e tem tudo isso, mas antigamente era assim mesmo, você chegava levava enxada, lavava facão, levava tudo aqui pra baxo, aí chegava lá* [no ponto] *cê ia vê aonde você ia trabalhá, se o pessoal tava carpino café, e estava bão de ganhá carpino,* [neste caso], *se* [você] *fosse pra lá aquele dia, trabalhava dois dias e se não gostasse também já não ia* [mais], *só ficava* [até] *o final de semana pra recebê.*

Mas isso era mais no café do que na cana, não é?

Era café, cana e algodão. A maioria era no algodão e [no] *café, agora que a cana se tornou* [predominante], *e se saia, vamos supoô, vinte turmas pra trabalhar na lavoura, duas iam para o café, então é onde...e, mesmo no café eles são registrados, são* [os trabalhadores] *obrigado a í todos os dias pra cumpri um certo padrão.*

Você trabalhou com o Francisco e agora trabalha para o Carlão?

Não. trabalho com o Audir?

Você nunca trabalhou com o Francisco?

Nunca.

Mas assim, como é trabalhar numa turma em vista do relacionamento entre as pessoas?

No meu caso, assim, não tenho inimigo. pra mim não tenho inimigo, faço amizade com duas, três semanas de serviço, não sei por que, mas sou...,Têm pessoas que não. Têm pessoas que têm dificuldade. Várias pessoas que causa briga num lugar, briga num outro, mesmo assim têm que termina aquele período de seis meses de safra; trabalhô naquela turma você tem que i até o... , ocê [tem que ser] *mandado embora, ou você pedi a conta pra transferi pra aquela turma fixo durante seis meses até termina a safra.*

E o futebol, você, por exemplo, é um dos que se destacam no time dos irmãos empreiteiros, o Canto do Rio?

Beira Rio!

Beira Rio, desculpa. Nesse caso os turmeiros estão sempre interessados naquele que é destaque, mas se não houvesse por sua parte um empenho para cortar a média de cana e cometesse bagunça na turma, mesmo assim estes turmeiros gostariam de mantê-lo na turma?

Mas você diz pro futebol?

Para o futebol e para o corte de cana, porque a pessoa que joga futebol, parece ser aquele que tem uma certa liberdade com o turmeiro, está mais próximo, não é?

Ah sim. É claro que, no caso, têm poucos. Vamos determina assim: na região que agente tem o pessoal que sabe cortá cana, [e] *que se destaca mesmo, vamo supor, duas pessoas trabalhando: ele* [o jogador] *vai tirar o triplo até do outro que também trabalha normal. De setenta pessoas você vai tirá, bom de serviço – você pode conferir – déiz ou oito no máximo que é bom cortador de cana e* [que] *não joga bola. Isso eu acho que é pelo físico da pessoa; pela pessoa já tê a destreza de jogá bola, de se exercitá, não têm pobrema nos nervo, nas junta e tudo né? Então já tem mais..., destaca mais no serviço da cana. Porque, no caso destas pessoas que não fazem esse tipo de exercício no final de semana ele vai trabalhar, mas ele já está mais travado,* [no entanto]*, aquelas pessoas que joga bola, pula, toma uma cervejinha e se diverte tem mais disponibilidade pra chegá no serviço. É uma*

característica mesmo de uma pessoa ser bom de bola e bom de serviço, porque ele já é uma pessoa mais assim, tem um físico mais (definido) *pô exercício e é onde várias pessoas, muitas mesmo, são mais convocados pô serviço, já por bola no final se semana. Que nem no caso, agora mesmo, agente trabalha cinco por um, então cada turma tem seu time. Agora, daqui pra frente vai sê assim, a partir do dia que agente registrá, vamo supor, todo dia tem cinco turma da usina descansano – são trinta e poucas turmas. Só aqui em Jacarezinho são cinco ou seis* [em descanso]*. Então, se a cada dia tem cinco turma descansano, vai que* [aquele] *dia descansa a nossa turma que é a do Audir e* [também] *a turma do Cosme, então (...) daqui a cinco dias, agente vai se reunir e fazer uma pelada em algum lugar e tomá uma cervejinha. Então a pessoa vai querê aqueles cara melhor de bola pá fazê uma vantage; um dia que eles fazem o feriado grande aí em que se realizam os torneio, cada turma tem seu time, então é onde os cara também já gosta de fazê o timinho bom pra se diverti e não passá vergonha.*

Naquele sábado passado, o feriado de 21 de abril, vocês foram disputar um torneio e ali tinha o time dos aspirantes e os dos titulares. No caso o time foi uma seleção? Uma composição das turmas do Carlão e do Francisco?

É. Mais aqui dos treis irmão, no caso o Francisco, o João e o Carlão, e [também] a turma do Audir [que é cunhado].

E que é o Beira Rio?

É o Beira Rio. O time básico do Beira Rio (e formado) por estas quatro turmas, basicamente é o pessoal que trabalha junto ali, [mas] *cada um na sua* [turma].

Mas agora com [a jornada de trabalho semanal] em cinco por um, cada turma...?

Cada qual, cada qual. Vamo supor que agente tem vários colega que trabalham noutra turma. Então quando eles folgam agente vai tá trabalhando não tendo jeito da gente se reuni.

Você joga futebol desde quando...?

Desde os quatorze ano.

Nunca tentou fazer um teste em um time...?

Já. Fiz teste uma vez, mas tava meio com a idade avançada tinha dezenove ano, no caso, tinha vinte nove jogador no plano. O caro falo...[que tinha] *de dispensa quatro pra ficá vinte cinco, más fomo em quatro pra fazê teste - pô seis ficaram aqui no alojamento vocês tinham que ser melhor dos que estão aqui. E agente somo o memo níve, então nós fomo dispensado.*

Onde foi isso?

No XV de Jaú. Eu morava perto de lá.

Então você morava em São Paulo?

Morava no Estado de São Paulo. Morava em Itapuí, perto de Jaú, mas pra lá de Bauru.

Você nasceu lá em Itapuí?

Não. Nasci no Paraná mesmo, mas fiquei nove anos lá, nasci aqui, mas fui pra lá com quatorze..., não com dezesseis..., com dezessete anos, porque fiz o alistamento aqui em Cambará e fui pra lá.

Da onde vem sua família? Quem são os seus pais? Você conhece a trajetória de vida deles?

Eles são de Minas Gerais, são mineiros, meu pai e minha mãe.

De que lugar de Minas?

De Pirango Sul, a única coisa que sei. Eles, no caso, o pai do meu pai e a mãe da minha mãe morreu. Então juntou os dois (os filhos) que foram o pai dos meus avos, o pai do meu pai e a mãe da minha mãe, eles se juntaram sendo que meu pai não era irmão legitimo da minha mãe e acabaram ficando junto, pois eram os dois mais velho da família e casaram também, pronto ficou ai tudo uma família.

Mas não tinha nenhum parentesco...?

Não, tinha o pai do meu pai casou com a mãe da minha mãe, entendeu?

No caso... primos?

Não. Eles não eram nada, era apenas, vamos supor, vim casal que se junta pra morá juntos sendo que são viúvos e que não tem nada a vê um com o outro, só que são viúvos, ai junta os dois e trais os filho pra morá junto, depois eles já tavam grandinho, com uns quatorze ano minha mãe caso e o meu pai com dezessete. No caso os dois velhos faleceram e os dois ficaram junto.

Nossa que história doida esta?

É formaram família.

E isso lá em Minas ainda?

Isso lá em Minas.

Você não tem idéia da década?

Não, minha mãe tá com sessenta e nove anos (nasceu em 1932*), meu pai quando morreu ele deveria ter cinqüenta treis anos* (nasceu em 1929)*, já faz vinte e dois anos e só veio um de lá, só o mais velho e hoje ele tá com cinqüenta ano.*

Vieram para cá por que?

O Paraná né? Vieram para o Paraná, acharam que no Paraná por causa do café e na época era só café, então vieram pra parte do café e onde ficaram aqui e foram espiando o pessoal.

Como você vê esta situação em ser negro e trabalhador no corte de cana. Você se sente discriminado?

Não.

Nunca se sentiu ou viu-se discriminado?

Não, em nenhum momento. Eu até as vezes, em muitos lugares onde agente se encontra, no caso do Pé Grande, o empreiteiro lá de baixo, agente se encontra e começa a contar piadas de preto, de negro. Eu tenho em média umas cinqüenta piadas de negro, então ele começava a contar, e eu (também) e todo mundo dávamos risada daquilo. Só que eu nunca tive este preconceito.

Mas você não acha que é uma maneira de ferir o outro?

Não, não creio, na minha opinião não por que eu sou...

Conte-me uma piada que você considera ser a mais popular no seu repertório.

De negros?

É!

No caso, até eu contei pra um colega meu outro dia. Agente tava trabalhando e comecei a falar que uma mulher vinha vindo de uma fazenda com seu filho e o menino era bem pretinho, bem moreninho memo e, ela chegando em certa altura, porque a criancinha tava com febre, ela ia levando pro doutor. Aí quando ela chegou numa pracinha ela falou: "vou descansar um pouco", então encostou ali e começou a abanar o nenê dentro de um carrinho pra que o nenê [se] *refrescasse, mas tinha um bêbado ao lado, nisso ele se levantou dando uma olhada e falô: "olha dona, a senhora vai me desculpar mais se a senhora não coloca um álcool e metê um fogo a esse carvão não vai pega não" (risos), o churrasco não vai sai hoje não ""*.

Mas você não acha que isto fere as pessoas.

Na minha opinião não, do meu ponto de vista não, é um modo de... . vamo supor, onde eu tô é sempre assim. Sempre feliz, alegre, tal, tal,... No bar memo quando eu chego, no bar de seu Guimarães e tudo. Nossa, tenho uma amizade... . Ontem memo eu tava lá e passou quatro pessoas querendo conversar comigo ao memo tempo, duas mulheres atrás de serviço e um outro querendo saber se o Audir tava lá. O Cristiano e o filho do João, estas quatro ou cinco pessoas tudo ao memo tempo querendo conversar comigo. E eu atendendo o rapaiz lá, conversando com ele assim e tal, tentando disfarçar e conversar com outro, porque não sei, eu tenho uma popularidade que...

Você tem que sair candidato a vereador? (risos)

Porque não?

Ah isso a já é difícil. Porque nessa parte de política cê tem que se muito cara de pau.

Mas você tem perfil pra isso (risos)

Eu tenho a simpatia.

A cara de pau que digo é a de ter contato, a simpatia, de estar conversando com as pessoas.

Então e depois disso, é que nem eu falo, tem que tê muito jogo de cintura esquema político, você tem que tê uma coisa que sei lá viu? pra mim é tudo espontâneo, é ali na hora, felicidade, amizade e, agora, a partir disso você vai tê que disputá com alguém o apoio de outra pessoa, às vezes você vai te que enrola uma pessoa...

Mas isso daí não é o interesse?

Aí já foge o meu jeito de sê. Eu vô perde a amizade com alguém se achá que eu tô tentando enrola ele, claro que vai te que rola. Pô alguém me...pedi um favor, ou prguntá alguma coisa, você vai te que menti pra aquela pessoa e, daí pra frente a sua amizade não vai sê a mesma. Se alguém mentir pra mim tudo bem, mas eu menti pra uma pessoa assim, simplesmente por interesse meu...

Mas você não acha que neste jogo da vida as pessoas têm interesses. Por exemplo, quando você vai jogar futebol o seu interesse é ver o seu time ganhar e se é na base da canelada, na base da falta, se é para marcar o gol com a mão, você não vai fazer isso? Este não é um tipo de interesse?

Este é meu ponto de vista. É uma coisa espontânea, é ali na hora em que você vai fazê, isso ai: segurá uma pessoa, empurrá - detesto ponta pé- vai tenta fazê um gol de mão, um gol impedido, tudo bem, mas aí é no espontâneo. Agora não, [quando] *você chega na pessoa, na casa dela, encontra a pessoa no bar ou em outro lugar assim, é você iludi a pessoa; pô eu vô fazê isso, vô fazê aquilo então é uma coisa que você já tá mexendo com o sentimento da pessoa, muito mais que num lance de bola, num lance de esporte. Porque ali campo você discute com a pessoa, você dá canelada, mas termina você sai... . Muitas vezes eu fui lá pedi desculpa, peguei na mão e a amizade continua. Agora na vida memo você chegá e prometer tal coisa, ou* [então] *fulano lá tá fazendo isso, tá fazendo aquilo. Então isso pra mim é ruim, depois daquilo ali a pessoa vai ficá sentida, vai ficá magoada, você vai perde uma amizade. É meu ponto de vista.*

Mas retomando a questão do trabalho, com foi ou como se deu o seu primeiro contato com este tipo de trabalho?

Quando tava com quatorze ano, na época não tinha esse negócio era só muntá no caminhão e trabalhá. Quando completei meus quinze anos meu último irmão casou. No caso, o casamento dos meus dois irmãos foi com duas irmãs e isso [num prazo] *de dois meses de tempo* [de namoro], *os quatro caso e ficou eu e meu irmão mais novo e que é meu sobrinho, porque minha mãe cuida dele desde que nasceu. O caçula sou eu, mas ele entrou no meio e diz que é irmão, então vamo levano. Eu tinha quatorze e ele tinha doze na época, minha mãe já recebia a aposentadoria do meu pai, então ela pagava água e a luz e eu tinha que fazê a compra (...) e também o material de escola pra ele [irmão] e [também] mantê as outras parte da casa. Tinha que fazê isso, então foi o caso de ter que começá a trabalhar; cortá cana, carpi café, porque na época era pouca cana, só que sempre o meu*

desempenho foi mais na cana, até hoje pra carpi cana, ou quarqué outras coisa, já sou bem mais lento, trabalho claro, ocê tem que mantê a família, mas é bem mais devagar.

Aí com os [meus] *dezessete anos e ele, no caso, já com treze..., quatorze também tinha começado a trabalhá, muito pouco, mas tinha. No caso agente saiu daqui, eu tinha quatorze, quinze, dezesseis [anos] e fomo pá Cambará, ficamo oito meses lá, quase um ano, aí completei dezessete e meio e me alistei e ele* [meu irmão] *já tava trabalhando numa oficina e tudo. Dali agente foi pra Itapuí perto de Bauru, foi quando tinha dezessete anos e meio, aí completei dezenove e ele começou a trabalha fixo memo, tava bem no serviço. Eu com dezenove e ele com dezessete, um rapaiz já tomando conta de si e minha mãe com a aposentadoria. Foi aonde eu fui fazê o teste pra jogá bola e não passei, voltei* [mas] *passou duas semana eu fugi, casei pela primeira vez. Aí depois que casei, ai pronto, já começou daí a um ano veio a minha filha, eu tenho uma filha que vai fazê déiz ano, já veio a primeira filha, agente começo a cuidá e sempre na atividade da cana e daí pra cá não voltei mais pro café e sempre tendo que mantê a família sempre na lavoura. Outro serviço, como trabalhá em oficinas assim, neste caso, pra mim nunca pinto, trabalhá em frigorífico, essas coisa, sempre* [foram] *aqueles serviços maçante, serviço pesado. [Apesar de que] na lavoura se agente vai trabalha, você vai ganhá em média, hoje em dia, quatrocentos, quinhentos reais no mês. Em uma granja, em um abatedor você vai ganhá cento e oitenta, duzento no meis. Então não compensa, pra gente que já é acostumado levá esse padrão de vida não compesa trabalhá nesses lugares que ganha poco.*

Com dezesseis anos, eu parei na oitava série, daí pra cá já não deu mais pra estudá. Já memo em Itapuí, quando comecei a estudá e jogá bola, casei [e] *aí já não podia mais estudá,* [era preciso] *trabalha e mantê a família, foi onde parei. Depois disso fiquemo quatro ano e dois meses lá, daí fomo pra usina... Saimo da Diamante, que é perto de Itapuí - São José na Barra Bonita.*

Também tudo cana?

Tudo cana. Usina Diamante, São José e a Barra Grande foram três usinas em que trabalhei lá [no Estado de São Paulo*] e de lá, separei* [da minha ex-mulher] *e voltei pra cá. Fiquei nove anos pra lá e* [depois] *vim pra cá.*

Muda muito o estilo de trabalho destas usinas, em comparação a essa em que você está?

Sim. São usina grande, não a Diamante que é pequena, mas a Barra Grande e a São José que são tudo uma só e de um memo dono, Zillo Lorenzetti Sobrinho e a Barra Grande... – U B G – sei que são dois os mesmos donos e, [além disso,] *também tem a Quatá, treis usina e eles têm tudo... . Então são usinas grande em que muda totalmente o esquema de serviço* [se comparadas] *a esta daqui. Esta* [a de Jacarezinho] *está se atualizando, agora começô esse cinco por um, começaram a dá uniforme, material,*

equipamento de segurança e tudo, agora, lá [nas usinas grandes] *já tinha de há muito tempo, sempre foi uma usina que... .*

E o controle sobe o trabalho de vocês era maior?

Era bastante. Porque lá é o seguinte: eles faziam..., faziam não, fazem ainda o esquema [de classificação] *de letra A, letra B e letra C. Letra A são os melhores, a letra B já são os mais ou menos e a letra C são as mulheres, os velhos. Aquelas pessoas que tão só pra..., no caso vamo supor, a letra A corta cana todos os dia, só corta cana, e o seguinte, eles cortam um dia só na quadra. Uma quadra de cana você entende né? Coloca-se fogo naquela quadra e* [põe] *a letra A* [para fazer o corte] *e se a letra A não terminá durante o dia eles não voltam lá pra corta os restinho porque perde tempo. Aí* [então] *vai a letra B no outro dia e se a letra B não consegui* [terminar o corte na quadra] *então eles mandam alguns letra C pra terminá, porque fica.* [Até porque] *a letra B são pessoas mais ou menos,* [embora] *também cortam bem cana.*

Isso ha quantos anos, dez anos atrás?

Não, seis anos atrás, faz cinco que estou aqui.

Então eles tinham esta classificação A, B e C... .

Tinham e têm ainda. Eu creio se fizer aqui..., é que não tem jeito de fazê, mas se fazê..., não tem como fazê, mas se fizeram acaba com o ganho, aí o ganho diminui.

Mas todos querem ficar na letra A?

Todos. Tem privilégio pra tudo, vamos supor, precisando-se de tratorista eles só pegam letra A, você tem que ter no mínimo um ano, um ano e meio, dois ano na letra A. Se você fô da letra B não vai, pode tê carteira, ter experiência, pode tê o que for [mas] *eles não ti levam, só aqueles que estão na letra A. Bola também disputei um campeonato pra eles lá, só o pessoal da letra A; pode ser bom de bola, mas se está na letra B já tem interferência.*

Mas se você é bom jogador, você teria possibilidade de ir para turma A, ou não?

Todo mundo luta para trabalhar na letra A, mas é o seguinte: na fazenda que morava, um patrimônio, tinha uma média de seiscentas pessoas entre tudo: mulheres e crianças.

Como se chama este patrimônio*?*

Pouso Alegre, mas só que não tem mais nada acabou tudo, era uma colônia e tinha várias casas como numa cidade mesmo, era uma usina que a São José comprô de porta fechada. Era um alambique, um alambiquinho, uma destilaria, aí ela comprô de porteiras fechada e foi colocando gente pra trabalhá na usina grande deles.

Como era morar nesse lugar?

Nossa, era o lugar mais desejado de todo mundo, porque lá tinha médico, lá tinha clube, tinha igreja. Então, por isso, todo mundo gostava de morar nesse lugar, mas só ia para esse lugar o pessoal bom, o pessoal bom de serviço e que tinha um currículo bom de

outras usina. Porque, caso contrário eles mandavam pra uma outra fazenda. Aquele lugar era um local que todo mundo gostava de morar lá. Eram [um lugar] perto de Macatuba, perto de Barra Bonita, perto de Lençóis [Paulista], Pederneiras; o ônibus passava dentro do patrimônio. E eles fazia essa classificação: dentro da fazenda eles tirava vinte treis, vinte cinco pessoas letra A, os bons memo e colocava no caminhão que cabe quarenta e cinco pessoa. Era caminhão na época, então colocava de um lado os letra A e do outro os letra B, cada um em seu lugar ninguém sentava no lugar de ninguém e se o cara não viesse perto da janelinha aquele lugar ia vago, você não poderia sentar naquele local, era um banco normal de madeira só que você não poderia sentar ali, o lugar era dele, porque tinha o (local) um, o dois o quatro, o cinco até o vinte cinco e, do outro lado a letra A fraca e a letra A forte. Já tinha essa classificação, ocê descia do caminhão..., todo mundo já descia de peito aberto porque era A forte, o outro A fraco, mas também tava no caminhão e se ele faltasse não iria ninguém no lugar dele nem de outra turma, mas era difícil porque todo o meis tinha o remanejamento [feito pelo] *computador da usina. Toda tonelada sua vinha num papel assim em cima* [marcando] *quantas toneladas ocê tinha cortado durante o dia, quantas toneladas ocê ia corta durante o mês, o seu ganho, o seu desempenho, tudo, tudo, tudo. Por isso era difícil a pessoa perdê dia, porque a pessoa não queria perdê para não* [ficar sem] *o lugar, ou desce da letra. Até a* [letra] *fraca tinha também seus privilégio, mais se ocê saísse daquele caminhão pra letra B..., e vinha o papel, todo meis vinha o papel com o seu número, seu nome certinho, ai se você tivesse molerdiado um poquinho durante o meis você descia de caminhão, ninguém falava pra você. Você pegava o seu papelzinho, cada um pegava o seu e já olhava. Aí você tinha que pegá o seu papelzinho, ia até lá e tirava o seu facão, seu enxadão e sua enxada do caminhão e colocá no outro. Aquilo era a mesma coisa que uma decepção, você taria descendo.*

Você estava fora da competição... ?

Logo após você fazê aquilo, alguém ia tirá o dele daquele caminhão, onde cada um [também] tem o seu facão e a sua ferramenta. Ele tirá o dele e o que subiu, traz [para o lugar que foi desocupado].

Os turmeiros eram contratados pela empresa, ou não?

Não existia turmeiro. Existia motorista, o motorista [das letras] *A1, A2... . Só que aí era um só motorista, o motorista do caminhão [também] era fiscal da A1, e o ajudante dele ia tomá conta. Tinha um fiscal* [a] *cada turma, vinte poucas pessoa pra aquele ali e vinte poucas pessoa pra aquele que também ia em cima na carroceria.*

Os caminhões eram fechados?

Isso, bem arquitetado.

Mas aquilo deveria ser terrível.

É um furgão.

Penso que aquilo lá deve ser um calor terrível?

Até que não, tem ventilação tem as Janelinhas.

Esse final de ano memo fui pra lá e passei nessa fazenda em que morava.

Deu saudade?

Nossa Senhora, quantos e quantas pessoas, viche a coisa mais linda do mundo.

Não sei quanto você corta de cana, mas o Roberto me falou que a média de um bom cortador de cana está em oitocentos, mil metros diários. Mas o cortador tem que cortar muita cana mesmo.Porque a média de um razoável cortador está em torno de mil, mil e cem metros, agora tem aqueles que se destacam e querem ser o número um. No caso destes cortadores da turma A, a média era de quanto?

A média na cana lá, é que a cana lá é bem mais fraca que a cana pra cá [porque] a terra lá é terra de areia, então não tinha rolo não tinha aquela cana enrolada, aquela cana forte, grossa e caída que tem pra cá, lá a cana é supermais fácil de cortá, porque você ia abraçando. É, sete ruas, aqui é cinco, lá você corta sete ruas e mede uma a uma entendeu?

Então a média lá..., no caso aqui, i lá também é metrão, é medido por metrão.

Qual é a diferença?

O metrão... .

Olha, desculpa-me, mas estou como uma criança aqui, não sei nada você que está me ensinando.

Metro você sabe?

Sei

Metro de medi cana já viu?

O compasso?

Isso, [mas] lá é dois. A perna dele é maior ele mede dois metro em cada rodada vai dá déiz, aqui é cinco lá a cada rodada vai e déiz. Só que não conta déiz, conta dois, ocê conta dois metros, quatro metros, porque é dois metros.

Mas não vai dá na mesma no final.

No final dá, mas é porque eles fazem... eles conta sete rua e paga as sete pelo preço de uma, entendeu? Eles vão fazê a média de uma vai e pagá pra você uma rua, [mas] *você vai ganha o valor das sete.*

Não consigo entender isso.

Só no dia-a-dia, ou você conhecendo memo, mas lá é assim e ai, no caso que nem tava falando da turma e da pessoa tê o remanejamento, a média é de dois mil e oitocentos metro, assim grande né? metrão. Então, transferindo, eles faziam duzentos e setenta, duzentos cinqüenta metro, quatrocentos metro [para o sistema daqui]*, estes são os bons [cortadores] porque é medido de dois quatro metros.*

Mas equivalente a quatro..., quatrocentos, equivaleria a oitocentos...?

Não, a dois [mil] *e poco, vamos supor duzentos e oitenta ele vai se transferir pra dois mil e oitocentos metro, treis mil.*

Daqui?

Daqui.

Nossa, mas é muita coisa?

É, vamo supor, aqui você tira mil e duzentos metro, lá tiraria cento e vinte, cento e quarenta, em números até que diminui.

Mas do jeito que você falou um cortador bom ele cortaria dois mil e oitocentos metro daqui, mas ai é muita coisa.

E era cortado.

Pelo que o Roberto falou o cara tem que trabalhar...

Aqui, no caso tem um cara aqui hoje ele é crente, super colegão olha o apelido dele Barra Grande, porque ele veio da Barra Grande.

Então quando trabalhava com o Carlão ele também trabalhava, conversando e tudo ele sempre falava – ele me chama de Maminha-"o Maminha vamo voltá pra Barra Grande aqui não dá nada não e tal", eu falava: você é loco, lá só da sofrimento, lá você só trabalha, ocê não ganha, ocê não veve, aqui você vive, você tá na cidade e lá é o seguinte, eles fazem isso com a letra A, mas não é vantagem e se o cara ponha na cabeça [ele vai ver] *que não é vantage, por que? Porque ele trabalha muito por um preço que não... eles têm controle em tudo, do um do vinte cinco é pouca diferença, você vai ganha dois reais, um real e cinqüenta, setenta centavo, oitenta centavo a mais que o outro no máximo, porque é muito controlado.*

Vamos supor que o número um, vai daqui lá a mais, você fica loco querendo aparia ali pertinho dele, então aquela disputa o dia intero, o meis intero e chega no final uma cana que eles pagam pra letra A forte [tem pouca diferença]. Estão as duas turmas da letra A [letra A forte e letra A fraca] no talhão, eles nunca põe as duas [letras A forte].

Vamo supor as ruas são assim, aqui é uma quadra, aqui vai dá um bico, eles colocam o primeiro letra A começa aqui, ai o letra A fraco vai pegá daqui pra lá, entendeu?

Óh, o número um vai pegá aqui, o bom vai pegá aqui e o, vamo supor, o vinte cinco da outra turma, o letra fraca, não o vinte um, [pois] começa no vinte seis, entendeu? Vai do um até o quarenta e cinco. Só que do um ao vinte aqui eles vão ponha do vinte seis até o cinqüenta aqui, então vai dá: os bom contra os fraco, os mais fraquinho e os ruim contra os outros.

E quem é que fica com os bicos e as curvas.

Os bico é o seguinte: todo dia tem um pra pegá, vamos supor, hoje é o número um ele vai encará. Encarô vinte e cinco pessoas, amanhã vai pegá o número dois aqui, o número dois vai pegá e ele vai pô último!

Então ele vai se o vigésimo sexto.

Não o vigésimo quarto, porque o vigésimo quinto já está encostado aqui, então todo dia é um pra pegá neste bico aqui.

Então cada dia um pega uma curva?

Não, aqui é beira de caminho, então é muito difícil você achá curva, os bico não tem curva. Curva é mais no meio da quadra, aí encontra muita curva, mas memo assim do pegar aqui [no bico] *se dé na semana cai o seu número, você vai pegá na curva, não tem como fugi.*

Mas aqui em Jacarezinho não se reproduz essa idéia?

De número?

De uma escala?

Tem aqui também, mas é diferente aqui troco todo mundo e lá é só um [aquele último]*. Hoje eu sou o dois, você vai pra lá, amanhã você é o treis então você vai pra lá, amanhã o outro é quatro então ele vai pra lá. Aqui é o seguinte a gente faz uma escala assim: no ano passado trabalhei assim com uma turma, deixa eu pegá uma folhinha.*

Quer tomá uma tubaina?

Aqui oh, a escala da nossa turma o ano passado, ela era assim: começa do [número] um só que aqui não tá pô orde, porque o um é bom, os dois já não é muito bom, o treis poderia ser uma mulher então ela não tá aqui ela tá junto com os outros pra..."

Então aqui os trabalhadores já estão classificados?

Já estão classificados, mas só que é do ano passado.

E eles obedecem está hierarquia?

Obedecem, claro que sim.

De serem os melhores, os não melhores.

Mas estariam próximos a aqueles piores como aqueles da turma C da Barra Grande?

Então este C ele vai por último, porque no caso aqui, cana caída você sabe? Uma em cima da outra, do lado, vamo supor que eu pegue aqui [do lado de um bom cortador] *esta cana aqui do parceiro vai cai em cima da minha e se ele não fô eu vô te que pica toda cana dele, então eu vô te que pica toda cana dele, então eu vô trabalha mais e ele vai trabalha menos e vai ganhá quase igual eu. Por isso que tem essa lista, porque pega um bom perto de um bom, um vai ajudando o outro, levo minha rua e tiro de cima da sua e você vai cortando a sua e eu não estrovo a sua rua.* [Quer dizer] *tem essa intenção, mas que todo mundo aceita assim porque o bom ajuda o bom e o ruim vai ficá sempre lá junto com o ruim.*

Mas aí tem a seguinte situação. Você é bom cortador de cana e eu também sô, mas aí aconteceu um problema, não estou bem e nós estamos cortando um próximo do outro, no

entanto, não consigo acompanhar o ritmo e não, tenho o mesmo rendimento, e aí como fica?

Não, um dia só não tem nada a vê.

Mas aí fica a gozação também não?

É, tem claro, no caso um tá lá na frente um pega o facão e bate na cana, isso pra quem tá pra trás é irritante, já vi acontece até briga.

Como é isso?

É um modo de tirá sarro um no outro. O cara tá trabalhando, ai faz telefone. São cinco ruas, você já ouviu falá? sabe o telefone?

Já ouvi falar, mas não entendi?

Cinco ruas né, aí o telefone são as cinco ruas a par, na quadra aqui assim, aí você leva as suas treis e deixa duas pô lado de cima, aí você vai só com aquelas treis até varáa, até saí num caminho, num corte aí, depois você volta e vem derrubando as outras duas, esse é um telefone, você vai deixando aquelas duas ruas, aquela linha. Aí, no caso, você tá lá na frente ocê bate o facão, o detrás já fica nervoso porque tá sabendo que tá te chamando e não consegue acompanhá:

Só que nesta lista a gente coloca sempre as pessoas que conhece e que têm intimidade de brincadeira pra não tê esse tipo de atrito, porque tem pessoas que são meias ignorantes e não gosta, Então estas pessoas que já não gostam, já põe em separado, deixa mais por último.

E quem faz esta escala aqui?

A gente mesmo?

Vocês mesmos?

É porque a gente já conhece a pessoa.

Mas não é o turmeiro neste caso?

Não, porque aí no caso, agora não tem, mais fiscal no eito, antes tinha e eu era fiscal de eito, agora não tem mais, não tem mais esse negócio da usina pagá uma porcentagem pra agente dá eito. Quem dá eito é o próprio fiscal de cana que mede, o fiscal da usina com crachazinho e tudo. Só que eles não...[fazem?]. *A gente com esta lista da turma tem que tê um alguém* [que] *acompanhe o empreiteiro, no caso do Audir eu trabalho com ele, sozinho é difícil ele mantê uma turma boa, porque eu estando* [lá] *vou sabê quem trabalha direito. Eu vou..., entendeu? Então no caso toda veiz, ontem mesmo a gente saiu pegando a carteira do pessoal, fomo na casa dos pessoal que a gente conhece.*

Como é fazer isso?

É convoca, no caso, assim você conhece as pessoas, exemplo, você já viu o Zé do Ovo, aquele polacão, o João Banana, são pessoas bem disputadas por todas as pessoas [turmeiros] querem que eles trabalhem junto. Então você vai, tenho intimidade, a gente vai e

conversa e pega a carteira, aí vai trabalhá durante a safra, a gente já sabe quando chega com esse pessoal na mão, que vai ponhá perto de quem e quem vai ficá por último pra não dá esse pobrema.

Mas ainda não surgiu a proposta de se fazer o mesmo que se vem fazendo na Barra Grande?

Graças a Deus não, porque se surgi ai acaba.

Roberto estava me dizendo que aqui nesta usina ele se sente muito preso e que agora cortando cana na São Luiz ele tem mais controle sobre seu tempo de trabalho não tendo tanta vigilância do fiscal, o horário do almoço não é tão controlado. O que você pensa sobre isso?

É só ilusão viu, como diz ilusão de ótica. Porque você trabalha muito e ganha a mesma coisa não tem vantage nenhuma, no caso, como tava explicando prôce sobre a Barra Grande ao fazer letra A, letra B e letra C é outra ilusão, é muito mais ilusão, ocê qué trabalhá muito mais e ganhá menos de que aqui

O que esta foto traz pra você? O que ela mostra?

No caso tipo de serviço?

Tipo de serviço, todas as situações possíveis que você identifica nesta foto.

Sei lá, no caso do tipo de serviço aqui ela é tombada, é uma cana que você tá tombano tudo de um lado só. Você diz assim do serviço da cana?

É do serviço da cana. Caso você tivesse nesse eito em que aparece na fotografia, qual a sua sensação, o que esta lhe traz.

É, sei lá não consigo me expressar, pelo tanto [que está cortado] *o cara andou bastante né? E a cana é forte né?*

Mas pelo jeito aqui ele não terminou?

Não, no caso estas duas ruas é do eito de baixo. Esse aqui já foi terminado, este é o telefone, estas duas ruas aqui o cara tem que derrubá pra baixo.

No caso, se fosse na Barra Grande e a turma A não terminasse, no outro dia viria a turma B?

Só que não pode fica telefone de um dia pro outro, aonde você consegui levá as quatro [ruas] *tem que levá* [o restante] *as outras treis porque são sete ruas, tem que apariá.*

Então não pode-se deixar telefone?

Nem aqui eles não deixa, no caso aqui deve tê...

Mas se deu o tempo, isto é, a hora de ir embora, por exemplo, aqui, quando fiz esta fotografia já eram três e meia, quase quatro da tarde.

Não pode né? Você tem que controlá o seu tempo.

Mas faltou este restante.

Esse aqui? Aonde foi isso aqui?

Foi na seção Santa Rita.

Na usina Jacarezinho, e ficô assim?

Ficou!

Isto aqui é o final de tarde?

É o final de tarde!

Não sei como ficô, mas não pode, eles não deixa, o eito tem que ficá com as cinco ruas pariada pra mode medi. Que aí ele vai medi cinco, déiz quinze e nunca treis, seis, nove. Não concordo.

E essa fotografia aqui?

É a mesma cana?

É na mesma seção.

Então, no caso, também é derrubada né? Mas este aqui é treis pra um lado e duas pro outro não é? As folhas? Vamos supor derruba treis pra lá e duas pra cá?

Eu não sei dizer?

Não pode também, o fiscal não deixa, é quando eles [exige que seja] *toda de um lado só,* [mas] *dependendo da cana.*

Mas, então aqui, pelo que mostram as fotografias não tem nada correto?

Pode ser que esteja correto pela ordem do lugar, tem lugar que muda. Tem lugar que eles manda derrubá todas as cinco pra um lugar só, outros lugares dependendo, no início da safra eles manda só treis e cortá as ponta. Porque no início da safra a cana não tá madura ela tá meia verde, então se derruba as treis e mais duas vai dá cinco e naquele acúmulo de ponta ao cortar, vai ficá muito...ruim, você acaba cortano gomo, você corta folha de um e gomo da outra, cortando cana encima da outra.Agora quando tá no meio da safra já no final ai então eles até libera você.

Isto aqui já era final de safra.

Então, daí eles deixam derrubá as cinco rua, mas é muito difícil porque rende bastante também né? Porque no caso de você cortá na mão é um e se cortar derrubada é outra.

O que é cortá na mão e o que é cana derrubada.

Na usina São José e na Barra Grande no inicio da safra eles não deixam cortá, no inicio da safra, cana derrubada. Os dois primeiros dois meses, um mês e meio é só na mão aí é onde se destaca as pessoas que têm habilidade na mão, corta só na mão; pega a cana corta a ponta e joga na lera, isto é cortá só na mão.

A cana derrubada, aí quando eles libera e que já tão queimando bem a cana, aí ele libera você pra derrubá treis rua, então você vai cortando a do meio e vai jogando, depois as outras duas.

Depois só vou limpando?

Não, depois você volta cortano as ponta e vai, chutando a palha, no caso é mais com botinão mesmo, é mais pesado, porque na mão fica muito forte, então do meio da safra pra lá eles fazem isso.

Veja a posição desta pessoa trabalhando nesta fotografia, isto corresponde a um esforço grande não?

É, mas pra quem já tem costume, o corpo já não... . É geralmente forçado o serviço na cana, é bem puxado, mas pra gente que tem o costume não tem segredo.

Falo isso porque encontrei um rapaz na Santa Casa que me disse estar passando no Hospital porque houve um desgaste nos ligamentos do seu braço e que os médicos chamavam aquilo de tendinite, não conseguindo ele movimentar mais nada. Quando perguntei o que fazia, o rapaz respondeu-me que era cortador de cana desde os quatorze anos e que tinha naquele momento vinte sete, vinte oito anos e que para ele nunca teve tempo ruim no trabalho, porque sempre se destacou dentre os demais da turma, não que ele queria ser o bom, mas ruim também não o era. Aí eu pensei, pra chegar naquela situação ele deve ter trabalhando num ritmo muito forte, mas o que quero dizer é que as pessoas têm vários problemas de saúde, dada as próprias condições do trabalho, ou você nunca percebeu isso?

Força, força bastante. Viche tem acidente, é um serviço bem forçado, mas também vai do jeito de você pegá. Na cana não é o forte que corta bem e se você tivé oportunidade de conhecê, quando começa a safra, você pode oiá; não é o forte que corta bastante cana, é o que tem mais habilidade nunca vi nestes lugares que trabalhei um letra A forte, não tinha, [ou melhor,] *só tinha um tal de Joãozão, que até tem o seu porte físico, só que ele tinha na época uns dezessete ano. E tem também o jeito de trabalha, quando eles não liberam pra derrubá e que é no início da safra lá, por que aqui já não tem isso, lá você tem que cortá na mão é você cortar de treis, quatro* [canas] *o quanto a sua mão abraçá, muita gente qué catá de monte e sua mão acaba machucando, abrindo a munheca por tentá catá bastante e não é* [assim]*. É a habilidade é o jeito do cara trabalhá, então do meio do segundo meis pra lá todo mundo mudava o seu modo de trabalhá, porque aí e a partir desse tempo a usina libera o uso de mangote, você já ouviu falá?*

Não.

Vamo supô, você usa camisa normal e eles não uma polaina, um bagulho de napa pra você colocá; já tem a luva, aí você o coloca e traz até [altura do ombro] *aqui e tem uma fivelinha pra você amarrá e daí você abraça a cana. Então a partir desse tempo eles libera* [o uso] *do mangote e dão a cada um para que posa ser usado.*

Porque pra você abraça e cortá na braçada você não consegue, pode ser a cana mais pequena, a mais leve que for, mas você não consegue, então aí só vai na mão. Agora

quando liberam, você pode abraçá. Você pode abraça, mas aí você tem que cortá e tomba na lera pra depois vim cortano as ponta.

E esse rapaiz [Joãozão] *cortava durante a safra todinha só na mão, mas aí ele não cortava simplesmente na mão, catava* [a cana] *na mão cortava e jogava na lera, entendeu? A habilidade dele..., ele era o número sete, número oito, número nove e pra sê o número nove na letra A tinha que sê bom e conseguia, o irmão dele era fiscal só que não tem proteção. Vamo supor, o "irmão dele é fiscal e por isso ele é letra A" e não é, tinha o remanejamento, era tudo pelo computador então não tinha* [como] *mantê um cara ruim no lugar do bom; ele era bom mesmo na mão. Ele não sujava o mangote chegava de tarde a gente tava tudo lotado de pó, carvão, suor, e ele suado também, mas só..., só cortava na mão, porque a mão dele, não sei, ele era grandão, mas ele catava quatro, cinco [canas] cortava e derrubava, mas só na habilidade.*

Aqui mesmo tem bastante gente que tem habilidade de cortá cana na mão, mas só que aplica mais o golpe de derrubá. É o jeito também, vamo supô, a rua que..., se você na segunda rua..., tem gente que vem de lá pra cá, a lera tá aqui você derrubô treis esta aqui berando a lera, então. Tem gente que vem de lá, vem ao contrário porque ao vir de lá você vai tê que batê o facão aqui e vai tê que cortá alguns pé de cana pá pode cortá o outro que tá, agora você indo daqui pra lá não, você não precisa nem pegá a cana, ocê põe a mão nela..., o braço e vai cortano e ela já vai caíno na lera. Você não faiz força pra levanta a cana, vai tombando e cortano.

Agora quem é canhoto...?

Vem de lá pra cá, porque aí ele vem tombando com a direita e cortano com a esquerda é o jeito de trabalho.

E isso ninguém ensina?

Eu mesmo trabalhei nestes lugares onde tinha gente muito boa de serviço, e fui adaptando, até esses dia tava cortano pra um cara aí e ele falo: "mas isso daí não tem como você fazê" ai eu falei: eu fiz. Porque eu via na São José um tal de Barba [trabalhando], *ele era baixinho e tudo, mas ele ficava sempre o número dois, esse cara não comia direito, olha ele era doido pra sê o número um e tinha o Tonhão que era um cara magro, alto e mais novo que ele, trabalhava só na mão, tranqüilo, pegava assim, abraçava também, mas déiz, doze canas e ele [o Barba] querendo acompanhar o número um, era difícil o dia que acompanhava porque ele era muito desesperado, ele batia o facão assim e errava a facãozada. E o número um [o Tonhão] abraçava quatro, cinco, déiz cana batia e derrubava do [outro] lado, as vezes com uma facãozada ele cortava déiz, doze cana e derrubava e o outro [o Barba] que queria pegá trinta, quarenta (cana) e pá, pá, pá gastava muito mais tempo batendo no monte, enquanto o outro ia mais devagá então eu peguei a habilidade de um e de outro e fui adaptando do meu jeito de trabalhá.*

Mas dava tempo de observar?

Claro que dá, não tem como não ver, você termina o seu eito e vai passá pra vê o outro eito. Ocê vai vê, lá eu era o número déiz, doze, o máximo que cheguei foi o seis. Eu via o jeito do pessoal trabalha, mas entendia que aquilo pra mim era loucura.Você vai trabalhar, mas ao trocar uma lima, amolá um facão, você vai passá perto do eito [daqueles que são considerados os melhores] *e vai vê o jeito que a pessoa tá trabalhano, esse Barba trabalhava desesperado e nunca acompanhava o outro que ia devagar, aqui também tem gente assim, vai no desespero, erra facãozada, acaba cortano a caneleira, bate forte demais, e outros não, porque vai na habilidade, sabe a potência certa de batê na cana e não desperdiça facãozada. Porque se desperdiça duas, treis facãozada numa moita,* [é porque fica] *ali até quase quarenta segundos abraçado numa moita. O cara que pega quinze cana no máximo e vai rápido, tá, tá, tá, pra corta aquilo ali, o* [outro] *cara pega quatro, pá corta, pá corta, pá corta, ele ganha tempo e vai* [ter mais] *fôlego, porque o outro que tá com trinta, ou quarenta cana no braço tá ali batendo fort,e porque tem que cortá aquela cana que tá numa tocera, vai tê que cortá aquela* [que está mais próxima do fio do facão] *e a outra que está mais pra lá, nisso ele vai cortá o pé da cana duas vezes. Pra atingir a outra tem que cortá a mesma cana duas vezes, vai cansá e o outro não,* [pois] *pegou quatro e, para ele, é a mesma coisa que nada, vai cortá mais quatro, alcançando aquele que tá com quinze canas, chegando em vinte cinco devagar e o outro dezesseis, cansando-se* [bem mais], *porque um pé da cana ele vai cortá treis, ou duas vezes.*

Às vezes, também, em uma braçada e ele [a] *corta, vai lá e pega outra braçada sem joga na lera, tem gente que faz até treis vezes assim: pega quinze canas aqui pega mais quinze pra depois jogá na lera, aquilo ali só cansa. É o caso do rapais aí* [o Barba] *só cansa, porque ele vai te que carregá aquela cana pra frente, sendo que ele poderia jogá de lado, ele vai tê que andá um metro e meio, quase dois metro com aquela cana no corpo e o outro não, o outro vai cortando cinco, seis, quatro, já fiz a experiência de trabalhar ao lado de uma pessoa assim, cortando duas, treis cana, acompanhando ele tranqüilo e normal, as vezes eu na mão, cortano e jogando* e [o outro] *a pessoa abraçando do meu lado, via que não era vantage, dependendo da cana não é vantage. Se a cana fô grossa não é vantage abraça aquele montão, a hora que ela desce força o corpo e toda hora vai forçar,* [quando ela] *é grande você vai pegá na mão no máximo duas ou treis cana, porque ela é grossa e ainda usando luva e o cara vai pegá no máximo oito, a bicha é grande e quando pega aquela folha* [ainda] *meia verde, aquilo pesa aí ele vai cansá mais rápido do que eu que tô na mão. Já levei muito xingo por causa disso "o ocê tá tudo limpo aí e tá acompanhando, eu, o que tá acontecendo? O seu eito tá mais fácil que o meu",* [aí eu falo] *tá memo viu, o seu eito tá mais forte que o meu sempre. Se ocê vai né, a pessoa vai ficá até chateada com a gente, mais é muita ilusão, você tem que trabalha um pouco com a cabeça.*

*Porque, no caso, na Barra Grande é assim, que nem eu tava explicando pra você, a letra A chega nessa quadra, uma quadra só, ela corto ali eles vão pagá a média de vamos supor a média de setenta virgula alguma coisa [*de centavos] *naquela cana. Aí o cara vai ganhá doze, treze, é a média de doze até quatorze reais, do número vinte cinco até o número um vai ganhá nessa faixa, amanhã a letra A não vai, porque vai perde tempo e as outras duas turmas são ruim, então eles põe em outra quadra, aí manda a letra B pra aquela quadra. Se eles pagaram setenta, pra letra A, pra letra B eles vão pagá cento e trinta e nove, cento e quarenta e cinco, cento e cinqüenta é assim, ninguém nota isso, ninguém percebe isso, eu percebi os mais inteligente, pá ocê tá vendo, você via cara lá barrigudo, tranquilão, trabalhando normal, [mas] tinham uns lá que o olho tava lá no fundo, você via dá cãibra no cara, tendo que toma soro naquela mesma quadra, só que variando de um dia pro outro, porque a letra A corta ali a setenta e nove ou setenta, letra B vem e vai cortá a cento e cinqüenta, vão ganhá de déiz a treze reais um real a mais do...*

Mas então, você estava falando que esta letra tem liberdade para cortar e de não ir na mesma quadra. Em comparação a letra B, esta ultima iria cortar e ganhar o mesmo, ou um poço mais que a turma A, não entendi?

Não ganha mais!

Mas também não iria ganhar tão menos?

Não, ia ganhá menos porque ele iria ganhá numa faixa de déiz a treze, *a doze e noventa, essa é uma média.Só que agora é mais,* [então] *ganharia menos*, *sei lá, uns vinte centavos, quarenta centavos, um real e vinte e dois reais.No final do meis daria trinta, quarenta reais, e aquilo para quem era letra A; saia com o cheque achando que tinha ganhado mundos e fundos e o outro pegava o dele e dava a mesma coisa.*

Mas eles também moravam em um lugar melhor?

Mas era selecionada em todos os lugares, a usina era toda assim. Na outra seção tinha também a mesma coisa, tinha o caminhão da letra A e a letra B a mesma coisa, não era só nesta seção em que eu morava.

Mas por exemplo tinha essa outra regalia eu sou o número um se aparecer a oportunidade serei chamado e o letra B não será... ?

É, mais é difícil.

Seria isso a ilusão?

É isso aí que era a ilusão de todos né? Tinha um cara lá mesmo que fazia dezoito anos que ele trabalhava a fim de [pegar] *o trator, um cara entrõ e fico um ano e pouquinho [e porque] tinha carta de motorista foi trabalha e ele ficô, mais foi um sarro, Deus me livre. Dezoito ano, um tal de Fontoura, ele trabalhano, dois irmão Lanzicio e Fontoura, letra A desde que fizero, desde que criaro a letra A ele lá estava, e por ele não ter lá habilidade de*

[dirigir] *o trator o cara entrô, fazia um ano, nem um ano direito na letra A e* [o] *colocaro pra trabalhá* [com o trator] *eu mesmo tirei um sarro da cara dele.*

Imagina, você não gosta não é? Aproveitando este tema, naquele dia do jogo de bola na usina, percebi que você veio tirando um sarro legal do pessoal, mas não foi diretamente dos aspirantes, não chegou a tocar diretamente neste ponto...

Não, porque, no caso mesmo, joguei no domingo passado nos aspirantes e pra mim não tem problema jogá no titular ou no aspirante, o importante é o divertimento todo domingo. A brincadeira foi em cima de um lá da camiseta..., nada vê.

Pensei que tivesse um sarro, uma rivalidade entre aspirantes e titulares em relação a perda ou o ganho do jogo. O Bombril dizia, por exemplo, que o time dos aspirantes não jogavam na chuva e que por isso ele derrapou, o mesmo dizia o Roberto, quer dizer eles mesmos estavam ironizando a condição da derrota, mas não os titulares.

Não tem isso porque todo domingo a gente tá junto, todo final de semana, então perdê ou ganhá a gente vai apenas lamentá, comentá os lances. No caso quando tô do lado de fora grito bastante pro aspirante, aí quando entro eles gritam, mas eu nem ligo pra eles na berada do campo, não tô nem aí, zôo pá caramba quando eles estão jogando este Roberto [mesmo] *eu tiro um sarro. Ai quando eu entro é a mesma coisa eles tentam, mas não consegue e se tamo perdendo aí que esculacho mesmo daí que nem ligo pra eles.*

Você nunca encontrou alguém que o ignorasse e partisse para a briga?

Graças a Deus, sobre piadas não. No campo já houve eu e o Carlão [turmeiro], nossa nóis tem uma amizade, nóis sai de campo assim memo coisa como dois inimigo, cara fechada memo um com outro, mas depois arrependi ao que falei e ele também porque faiz cinco ano que a gente se conhece, então depois ficava arrumano um jeito de [mesmo] com o queixo doeno porque tinha levado um tapa, puxá conversa com ele. pra volta a amizade porque [foi] *uma situação chata* [ainda mais] *que foi no final do jogo.*

A gente foi em Ourinhos tava ganhando de quatro [contra] dois e o time bateno mesmo em Ourinhos e tal, aí veio um cara dá uma solada em mim, tenho o joelho machucado e eu com medo. Aí a bola veio e em vez de chutá pra frente dei um tapinha ela subiu pentiano o cabelo do cara e caiu do outro lado daí ele [o adversário] *viro e bateu no meu queixo; o Carlão pra mim protegê xingô eu: "pô mais ocê tá veno que os cara tá bateno porque não toca essa bola, chuta pô meio do mato", aí, eu falei que se chutasse quebrava a perna* [dando continuação] *no lance e nóis discutino, aí eu disse pra ele toma no nariz e jogá bola porque não tava fazeno nada também, mas ele falo* [aquilo] *pra mim protegê e eu ali no sangue nervoso, porque tava doeno, chegô a desloca aqui, acabei ofendendo e ele também já mandou (ir pra aquele lugar). Aí termino o jogo, fomo lá tomá uma cervejinha em Ourinhos, muntamo na circular e eu com o queixo doeno quereno arrumá um jeito de puxá conversa com ele, oiava em mim assim chateado, esse dia nem brinquei com ninguém,*

quando chegô no bar a primeira brecha que deu de alguém comentá o lance, pronto já voltamo a conversa mais foi uma coisa que nóis dois ficamo chateado.

Com o futebol também acaba esquecendo o dia-a-dia do trabalho ninguém nem fala do corte de cana não é?

Têm uns que começa a comentá "a você pego meio eito, deu além, aquela turma foi zoiuda" ai chegá o cara [outra pessoa e fala:] *"ô meu, isso foi onte, vamo jogá bola, calma deixa isso aí pra depois, pra amanhã, pra outro dia".*

Tem um fiscal dentro da própria turma de cortadores de cana, mas não recebe como fiscal?

Não.

Ele é uma pessoa que orienta, mas hoje não tem mais está função?

Não, eles não paga mais pra isso, antes eles pagava uma porcentage pra quem tivesse um fiscal de turma pra dá [o] eito, vamo supor, tem que abri uma picada, porque você pega seis eito á, cada turma, ai ocê tem que abri uma picada, cortano aquela cana caída entrando pelo meio e sabê onde tem aumento, onde o trator faiz aqueles aumento de rua, pra podê dá as lera certa, então tinha gente pra organizam dizendo: "desce déiz pessoa aqui, vão mais pra frente, sobe mais oito", hoje não tem, mas sempre os fiscais, mesmo deles lá [da usina], *colocam umas pessoas pra fazê isso e na turma do Audir é eu, na turma do Carlão é outro, eles colocam um cara que...eles fazê esse tipo de serviço, aíi eles reembolsa, põe uns metrinho a mais colaborando com a gente* [fiscal de turma] *pra que a gente ganha igual ou* [como] *o melhor* [cortador], *o segundo, sempre tem essa manhã né?*

Você, sendo o fiscal do Audir, também sabe indicar as pessoas que irão formar a turma pra nova safra?

Com certeza.

Como vocês recrutam e escolhem está nova turma. É só pela questão do melhor cortador, ou não? Também tem a questão do relacionamento da pessoa na turma... ?

Isso, mas em virtude da pessoa,o seu relacionamento é difícil

Tem gente "mal" enturmada?

Tem, no caso que nem falei pra você, nesta lista aí mesmo o número déiz ai [e pode-se ver] ele tá bem longe do onze, ele é um senhor meio ignorante, não gosta de brincadeira, gosta de trabalhá sózinho e se dé uma rua a mais ele não leva e se dé uma rua a menos não qué pega, também é onde a gente já deixa ele separado, deixa ele no meio dos bons, mas com uma pessoa (com) que ele tenha mais intimidade. E no caso dele criá atrito ali agente conversa com meio mundo ali e já transfere pra outro lugar pra não dá pobrema com a turma, dentro da turma, pá não dexá chegá até no fiscal geral ele passa direto e se vê aquilo ali uma rua sobrano, ninguém qué tirá, as vezes a gente mesmo vai lá e tira

Naquele sábado de futebol reconheci alguns rapazes, quando da última vez que fui ao talhão e pude verificar que eles ali ficaram meio que destacados do restante da turma formando um grupo diferenciado.

Ah sim.

E eles estavam fumando um cigarro de maconha.

Eles têm os gostos deles.

Mas observei que você passou por eles e deu uma olhada condenando aquela atitude, percebi que você não gostou muito, foi isso mesmo que verifiquei, você não gosta disso...?

É eu sei lá, na minha opinião, no caso ali, não foi assim um caso [de preconceito] *iche eles veve aquilo, fuma aquilo, mas não tem nada vê, é que eu nunca, nunca tive vontade de experimentar [até] mesmo pelo caso da mamadeira, acho que se começá a senti muito esse chero e pegá gosto eu não vô pará mais e isso vai fazê bem? Não vai fazê nada, tô viveno até hoje sem isso, então pra que vou querê entrá nisso então evito, mas mesmo assim, [isto é,] saio de perto se eles estiverem [usando] ali na hora, mas passô cabô discriminação, não tem nada, é que eles tavam na hora ali, no ato ali e se fica perto ocê vai pegano aquele..., uma coisa que não faiz bem.*

Eu percebi que todo mundo sabe quem é todo mundo ali.

É verdade e ninguém esconde também.

As pessoas não escondem né?

Não, tá nem aí.

Como você vê a questão das mulheres nesta escala?

No caso aqui a gente coloca tudo perto e, nas outras turmas, ninguém faiz isso.

Porque?

Nóis fizemo isso porque na usina tem quatro mulher ai lá, tinha cinco mulher o ano passado, e elas só trabalhavam perto, então foi difícil tirá elas, neste caso aí a gente tirô até mulher de perto de marido pra colocáa perto delas, pra ficá aquele grupo. Porque na hora que vai pro banheiro, na hora do almoço elas sentam perto, a gente...,

Não seria pra evitar um certo assédio sexual?

Não! Não tem como: isso não tem como evitá e se houver algum ti, ti, ti, vai acontecer mesmo, é difícil, não tem como evitá. No caso a não tem, são todas mulheres casadas, as roupas são bem adequadas. Mas que há, há sim.

No dia em que viajei com uma turma vi uma moça vestida com uma calça de agasalho por baixo de um calção bem apertado e curto, quer dizer, estava vestida, mas dava a impressão de estar com as pernas nuas, criando aquilo que você chama de ilusão de ótica, estava toda arrumada, apesar de toda aquela roupa.

Tem umas que gosta né de sê assim...

APÊNCICE C - Entrevista com o cortador de cana Roberto, realizada no dia 27/04/ de 2001 no período das 15:00 às 17:30 horas em sua residência na Vila São Paulo. Este trabalhador foi integrante da turma a qual tivemos oportunidade de acompanhar, no final de outubro de 1999, em um dia de trabalho na seção Santa Rita em Jacarezinho.

Conte-me um pouco da história da sua vida como trabalhador rural. O que você vinha falando para mim naquele dia do torneio de futebol, lembra? Você começou a dizer... .

Ah, sei.

Que você começou a trabalhar com quatorze anos de idade...

Eu comecei com quatorze anos de idade na lavoura. Tirei carteira com quatorze anos, naquela época podia fazer carteira de menor, agora não pode mais. Eu comecei a trabalhar, era dá duro na roça, né? E de noite estudá, né? E daí tinha a canseira, vinha umas par de coisa que começava assim, aí eu fui obrigado largá de mão a escola, porque o serviço não podia para, né? Para ajudá a família, né?

O que você considerava, nesta época, de mais difícil no trabalho?

O desgaste, né? A gente esgotava muito, a gente era mais fraco. Trabaia também, [mas] *tinha menos força, e tinha que parti pô sacrifício. Mas fazê o que, né? Tinha que vencê, tinha que ir.*

Isso em que lugar era?

Ah, trabalhei a maioria de tempo aqui na usina.

E isso morando aqui em Jacarezinho?

Morando aqui, sou nascido aqui.

Você me contou aquele dia que foi para São Manuel...?

Bom, eu nasci aqui em Jacaré, Jacarezinho, certo? E daí, depois houve um pobreminha familiar, daí meu pai ficou aqui em Jacarezinho e eu fui embora com minha mãe morá com minha Vó, lá em São Manoel na usina São José. Daí nóis fiquemo um tempo lá, década de oitenta..., oitenta e treis..., oitenta e quatro, eu tava morando lá. Depois em oitenta e seis, daí eu vortei, meus pais voltou de novo, daí foi que eu voltei em oitenta e seis pra cá, í em 1990, daí eu já tinha quatorze ano. Daí foi que eu já comecei a trabaia, já entrando no pesado, até hoje, né?

Você estudou até que série mesmo...?

Estudei até a sétima série. Eu terminei a sexta [série] *inteira, mas a sétima série não deu pra terminar por causa do serviço.*

Aquele dia que viajei com vocês, nós chegamos aqui por volta das seis horas, seis e meia. Quando está na época de safra que horas que se chega na Vila?

Não. Aquela época que eu comecei a trabalhar, com quatorze ano. Naquela época, não tinha horário, sabe? Você trabalhava; até as cinco hora você tava na roça, seis hora você tá na roça. Naquela época com quatorze ano. E, depois, de lá pra cá os tempo foi mudano, mudano, mudano. E de lá pra cá eu casei tenho família, daí foi desinteressando. Mais agora, neste exato momento, agora o governo qué que a pessoa trabae e estuda. Que nem antigamente não era assim, hoje em dia ôce trabalha até quatro e vinte. Até dez para as quatro você tem que tá dentro do ônibus para vim embora, e daí dá tempo, mas agora já foi. E outra, agora eu trabalho em outra usina no Estado de São Paulo, na usina São Luiz vou começar dia sete agora [maio de 2001]. *Lá o horário já é outro.*

É que nem (...) na usina Jacarezinho, tem muita gente que trabalha e estuda. Agora a usina ajuda, mas antigamente, há dez ano, doze ano atrais, a usina não tava nem aí (...), tinha que trabalhar, não tinha horário não, quem quizé estudá, quem não quizé não estuda. Agora não, a usina Jacarezinho obriga a pessoa estudá. Você tem que estudá agora, antigamente... . Hoje em dia era pra eu ter terminado os meus estudo, já estou com os meus vinte sete ano, já era para ter terminado, mais... .

Na época de safra, como a gente está começando, época de cortar, cortar, cortar, mesmo assim vocês trabalham até as quatro horas?

Até ás dez para as quatro. Aqui na usina no Paraná, aqui na usina de Jacarezinho.

E lá na São Luiz?

Lá na usina São Luize... é meia hora mais tarde. Lá você trabaia até as quatro e vinte, agora aqui até dez para as quatro, quer dizê, é trinta minuto de diferença.

O ano passado você trabalhou lá?

Trabalhei o ano passado!

E qual é a diferença entre trabalhar lá e aqui? Quem é o turmeiro*?*

Lá eu trabalho com o Jair.

É daqui?

É lá de cima. Sabe o Mamadeira? Você foi na casa dele?

Não. Ainda não fui.

Você sabe onde ele mora?

Sei!

Pra cima da casa dele, não sei se você reparou tem dois ônibus.

Não, não tinha ônibus quando passei por lá.

Então, o empreiteiro que eu trabalho mora ali pra cima. Na [proximidade da] *casa do Mamadeira, ali.*

Tem diferença entre trabalhar com o Francisco ou o Jair?

O Francisco? Não. Não tem, [ou melhor,] *a diferença tá no serviço, certo? A gente trabalha aqui é de um jeito.*

Como é o serviço, qual que é a diferença, é que eu não entendo... .

É que nem lá na usina São Luiz, o serviço é sorto e, agora aqui [risos] *no Paraná, na usina de Jacarezinho já é mais rígido, seguro. Lá* [na São Luiz] *você trabaia de empreita, você mete o pau, lá você ganha o seu dia sossegado e não tem pobrema. Agora aqui é... , qualquer coisinha assim que se fô fazê, assim... que eles não gosta: eles já ti pune ocê por pouquinha coisa, você entende? Te pune por pouquinha coisa. Ocê vai trabaia, ocê corta o toco da cana mei ato assim, aí eles já vai te puni.*

Que tipo de punição

Ah, eles pode dar treis dia de gancho.

Por você cortar a cana e deixar com toco alto?

É, você tem que trabaia certinho no chão. Se acontecer de um dia ocê esquecer o crachazinho da firma que você tem que levar todo dia .. .. Aqui você vai pra roça, você esqueceu de colocar na mochila na bolsa, ah...chegou lá o fiscal procura, cadê? Vamo todo mundo passá o crachá pra começá o trabalho, e daí?

O crachá é como se fosse o cartão de ponto?

É, exatamente. E daí se ocê não tá?

Lá na São Luis não tem isso?

Lá na usina São Luiz tem também, mas só que lá eles passam no outro dia. Hoje eu esqueci meu crachá lá no Estado de São Paulo, longe, não dá, eu vou perder o dia, daí eles falam: "então procura não esquecer mais que amanhã nóis pega e passa duas veiz". Eis volta a data do coletor. [O] *coletor* [é um] *computador que você passa o crachá, ali registra a hora que você entra para trabalhar e a hora que ocê sai. Pá mode mandá pra usina, pa mode mudá o ponto onde você trabalha.*

Lá eis faiz isso. Agora aqui no Paraná, na usina Jacarezinho, se você chegá a esquecê o crachá, você fica [sem trabalhar] *O meu tio mesmo (...) esqueceu o crachá, um dos fiscal lá falou: "ah sinto muito, mas o seu dia já tá perdido, ocê vai ficá aí parado, nóis não pode deixa você trabaia". É essas coizinha, assim, que influi numa usina pra outra.*

No caso do serviço ser mais solto...

É, mais solto quer dizer assim: lá quem faz a hora é você. Você faz a hora, que nem lá o pessoal almoça as déiz hora. Lá [na usina Jacarezinho] *o almoço é nove hora, certo? Das nove as déiz é horário seu de almoço, certo? Mas se ocê não quizé almoçá das nove as déiz cê pode almoçá nove e meia, certo? Você não precisa tá almoçando naquela hora. Você tem hora pra pegá, mas pra você fazê refeição não tem horário e não é aquela passação de crachá. Que nem eu tava falando procê do coletor.*

Aqui, você vai pegar cedo, ocê tem que passar o crachá, você vai almoçar, tem que passar de novo, se vai tomá café, uma e meia parece... . Uma hora passa de novo, de tarde

passa de novo. E lá [na Usina São Luiz] *não tem* [isso]. *Lá na usina é duas veiz. Você passa cedo e à tarde você trabalha conforme você güenta. Se não güenta, trabalha mais pouco.*

Se você não guenta..., se você qué trabalhar bastante, você fala: taí. Cê trabalha conforme cê qué. Cê qué ganha trinta real no dia, você ganha, cê qué ganhá deis real ocê ganha. São assim, lá eles não..., É sorto, agora aqui já é mais seguro nesse ponto assim. Pelo menos pra mim, eu achei lá a diferença, de lá pra cá eu achei diferença até meia grande.

Agora tem gente que gosta daqui, mas eu acostu... . Trabalhei uma safra lá esse ano passado e gostei. O seu Francisco ta louco pra eu voltá: " vamo voltá lá com nóis, ah, vamo trabalhá", eu falei: ah, Francisco, óh...eu acho que vou volta lá mesmo, eu acostumei com o ritmo sabe? Acostumei com o ritmo do serviço, chego mais tarde..., lá eu chego mais tarde, certo? É que hoje eu não estudo mais, parei de estudá. Lá eu chego mais tarde e acostumei com o ritmo do serviço.

Lá você chega por volta de oito horas?

Na..., não [gagueja] *eu chego em casa... . Nóis chega aqui seis e meia. Nóis pára quatro e vinte, chega aqui seis e meia. Agora, a turma da usina* [Jacarezinho] *pára deis pras quatro semanal. A semana inteira, cinco dia, cinco por um nóis trabalha (...) trabalha direto domingo e tudo. E chega aqui, cinco e..., cinco horas. Cinco e pouco a turma da usina já tá aqui em casa de velho. Eu acho que acostumei naquele lugar lá rapai e... .*

Mas não é pior? Porque, por exemplo, até você chegar em sua casa são praticamente duas horas a mais, mas se você trabalhasse aqui chegaria mais cedo? Não seria melhor?

Ah, no horário seria melhor, oh loco é uma beleza, só que na maneira de trabalhá que é diferente por causa do serviço, né? Eu não estou acostumado com entojamento assim. O fiscal da orde no pé da gente assim, que nem aqui é toda hora, não sei o que tem lá... .Lá não [São Luiz], lá você pega o seu eito e mete o pau. Você vai trabalhar e o fiscal tá nem ligado em você não.Ele fala assim: "eu quero o serviço assim", você pega e vai fazê, e ele tá lá sossegado oiando o pessoal, agora aqui é difícil. A gente pega o serviço [e ele] fica ali toda hora: sai o fiscal, vem o fiscal geral, passa o fiscal geral, passa outro cara de carro, assim berando o carreador. Se você tivé perto, assim de gerente [ele] óia e se não tivé bom [o serviço] já para o carro e já vem e já falá com você, pode até punir [com] treis dias advertência aí... .

Aquele dia que fui [á seção Santa Rita]. Vocês acharam que eu estava lá como fiscal, ou que era um estudante da usina? O que vocês pensaram? Você especificamente?

Ah, eu pensei que você tava estudano o negócio de cana para sê engenheiro agrônomo, essas coisas assim. Ah, eu acho que ele tá querendo mexê com esse negócio de

agrônomo de cana de lavoura. Vendo como é que é a lavoura de cana, cana mais véia, cana mais nova, que foi cortada hoje, que vai ser cortada amanhã.Eu imaginei isso!

Mas eu senti que as pessoas não gostaram muito da minha presença. Como você falou de estar próximo do eito, de repente não sei se estava atrapalhando... . Você sentiu alguma ameaça por eu estar ali?

Ah, eu não posso falá nada, não senti nada, porque eu vi você passá pra lá [e] pra cá.Eu comentei com um colega meu de eito, falei assim: acho que ele é..., deve sê estudante para engenheiro agrônomo. E nem esquentei tava ali trabalhando, você tava certo. Não sei o seu objetivo naquele dia o quê que era, se era para agrônomo memo, ou se era pra entendê mais esse negócio de cana.

Era pra ver como se dá o corte de cana mesmo, ver como é que se dá a distribuição do trabalho. O que é um eito, entender o que é uma secção. Porque é assim mesmo a coisa, estava-me, e estou me colocando como uma criança que começa a andar. Vocês é que estão me ensinando o que é ser um trabalhador rural. A propósito, você se define como um trabalhador rural, um cortador de cana, ou um "boi-fria"?

Ah, eu defino como trabalhador rural, porque faço qualquer tipo de coisa: corto, se for preciso coiê a gente coe, se for roçá, se não tiver..., a gente roça, carpi. Faz qualquer tipo [de serviço] *que vem da roça.*

E o que é ser um trabalhador "bóia-fria"?

Bóia-fria, ah eu acho que é quase a mesma coisa, mas tem diferença.

Você gosta de ser chamado de "bóia-fria"?

A eu não gosto muito.

Por que?

Ah porque eles acha que a gente é muito baxo, baxo, baxo demais da conta, fica rindo da gente.

O que é esse baixo de mais da conta?

Acha que a gente é da rua, mora em qualquer lugar embaixo de ponte, embaixo de qualquer prástico, em quarquer lona [e por] *que fala* [m]*: "aquele lá é bóia-fria, mora embaixo do papelão e vai lá com uma mamitinha assim. Já vai indo levá comida fria, não tem marmita térmica, não tem nada e mora não sei onde lá, aquele lá é um bóia-fria".Quer dizer... .*

É um preconceito?

É, tem esse preconceito, sim, porque hoje em dia não chama mais de bóia-fria, chama mais de trabalhador rural.

A gente acompanha, né? Pela televisão, pelo rádio [e] *tudo. E ainda tem pelo Brasil afora... . Ainda tem gente que fala, quando acontece alguma coisa que desagrada a gente. Que nem quando acontece..., que dizeê: "em tal lugar assim, assim bateu um ônibus de*

bóia-fria, trinta bóia-fria machucou, déiz ficaram ferido". Porque eu acho que não existe mais, eu acho que de uma época pra cá não existe mais bóia-fria mais.

Eu acho que bóia-fria memo existia naquela época que você trabalhava avurso, você não tinha carteira registrada, cê não tinha acerto, cê não tinha fundo de garantia, não tinha nada. Cê andava em caminhão, certo? Em caminhão de lona chovendo, chuva no seu lombo, ocê indo lá... . Hoje em dia não existe mais isso, hoje em dia você vai..., cê tem ônibus, vai confortável, certo? Hoje em dia você tem a sua marmita térmica, cê não come mais aquela comida gelada mais, a usina já te fornece tudo, cê é um funcionário.

Que nem nói foi lá na usina São Luiz fazê [assistir] *a palestra, certo? Eles lá da usina São Luiz não falaro que nóis somo bóia-fria, esclareceu: "Cêis são funcionário da empresa". Não tá existindo mais bóia-fria memo, quando a gente tá assim* [entre nós] *a gente fala, mas as pessoa grande memo, esses empresário de usina assim eles chama a gente de funcionário da firma existe.*

Naquele dia do jogo [disputa de campeonato entre as turmas, realizada pelos empreiteiros da usina de Jacarezinho a qual ia se findar no dia do trabalhador] o Dentinho fez um comentário que me deixou curioso. Quando comentei que o time dos aspirantes era formado por rapazes novos, então ele comentou que era tudo cortador de cana. Lembro-me que ele disse que o futuro daqueles rapazes era ser tudo cortar de cana. Não sei se você ouviu, elel disse de maneira rápida e saiu?

Ah, eu tava lá a gora eu lembro [abaixando o tom de voz]*. Ele falou que todo mundo é cortador de cana.*

É, ele dizia*: "o futuro deles é cortar cana".* O que ele quis dizer com aquilo?

Ah ,é a pessoa que não tem estudo, que não tem mais nada, não tem estudo não tem nada e só depende daquilo mesmo pra sobrevive. Enquanto tivé serviço aí de cana a gente vai vivendo quando não tivé... ? . Porque não estuda, a gente não estuda, a gente aprendeu aquilo [e] *é duro de largá, o futuro da gente é aquilo é aposentá naquilo por idade, chegá numa idade aí... . Vai vê na carteira é trabalhador rural e vai ficar naquilo.*

E o que é um trabalhador volante, você já ouviu esta palavra?

Ah, isso aí eu nunca fiquei sabendo não, aqui as pessoa nunca trataram os trabalhador como volante.Volante aqui eu nunca ouvi falá

Você nunca ouviu falar?

Aqui na redondeza não

Este termo volante?

Não. Eles falam um punhado de coisa, falá trabalhador, quer dizer autônomo, eles fala... . Que nem você falou, volante talvez pode ser as veiz a palavra autônomo. A gente trabalha na cana e eu também sou pedreiro, então eu sou o quê? Volante, quer dizer que se eu corto cana, tô lá, e se eu trabalho de pedreiro também, se eu vê que não tem nada de

pedreiro vou te que ir pra cana. Eu sô [em] quarqué coisa, autônomo. Se vai pra cana, você vai registrá, agora se você vai trabalhá em outra função e você tá sem registro, eu tô autônomo né? A gente fala assim, que nem meu pai é do ramo da roça a gente faiz de tudo, o vizinho que tem um rapaizinho também é pedreiro e se não tem serviço de pedreiro: "oh vamo lá pá lavoura", porque a gente sabe também do ramo. Ele fala autônomo pra quarqué tipo de serviço, sem registrá também eu tô autônomo, você entende né? Sem registro é autônomo.

Mas esta palavra volante você nunca escutou?

Eu não escutei, eu não posso afirmar pra você nada, porque eu não escutei mesmo.

E o futebol, o que ele é para vocês em termos de vida?

Ah é um lazer gostoso que a gente não vê a hora de chegar o dia. É um lazer que quarqué um gosta, quarqué ser humano gosta né? Que a gente trabalha assim, que a gente trabalha a semana inteira e domingo tem jogo, vamo pra lá? Vamo joga? Aquele dia você fica pensando naquilo, você esquece tudo, você vai lembrá de serviço, geralmente, no outro dia seguinte. Naquele dia lá você nem imagina se tem que trabalhar no outro dia, você tá ali ligado no movimento do pessoal, jogando conversando. Eu acho assim pra mim né? Cada um tem o pensamento diferente do outro.

O que eu pude perceber Roberto, [naquele dia do torneio], é que o futebol parece ligar todo mundo. Para o cortador de cana o futebol é o único lazer ou não, o que você acha sobre isso?

Que o futebol ser o único lazer?

É.

Eu não acho que só tem esse lazer. Eu, pelo menos que trabalho na lavoura direto, pra mim lazer é futebol, é lazer pra mim... . Chegou um colega meu que também é dá lavoura, hoje é folga, chega um colega meu lá debaixo e fala: "O Roberto vamo pescá?" Vombora, é lazer pescá. Você vai numa festa, aqui em Jacarezinho é ritual da Fetex, a gente vai também. A gente vai no dia de folga assim, [no dia que] *dá certo que a Fetex* [ocorre no] *sábado, em junho é a Fetex em Jacarezinho, meu Deus..., é lazer também.*

Tem bastante coisa de lazer pra agente trabalha...pra gente que trabalha assim na bóia-fria, mais melhor mesmo é o futebol né? A gente encontra os amigo, você vê todo mundo conhecido, empreiteiro, tudo ali junto, ali conversando e tudo.

No caso da turma do seu Francisco percebi, naquele dia do torneio, que vocês têm dois times: os aspirantes e os titulares. Os aspirantes aquele dia ficou meio que indignado por ter perdido o jogo, não é que houve uma gozação direta, mas indiretamente houve.Sim ou não?

Eles falam que a gente é mais fraco sim. É mais ruim, eles falam assim. "Cêis são muito, muito [escolhe as palavras] *parado, vocês tem que jogá mais bola. Porque não era*

pra voceis perde esse jogo aí para..., agora cêis são mais fraco que a gente pouca coisa".Titular já é diferente, é os melhor pouca coisa mais que a gente, porque não é todo mundo que é igual. Eles fala: "O loco perde pra aquele time ruim? O quê que é isso? Se é nóis ganhava de goleada", tem esse comentário sim, existe. De domingo você nunca foi né?

Não, eu nunca fui!

O dia que você for vai ver só como é gostoso de domingo.A gente pega o ônibus tipo [as] *duas hora e retorna lá pra sete hora da noite, sete meia. É uma delícia você vai...[vê] agente jogá, o aspirante, depois sai e entra outro titular, joga e depois retorna pra casa.Isso daí é também um lazer que fica marcado.*

No caso, quem é que escala o time das aspirantes e o time dos titulares.

Naquele time nosso é o Francisco mesmo.

É o Francisco também o quem determina vai subir para ser titular?

É ele quem fala. Ele é o dono, é ele quem fala tudo, quem é pra saí quem é pra entra. [Quem] *vai pô titular, pô aspirante, é ele quem dá a camisa, dá a meia, tudo certinho.Tudo pô parte dele, chega lá no campo* [perguntam]*: quem é o diretor? É o seu Francisco pra todo lado.*

Como é essa situação entre trabalho e lazer?Você percebe que a relação com o turmeiro é melhor quando você joga futebol, ou não? Por que, por exemplo, as mulheres não jogam futebol e aí...? Não jogam porque não tem o time das mulheres. Parece-me que a pessoa que joga futebol no time do seu Francisco tem maior intimidade. Maior proximidade, maior vinculo de amizade? Eu vi demais, estou enganado?

Não, ta certo. Realmente os home são mais chegado, por causa do negócio do futebol dessas coisas.

Tem mais proximidade?

É, na roça a gente tá junto lá e sai pra jogar bola, também tá junto né? Porque no caso das mulheres não tem. Porque tem que ficá na casa, tem que arruma, lavá roupa, tem que trabaia noutro dia. Que nem a gente trabalhava com o Francisco, a gente brincava no meio da semana, porque de domingo tinha que trabaia. Que nem vai começar a safra agora, é muito difícil eles mudá a lei, diz que eles quer mudar a lei para, parar de trabalhar no domingo, mas eu acho que essa lei não muda mais não. Quando eu comecei a trabaia com quatorze ano de idade, eu nunca esperava de chegar a esta conclusão que a gente, o trabaiado, inda ia te que trabaia de domingo, te tipo uma obrigação.Você chegá na firma pra registra, ocê vai lá com a carteira registrá certinho. Ce vai falá lá na firma: "eu não vou trabaia domingo", daí lá no escritório o rapaiz vai fala procê: "então tá sua carteira", e se não tem emprego? E daí como é que o cara vai fazê? Se o cara só sabe fazê aquilo?

Como é esse negócio de dar a carteira pra registrar? Como você conheceu este outro turmeiro, o Jair? Como é que você chegou nele pra se apresentar e falar: eu quero trabalhar, como é que foi isso?

Ele vê o comentário do outro sabe?Que nem ele vê o comentário assim, vamos supor, eu sou o Roberto né? Os outro vão falar: "oh loco o Roberto é bom, trabaia bem, não perde dia, trabaia direito na roça, não dá trabaio pra ninguém, nunca levou firma nenhuma na lei". E ele fica sabendo, "o rapaiz lá é bom", e daí é a hora que ele vem e fala com a gente. Daí ele veio em casa a semana passada e pegou minha carteira para levar lá pra fichar; semana que vem nóis vai trabaia – dia sete.

Daí ele fica sabendo. "Oh loco o Roberto é bom, ele é trabaiado, eu vou querê ele também na minha turma, porque pra mim é importante, é isso que vai combinar". A gente não vai lá... . Trabaei com o Jair esse ano..., ano passado e esse eu vou voltar com ele de novo. E outra, o ano passado..., o ano retrasado que você foi lá junto com nóis lá [na seção Santa Rita]*, trabaiava com o Francisco, daí que o comentário roda. Comentário de trabalhador rural roda, todos os empreiteiros fica sabendo da gente. Se a gente fazê alguma coisa de errado, também, claro que ele não vai vim* [nos procurar].

E se você faz algumas coisas erradas, mas você é o melhor jogador de futebol. Você é o que joga mais, o líder do time no campo, como é que fica essa situação?

Eu não tenho nada!

Não, eu digo assim: estou dando um exemplo, no caso de você ser um excelente jogador, mas pra cortar cana você já falta bastante, deixa de aparecer, não produz a mesma quantidade, como é que é isso?

Não, antigamente nas usina eles não ligava tanto, mas de lá pra cá vem mudano, mudano, mudano. Porque se a pessoa fô ruim de serviço, é ruim no modo de falar, é ruim pá tudo, quer dizer: perde dia é ruim, é mal criado lá no serviço, lá pro fiscal e gerente, é ruim também pra ele. Se a pessoa for tudo isso, [se] *fô todos essas coisa que eu tô falando procê, e, for bom de bola, não sei o que lá, a usina não que nem sabê. A usina qué aquele um, agora esse um que faiz todas essa coisera e joga bem bola, o empreiteiro quem qué trabaia junto e tudo. Mas só que lá a usina não qué daí o cara é obrigado dá os pulo, fazendo os bico, trabaia de servente, dia que tem trabaia. Trabaia de pedreiro o dia que tem.*

Então o turmeiro corta essa pessoa, mesmo que ele seja um bom jogador?

É, ele qué, mas a usina não qué.

Aí o turmeiro corta?

Ai não tem jeito.

Mas aquele dia no futebol não eram todos cortadores de cana?

Ah não, naquele dia lá tinha cortador de cana, tinha sordado, tinha pessoa que trabaia na Moenda. Ali tinha de tudo quanto é [tipo de gente] *que toca a usina.*

Mas também tinha gente que não era nem da usina?

Não... .

Trabalhavam no comércio?

É! Verdade teve gente que tava ali, mais nada a ver, mas a maioria quase toda ali tinha a vê com a usina. Uns cortavam, uns trabalhavam na Moenda, todo mundo que tava ali, não todos, a maioria tudo tem a vê com a usina, com uma profissão: tratorista, tavam jogando bola é da usina. É todo tipo..., um conjunto e cada um na sua, o trabalhador rural, [o] *mecânico,* [o] *tratorista,* [o] *trabalhador na moenda. E, tudo aquele conjunto que tava ali, é tudo fichado na usina. A usina fala que todos são funcionários. Não existe* [discriminação], *você chega lá, cê é o que? Se chegá na usina e você falá: eu preciso de tal funcionário, não quero saber. Até uns tempinho atrás aí, lá dentro da indústria tava pegano gente que trabaia na roça. A usina falou – eles fizeram uma reunião –: "se faltá alguém, aqui dentro da indústria, a gente vai pegá o funcionário lá na lavoura, também, e vamo trazê e dá valor pra quem tá tudo aqui né?".*

Você nunca tentou trabalhar lá na indústria?

Não, eu nunca gostei e também nunca interessei por causa de horário, essas coisa de trabaia a noite não entra na minha cabeça.

Não é melhor o salário?

Ah não é, isso eu falo pra você e provo. Quem trabalha na indústria..., lá o salário deles é bem inferior que o nosso

E o desgaste?

O nosso é mais.

Então, não compensaria trabalhar lá dentro, do que aqui fora e ter menor desgaste?

É, mais o desgaste não é muito, é pouco, é pouca coisa a mais. O desgaste tá ali lá no sol, só, ocê tá no sol, trabalhando naquele solão quente. Você tá lá na cana, ocê tá lá no sol. Ocê ta aqui na indústria, ocê ta aqui na sombra e é isso que faz a diferença!

Mas será Roberto? Eu queria que você observasse esta fotografia que eu tirei aquele dia no campo. Essa aqui é a primeira, você conhece, está muito longe porque a máquina é muito ruim, mas você reconhece estes dois aqui...?

Um parece que é o Fiscal Geral, o de chapéu. Só pelo jeito.

O que você vê nestas fotografias, gostaria que comentasse?

A esse aqui é Fiscal Geral?

Mas o que vem a sua cabeça quando você vê esta fotografia?

Ah na minha cabeça eles tão falando, um com o outro assim: "será que nóis termina esse..., será que não?" E o Fiscal [de Campo] *ta ali, perto* [dizendo] *"a não sei né? Talveiz termina, talveiz não" e oiando a pessoa que tá ali cortano. Você entendeu o que eu quis*

dizê? Este aqui ele comanda tudo, ele manda nesse certo? Esse manda nesse.Esse aqui tá falando pra ele, na minha opinião, pode ser que ele tinha falado outra coisa.

Ele tá falando: "será que agente termina esta quadra esse taião?" E o fiscal lá tá oiando o outro lá cortando e falano: "a tem bastante cana ainda pra corta heim?" Entendeu? Mais ou menos é isso.

E essa aqui, o que você vê nessa fotografia?

Aqui tá a turma nossa né?

Só a turma de vocês?

Só a turma do Francisco

Aqui eu vejo bastante...

De imediato o que vem a sua cabeça

A rua sobrando pô meio aqui né?

Onde?

Aqui oh. Estas ruas sobrando pô meio aqui, coisa que não deveria ficar.Porque você conta: uma mais... uma, duas, treis, quatro, cinco; essa rua do lado de cima, essa rua não deveria..., essa aqui não podia ter telefone, tinha que...

O que é o "telefone"?

É essas ruas pá traiz aqui que fica assim

Não pode deixar pra traz? A pessoa pode deixar, desde que a tire depois. Pois senão todo mundo vai ter que cortar, independente de estar num eito, ou num outro é isso?

Bom telefone você faz: você leva as treis rua, duas, treis certo?(...) Depois você tem que pegá ele e parear ele certinho pa não ficá pa trais, por que depois como é que faiz né?Aqui tá beleza o carregamento vem aqui e vai catá a cana normal, não vai? A carregadera não vai catá a cana?

Sim!

E se tiver essa rua aqui berando catava?

Não pega?

É aí que ta o negócio! Se aqui tivesse cana e, aqui, tivesse só essa lera do meio, como é que o carregamento ia catá a cana? A máquina não ia catá certo?E aonde o caminhão ia ficá? O caminhão fica neste ponto aqui.

Mas neste caso aqui, de fato, ficou essa cana no fundo e aí ele vem só até aqui, porque vai Ter que cortar isso aqui?

Não, se não deu tempo não dá, agora se deu tempo ele vai pegá a cana e vai cortá até aqui, e ele [o caminhão] *vai levá pra usina pra muê e, o resto, se não deu tempo no outro dia ele vai te que voltá.*

Qual que é a sensação em ver estas canas caídas?Você tem alguma sensação do tipo: que bom terminei o serviço está na hora de ir embora, ou não? O que você vê nesta fotografia?E se você estivesse neste talhão?

Qué vê que até tava, tava no meio. AH rapaz, o que se vê é que o serviço tá né? tá bonito, tá certinho, não vai te trabaio nenhum né?O pessoal vai chegar aqui vai ver e falar: "o beleza". Eu acho, esta é minha opinião.

Esta foto aqui Roberto?

Esta aqui? Esta aqui parece que as pontas tá tudo sem cortá heim? viche...! A o que vem na minha cabeça é que isto aqui dá um trabaio. Tirar as pontas do lado de cá. Depois de tirar estas do lado de cá, cansa mais ainda do que jogar para um lado só.

O que seria jogar de um lado só?

É que..., ta vendo estas ponta que tá do lado de cima aqui [aponta na fotografia]? *Tinha que tá tudo aqui cortada de uma vez só, não precisava vim aqui e depois vortá de novo,* [ao] *invés de fazer dois serviços você faria um só.*

Por que ele derrubou esta cana e depois veio direto cortando as pontas e aí depois o trabalhador tem que voltar para cortar do outro lado? Ou ele tem que jogar esta cana aqui em cima, isso que eu não estou conseguindo entender?

Não ele derrubou aqui dos dois lados, aqui ele foi cortando estas pontas aqui desse lado, depois ele teve que vim limpando, tem que limpar.

O que é esse limpar?

Aqui [mostrando duas fotos e as comparando] *você vê um serviço pronto e um serviço sem termina.Aqui, ta vendo esse eito?*

Sim

Se ele não ficar desse jeito, do jeito que tá aqui, não ta aprovado. Olha que diferença, como é que o trator vai levá com ponta e tudo?O trator tem que levá assim: a cana limpinha, só a cana pura. Então ele tem que limpar e jogar tudo para esse meio aqui, neste vão.

É

Como é que se chama este vão? É sulco?

É sulco de cana, modo de que aqui é plantio onde se planta cana. Aqui você planta outra rua e é o lugar que fica limpinho, o trator vem aqui e catá a cana e leva limpinha pra usina que nem a turma fala

E não passa em cima do sulco?

Passa, mas não tem problema nenhum*!*

E a posição de trabalho dessa pessoa veja a foto? A pessoa trabalhando direto nesta posição, você falou que era só o sol, mas será que isso não dá desgaste? Imagine-se você nesta posição Roberto?

A esta é uma posição que a gente tá acostumado, eu pelo menos trabalho a safra inteira, seis meis, sete meis e raramente eu perco dia. Eu, pra mim tô acostumado se eu faço, amanhã já animo, meu corpo já está acostumado. Eu não acho que é ruim porque eu já tenho esse costume já acordo...

Você nunca teve problema com nenhum tipo de acidente?

Graças a Deus não

Nem acidente nada, nada desgaste nenhum?

Não, já cortei assim, que nem já cortei o joelho um pouquinho, coisa assim negócio de dois, treis ponto. Já cortei o dedo que nem, acho que até sumiu a cicatriz. Já fiz um punhado de coisa, mas só que é coisinha rara, não é coisa de se ficá encostado, isso graças a Deus.

Você conhece essa lesão que dá em que trabalha direto em um ritmo forte no corte da cana, a tendinite, a lesão por esforço repetitivo? Porque você trabalha numa posição continua e repetitiva, dizem que existe o desgaste do braço do cortador. Entrevistei um outro dia um trabalhador rural, aqui na Santa Casa, que me dizia estar no corte de cana há muito tempo e que... .

Ele falou a idade pra você?

O Reginaldo falou, eu não me lembro agora, mas devia estar entre vinte sete, trinta anos, coisa assim. E ele me dizia não ter tempo ruim e que sempre foi o número um, o melhor no corte da cana em sua turma.O que você acha dessa idéia de ser o número um?

Eu não quero. Eu nunca desejo isso aí, porque você vai [se] *arrebenta de trabalhar, você vê um cara ali na sua frente, você vai querê apodá ele, pau, pau, pau e é ai que você desgasta. Agora você trabalha ali controlando pra ocê mesmo, você não qué nem se o ruim, nem o bão, você qué se o razoave, daí dá esquema. Eu memo não tenho canseira porque... canseira a gente tem, mas este desgaste físico, que nem você tá falando do rapaiz lá, eu nunca tive. E se a pessoa fô desse jeito memo que você tá falando, qué se o número um, não qué perde pra ninguém e sempre tá na frente dos outro, isso aí com o tempo ele vai senti. Isso daí você não tem nem dúvida, com o tempo ele vai senti na pele.*

E no caso, por exemplo, da usina São Luiz em que você está mais liberado, não tendo tanto a presença do “Geral” ou outro fiscal. As condições pra você ser o número um não é mais favorável?

Tá. Mais eu acho que não adianta, porque a gente... . Porque você se mata hoje e tira dois mil metro de cana [a mais] *e amanhã? Tem que tá de novo, você cansa. Comparação: “acho que amanhã não vou levantá, tô cansado hoje, acho que trabalhei demais* [ontem]” *vai adiantá? Vai adiantá tirá dois mil metro de cana cortada e amanhã você não guenta í* [ao talhão] *e aí dá* [a] *canseira? Melhor você tirá mil hoje, mil amanhã, mil depois, todo dia ocê tá ali.*

Qual é a quantidade de cana cortada por um trabalhador que não seja o número um, *um bom cortador de cana*, mas que também não seja o *trabalhador ruim* um. Qual é a média dele?

De trabalho?

De corte de cana por metro?

Em uma cana de pé, assim comum, é a base de mil e quatrocentos metro, mil e trezentos metros. Já é uma média boa, pô cara não sê nem bom e nem ruim.

O bom mesmo tiraria dois mil metros?

O bom tiraria mil e oitocentos, mil e novecento, mas também chega de tarde, você olha nele e ele tá com o zóio lá no fundo.Porque não alimentou, muita água, [falta de] *nutrição é isso que acontece.*

Como assim?

Tem gente que trabaia..., eu trabaio razoável eu não me mato em serviço nenhum, eu trabaio e o serviço pra mim dá. Quando eu vejo que não tá dando eu pego e descanso, vou devagar, porque no outro dia eu tenho que voltá de novo e as pessoa que é bom, que quer ser melhor que a gente, essa pessoa não descansa,não faiz horário [de almoço], não come. A pessoa fala: "tô sem fome", mentira, [é] só pra não ficá pra trás do outro, quer se o melhor, daí vem aquele desgaste só fica na água, água, água. Fica o dia inteirinho no sol quente sem comer só pra ver se você não vai senti na pele o desgaste físico?

Na turma do Francisco, na qual você trabalhou, tinham pessoas assim?

Tinha sim viu. Tinha um rapaiz de Panorama que passou.... Ficou ruim [um] *dia lá* [no talhão]. *Ficou ruim, deu câimbra no corpo inteiro, sendo que ele trabalha bem,* [mas] *não tinha necessidade, queria trabalhar por treis e de tarde ele veio embora, mas teve que ir direto para o Hospital de ruim que ficô, sendo que não tem necessidade.*

E essa foto?

Tá no meio da quadra, só pareando o telefoninho pra mode medi. Aqui é um resto de eito que tá sem terminá e que tá ali pronto pra alguém pegá um pedaço dele.

Como é que é isso? Aquele dia em que nós chegamos na seção eu ouvi :"fulano pegue este eito aqui". Eu observei também que tem gente que não gosta de cortar determinado eito. Tem eito que é melhor, tem eito que é pior, como é que é esse negócio na foto? Parece-me que nos lugares melhores os eitos foram cortados e nos piores...?

É, o pedaço mais ruim, porque aqui pra baixo parece que a cana tava mais pequena. Então é o pedaço mais ruim, talvez já tava tarde, dependendo do horário que você tirou essa foto aqui se já fosse tipo treis e meia [risos] *tava cansado, já não ia ter o mesmo pique de cedo, a hora de termina este restante vai vê que é isso.*

E aí fica para o outro dia?

Aí geralmente fica pro outro dia, porque chega treis hora da tarde seu corpo já tá cansado, você já não tem aquele mesmo pique de demanhanzinha... .

E essa aqui Roberto?

Essa aqui já tá pronta pra moer. Esse aqui é [o] *telefone, essa parte tinha que párea, tinha que terminá, só falta treis rua, tá vendo o que é cana, treis rua no chão e duas de pé.*

E o telefone são duas ruas?

É, você pode ir com treis ruas e largar duas pô lado de cima, você vai com essas treis aqui e depois você vorta com as outras duas jogando. Corta a ponta e deixa nesse ritmo aqui. Daí isso aqui fica sobrando; a rua que sobra depois tem que entrar todo mundo da turma e cada um cortá um pedacinho.

Esse dia que você foi lá junto com nóis não foi num dia de domingo?

Não. Foi no sábado!

Ah é mesmo! Iche Maria, trabalhamo o dia inteiro né? Pensei que nóis ia embora mais cedo, acho que [trabalhamos] *até quatro e vinte aquele sábado.*

E essa foto aqui Roberto?

Essa aqui a cana ta nova né?Isso aqui ainda ia se cortada na outra época né? A cana tava novinha ainda, pra baixo aqui tava tudo terminado tudo cortado. Aqui já tinha cortado essa cana na parte da manhã, parece-me. Depois nóis subiu lá em cima e essa aí, essa aqui.

E essa aqui Roberto?

Essa aqui (depois de algum tempo, procurando reconhecer quem aparece na fotografia, e também se reconhecer) *tá todo o pessoal reunido pra ir embora, não tá?*

O que você senti ao ver esta foto aí?

Ah rapaiz, senti na hora de [ir] *embora, descansa, viche Maria. Tomá um fôlego, tá quebrado de trabaia né? O dia inteiro. Pensa em ir embora e descansar pro outro dia, no dia seguinte né?*

Consegue identificar alguém na foto, está muito longe não é?

Ah, consigo sim. Esse aqui é um colega meu, o Lagartixa..., o Nei tá aqui, seu Mirto..., bastante gente, esse aqui parece que é o Francisco, aqui atrás com a mão assim no ônibus. É ele mesmo, só que não tá parecendo o rosto, atrás desse de camisa branca aqui oh... .

Você tem boa fisionomia, está bem enturmado mesmo?

Porque?

É porque só quem está enturmado é quem sabe, de longe, quem é ou não os companheiros de turma.

É!

Porque eu não consigo identificar ninguém aqui. Você está nesta foto?

Nesta daqui eu acho que não, ou eu tô aqui dentro [do ônibus], *ou eu tava na lavoura ainda.*

Estas pessoas aqui já tinham terminado e estavam paradas. Tinha gente que ainda continuava cortando cana?

Ah não. Tinha gente se lavando na roça, lavando as mãos, os braços, trocando a camisa. Você vê a pessoa, o jeito da pessoa trabalhar ó..., aqui a pessoa é uma [mostra a fotografia] e *aqui a pessoa tá com pano na cabeça, pano na frente da calça pra não sujá, coisa na frente e tudo né?*

Mas está com as perneiras?

Tá, isso aqui não tira, isso aqui fica até a hora de nóis ir embora, porque se não pode esquecer né?

Isso aqui [a perneira] anda com vocês?

Sim a safra inteira.

E aí foi bom esse negócio da perneira?

A foi ótimo!

É só o sol. Você falou para mim que era só o sol. Mas a gente vê que também tem o seguinte: o sol provoca o suor e o suor com o carvão da cana, grudando em seu corpo, caindo em seu olho. Ai vai ajuntando um monte de coisa, como é isso?

Que nem se tá o tempo nublado, assim, você não tem tanto aquela caloria, tempo nublado pra chuva você trabaia beleza o tempo tá encoberto e tudo.

O tempo de frio também é um outro [período] *excelente pra você trabaia, não tem aquele solão quente e também você não vê tanto aquela carvãozera, você vê mais memo na época de calorsão em que você sente,* [aí] *o sol ataca memo. O sol de meio dia e meio é a hora que tá mais forte e ataca memo.*

Mas, também tem aquela poeira que você respira, e aí não é só o sol? Porque esta poeira vai entrando por dentro da pessoa e com o tempo vai proporcionando pigarro, para a pessoa que fuma esta situação tende a piorar, já ouvi falar que dá até asma.Você já viu, ou ouviu algum caso assim?

Nunca ouvi nenhum comentário sobre isso? Pulmão, tôsse, alergia? Não, eu nunca tive [isso] *lá* [na] *roça, lá na turma nossa nunca vi não. Eu pelo menos nunca vi, as turma fuma lá por todo lado e o calor é por causa do...fumo, até isso vou fala procê no ônibus não pode fuma mais.*

Aquele dia em que viajei com vocês percebi que isso não era respeitado.

Então, de lá pra cá já mudou, outra lei: agora ninguém pode fumar dentro do ônibus. Se fumá a pessoa é arriscada a levá até gancho e ficar treis dia em casa, pra descansa, porque tudo tem seus limite no lugar. Se você precisá fazer quarqué coisa assim, você viu

fazê ali? Você tem que usar aquele [outro] *lugar, fumá também* [requer regras] *isso que dizer que tem que te lugar.*

Se você tá aqui dentro do ônibus, qué fumá? Vai lá fora, fuma...sossegado. Eu não fumo e me incomoda bastante, incomoda mais quem não fuma do que quem fuma.Quem fuma tá ali, agora quer não fuma tá ali respirando, o banco tudo apertado né? E a hora que vem aquela fumacera tudo na..., não é fáci.

Não tem medo de tomar uma queda em uma rua, em um sulco daqueles. Tropeçar numa ponta de cana, também não é uma situação que pode levar perigo.

A lera. Na lera sim rapaiz, se você tivé sem prestá atenção no serviço é perigoso você caí e até machucá [até mesmo] *sê grave. Porque cê tá ali cortano cana, cê vai, o sulco você viu que é bem fundo, se tava lá, não é razinho não. Você vai oia o outro colega que ta lá... e pá, e cai de cara no chão machuca, perigoso até torce... .*

Na hora do corte de cana não existe brincadeira?

Antigamente existia muito, agora hoje em dia não existe mais não. Com essas lei aí cada um tem que ficá no seu serviço certinho, hoje em dia ninguém pode tê mais nada, antigamente existia bastante, mas agora...

Que tipo de brincadeira existia na época?

Ah sarro. Sarro de futebol, sarro de cana que você pega um eito desse que você tava observando aí, eito ruim, você pega o eito de cana fininha, cana fraquinha, que não cresceu, sabe? A cana não cresceu, ficou pequena e a outra lá teve mais adubo [risos], *cresceu mais, ficou mais ruim. E outra, a gente tá lá naquela cana ruim o cara tá lá naquela cana fraca, mais pequenininha que não cresceu, porque o adubo não chegou ali e é a mesma quadra* [e] *o cara fala: "ah, esse eito aí tá ruim, o meu tá bom, aqui vocês não vão pra frente só ficam aí pra trás", é isso, fala do time: "é seu time perdeu, aquele time seu lá é ruim"; sarro, tudo faz parte da roça e a parte de sarro no meio da cana. Agora, hoje em dia não gostam [...] cada um pega o seu eito... .*

Trabalha-se calado?

Trabalha quieto pra não dar confusão. Porque você veja bem, se tá ali com o facão na mão o cara fica tentano, tentano e se dá um negócio na sua cabeça e você vai pra cima dele com o facão e ele também com o facão na mão, daí forma uma bagunça não forma?

Você já presenciou alguma briga como essa?

Eu presenciei uma veiz. Foi o primeiro ano que eu trabalhei na roça, não sei se foi em oitenta e nove ou noventa, o primeiro ano [na turma]. O Carlinho, que é irmão do Francisco, naquela época era caminhão ainda e daí teve uma briga dentro do caminhão.[É] *que o rapazinho tirou a garrucha pô outro dentro do caminhão e foi aquela bagunça e falando pro motorista: "pára, pára", qué dizê, aquele dia eu vi que arguem podia saí ferido e*

inocente ali dentro.O cara arrancô a garrucha e falo: "fala de novo que eu ti do um tiro na cara...". Nóis ia indo pro trabalho, era de manhã.

Não era nem o trabalho ainda?

Nóis ia indo, daí o Francisco teve que saí da cabine e arranca o rapais lá de dentro na força: "entra aqui na gabine e deixa o outro lá em cima", aquele dia eu senti um pouco cabreiro, nossa, bastante gente ali [poderia] levar um tiro de inocente né? Machuca [um] inocente né?

Você era menor de idade?

Eu era menor, tinha quatorze ano naquela época.

Entrevistei um senhor aqui em baixo, aqui na Vila Rondon, o Sr Pedro que trabalhou e morou na colônia da usina e ele contou que viu várias brigas.O pessoal trazia antigamente, muitos trabalhadores de fora – do Nordeste – pra cortar cana aqui em Jacarezinho, muitos de outros estados, isto não mais existe Roberto?

Existe ainda. Lá na usina São Luiz existe, diz que este ano não vai tê, mais todo ano tem, trai negócio de duzentos, trezentos minero. Minero, baiano e fica ali na usina São Luiz. Fica tudo no acampamento ali, trabalha a safra interinha, depois vai embora no vão da safra.

E você teve contato com esse pessoal?

Ah é difícil né? Eles fica separado da gente.

Fica separado?

Lá é separado. Lá eles trabaia que nem a gente tá aqui na Vila São Pedro trabaiando e eles tão lá na Vila Sette. Não fica junto.

Eles formam uma outra turma?

Outra turma. Eles trabaia lá, a gente trabaia aqui pra não ter confusão nesse negócio de sarro, essas coisa aí. Pegá eito ruim, eito bom. Se eles tivesse ficado misturado com a gente com o pessoal, e vai o pessoal tirá sarro deis, e eles não tem nada a perde, sem família, sem nada, morando ali sozinho [sem] *mulher, filho, tá tudo lá pra Bahia. Que nem o ano passado, acho que tinha duzento ou trezento baiano, cortando cana, tá lá na Bahia, tão ali* [aqui] *queimando lata, um cara começa a encher a cabeça deis, você acha que não dá confusão?*

Ainda com relação à gozação, parece-me que o Mamadeira é o mais tirador de sarro da turma?

Ele é o cara que dá febre. Dá febre, começa a falá na cabeça da gente, fala ,fala" a esse eito seu tá bão rapaiz, você não vai tê ruim", não sei o que tem lá," oh loco se é eu já tinha varado esse eito lá", não sei o que tem lá

Da febre?

É aquela pessoa que fica ali: i, i, i na sua cabeça [risos] *a gente não briga, mais que dá uma vontade, dá e a febre.*

Você vai ganhar mais se você varar um eito mais rápido, não é? Porque, por exemplo, se você cortava mil e passa, em um outro momento, a cortar mil e duzentos. Esses duzentos a mais de tanto falarem você vai e corta e, no caso, como é que posso dizer se você deixe de produzir esse mil e duzentos, não chegando nem mesmo nos mil, existe uma gozação?

Existe. Eles fala que a gente (...), que a pessoa é fraca "ah esse aí é fraco, fraco de facão, ele cortô só esse tanto aí, esse daí é fraco.

Por exemplo, nós pegamos alguns eitos eu, você e outras pessoas. Mas eu corto, sei lá, quinhentos metros, as pessoas já sabem de antemão na turma o quanto produzi ao chegar no final da tarde. As pessoas, como nessa fotografia aqui, já sabem quanto eu poderia ter cortado só de olharem, ou não?

Se você pegá pertinho dele o dia inteirinho você sabe.

Mas existe a divulgação dessa quantia cortada?

Só se fô colega né? Daí comenta um pouco, mas não é todo mundo que comenta, nego também não gosta de fala.

As pessoas não gostam de falar?

Agente tira mil, o colegão da gente fala: "o rapaiz também tirei mil e cinqüenta, cansei também". A eito ruim, cansei também. Agora tem gente que tira duma veiz até oitocento, novecento fica lá, a gente também não vai pergunta. Tem gente que pergunta e leva até pito fala: "que se tem que vê? Que nem eu tirei oitocentos, você tirou mil né? Você é você, cada um é cada um", nego fala na roça...

Já fica... .

Na hora dá aquele fuzuê [risos]

Qualquer coisa ali já pode virar uma briga, não é que vira, mas pode?

Pode, pode, pode. Até vira sim, dependendo das circunstâncias pode até virar sim.

Mamadeira, por exemplo, ao mesmo tempo em que ele fala, fala, fala, também descontrai o pessoal ou não?

Descontrai.

Leva a pessoa a ter mais amizade na turma. Ele não faz parte dessa turma do Francisco?

Não ele trabalha pro Audir, tudo cunhado do Francisco, tudo uma turma meio cunhada.

Tudo parente?

É

Mas eu percebi que na turma, a existência daquele que tem mais proximidade, permite com que o grupo seja mais unido, está mais em contato ou não tem isso?

Que nem a turma nossa, a do Francisco lá num fica perto dele direto.Qué vê, nóis tá aqui na região de Cambará e eles tão lá em Ourinhos. É difícil [risos] *têm veiz que agente não se encontra né?*

Mas dentro da sua própria turma, existe aquela pessoa mais espontânea, tiradora de sarro?

Oh esse um que tá na foto aí. Esse um que tá na foto aí Deus me livre e guarde, pra agüenta ele é duro. É sarrista, ele entra muito na conversa dos outro e faz uma bagunça.Esse aqui ó, esse aqui de garrafão azul.

Este aqui estava torneio daquele 21 de abril. Não estava?

Tava. Esse aqui de bolsa aqui ó; esse aqui ainda é pior que o Mamadeira. Ah pra guenta ele tem que te um saco, não é fáci, é um cara aguado, esse é pior ainda Nossa Senhora Parecida, esse aí é aguado.

Se você entrar muito... .

Teve dia de quase brigar com ele na roça, daí eu falei assim: a não vou guenta a ponta, talvez por causa de um nó cego desse aí é perigoso você ir direto embora, sem direito a nada.

Verdade Roberto, por que?

Ah sarro, começa a tirá sarro, sarro, sarro da gente.

Mas qual foi a piada assim que o levou ao extremo?

Negócio de briga essas coisa aí né? Um dia os caras brigou lá no campo, perto da casa dele lá. Eu tava só vendo, eu não tinha nada a ver, ai ele falou assim: "o Roberto tava lá no meio da briga também", aquilo lá me subiu o nervo que eu falei assim:

Já apanhou (...). Ele falou: "o Roberto tava no meio que nem aquelas molecadinha, lá no meio de correria de gangue". Aí eu falei assim: que tava rapaiz, tava só olhando. Ele falou que tava, naquilo subi e já xinguei os parentes dele, já xinguei ele. Depois o Francisco falou: "não adianta vamo (...) esse negócio de briga não vira".

Chegou ficar bem nervoso em Roberto?

Eu fiquei de mal com ele ainda uns par de dia ainda. Por causa dele tê enchido a minha cabeça, fiquei uns par de dia sem conversar com ele. Depois eu voltei com ele, daí assim ele para de ficar enchendo meu saco, daí ele não tem corage de puxar conversa comigo, eu também não tenho. De lá pra cá nóis tem amizade [mas] *acabou esse negócio de sarro deu uma parada.*

Mas em todo lugar tem um que...

Gosta de tirar uma casca do outro.

Isso tem mesmo. Mas parece-me, que estas que tiram"uma casca", eles são mais soltos.Eles já tiram uma casca do outro, antes que tirem dele?

É ele não que perde de jeito nenhum, você fala uma ou duas palavra, eles qué fala cinco, não tem esse. Você fala duas, ele qué falá cinco, fala treis, ele qué fala quatro, não qué perde de jeito nenhum. Não admite perde pô cê mais nem a pau é a hora que você vai e não guenta a pressão, perigoso até brigá.

E no caso das mulheres na turma, como você as vê na turma? É interessante? É legal? É indiferente no corte da cana, no relacionamento da turma. Não tem discriminação? Como é que você vê o papel da mulher cortadora de cana? A sua mulher não corta cana, corta?

Não ela sempre trabalhou de doméstica, nunca trabalhou na lavoura. Agora, geralmente estas muié que trabalha na cana, nestas lavoura assim, vem também de debaixo, cresce na lavoura, casa na lavoura, tem família tudo e não quer trabaia em outro lugar, não aceita, qué tá ali na cana pra ajudá o marido. Trabaia certinho ali e geralmente tem bastante..., tem mulher que trabaia até mais que home na roça, eu acho que essas muierada que trabaia aí na cana rapaiz, elas faiz uma grande coisa, não é fáci.

Não é fáci não, pra gente que é home já é difícil, pra mulher também, acho que já é mais ainda. Na minha opinião.

No caso da sua esposa ela nunca tentou trabalhar no corte de cana?

Não. Nunca trabaio na lavoura não, sempre trabaio de empregada doméstica só. Na cana ela nunca foi não, nem sabe, também não tem vontade de aprender. Ah, não tem vontade porque vai lá e não vai consegui memo, porque...; ela tem vinte e treis ano, tá nova ainda, mas ela não tem aquela vontade de trabalhar na roça [esta vontade] *vem desde pequeno. Você vê, a pessoa que é trabaiado memo, trabaia na roça desde pequenininho ele já tá naquele ramo ali. Depois você vê, hoje em dia aí, muita rapaziada aí da geração de agora, vai fala pra eles pra vê só se eis que i na cana, qué? Ou qué ficá na rua na droga? Eles prefere fica na droga a i lá. Pessoa tem que vim desde baixo trabaiando, hoje em dia você vê essas rapaziada ai, eles não qué mesmo sabe de serviço, nem que tenha, ninguém qué pegá no pesado, mais né? A maioria né?*

E aqui no Bairro você mora a quanto tempo?

Aqui eu já tô morando já tem mais de nove ano que eu moro aqui.

Antes você morava em que bairro?

Aqui? Eu morava, que nem eu tô falando procê, morava lá na usina, lá né? [desapontado com o meu não entendimento]

Então você veio direto para cá então?

Vim mais pra diante, viche Maria, o loco.Eu vim pra cá em oitenta, em oitenta e seis, oitenta e seis eu vim pra cá!

Já pra vila São Pedro!

É! Desde oitenta e seis eu tô aqui na vila, nunca mais saí, formei aqui, casei aqui mesmo.

E neste tempo você conseguiu ajuntar algum dinheiro para comprar um terreno?

Terreno eu tenho.

Ah tem?

Lá no jardim Panorama, você conhece?

Já ouviu falar?

Já ouvi falar do Panorama...?Já tem terreno...?

É aqui pra cima?

Não, é lá perto da Vila Sette. Lá eu tenho terreno, consegui tudo na lavoura, tudo que eu tenho, móveis mudano, tudo é da cana. Terreno lá que eu tenho, tudo é da cana.

Mas ainda não conseguiu construir?

Não. Construí, eu quero vê se consigo agora, nesta safra, começá a comprá os material.

E dá pra ajuntar alguma coisa?

Ah...dá, não é ruim. Dá pra ajuntar tem que fazer economia [risos], não pode sê mão aberta, tem que se pouquinho né!

Tem que fechar mais a mão?

Tem. Garrá e não sortá gasta dinheiro a toa assim a gente não faz nada né?

Construir uma casa não é muito fácil, não é?

Ah não é, de maneira alguma, você tem que trabalhar...

O material é caro. O acabamento é o mais caro, mas também para levantar (s paredes você podia... . Quem é que vai levantar?

Ah, geralmente, que nem o dia que agente fez a casa do colega nosso lá no Panorama, foi que nós ajuntemo, fizemo uma reunião, nóis trabaiava na cana e tinha um pedreiro que era cunhado dele. Daí o pedreiro feiz, foi lá e comeÇou fazê e nóis entremo tudo como servente ajudano, não cobramo nada, [nós] *tava tudo parado no o desemprego. Foi na reunião, no mutirão e, no caso dele só gastou no material, é o jeito que ele tá fazendo.Quer dizer se um dia eu fô fazendo então a gente tá tudo combinado de entrar num tipo de mutirão.Compra só o material e só um faz.*

Quem é que entraria nesse mutirão?Companheiros que você acha que estariam solidários?

Ah, o Delezinho, o Delei de Panorama. Ele tá morando lá, e falou que o dia que precisá ele ajuda, o João o rapaiz..., nóis compremo terreno lá pertinho um do outro, ele também falou, veio aqui [e me disse] *" o que você precisá de mim pode ir lá que eu ajudo".*

E da turma? A turma que você trabalha, ou dessa turma que você já trabalhou?

Ah tem o Tonho que ajuda, o Nei, o Dalcio, se pedi eles dá uma força pra gente, se eles tivé parado eles dão e não cobra nada.

Existe então esta prática, não só com você como com outras pessoas também... ?

Depende de você ajudá pra você sê ajudado.Que nem eu ajudo bastante gente, não cobro nada. Se eu tivé parado entre uma folga assim e vié pedi: [então alguém diz] *"vamo ali, vamo assentá um tijolo? Vamo. Ajudar arruma...? Vamo. Carregá uma massa? Eu vô lá e ajudo. Quer dizer que, é isso, a pessoa ajuda a gente por causa disso, por causa da bondade da gente né!".*

Mas não tem nada organizado assim, por exemplo, terminou a safra, vamos tentar ajudar uma pessoa ai que comprou um terreno, organizando-se mesmo, ou não, depende da pessoa?

Depende do grupo da pessoa, teria o grupinho da pessoa, dos colega meu, os chegado mesmo, o Deleizinho, o João, o Deci o outro rapaizinho ali. São tudo que nem irmão quais. Se fala vamo lá agora? "Vamo", Vamo lá carpi terreno? "Vamo", sem nenhum pobrema.

Vocês trabalham juntos, agora nesta turma em que você está?

Não. Agora nóis tá tudo separado.

Já trabalharam juntos?

Já. Nesta época aqui [referindo-se a fotografia *tirada quando da minha e única viagem com a turma ao eito] nóis tava junto.*

Nesta turma aqui do Sr. Francisco?

Essa foto é o que de...?

É, foi do ano passado, final do ano passado,

Ano retrasado (1999) né? (interroga com certa ironia a minha noção de tempo)

Não!

Retrasado!

Retrasado não!

Oh. O ano passado eu trabalhei na usina São Luiz. O ano retrasado você foi lá. Você não foi só uma vez lá?

Fui só uma vez.

Então foi no ano retrasado (1999) memo

Foi no ano retrasado?

Foi no ano retrasado.

Em 1999, final de 1999?

Exatamente

É mesmo?

Em 1999

Então lá estava com este grupo, com estes amigos e tal... . Nóis convive a mema coisa, nóis anda junto aí, quer dizer, eu tô trabaiando com um empreiteiro, [com um outro] *turmeiro, o Deleizinho trabalha com outro e o João* [também] *trabalha com outro turmeiro, é isso.*

No do caso daquele domingo em que reuniram para o torneio, vocês estavam, parece-me que também o Vaguinho fazia parte deste grupo?

O vaguinho trabalha com a gente lá na usina São Luiz também, ele vai... já fichou e no dia sete (de maio de 2001) ele entra na turma lá

Eu vi naquele domingo uma proximidade, pelo menos naquele momento que vocês formavam um grupo a parte. Mesmo formando *o Beira Rio para jogar, vocês ficaram destacados do restante do time. O próprio Mamadeira estava em outro grupo, quer dizer, mesmo antes de começar o jogo eu vi, por exemplo, o Dentinho mais aquele outro rapaz forte... .*

Aquele lá que é o João dos Santos. Aquele lá que é... . Aquele lá é irmão meu aquele lá é colegão.

O negro?

Moreno forte. Aquele lá que é o João dos Santos, lá tava um outro o Deleizinho,

Estava lá também, aquele baixinho...?

Deleizinho é aquele que chegou depois

Aquele negro de olho meio puxado?

Aquele lá é o Deci. Depois chegou o outro lá o, Delci. O outro que chegou lá depois que nóis tava lá repartindo o refrigerante. Então aquele é a turminha nossa, a onde é que tá um tá todos. Só na safra agora que nóis ta separado, porque cada um tá pra um lado, mas no caso de nóis jogá bola, nóis joga num time só e, na hora de fazer alguma coisa assim, serviço, que nem a casa do Deleizinho, juntou tudo nóis ajudando ele lá. Nóis tava tudo no seguro recebendo por mês, tava à toa daí ia lá ajudava e não cobrava nada.

Antigamente tinha muito esta coisa do mutirão as pessoas ajudavam as outras e tal, mas agora está mais ligada a amizade mesmo, um grupo de pessoas...

É mais amizade agora tem que ter uma amizade forte mesmo...

Por que é difícil, não? A mão de obra é cara, o material é caro...?

Então, o material a gente gasta. A gente compra, a gente pega um acerto da Usina. Trabaia lá, pra sete meis, pega um acerto de mil real, mil e pouco real, você vai lá e compra tijolo, cimento cal, tudo na hora de fazê, os colega da gente que é chegado da gente mesmo vai lá e dá uma força pra gente.

Roberto, você que tá com vontade de construir a sua casa para este ano, pelo menos tem projeto de construção, isto não vai fazer com que você trabalhe mais, não vai ser

um estímulo, tipo assim: preciso construir minha casa, mas eu corto mil toneladas de cana, agora eu vou ter que cortar mil e duzentas?

Isso aí é verdade, isso ai acontece, a gente procura trabalha mais.

Mesmo sabendo que eu vou ficar com meu corpo meio que arrebentado, mas vou ter que construir essa casa.Este aqui (fotografia) é seu menino não?

Meu moleque

Então e ai, quer dizer, você já pensa nele ou não?

Isso vem tudo na cabeça da gente, tudo isso.

Este fiscal (referindo-me à fotografia). *Esse um que está aqui, quer ver?*

É aquele que tá com o fiscal geral?

Este um aqui que está com o boné na cabeça.

Este aqui é crente e o outro não.

Aí eu perguntei a ele se já tinha presenciado alguma briga no talhão, ou recusa no trabalho, e por que isso acontece? Daí ele falou que isso ocorre, porque muitas vezes as pessoas trazem problemas de casa, e que seria isso a causa da pessoa ficar nervosa, brigar e tomar estes tipos de atitudes. Você acha que é isso mesmo?

*Acontece sim. Acontece que a pessoa com qualquer probreminha... . A pessoa já sai da casa nervosa, chega lá na roça o fiscal fala: "você tem que cortar aquele toco mais baixo ali e tal", daí o cara já tá nervosa e já fala:"vou cotar o que, não tá bom isso aí ", muitas vezes [o fiscal] nem sabe o probrema da pessoa, do cara ali na casa dele. Aí vem o fiscal e fala: [*imitando o fiscal] *"mas isso aí tá errado", e não sei o que lá, é aí que ele vai zangá com o fiscal. É daí* [que] *ele traz da casa pobrema. É coisa que acho que não deve ser né? Porque na roça é outra* [coisa].

Você consegue separar isso Roberto?

Eu consigo, porque esse negócio só vai trazer prejuízo pra mim memo. Já pensou que eu brigo na minha casa, comparação né? A gente briga com a mulher aqui na casa vai e não guenta... . Pega o fiscal, e daí ele manda a gente embora e daí? [O] *prejuízo pra quem que é? Pra gente memo que tem família pra tratá, tem um punhado de coisa conta pra pagá, não pode mistura as coisa, quer dizer casa, casa, serviço, serviço, lar é lar, eu acho...*

Mas, muitas vezes, os problemas são não só por brigar com a esposa, é também por estar faltando mantimento, o filho ficou meio que adoentado, ou a mulher ficou doente, não só a questão da briga em si, mas outros problemas você está entendendo? Muitas vezes não se consegue separar isso não sei se você está compreendendo? Estas coisas do tipo está faltando a comida em casa e agora? O que eu vou ter que fazer ". O filho ficou adoentado sei lá está com gripe, vou ter que gastar com...".

Farmácia!

Farmácia. Estava com plano de construir a casa [própria] para o final de ano.E aí, como é que a pessoa consegue lidar com isso? Como é que você faria?

Ah já aconteceu viu! Este ano aí, este ano que trabalhei pro Francisco, esse ano aí memo [referindo-se a fotografia], *meu moleque ficou ruim, aqui em casa. Eu não consegui trabalhar, mas também não desabafava, ficava ali na minha cabeça, ali óh trabaiando e pensando na casa. O moleque ficou ruim, porque ele tem bronquite né? E das veiz ataca, e eu ficava pensando na lavoura. Não via a hora de chegá a tarde.Tinha dia, as vezes, que não conseguia nem trabalhar direito, ficava com aquilo na cabeça, trabaiava, mas nem... , nada tava bom. Não via a hora de chegar de tarde pra vê se tinha melhorado, sarado. Acontece sim, acontece e é ruim. Você trabalha com cabeça aqui e lá, aqui e lá,* [mas] *você tem que í, você não pode ficá tem que trabaia. Ai a gente chega numa situação meio delicada viu.*

Esta situação pode provocar, a uma queda, a um corte, um acidente? Como você falou: “o fulano?” Você ao virar-se poderia até machucar um braço, cair e até se cortar ao ficar pensando demais nessa situação de casa?

Ah se o cara não tivé purso firme memo... . Tem que pensa e depois esquecê um poquinho e ir trabaiando, e depois se vem na cabeça da gente, para um pouco senta no galão, refresca um pouco. Depois se fica pensando e trabaiando é perigoso sim. É perigoso você se cortar, pensa na família, pensa no filho que tá doente e tá duro ali e você pá. E daí, vem circunstâncias piores.

Mas é tão difícil separarmos estas situações, porque na casa da gente sempre é cheio de problemas, ou não? Geralmente quem tem criança, ou tem uma esposa, ou tem uma mãe ou um irmão, sempre tem um problema, como pagar o aluguel. Este problema quer queira ou não estão sempre presentes.

A estes problemas na vida da pessoa fica direto.

Esta é uma constante, principalmente pra quem é pobre não é? Para o pobre é uma situação mais comum uma situação mais comum, mas para quem tem uma situação diferenciada isto acontece, mas não da mesma forma, não *se tem a preocupação da pagar um aluguel, ou cuidar de um filho com uma gripe. Não são estas as preocupações, são outras. Você não vê isso?*

Eu penso sim, mas eu procuro não colocar muito na cabeça porque se a gente colocá muito na cabeça a gente fica até meio louco, não procuro muito... . Procuro sempre, quer dizer, pensar pra frente, positivo. Você entende? Pobrema a gente tem memo, acho que o ser humano nunca vai resolver o pobrema dele na face da terra, acho que tudo que é ser humano, tanto faiz rico ou pobre, têm pobrema, nem que for pobreminha mais tem. Não existe este um que não tem, falar que ele não tem é mentira, todo mundo, o ser humano tem

pobrema, tanto faz na casa, pobreminha, ou alguma conta, ou alguma coisinha assim mais tem. Não tem? Não existe este um que não tem, e eu procuro sempre pensar assim, vamos si por: eu tenho pobrema, é preocupação, este mês tenho que pagá o aluguel, tenho que pagá tal coisa. Eu vô, pago e meto o pau. Vô trabaia e mês que vem já pago de novo. Não procuro ficá pensando.Ah esse caramba, este mês tenho que pagá a muié [do aluguel], *como vou fazer? E eu tô com dinheiro e fico pesando vou tê que compra... . Não pago aqui, outro lá não dá, daí eu falo: hoje não deu o mês que vem eu te pago e vou tocando o barco, não adianta pô na cabeça, é perigoso. Eu não ponho na minha cabeça. Não ponho, vô levando e controlando, não coloco muita coisa na cabeça não.*

Não adianta colocá muita coisa na cabeça, bobagem né?, Você tem que i, pobrema a gente tem sim, mas ficá pondo na cabeça tudo, tudo, tudo, qualquer tipo de pobrema, chega uma época que sua cabeça estora. Não guenta, ela não reage toda esta pobremada que a gente tem, se fô ponha todos os pobreminha da gente, a gente fica até meio bobo. Fica perdido no tempo, fica aí... .

É perigoso. Vocês que trabalham ali com aquele facão na mão direto [risos], se o cara começar...? Estava entrevistando o Sr. Joaquim lá de Santo Antonio da Platina, falando sobre a distribuição do eito, contou-me ele que tinha dado uma curva para um trabalhador – não sei se funciona assim com vocês na usina São Luiz. Porque antigamente, segundo o empreiteiro, não se tinha uma escala, alguém pegava um "eito bom" [para o corte] e o, outro, na próxima semana poderia continuar no "ruim", ou melhor, se hoje eu pego em um "eito bom" amanhã eu tenho que pegar um eito "ruim", quer dizer, os "eitos ruins" são distribuídos em escala, é isso?

Não. Não tem escala é sorte, talvez você pegue no eito bão. Perto de você ali eu pego no eito ruim, mais pra cima outro pega num eito bão, o outro pega um eito ruim, aí depende da sorte da pessoa.

Ele também falou que o eito pior que existe é o da curva?

É a curva e a beirada de Eucalipto. Porque na curva você fica escorregando toda hora [risos]. *Você corta a cana, que nem vamo supor, aqui no braço do sofá: aqui tá o eito, a turma tá aqui assim, você corta a cana* [na curva], t*alvez se você não segurar o corpo [e se apoiar] escorrega, conforme* [lugar] *escorrega, agora aqui* [fora da curva] *é reta, aqui é reto* [é melhor para se equilibrar]*. Agora aqui na curva é assim... . Você corta a cana..., mas tem hora que a cana fica assim* [caída] *aquela curva de nive, fica caída e se você não firmar o corpo toda hora você escorrega.*

Você escorrega?

Oh a gente escorrega e [além disso, na curva] *a cana dá sempre mais forte, porque ela fica no certo, e ali vem chuva, ali vem tudo que é coisa..., que nem a chuva ali vem e bate e ela fica mais formada, mais forte viche. E é ruim viu...*

Mas não é melhor cortar uma cana mais forte, mais formada...?

Não é porque o preço é um só né? Você pega uma curva tira quinhentas [toneladas] *o outro que não pega na curva, pega beirando assim num eito normal, o cara tira mil, mil e trezentos* [toneladas] *a quantidade dobra, assim, treis vezes, porque o lugar em que tá é o lugar mais ideal pra trabaia. Ali* [na curva] *você tá num lugar que não é ideal pra você trabaia, tem que se na mão, se ponha máquina na curva pra corta aquelas carregada, aquelas máquinas de cortá cana não corta, se for corta na curva vai tomba.*

Agora a gente não, a gente não tomba, a gente tem que escorrega [risos] *mais tem que cortá. Aí que é o pobrema, acho que a curva é o jeito mais ruim de trabaia, não existe ninguém qué o serviço,* [é] *como o rapaz referiu pra você. É [uma] verdade.*

Mas ele falou que na turma dele tem uma escala para as quarenta e cinco, cinqüenta pessoas. Então por exemplo, se hoje você pegou para cortar na curva, na próxima semana, ou próximo dia, você não vai pegar porque não está escalado para a curva, mas você estava contando que isso não existe na turma do Francisco, e nem em outra em que você trabalhou?

Não a escala funciona tudo em qualquer serviço.

Como é então esta escala, não estou conseguindo entender?

A escala é assim, vamos supor: hoje eu pego primeiro, amanhã você certo? E depois de amanhã você já não vai tá ali no meio do primeiro, mas você já vai tá no meio da quadra, já vai tá no meio de outro pessoal diferente, mas é a mesma turma. Quer dizer a escala é seu nome, entende o seu nome, ta ali, como é seu nome, esqueço teu nome?

Donizeti.

Donizeti, então fala assim: “Donizeti cinco rua aqui”, mesmo que você não tá ali, você tá lá perto do Ônibus bebendo água, então fala, ”Donizeti teu eito tá aqui, você não tem negócio de í lá não sei aonde anda; não sei se você viu? A turma andava com galão e tudo pra pegar o eito. Quer dizer que o Donizeti, o eito dele tá lá. O negócio da escala é esse pobrema, porque que daí não tem esse negócio de ficar falando: ”a eu não vou pegá na curva não. Oh como na sua veiz você não vai pegá?

Mas, então [meio perdido naquilo que ia perguntar] quer dizer que é o seguinte: então existe uma escala?

O em todo e qualquer lugar existe uma escala, porque senão vira bagunça.Senão ninguém qué pegá naquele eito ruim.

O eito pior que existe é a curva?

É geralmente.

Apesar de que dentro de um talhão, fora as curvas, têm outros problemas também?

Ainda têm os eitos em que [a cana] cai, [está] *caída.*

Cana caída?

[Na] cana caída você não vai ter o mesmo desenvolvimento que você tem em uma cana de pé e é através de tudo isso. E têm a escala, se você levou sorte e pegou no eito de pé você tá sossegado, mas se você levou azar [risos] e *pegou no eito caído aí... .*

Ainda na curva você não pode parar?

Não tem que parar, não pode, mas tem que trabalhar devagarzinho é até ruim, todo mundo termina e ela... . Mais tarde assim, o carregamento fala: "vamo", o carregamento vai catá a cana e daí fala: "tá aquele eito lá sobrano, vai corta um sozinho lá. Vamo lá, vamo ajudá ele sai".

Mas se ocorrer uma situação assim: hoje o "eito ruim" [na curva] caiu comigo, amanhã você o pegaria, mas você falta e, de novo eu pego um "eito ruim". Aí na outra semana cai de novo comigo, três vezes, "só eito ruim", então como fica?

Ah mais daí depende da sorte da pessoa se for assim. Já aconteceu isso lá na usina São Luiz [em] *que a pessoa, de cara, cai na curva umas treis veiz em carreado.*

E ai?

Fazer o quê vai ganhar o dia dele... .

Mas se ele encontra uma pessoa como o Mamadeira, ou então igual aquele da turma do Francisco...?

Ai, ai, ai, ai... . Aí é duro, eles cai matano, daí a pessoa não consegui, talvez, trabaia direito com o sarro. Eles começa a tirar sarro e é difici.

Se a pessoa por na cabeça [e levar sério a chacota] faz bobagem?

Ah geralmente faz bobage.

É porque, pelo jeito que o senhor Joaquim falou para mim, quando ele deu o eito e o rapaz se recusando, sentou-se na garrafa, existe este termo sentar na garrafa?

Existe, porque não tem lugar para sentar.

Mas ele usou esta frase com um duplo sentido entendeu: o cara sentou na garrafa. O cara sentou-se na garrafa e ficou amolando o facão mais parecia que ele iria despelar um animal abatido... .

Até o momento em que estava comentando o ato do trabalhador se sentar na garrafa e o modo como foi contado pelo turmeiro, o entrevistado, ainda não havia manifestado nenhum riso, ficando muito sério inclusive, mas quando passei a comentar sobre o medo do agenciador ao ver o modo como estava sendo afiado o facão, bem como a sua qualidade, aquela situação narrada por mim passou a ser para o cortador a se tornar hilária, inclusive pondo-se a rir com facilidade coisa que até então não havia ocorrido com tamanha intensidade no decorrer desta entrevista.

[Continuação da narrativa] e ficou lá e aquilo lá e tal e coisa, e tal e coisa, até que chegou um certo momento que ele falou: ”rapaz você precisa voltar lá pra trabalhar”, mas o cortador de cana falou que não iria retornar. Daí teve que se chamar o Fiscal Geral.

O Geral exato

O Geral foi até lá e disse que o cortador de cana tinha que retornar ao trabalho, ou então iria pegar um gancho, mas, conforme o Sr. Joaquim, ele retomou ao trabalho, mas também não cortou nada. O Sr. Joaquim ainda contou que esta pessoa foi atrás dele com a carteira para ser registrada, contudo, ele disse: pode não ser tudo certinho, mas você pra mim já não serve para trabalha.Como você vê este caso?

Nossa Senhora, isso aí é um..., da uma situação desagradável. Já penso se ninguém quizé pega a gente pra trabaia e daí..?

Quer dizer este turmeiro pode sair falando pra todo mundo, fala para o Francisco, para o Pé Grande, vão falando para todos os turmeiros ?

Se é bom o comentário roda. ”Ô rapaiz lá é bom”, agora se o cara é ruim Donizeti, corre também a mesma coisa, fala: “ele é ruim, ele ruim, oh pegá ele... , aquele lá dá muito pobrema, perde dia, [o] *comentário roda a mesma coisa.*

Briguento?

Perde dia e não gosta de trabaia, pega em eito e depois não qué trabaia. Um cara que tá ali trabaiando certinho e ele tá desanimado e vai atrapaia um outro que tá animado. O cara tá animado trabaiando certinho daí ele vem lá e aí não sei o que tem lá, “ você viu o jogo lá do Brasil perdeu”, ele vai ficando sujo na firma e sujo com o empreiteiro também.

Ai que é o pobrema, um pobrema difícil né? Se é bom o seu moral cresce pra todo empreiteiro. Todo mundo fala: “o loco o Donizeti é bom, não perde um dia de serviço, trabaiado, vou procura traze ele pra minha turma também”.

Existe ainda esta disputa pelos melhores cortadores de cana?

Ah existe, até uns tempo..., agora não existe muito, mas até um tempinho atrás existia, porque era porcentagem né? Os empreiteiro ganhava por porcentage; quarenta por cento [risos] da pessoa que trabaia.

Por exemplo, se você cortar mil tonelada?

Não, se você ganha deis real, deis real, quarenta por cento da quanto? Dá quatro real.

Que nem estou falando procê, você é um trabaiado assim: ”nossa o Donizeti ele ganha vinte real por dia, a não ele tem que trabaia comigo, porque ele vai me dá lucro de oito reais e é hora que antigamente dava, porque ele falava..., tinha empreiteiro que ficava até com a cara amarrada com o outro: “o rapais ia trabaia comigo, trabaia comigo e só”. Porque, vamos supor, o Pé Grande chegava e falava: ”vamo trabaia lá comigo rapaiz [risos] *dou um churrasquinho, uma cervejinha”, fez a cabeça do rapaiz. E agora o rapaiz não vai*

trabaia com o outro, vai trabaia com o Pé Grande. Acontece isso, aconteceu muito há uns tempo, treis, quatro anos atrás.

Mas hoje já não ocorre mais?

Hoje não tem mais porcentagem, hoje tanto faz o cara ser bom, o cara ser ruim de facão. Eles qué um cara firme que trabaia direto, não perde dia não responde fiscal nada, um bom funcionário. Eles não qué o cara que se mata hoje e não vem amanhã, pra eles não é lucro, é prejuízo pra firma.

Vocês têm um salário fixo?

Não. Nóis temo empreita. Não temo salário fixo, quanto mais trabaia mais ganha. Que é isso que eu falo, tem gente que ganha quatrocentos, tem gente que ganha trezentos, quatrocentos e cinqüenta.

Uma pessoa que corta mil metros de cana ele ganha quanto?

Depende da cana, tem cana que é boa, tem cana que é ruim, tem cana que você tira mil metro [e] *se não ganha o tanto que você* [espera] *tira seiscentos numa outra,tem cana que você tira seiscentos e ganha mais do que se tira mil, por causa do preço, da qualidade, o peso da cana.*

Como é dado o preço na usina de Ourinhos.

É por peso, eles pesa a cana e vê a tonelada.

Eles tiram uma amostra.

Ô, eles pega e entra na quadra e enche o caminhão certinho. O caminhão le*va sei lá dezoito mil tonelada, cada caminhão de cana. Leva na usina pesa pra vê quando que deu, e daí é de lá que vem o preço.Tem cana mais leve, tem cana mais pesada, tem cana mais fina, tem cana mais grossa.*

Mas como você sabe que o preço está correto?

A gente não sabe. [pausa]

Como? vocês não sabem se eles não estão passando um preço menor. Passando vocês pra trás?

Eu acho que eles ainda passam sim, por tudo isso. A gente não tá lá pra vê lá, eu [creio] *que com tudo isso ainda passa, porque eles leva a cana lá pra a usina pá pesa certo? A gente não tá lá, ta ali, o turmeiro tá ali na roça. Se acha que não engambela a gente? Tocano a você que ganha quinze real, a gente pensa: "o beleza, hoje ganhei quinze reais", mas a gente tá lá na hora da balança? Lá dentro da usina, lá só tá os grã-fino, lá dentro lá, os bão da boca. E lá, talvez, [a] cana que você ganha quinze real no dia, talvez se eles pagassem certinho, certinho você ganharia dezoito real daí, treis real eles..., mas quem vai sabe?*

E essa cana de quinze reais, esta cana é melhor. Ela é mais difícil de ser cortada?

Não é. É tudo igual.

Só é difícil o eito caído, o que está na curva...?

A diferença é só isso, porque tem dia que você ganha vinte real na cana, aconteceu. Teve dia que a gente chegou a ganhar até quarenta reais na cana no dia.

Quanto estava o preço da cana neste dia?

O dia que ganhamo lá., dia que nós ganhamo quarenta..., não eu ganhei quarenta e oito reais, foi dia de dobra sabe? No dia que a gente foi trabaia [era] *dia de folga.Que nem amanhã é folga, certo, da deles falá assim: "Roberto amanhã é folga, você vai vim amanhã, daí amanhã é cem por cento?" Dá pá i né? Cê ganha dois dia num eu vô lá, ganho vinte quatro e eles pagam vinte quatro a mais, daí já vai pá quarenta e oito, e [no] dia normal não dá isso, difícil. Dia normal é vinte..., vinte sete [caso] pegá cana boa e de peso que tá tocano lá no serviço.*

Vinte..., vinte sete..., caso você corte uma média de quanto?

A vinte seis, vinte sete, nóis ganhava isso daí cortano cana pá muda, cana na palha, cana pra se prantada, que é a cana mais cara. Que nem você corta, dependendo, uma cana de quadra queimada aí e dá dinheiro. Você corta uma quadra e pranta deis [...], você corta uma quadra, e de uma quadra só ela rende deis Rende deis depois de crescida é aí que ela pega mais em dinheiro.Eu acho que a cana na paia dá mais. Eu tirava oitocentos metro, novecentos, quando ganhava vinte seis, vinte sete reais.

A cana não é queimada?

É na palha, né?

E não é mais difícil para cortar.

Ah é, [mas] *acotuma, nóis é acostumado, eu nem esquento. Eu acho melhor pra mim porque a gente trabaia menos, porque da mais calor.*

Dá mais calor?

Dá mais calor, por causa da faia da cana. Dá mais mormaço (quente e úmido). Mas treis..., treis e pouco você para e vai descansa.

E aquela coisa que cai da palha da cana, aquela...?

Você trabaia com manga né?

Como se chama aquilo.

Juça. Juça é da cana é um negocinho meio inspiudo, quando [a] queima não tem. Dependendo da qualidade da cana [ela] não tem. E agora você trabaiando com camisa de manga comprida, você não vai trabaia no coro puro assim.

E a ponta da cana?

Como assim, ocê fala?

O perigo da ponta da cana entrar nos olhos?

Não ela tem uma tela, o óculos [de proteção] certinho. Tem uma tela que vem até aqui assim. Aí você pode corta, e a cana pode bate aí, não tem perigo nenhum.

Como você vê esta fotografia? Estas pessoas?

A isso daí..., não tá [me] *parecendo que é cortador de cana.*

Por que?

Uma, a mulher aqui não está adequada, porque se ela fosse cortar cana ela não podia, tá com esse sapato. Ela tinha que tá com a botina da usina, a botina da usina é própria, tem um negócio na frente - ferrinho e tudo - pra não corta o pé e ela não tá. Estão, do jeito que tá aqui, mais pá coisa de café, do que pá cana, sabe lá.

É isso mesmo, acertou na mosca. Eles estavam indo colher café, e iam de caminhão.

E, pelo jeito, é com o Delei do caminhão, se não me engano eles trabalham na Califórnia, colhendo café.

A Califórnia fica pra cá assim.

É isso mesmo. Certinho eles falaram para mim, na época, que tinham vindo para a cidade há pouco tempo. Eram mãe e filho; você também já colheu café?

Colhi, mas quando era pivetinho, era criança, tinha deis ano e ia na roça com a mãe.

Então já ia na roça?

Eu ia na roça com a mãe só pra... . Ia anda á toa com a mãe pá roça pra não fica em casa

E hoje, sua mãe e seu pai onde estão?

Eles moram na outra rua de lá?

E, eles estão juntos?

Tão!

Então estão aqui. Tem mais irmãos Roberto?

Tem eu, tenho uma irmã que mora aqui em cima, tem um irmão meu que tá no seminário lá de Ponta Grossa.

Está querendo se ordenar padre?

Seminarista. Não sei se você já [o] viu, ele sempre tá com o povo da cidade aí.O nome dele é Márcio, (...) tem vinte quatro ano.

Ele tem mesmo interesse em ser padre?

Diz que quer ser viu.

O que você acha disso?

É um dom viu, se ele... . É um negócio bom, ele é sorteiro e se ele tivesse ai, que nem antigamente antes do seminário ele ficava no meio da molecada bebendo e talvez até... . Antigamente não mexia com droga, talvez hoje podia até tá, porque sabe? Hoje em dia a juventude tá feia, tá perdida, difícil encontrar arguém que não mexe com estas coiseira. Eu achei até bom, Deus achou que ele deve seguir este caminho, ele vai segui normalmente.

Em sua casa são em três: você, esta moça, e seu, irmão?

E uma irmãzinha. É quatro, eu tenho uma irmãzinha de deis ano.

Seus pais estão com quantos anos agora?

O pai deve ter uns cinqüenta e cinco, mais ou meno. E a mãe tem quarenta e cinco.

E eles trabalham?

Meu pai é pedreiro, meu pai trabalha de autônomo sem registrá, a mãe não trabaia muito mais não, de vez enquanto apanha algum café, mas não trabalha mais, já trabalhou muito né?

Mas são só eles dois em casa também não é?

Só eles e uma irmãzinha minha

Não têm tanta preocupação assim?

Os filhos tão tudo crido né?

É deles a casa*?*

Não, essa aqui é de um colega meu, o do dono da casa aqui.

Não o que eu digo é... .

É, eles moram na casa deis.

Sua irmã também?

Minha irmã mora na casa dela.

A propriedade é dela? Conseguiu, não é?

Eu consegui só o terreno, pô enquanto [mas] *não fiz a casa ainda, tem que fazer.Ainda bem que consegui pelo menos o terreno.*

Você conseguiu nesta safra passada*?*

Ah rapaiz já vem vindo, eu comprei este terreno aí naquela época em que você foi lá na roça com nóis, aquele dia. Eu tô pagando, tô terminando agora. Agora já está quase pago só farta umas prestaçãozinha pra terminá de pagá, bem dizê já tá quitado.

Mas tem as casas populares, você não quis entrar em uma delas?

Achei que não compensa, porque nunca é da gente, todo mês tem que pagá, depois de quantos anos? Vinte ano, pra depois sê dá pessoa, não é da gente a casa popular sabe? Isso demora muitos anos pra sê da gente, pode pagá lá trinta reais e tudo, mas... .

Tem muita gente das casas populares que trabalha no corte de cana?

A maioria quase. Tem bastante que trabalha na lavoura.

A maioria?

No geral eu acho que em Jacarezinho o que têm mais é trabaiadô rural do que... . É cortador de cana, apanhadô de café, roçadô de pasto, em Jacarezinho aqui é geral.

Mas o que eu percebo é que as pessoas têm meio que vergonha em dizer que são cortadores de cana, o que você fala sobre isso?

Eu não tenho vergonha, em qualquer lugar do Paraná, passei a trabaia lá na usina São Luiz, tô cortando cana e não tenho vergonha de falá porque já é um negócio que já

virou rotina, você vê vai adiante, você fala que não é, sendo que a turma vê na televisão o cortado de cana e vê e tal ...

Aquele dia em que fui ao talhão vi as pessoas ao se trocarem para irem embora, demonstrar uma preocupação em chegar em suas casas sem levantar a suspeita de que eram cortadores de cana, talvez de um outro oficio, tinha inclusive, alguns trabalhadores trajando o uniforme dos trabalhadores da fábrica, dando a impressão de não ser o que são.

A pessoa quer ir embora limpo, não quer ir embora todo sujo, porque se tá todo sujo de carvão é ruim, você vai grudando, tem que tirá e coloca uma roupa mais agradável, descansá o corpo.

Não é só a questão da aparência, mas tem a questão da comodidade*?*

É isso aí exatamente.

Você estando com a roupa suja, impregnada do melaço da cana, também atrapalha?

Com certeza. E é ruim, você vem embora todo sujo, iche Maria, é a mesma coisa de dormir sem tomar banho.Quando a gente tá em casa tem que tomá banho né? Igual lá na roça a gente também tem que lavar a mão, o rosto, tudo certinho, colocar outra camisa e já sentir outro, como diz o outro, já tá fora do serviço para o dia seguinte.

Uma coisa que percebi, naquele dia cinco, seis, ou sete mulheres, algumas mais jovens usando shortes muito curtos e sob uma calça de elanca que por baixo destacava os seus corpos, mais parecendo que elas estavam os exibindo. Se você não olhasse duas vezes a impressão era que elas estavam com as pernas nuas, mostrando a sua silhueta. Quer dizer, elas apesar da necessidade de cobrirem os seus corpos diante as condições do trabalho, mesmo assim não perdiam a sua feminilidade, como no caso desta mulher na fotografia em que está toda coberta, mas não há esta preocupação de um modo explícito*.*

Isso daí depende dá pessoa. Tem pessoa que já é demais idade e não gosta de usar roupa curta, agora tem mulher mais nova que usa o shorte mais pequeno por quê? Por causa do zip, por causa do zip da calça, tem mulher que as veis estraga o zipe, muitas vezes estão sem camiseta pra tampá ali na frente, daí a gente os outros vê, entendeu? Agora com uma sainha curtinha, assim, fica tampano. Só aquele medo, por causa disso.Sem aquilo ali, sem aquele shortez pequeno se o zip estraga e daí? Como ela vai tampá? Agora na hora que o vestido estraga ela tá com aquele shortinho por cima e ninguém tá veno nada.

Você deve estar se perguntando, até isso o cara olhou.

Não, tá certo, a pesquisa tem que ser geral, tá certinho*.*

Você acha que as mulheres são discriminadas no trabalho*.*

Como assim?

No trabalho elas são diferenciadas pela própria turma por cortar cana, ou não?

São vistas como quarqué coisa. Como quarqué um, é tudo igual.

Por exemplo, para uma mulher ir ao banheiro se torna complicado. Caso a mulher tenha filho, ou está naqueles dias da menstruação, isto já se torna mais um complicador na relação com o grupo em que a maioria é de homens, ou não?

Ah rapaiz, isso tudo vem da pobreza, a pessoa é pobre não tem outro jeito, a pessoa tem que trabaia, e tem que se sacrifica a esses tipo de coisa, fazer o quê? Tem que ajudar o marido tem bastante mulher que tem que ir porque a família é grande e tem que sacrifica, talvez tá doente, tá tendo argum pobrema e tal, [mas] *tem que í por quê? Porque se não for, talvez, o marido sózinho não consegue dar conta, tem bastante filho, aluguel, tem que í.*

Porque nem todas, têm mulher que gosta de trabalhar, as vezes nem precisa gosta tá ali, tá ali junto com a gente trabalhando dia-a-dia, agora tem umas também que não é que queira tanto, mas porque precisa. Tem que í porque precisa, tem conta. Porque o marido sozinho não consegue dá conta do recado.

Mas para a mulher na roça é mais difícil não é? Porque é assim: para um homem ir ao banheiro não existe a mesma complicação que para uma mulher... .

Mas agora tem barraca Donizeti.

Mas eles estão levando barraca. Aquele dia em que fui com vocês não tinha?

Aquele dia não tinha. Tão levando agora, do ano passado pra cá, de 2000 pra cá, tem até uma barraca pré-montada das mulheres. Agora tem barraca pré-montada na lavoura, vai sempre de duas mulher na barraca, faiz a necessidade e depois a outra, uma fica olhando pô lado de fora.

E no caso da Usina São Luiz?

Tudo tem?

Compraram duas máquinas para cortar cana e agora, como vocês estão vendo esta situação de redução do número de turmas?

Já teve redução de turma no final do ano, como a que vem ocorrendo com as do Audir e a do Carlinhos?

Nunca acontecia não viu, foi através dessas máquinas aí que vai tirando o emprego de pessoal.

Como você está vendo isso Roberto?

A gente vê que tá ruim rapaiz, a pobreza vai aumentando mais a cada dia que passa. A gente vê isso, vai acabando o serviço da gente. E daí, vai chegá o tempo... , e como é que vai fazê? O pessoal não tem estudo não tem nada, depende só daquilo e as máquina vão tudo tomando conta do serviço humano rapaiz, da humanidade. O [trabalho] *manual, essas coisas do serviço da gente, í lá corta com a mão tudo certinho, agora a máquina vem e toma o serviço da gente e ainda, fazê o que? Eles força o empresário, o governo não tá nem aí com o povo rapaiz.*

O negócio deis é dinheiro, exportá isso e isso, mais não tá nem aí com a gente que é mais fraco.

Você já viu alguma máquina dessa cortando cana?

Ah, na São Luiz tem umas par dela.

Você já as viu?

Já. O loco! Pertinho de nóis assim, a gente corta uma quadra assim..., no final da safra de 2000, nói tava cortando uma quadra assim, e ela cortando uma outra pô lado de cima. Cada máquina corta por oitenta homem, cada máquina corta por duas turma no dia.

E aí, como você se sente ao ver esta máquina?

Ah a gente fica esquisito né? A gente fala assim: "o serviço que ia durá mais dois meis essas maquinas vem..., [são] dois meis a menos no nosso bolso, o dinheiro do serviço".

E a máquina faz um serviço limpo como o de vocês?

Ah a gente faz um serviço mais mió que ela, a gente corta o toco mais certinho, embaixo, essas máquina ai tem lugar que elas larga cada tocão artão. Igual lá na usina São Luiz memo, não tá dando muito prova, porque a cana lá que eles cortaram no outro ano [em comparação ao] que nóis cortemo, ela deu mais fraca. A máquina mexe muito por baixo cá raiz da cana, enfraquece a raiz, no outro ano seguinte ela tá mais fraca. Dependendo da cana..., você planta e ela dá treis, quatro safra. Na máquina, agora, [quando for cortada] ela vai dá duas [vezes] e vai tê que pranta de novo, é lucro numa parte e prejuízo na outra e a gente acha que... pá nóis que corta cana [a máquina] traiz miséria, é isso aí. Vai te que inventa outro tipo de serviço, ou parar com essas máquina, o governo tem que vê isso aí e parar. Se achasse um homem de corage lá de Brasília lá e acabar com isso.

Mas você acha que é possível acabar, por que tudo hoje é realizado a partir da máquina?

A tudo quanto é coisa é máquina; milho é máquina, soja é máquina, até café também. Mas só essas coisa, aí tá certo, mais a cana que é um serviço que o Brasil interinho corta na mão rapaiz e põe máquina é duro, é um negócio lamentável. Em tudo que é lugar do Brasil tem cortadô de cana, não é só aqui no Paraná. Paraná, São Paulo, Bahia, Minas. Tudo em que é lugar tem cortador de cana; para tudo esses estados, e daí como é?

Mas, por exemplo, lá na Região de Ribeirão Preto quase tudo já é mecanizado, são poucos os trabalhadores cortadores de cana.

É, mas o que eles faz?

Eles conseguiram ajustar as máquinas .

Mas os cortadores de cana, o que eles faz lá será?

Segundo alguns, eles foram remanejados dentro do próprio processo. Foram fazer outro tipo de serviço e tal, aprenderam..., foram terceirizados, montaram empreiteiras. Eu

acho que não dá para reajustar todo mundo, mas é isso o que as pessoas dizem ter ocorrido, entretanto, o que estou percebendo [aqui em Jacarezinho] é que se está acompanhando a tendência apresentada no Estado de São Paulo.

Já vem de tempo essa idéia de utilização de máquina?

Ah vem. Isso aí já vem de noventa e sete, noventa e oito

Como é que você reagiu ao fato da usina de Jacarezinho comprar duas máquinas. Como você e seus colegas viram isto, qual foi o comentário?

O comentário foi que a gente tem que mudá, bastante gente fala: "agora de Jacarezinho tem que mudá pra São Paulo, vô trabaia de servente de pedreiro porque se continuá memo, depois de quatro, cinco ano aí a gente nem sabe o que vai sê de nóis [...]". Daqui a uns quatro, cinco ano, aqui não vai tê, mas nada e vai te que mudá. Vamo te que í pra outra cidade, porque aqui não tem empresa, não tem firma, não tem fábrica. Quarqué servicinho aí qué pega [mas] *tem que te ginásio completo e a maioria dos cortador de cana não tem ginásio completo. A mais isso eu poço provar pra você que não tem, algum tem ginásio compreto, mais a maioria dos cortado de cana é tudo bom de corte de cana. Bão memo não tem estudo, aí não vai te jeito, não tem nem cana, fala pô cê vai te que [ir] embora pô outro lugar.*

E teve gente que foi embora?

Não que saiba. Ainda não.

Só comentou?

Que eu saiba ainda não, mas tinha uns colega meu aqui embaixo que foram né? Foram lá pra Sorocaba, tão lá trabaiando, mexendo com laranja é a mesma lavoura [risos]. *Tá veno, o inferno é duro, o cara sai daqui da cana e vai lá mexe com laranja é tudo nativo da mesma lavora.*

Mas eles foram para morar?

Morar. Porque não tem estudo cê chega lá... . Como é que você vai entrar numa fábrica, esse negócio de [falta de] *estudo é geral no Brasil inteiro?*

Então, a perspectiva é esta: ficar aqui e encontrar alguma coisa, ou... ?

Vai a procura de outro serviço.

Porque você resolveu ir trabalhar na usina em Ourinhos?

Ah, por causa deste tipo de serviço, porque sei que lá é mais sorto, só por causa disso. O pagamento lá é mais em dia aqui [risos] *tem veiz que atrasa um pouquinho. Lá é mais em dia, você pode í pô conta que cê sabe que aquele dia vai recebe,então não tem pobrema nenhum.*

Aqui na vila é só o Jair quem leva trabalhadores para a São Luiz?

Ele tem duas turmas este turmeiro. Ele fornece serviço pra oitenta pessoas aqui da cidade, noventa pessoas. Cada ônibus tem quarenta e cinco pessoas; só ele emprega noventa pessoa no período de safra.

E também tem a usina Ponte Preta de Ipaussu?

Tem, tem mais a Ponte Preta também que pega mais gente daqui. Na safra a pessoa não trabaia só se não quizé memo, porque serviço na safra tem bastante nas usina. A pessoa que corta cana aí só não trabaia na cana senão que não quiser, porque tem [serviço]. *Tem em Jacarezinho, tem a Ponte Preta em Ipaussú*

Tem a usina Dacalda.

A Dacalda não pega gente de Jacarezinho, deram uma demanda de lei um tempo atrais aí levaram a Dacalda no pau..., Negócio de lei, esta coisera aí. Na Dacalda não tem ninguém daqui, e nem qué o povo de Jacarezinho. O povo, por uns memo estraga os outro, por causa de uns que os outro né...?

E a Ponte preta é uma usina boa de se trabalhar?

Lá é uma destilaria.

Não é uma usina então?

Bom, faz muito tempo que lá tá parado de moer, diz que tá devendo pô Banco, a cana deles lá eles vendi.

Eles repassam?

É eles repassam pra São Luiz, outro pouco vai lá pa Sobar em Santa Cruiz.

Para Jacarezinho?

pra Jacarezinho não vem não.

Mas os cortadores de cana da Ponte Preta são contratados...?

É, daqui de Jacarezinho tem um pouco de gente que vai corta cana lá.

Mesmo sendo repassado. Eles vendem a cana caída. Ou seja, a cana cortada...?

É vende por tonelada. A outra usina vem e compra por tonelada e a turma vai lá e corta, e eles vende, porque a usina lá, a Ponte Preta, não tá moendo nada tá parada por enquanto.

Na verdade ela é como um empreiteiro?

É ela tem a estrutura e tudo, mas só que ela não mói.

Ela só re-aloca os trabalhadores?

É ela tem tudo pra moer, mas só que diz que tá deveno pro Banco não sei que tem lá e não pode moer. Deveno pô governo sei lá?

Isso já tem bastante tempo?

Tem bastante tempo que tão falano que vão moe, que vão moe... .

Tem mais de três anos isso?

Ah tem mais. Tem mais de cinco ano, [dizendo] que vai moer, que vai moe e não mói nunca, porque não acerta a conta. E eles só vende a cana pra usina vizinha.

Eu entrevistei dois senhores no começo desta pesquisa aos quais iam para Ipaussú e eles já possuíam idades bem avançadas para o corte de cana, entre cinqüenta e poucos anos. É uma idade avançada?

A é.

Cinqüenta e poucos anos cortando cana, não se consegue ter a mesma agilidade de que um trabalhador jovem. Cortar mil e duzentos metros de cana, mil metros, mesmo ela sendo uma cana muito boa, acho que eles não têm esta mesma resistência...

Ah não tem né? Tá cansado.

Porque geralmente um turmeiro não quer ter uma pessoa que não produza?

Não. Tem pessoas assim que vai trabaia, que nem você tá falano dessas pessoa de cinqüenta ano, mas talveiz eles nem corta cana, talveiz trabalha na diária devagarzinho, um outro serviço lá, mexendo com enxada. Bituca que sobra do [...], é um servicinho mais leve. Diária, é isso que maioria da pessoa de idade pega, este tipo de serviço. Que nem vai lá pra Ponte Preta, chega lá, você só tira as pessoa de idade pra mode de trabaia na diária, serviço mais leve, mais devagarzinho porque não tem como pô eis numa cana assim que eles não vai corta cana direito. Eis não consegue ganhá nem a diária.

É, isso que eu não consegui entender, porque foi tão rápido. Foi assim, quinze minutos que de conversa, mas percebi que eles já tinham uma idade avançada e não consegui entender se eram cortadores. Contudo, eles estavam com as perneiras, estavam com tudo, estavam paramentados com os equipamentos de proteção individual e traziam também a mão um saco, carregando algum material. Percebi que há diferença entre esta destilaria e a usina daqui.

Mas você foi lá na lavoura?

Não. Não fui, é difícil entrar na turma assim, de repente, só conversei com os trabalhadores de maneira rápida. E foi neste mesmo dia que fiz a fotografia desta senhora e deste rapaz. Também conversei com um rapaz negro que também me disse ter trabalhado no corte de cana e viajado para tudo que foi lado, mas só que não gravei.

Ficou parado naquela hora né?

É que eu me senti meio desonesto. Porque pra fazer uma gravação acho que tem que conversar com a pessoa. Muitos não gostam que os fotografem ou que gravem a sua conversa. Não sabem quem é a pessoa, no primeiro momento que os encontrei não expliquei e por isso preferi não gravar, tem que respeitar também a opinião do outro.

Verdade.

Mas é isso aí Roberto eu vou chegar, muito obrigado.

APÊNCICE D – Entrevista concedida pelo Sr. Francisco em sua residência, situada na Vila Maria no período das 19:00 às 20:00 horas do dia 26/01/01. Este empreiteiro nos concedeu a oportunidade de viajar com a sua turma de cortadores de cana em um dia de trabalho na seção Santa Rita em Jacarezinho no final de novembro de 1999.

Sei lá, como comentamo ontem lá, eu já a dezessete ano, no caso aí, lidano com o povo aí, é um serviço que a gente faz [...] gosta, entendeu?gosta [...] só que a gente tá vendo [...] dia-a-dia o troço acabando né. Tá diminuino bastante é que nem a gente tava comentado: onde você [via] naquela rua lá na [José Pavan]. Quando nos mudamo mesmo do sítio prá cidade o ponto [de bóias-frias] era ali. Aquela rua ali era dois, três quarteirão. Era cheio de caminhão de bóia-fria e tal, hoje a gente sai catano aí. Na época tinha vinte, trinta empreiteiro hoje tem acho que oito ou dez empreiteiro.

Aqui na usina?

Não, tudo ai.

Não, o que eu digo é que se tinha vinte, ou trinta turma de trabalhadores na vila?

Na vila.

E hoje ?

Dez, doze, por aí. Do jeito que tá..., o troço tá acabando dia-a-dia. Na época era muito algodão ajudava muito. Então entramo na usina fichado acabou aquele negócio que na época era por conta [em que] *nóis pegava o serviço.*

Começou a fichar quando Sr. Francisco?

Ah, começou a fichar em oitenta e sete, até oitenta e seis eu trabalhei sem fichar. Pegava o serviço da usina e fazia o meu preço lá prá tirá o frete, o dia, a diária. Aí em oitenta e sete veio essa lei que tinha que fichá mesmo, aí davam uma comiçanzinha prá nóis e tal; um frete.

Mas foi uma imposição da usina, ou ela sofreu pressão?

Não, ela sofreu pressão do Sindicato e do Ministério do Trabalho. A pessoa trabalhava, as veiz..., com nóis não chegou acontecer isso, porque nóis dominava a turma, sabe assim? Muita amizade, então eles não fazia isso na fazenda que a gente tava, mas muitos [quando] *começou a surgir, muitos empreiteiros novo, daí pegava assim sabe? Aí ele ia lá cá turma e tal. Escolhia a turma ia lá e fazia serviço porco, aí a fazenda, a usina não aceitava. Aí cortava ele, chegava de tarde falava: "óh amanhã você não precisa vim mais", aí no outro dia ele levava tudo a turma no Sindicato. Aí a usina ou a fazenda teria que pagá sabe? Uma semana, ou quinze dias, aí então foi aonde que aquela pressão começou demais né?*

Começou haver denuncia?

É, então denunciavam. Quarqué coisinha a pessoa... . Ia um dia na roça, ia um dia, não trabalhava, aí o cara chegava na gente - o administrador - e falava; "fulano você não paga porque veio aí e não trabalhô e tal". Então a gente [dizia] *olha de tarde você não vem, amanhã você não vem mais, não precisa vim. Aí então..., com a gente nunca aconteceu isso mas muitos aí já corria no Ministério* [do Trabalho] *e tal... .E já tava trabalhando lá fazia dias e não tinha nada escrito, nada que comprovasse o dia que ele começou a trabalhar, nada, só o caderno do empreiteiro ali, só né? Aí ia lá e recebia lá uma semana, na época pagava oito dia de aviso* [prévio] *pra ele lá, daí eles* [usineiros e fazendeiros] *começaram a perder muito com isso, aí aonde veio a fichação.*

Isso foi bom, ou foi ruim, para o Senhor?

Ah eu acho... . No começo, quando surgiu, achei ruim porque o ganho da gente caiu bastante.

Caiu quanto em média?

Ah, caiu uns quarenta por cento o ganho da gente, entendeu? Mas aí, por um outro lado, com o decorrer do tempo a gente começou vê que o troço era bão, porque aí a responsabilidade não era da gente, porque se o cara se cortasse na roça eu que era o responsável, trazia e levava no hospital. E se ele ficasse uma semana parado quem pagava [era eu] *entendeu? Aí, então, tirou aquele encargo da gente. Então, no decorrer* [do tempo] *a gente foi vendo que em parte foi bom, tirou aquela responsabilidade do pagamento. O pagamento, a usina dava um cheque só prá mim, eu tinha de distribuir oitenta, em folha de cheque né? Chegava no sábado ficava umas hora aí, até meia noite, uma hora* [da manhã] *fazeno pagamento da turma aí, entendeu? E vinha, né?* [De] *poquinho* [em] *poquinho recebê* [e] *as veiz* [até] *no domingo... . Aí então passou a sê fichado, a usina faz tudo, passa o cheque pá gente nominal e a gente passa prá eles* [trabalhadores]. *Acabou o pobrema.*

Mas hoje parece que está voltando esta tendência, não seu Francisco? Por exemplo com esta coisa do empreiteiro se tornar autônomo da usina e se constituir em uma firma paralela, uma tercerização em que se teria que ter uma...

Uma firma, abrir uma firma. A gente ia contratar o pessoal prá levá na usina, mas é, no caso também, aí tudo seria fichado também. A gente tem que abrir a firma e fichar ele.

O senhor não acha isto interessante, porque me parece que já há algumas experiências assim, o senhor nunca ouviu falar?

Eu já ouvi falá, até inclusive aqui na usina São Luiz, a gente teve a par de uns cara aí, acho que [a] treis anos atrás, parece que a usina né? Pá terminá a safra pegou uma firma dessas, e aí trouxe lá..., mas só que a usina não aprovou porque não tem comando. A turma chegou lá e eles [acabaram] fazendo um tipo de serviço com o pessoal deles: a turma chegou e roçou lá. Toco dessa altura e tal, a usina foi encima, os fiscais, e não resolveu

nada. Ficou daquele jeito mesmo o serviço, muito ruim demais, então a usina não pegou mais.

Mas será que não foi por causa dos trabalhadores terem vindo de fora [de outras cidades]?

Então, sei lá. É tudo isso aí, que nem o pessoal tudo conhecido daqui, acostumado com o ritmo do serviço, talvez não aconteceria isso. Mas sei lá do jeito que vai indo aí parece que não vai demorá muito não [para acabar tudo]*. Ainda hoje, por exemplo, eles dão prioridade, que nem tem eu e meu irmão; dois irmão e o meu cunhado, né? Eles dá prioridade prá nóis assim ponhá duas, treis turma cada um, é isso que eles* [usineiros] *qué. Então, se nóis chegasse na usina e falasse: "óia nóis vai pegá o corte de cana de vocês prá fazê", certeza que eles aprovariam.*

Porque vocês já possuem um certo nome ali... ?

É, então, a gente tá na usina aí a quinze ano, trabalhando ali, graças a Deus nunca deu pobrema, então..., mas só que, sei lá é coisa de se pensá também.

Neste tempo em que vem trabalhando, o senhor não tem ou teve medo, ou sensação de risco no ambiente de trabalho? O Sr.Joaquim, lembra-se de estar comentado ontem com vocês [no bar do Gimarães] sobre aquele empreiteiro lá de Santo Antonio, em que ele dizia que às vezes o turmeiro passa por situações meio que apuradas, porque tem muito trabalhador que não acorda muito bem da noite anterior... ?

Não. Antigamente [tosse] *o risco era mais, por que então a gente que media a cana dele lá né? Então na hora, naquele apuro e tal, ele perguntava: "quantos metros deu?" Deu tanto, a gente marcava no caderno. E na hora dele recebê ele vinha meio [...], você dava o cheque prá ele e ele* [dizia] *"não o meu cheque tá errado tal dia deu tanto, o senhor ia dá..."* [eu dizia] *não eu..., "mas falto tanto". Não, não pode, foi registrado, entendeu?*

Aí já vinha aquela briga. Aí se você abaixasse, ele partia pra cima memo. Ele falava num tom, tinha [-se então] *que falar mais alto ainda, aí é onde ele baixava e tal, teve umas veiz de tê que encará mesmo o cara armado, mas graças a Deus nunca... . Nunca precisô mesmo... .*

E hoje, isso não mais ocorre?

Não. Hoje não tem porque a responsabilidade é da usina, é os fiscais que comanda lá, então as veis... . É muito difícil tê uma discussãozinha assim, o fiscal chegá e chama a atenção dele [cortador de cana] *e se ele alterar assim* [e] *tal, o fiscal já fala: "pára e vai pro carreado". Aí ele pára [e] pensa e entendeu...?*

Esse *"pára e vai para o carreador"*, quer dizer o quê?

É um gancho que ele vai levá. Aquele dia ele tá de gancho, ele não trabalha mais, aí se ele tá quietinho e tal, no outro dia ele vem trabalha normal, mas se ele fizé [o] *memo; responder, começá a xingá demais, aí o fiscal bota ele treis dia* [suspenso]*. Aí é treis dia de*

gancho, aí eles dão: primeiro é um dia, depois treis, né? Depois, parece que cinco [e se não resolver] *elimina, corta.*

E dirigindo o ônibus?

Não, é aquele negócio sabe? O troço é do momento, treis anos atrás um colega nosso, lá de Santo Antonio, também, vindo pra trabalhar, ali naquele viaduto pra baixo daquele motelzinho alí, meio chovendo e tal, um carro atrapalhou ele lá e ele caiu lá embaixo e [acabando] *só morreu ele. Então rapaiz do céu, né? Os primeiro dia ali você fica naquele receio quando tá chovendo... .*

E ele estava com a turma?

Tava com o ônibus cheio de gente.

Só ele quem morreu?

Só ele. Você vê, ali no volante, no ônibus tomba. O ônibus tombou e chatiô encima dele assim, e ele, com o peito encima do volante assim, sabe? O ônibus, a carroceria dele nossa! Ficou na reta do banco assim, porque deu treis a quatro tombo ali, machucou uns par deles [cortadores de cana], *mas só ele que morreu, chegaro ali na hora trouxero pro hospital ali,*[mas] *morreu no hospital.Então rapaz o primeiro dia assim, sabe? Dá aquela impressão ruim, na decida e tal assim, né? Mas foi passando o tempo, aí fazê o quê? A vida da gente é aquilo dali memo, então... .*

Acaba se acostumando?

É acaba se acostumando, né? Quando a gente vê um acidente, por exemplo, aconteceu com meu pai, né? Meu pai foi acidentado também ali prá baixo do Patagão, descendo ali, sabe? Descendo ali com um caminhãozinho cheio de gente também veio um carro apodando, uma carreta na curva de lá prá cá e, ele, prá não bater de frente com o carro saiu. O acostamento muito ruim, no que saiu no acostamento, tinha na volta lá um eucalipito grande, né? Aí o caminhão tombô, dois que tava na trazeira – sentados na trazeira – morreu. Sabe? Então rapaiz naqueles primeiro meis ali a gente ficava naquele receio e tal, chegava naquele lugar passava meio com medo, andava devagarzinho, mas a gente é aquilo ali memo, e pede a Deus..., fazê o quê, mas que tem risco tem, né? Na hora acaba um freio, né? Aconteceu com um colega da gente aí na pista, escapa um varão de direção, [o] *cara fica sem volante, tudo isso aí a gente tá correno um risco, por mais que a gente toda a semana, todo o mês a gente faz uma revisão, dá uma olhadinha ... . Pedi muito a Deus que não aconteça, porque o troço é feio, Jesus!*

E a turma, como ela está composta agora? Porque eu viajei no ano passado com ela e estava completa, mas estava conversando com a esposa do senhor e ela disse-me que neste período da entressafra, teve-se que juntar duas turmas para formar uma turma, parece que o ônibus estava indo só com meia turma e a usina não estava aprovando muito...?

É, então, porque chega nesse período de entressafra, no caso [a usina] *estava com trinta e dois empreiteiros, então passa uma folha para vê quem é o pessoal que qué saí. E, geralmente, quem tem o seguro desemprego, tem lá os seus meis que pega o seguro, é poucos que fica, a maioria que tem pede pá saí, pá descansa.*

Inclusive os empreiteiros?

Não, os empreiteiros não, mas daí ficô muita gente ainda, sabe?, Passo a folha e tal, mas assim mesmo fico muita gente. Aí então eu tinha quarenta e trêis estrago, [contudo d]o meu saiu treze, ficou [ainda] *trinta, de outro saiu mais e ficou menos. Então, como a usina não paga mais comissão prá gente, hoje eu sou registrado na usina como motorista e freto meu ônibus, então a usina paga o frete se eu fô lá com quarenta e treis, é aquele frete, se eu fôr lá com deiz e quinze é a mesma coisa.*

Quanto está o frete?

Pra nóis de Jacarezinho está setenta e quatro [reais]

Isto diário?

Diária.

E neste frete já está incluso: peça, reposição, combustível?

Não, aí é bruto e depois, a gente em cima disso daí que a gente gasta o que eu vou tirá. Então rapaiz daí ficou muita gente, prá eles ficá assim comigo com trinta, com outro vinte, com outro com quinze, aí eles tinha que pagá um frete [para] *cada um né? Então o que eles fizeram? tava eu e meus dois irmão, então tudo dava treis turma, dava oitenta e cinco pessoa, daí então ele chego, né? E falo: "o negócio é o seguinte, das treis turma vai te que fazê duas, nóis não vamo podê paga treis frete proceis, certo? Porque você ficou com trinta..., vai vim vinte cinco, vinte oito, o pessoal todo dia tem falta mesmo, treis, quatro, cinco". Aí então falei: vamo vê quem tem o seguro desemprego aí né? E tal, sai né? Pega o acertinho aí, depois o ano que vem, você entra de novo e o que ficou, o ano que vem, sai. Aí meu irmão, aquele que tava lá embaixo ontem, o Carlos* [entrou no seguro desemprego].

Aquele que estava de frete com o senhor conversando, o de barba?

Não, não, aquele que tava de frente é o Pé Grande, aquele é colega nosso.

Não, aquele que estava do lado esquerdo?

Não, não, aquele é cunhado.

É o outro, o Carlos. Então ele tinha o seguro e tal, então ele falou: " eu saio este ano e, o ano que vem nóis vê, vocês sai e eu fico ". Daí então da turma dele que tinha sobrado trinta [trabalhadores], *também aí passaram quinze pra mim e quinze pro o outro meu irmão. Aí nóis ficamo com duas turma de quarenta e sete cada um. Em muitos de Santo Antonio aconteceu isso e então eles juntaram o que tinha mais pouco [e] passo pro outro que tinha o seguro... . Então, agora vai sê todo ano assim: passa uma turma este ano e o ano que vem essa turma sai, aqueles outro que não tem seguro passa direto.*

E, agora, vocês estão no processo de plantio de cana? E este trabalho é mais pesado?

É mais pesado, porque cortá aquela cana na palha, meu Deus do céu! Não é faci não e com este calorzão o plantio também é brabo, pulá aquele surco... .

Quem está no último sulco...?

É então, quem vai na beiradinha do monte ali ele, né? Só que prá voltá ele volta, lá no outro [sulco] *de cima. Ele tem que ser muito rápido.*

O desgaste [físico] é muito grande?

É bastante, olha com este calorzão, plantá cana a semana inteira, chega no final de semana... .

E tem mulher nesta nova turma do senhor?

Sidinéia (professora do ensino fundamental e esposa do turmeiro) interrompendo e entrando com um novo tema:

Nós não tinha tanto caso de marginalidade que [agora] *tem. O Fabrício está com dois filhos [...] cheirando cola e poderia tá dando uma mão para ele, porque eles não podem cuidá. Porque os dois precisam trabalhar pra manter os filhos* [e eles ficam] *pela rua. Tem dia que de madrugada ele fica correndo atrás do filho e pra levantar no mesmo dia, de madrugada, pra ir pra roça.*

Os filhos têm quantos anos?

Intervindo na entrevista o turmeiro diz:

Um tem quatorze.

E o outro tem doze anos, *e faz uns quatro anos que* [retoma a esposa do turmeiro]. *não pode levá gente, as criança na roça mais, né?*

Faz uns seis anos [comenta o turmeiro].

Quando os pais levavam na roça, diz Sidnéia, não tinha tanto [caso de marginalidade]. *Agora, que nem aquilo que eu comentei com você* [quando da minha procura pelo empreiteiro].

Também não existe nenhum tipo de bolsa escola?

Não, o projeto menino de rua, que agora passou a se chamar da Rua pra Escola surgiu o ano passado pra ajudar a mãe ficar em casa e cuidar dos filho, mas eles dão só uma cesta básica. Porque eles precisa não só [disso]. *E a gente também não sabe o que vai nesta cesta básica, a criança não pode tomá falta, mas o problema não é só horário da escola e a manhã? Eles ficam pra rua, não vão na escola, mesmo essas criança, e as vez você sai onze hora da noite pra dá inalação como tive oportunidade de levá a minha menina* [e os vejo] *cheirando cola lá no portão... .*

Mas retomando a entrevista com o turmeiro.

Plantar cana é mais pesado e mais cansativo que o corte?

É mais sofrido e mais cansativo que o corte. Suja [muito], no tempo de barro memo, ontem tava um barro danado; o pessoal prantano cana você olha assim, nossa Senhora! É feio memo, mas só que ganha as veis até mais que no corte de cana na época da safra.

Como é o ganho destes trabalhadores?

É por metro também sabe? Sai cinco e cinqüenta o metro, cada mil metro dá cinco e cinqüenta, encima tem mais trinta e três por cento de ajuste.

Ajuste baseado em que?

É no caso do Domingo como eles fala: o horário transporte, desde o horário que sai, o horário que chega e tal então eles... . Calculam trinta e três por cento em cima destes cinco e cinqüenta [mil metros plantados].

E no caso do corte de cana quanto eles calculam o metro?

Isso depende muito da cana, né? Quando é uma cana mais forte assim, cana grande e grossa, então é um preço, quando é outra mais baixinha, mais fraquinha (em) terra de areia roxa que ela dá mais forte, então é isso aí. Eles faz uma base pelo peso, calcula mais o memo o metro, quantos quilo ela dá no metro, a área, e aí dá o preço.

Isto eu não consigo entender seu Francisco, porque geralmente [o cortador de cana] tem um salário fixo na carteira... .

Não, ele é registrado e ganha por produção se a cana for avaliada em cinco reais o metro, quanto mais ele cortar mais ele terá.

Mas se ele não cortar nada?

Ele não ganha nada.

E com relação ao time de futebol e os jogos, parece-me que o senhor cuida de um time?

Então rapaiz, a gente na época que comecei a trabalhar, aí da certo da turminha gostá de brincar de bola, então como samo treis irmão e meu cunhado, formamo um time prá nóis brincá junto. Eu de pequeno não joguei bola, nunca joguei bola e depois já dos dezoito, dezenove ano quando comecei a trabalhar, comecei a puxar eles, daí comecei a brinca com eles e gostei do negócio, sabe?

Quer dizer este time do Canto do Rio...

Beira rio.

Beira rio. Tem quantos anos?

Ah rapaiz, que tá comigo tá com dezesseis ano e eu tô tocano. Mas quando nóis vimo da cidade já existia, era outro rapaiz que tocava. Aí ele parô de tocá o time e ficou um tempo parado e ele trabalhando comigo, de fiscal prá mim.Aí ele falou: "você não qué pegá o time de novo? Você tem condições de comprá uniforme e se quizé nós vamo monta o time de novo". Aí montamo o time e tá até hoje, dezesseis anos.

Como é que é esse negócio, até o ano passado quando viajei com a turma, vocês estavam trabalhando aos sábados e domingos.

É, cinco por um

E aí como é jogar bola?

Aí só jogava [no] *dia de folga.*

Mas dava tempo pra joga?

Dava, porque folgava[m] quatro cinco turma. Então folgava treis aqui e treis de Santo Antonio [aí] *fazia um time de lá, nós fazia* [um de cá] *eles vinha aqui na Usina memo, no campo da usina lá e nóis brincava no dia da forga, nóis ia lá à tarde e brincava.Aí quando caia de domingo, a gente marcava jogo normal. Aí nós ia jogá só nas folga memo.*

Mas isto agora parou?

Agora parô, na entressafra a gente trabalha de segunda a sábado, quando começá a safra de novo... . Aí só joga [remos] *na folga de novo.*

Mas existe campo de várzea aqui no bairro?

Tem um aqui em cima no alto na vila Syllas, mas lá já é um outro time. A vila aqui tem pouco campo, tem só este aqui, um na saída pra Ourinhos, lá na rede, depois só nas fazenda. Memo por vorta daqui, que nem a da usina, tem a Califórnia, São Vicente. A gente anda muito pra região aqui de Cambará, Andirá, Ourinhos, Santa Cruz [do Rio Pardo].

Vocês jogam muito contra estes times destas cidades.

Isso, a gente vai brincá pra esses lados aí, tem mais pessoalzinho estranho, brincá aqui é muito conhecido e tal. A turma das veiz começa a querer encrencar um com o outro, então a gente sai muito prá esse lado prá fora brincano.

A diversão mesmo é o futebol?

Não, é só futebol memo. É difícil saí prá berá aí um rio pra pesca, í numa prainha na beira do rio. É só futebol mesmo.

Ou então parar no boteco e tomar uma?

É tomá uma ali. Aí chega o pessoalzinho da turma que trabalha com nóis.

Mas tem os bailes aqui também, não têm seu Francisco?

Têm os baile aqui também, de vez enquando sai os bailes aí, mas é muito pouco que freqüenta os bailes, não são muito de baile não. Só a mulecada mais nova, os de mais idade não freqüenta, chega no boteco fica ali até umas horas e depois vai embora.

Prá mulher [cortadora de cana] fica ainda mais complicado porque ela tem que chegar em casa e...

Fazê janta, fazê o almoço pra no outro dia saí cedo.

No dia de folga, ainda ter que lavar roupa?

É, então, aí já comprica pra caramba.

Neste momento, quer dizer, já a uns quinze minutos atrás tinham tocado a campainha à procura do turmeiro. Bom, Sr. Francisco, caso queira ir atender o rapaz pode ir, não quero atrapalhar.

Não, não. Imagina, ele tá sabeno que ia fazê uma entrevista aí, e que ia demorá um pouco.

Nesta turma o senhor, parece-me, mantinha um fiscal?

Eu tinha fiscal, mas agora é a usina que faz tudo. Agora é o fiscal da usina memo que dá eito, ele mede, ele faz tudo, antigamente a gente era o empreiteiro, depois mudô pá agenciador, puseram lá na carteira, mas agora não, agora é motorista memo e fretero. Agora não tem nada com nada mais memo, inclusive, agora, por exemplo, no fim do mês eu pego férias, eles pôe um motorista da usina no meu ônibus pra levá o pessoal.

Mas será que isso é interessante para eles?

Eu sei lá rapaz? Não se chega a esta conclusão aí. Porque na usina são Luiz é por comissão né?

É por comissão?

Na usina São Luiz é pago por comissão pô empreiteiro.

A então é pelo número de trabalhadores e pela quantidade do que eles cortam?

É pela quantidade. Se o cara ganha, vamos supor, deis reais no dia, aqueles deiz reais eles paga mais trinta e cinco por cento em cima.

Além do frete?

Não, aí não tem frete. Ai é só os trinta e cinco por cento.

O que o senhor acha disso, é melhor ou não, este tipo de contrato?

Na época pa nóis era melhor viu, dava bem mais. Agora com este negócio de frete a..., eles fixaro lá um sálario pra nois, por exemplo, de dois, dois [mil] e cem [reais] por mês e é isso aí que dá. Antigamente eles pagavam quarenta por cento prá gente, então você podia levá cinquenta pessoa, então se desse uma média de um pelo outro, de oito reais vamos supor, daria quatrocentos reais a folha de pagamento deles. Aí eles pagava em cima daquilo quarenta por cento pá gente. Aí o frete daria cento e sessenta reais por dia.

Em trinta dias daria mais de quatro mil reais?

Mais de quatro mil reais por mês.

Agora com esse negócio de frete caiu a metade. Mas você corria maior risco com perdas, caso os trabalhadores não comparecessem ao trabalho. Teriam que ser trabalhadores pontas firmes, aqueles que não faltam...

Aí tinha que escolhê memo o pessoal, o pessoal bão memo, de boa vinda. Porque se tivesse uma turma lá na roça que desse uma média de três, quatro reais, aí era prejuízo. Por exemplo, nois vai cortá cana lá em Ipaussu, Santa Cruz do Rio Pardo, Ribeirão do Sul, Salto Grande. Quando ia prá lá, das veis faltava muita gente, chegava lá o pessoal não trabaiava

direito, aí dava lá quarenta reais, cinqüenta reais, aí era prejuízo. Dia de sábado a gente trabalhava até meio dia, ia lá dava vinte reais, trinta, aí era prejuizo, mas uma turma boa memo, nossa! Era bem mais vantage.

Sobre o absenteismo no trabalho, comenta o empreiteiro:

"A eu fiquei doente, o meu filho ficou doente precisei í po médico e tal, enrola: as veiz não é nada disso. As veiz é porque o cara fica no bar até mais tarde, ou dá uma chuvinha de noite e ele fala:" ganhei bem ontem, não vou trabalha não ", aí não vai, tá chovendo de manhã cedo. Aí não qué nem sabê, já arrumam uma desculpa e vai no médico, pega um atestado e aí leva pra usina, é desse jeito.

Acho que uma das coisas que [está contribuindo para] *a usina tá introduzino este maquinário é por causa disso, entende? Porque muitas vezes eles queria fazer estoque pá domingo e o pessoal não colabora. O pessoal não vinha trabalha,* [e] *se dava um taião de cana ruim, caída, o cara via que* [tinha] *ficado* [para o outro dia]*, pra manhã, no outro dia já faltava a metade da turma. O cara não queria nem saber.*

Então é onde que, né? A usina chegava lá, não tinha... , tinha que pará a usina por não ter cana prá moê, o pessoal não colaborava, essas coisa né? Agora com essa máquina ali né... ?

E esta coisa da cota de açúcar e do álcool?

A isso daí a gente não tem conhecimento.

Isto daí eles nem discutem com vocês.

Isso daí eles não passam prá gente.

Ah que interessante heim? Porque, o senhor sabe que existe uma cota [de açúcar a ser produzida] pelas usinas?

A Cooperçúcar estipula uma cota prá eles lá e eles tem um prazo prá entregá aquela cota, mas as veiz faltando um meis, entendeu? Um meis e meio, dois meis eles já fecha aí a Cooperçúcar, o que eles fizé também [além da cota] conseguindo vende lá pra eles é lucro.

Porque não fica nada estocado, ou fica?

Não

Eu fui no estoque, eu vi... .

Pouco né?

Não, tem um estoque grande de açúcar, mas aquilo lá já é...

Já é tudo contado.

Já está tudo vendido?

É conforme [a Cooperçúcar] *vai pedindo prá liberá, vão mandando caminhão ali. Vai pegando e vai levando, porque tudo aquilo ali já ta tudo ali no contrato.*

Mudaram os donos não faz muito tempo não é Sr Francisco?

Não é que mudou, né? Os acionista, um pego [e] *comprô a parte do outro e tal. Os donos são os mesmo, mais o que agora tá comandano é outro, porque* [o que saiu] *não ligava pô tróço.*

Mudou a gerência de produção*.*

Não. A gerência contunia a mesma.

Um rapaz me disse que colocaram, inclusive, nesta nova organização, outras formas de controle da produção com cartão magnético, não me lembro se era para controlar os dias, as faltas, não sei.

Ah rapaiz isso aí de primeiro na roça os fiscais fazia uma pranilha [de produção]. *Eles fazia a pranilha, agora não, agora eles têm o coletor de dados e eles já passam direto no coletor a metragem da turma e tudo* [cortada por cada trabalhador] *contado o dia certinho a hora que pega, a hora que pára pá almoçar, a hora que pega* [da volta do almoço]*, a tarde, a hora que pára... .*

O coletor é como se um aparelho como este gravador aqui?

É como se fosse um gravadorzinho pequeno deste.

Cada fiscal geral tem um daquele?

Cada fiscal [não, corrige o entrevistado] *cada turma é um.*

A turma do senhor, a turma Dezessete, não tinha isso até 1999.

E agora a turma tem um coletor e ele colhe informações só daquela turma ali. Aí à noite eles passam [as informações] *daquele coletor para o computador geral.*

Isto foi implantado desde quando?

O ano passado que começou, em 2000.

Na usina São Luiz isto já vinha sendo usado?

Desde de 1998.

Quer dizer este coletor é uma forma de você ter maior controle sobe a produção dos trabalhadores?

É, e também porque estes estavam tendo muito pobrema juridico. [É] que a turma alegava que trabalhava fora de hora, hora de almoço, hora de café, essas coisa, né? Passava do horário. Então parece que tava dando pobrema ali, daí eles inplantaram isso aí, também que daí tá tudo ali, não tem como o cara usa... [ali os usineiros) *têm tudo ali.*

Fora outras coisas como laboratório químico de controle de qualidade da planta, mas isso vocês nem chegam saber?

Não, isso daí..., a gente as vez vê arguma coisinha assim de longe, assim, mas não vê mesmo não..

Uma coisa interessante que o cunhado de senhor falou foi a respeito do tal ”bixinho da máquina”, ou seja, mesmo a máquina ela não está totalmente adaptada às condições de corte e re-brotamento da cana colhida.

Não porque tá, dano muita praga. Porque pensa bem, a cana queimada ela [não traz] tudo aqueles inseto, aqueles troço, aquilo tudo e, agora a cana na palha ela corta, fica dessa altura (de) palha, aí então depois no caso eles passam veneno po mato só, mas o mato sai ali pra cima da palha e ele pega só ali, agora aquilo por baixo tá criano lagartinha, sei lá um inseto lá tá comeno toda cana por baixo, ela fica ali e come a cana e ai começa a secá.

Então eles vão ter que usar mais agrotóxico*?*

É vão te que usa mais. No caso aí, sei lá do jeito que a máquina colhe já [poderia] *passá* [o agrotóxico].

Mas seria complicado não, por que ao aplicar o agrotóxico e ao mesmo tempo colher a cana, pode haver o contato entre estes produtos.

Aí eu sei lá. Nessa região memo de Ribeirão Preto, pra aqueles lado os técnicos de vez enquanto eles vão prá lá fazê curso e tal. A Cooperativa convoca lá, e eles tem que i. A própria Cooperçúcar memo comprou a máquina pá fazê o teste, pa vê que não aprova. A Cooperçúcar memo não aprova.

Ah não aprova?

Não. A Cooperçúcar memo diz que não aprova, segundo os cara lá. Comprou a máquina, mas assim memo, por causa desse negócio de não poder queimar a cana e tal, o meio ambiente, não sei como é que eles vão fazê.

Como é o negócio dos trabalhadores, eles aqui se autodenominam “bóia-fria”, trabalhador rural, como é isso?

Ah, eles chamam o outro de bóia-fria, de bóia-fria memo, trabalhador rural que nem é posto na carteira, que nem a gente fala, os próprio gerente tentou passá assim pa gente. Passa pra eles que não são assim um bóia-fria [e sim que] *são profissionais do campo, porque eles sabem fazê o serviço e tal. Mas não, eles tá nem aí não: é bóia-fria memo e tal.*

Mas ainda prevalece a condição de se levar a marmita com comida fria?

Ah é, tem que levar. A usina cedeu prá todo mundo. Não aceita de jeito nenhum o cardeirãozinho de aluminio mais, não aceita de jeito nenhum.

A partir de que ano?

Desde o ano retrasado, já faz treis anos já.

Mas quando daquela vez que viajei com a turma não percebi os trabalhadores comendo em marmitex.

Não, eu falo assim, a usina deu a marmita térmica e eles que põe a comida. São eles que trazem a comida. E eles põe a marmita pa hora que fô come tá quente ainda, porque muitos levavam cardeirãozinho e tal, aí ia comê deiz hora [e] *tava um gelo. Ainda mais no tempo do frio, o pessoal faz comida quatro e meia, quatro hora, quatro e meia, esquenta, aí vai come deiz hora da manhã, Nossa Senhora!*

Tem gente que comia um pouco antes .Comia lá pelas oito horas...?

Então, mas não podia. Quando era um tempo que podia chegava lá [no eito do canavial] *sete hora, sete e meia, já comia pá come quente a comida, mas depois veio a lei* [estipulando] *que não,* [pois] *tem horário, nove hora, quinze pas deiz.*

E o Pé Grande, também ontem, estava falando que antigamente se via todos [os trabalhadores] aqui na avenida José Pavan ao se deslocarem para o trabalho, mas hoje tem que ir na casa da pessoa e chamá-la através da buzina do ônibus.

Na época começou a entrar muito empreiteiro, porque dava dinheiro, por exemplo na época do algodão. Então a gente, né? Pegava por conta, nossa vida! Tanto o povo ganhava dinheiro, como a gente ganhava.

Então começou surgi mulecada, rapaiz novo assim, sabe? Fretava um caminhão assim e passava na casa dos cara [dizendo] *pagá tanto. "Você não precisa i lá embaixo não, eu vou pegá você aqui na sua casa e te deixo aqui", ou* [então], *"vamo fazê um pontinho aí, vocês mora aqui, vamo faze* [um local de encontro]*, deis, vinte ali, seis fica aqui* [e] *não precisa descê quatro, cinco quarteirão lá embaixo não". Aí começou, entendeu? Aí o povo já não vinha mais, pá quem não queria perder, começô também a passá nos ponto. Era uma concorrência danada, aí é onde hoje tá desse jeito.*

Mas por exemplo quem corta cana em sua turma e já está há mais de um ano. Dois anos, até treis anos, prefere continuar onde está a ter que mudar... ?

Ah, não [daí] é... .

O senhor desenvolve alguma coisa para mater estes melhores trabalhadores, ou isto não mais existe? Já houve uma época assim?

Já teve sim. O tempo que a usina não dava facão, então pá começa a safra a gente comprava cinqüenta facão, cinqüenta lima e dava pô cara. Então a gente escolhia o cara bão né? O cara bão eu falava: vamo comigo lá que te dou facão e lima, de início dou facão e lima. Aí durante a safra tinha aqueles mais cabicera memo, aqueles que nem parava, então a gente mantinha eles com facão e lima, é aonde [agente dava uma] *garrafa térmica de água, café... . A gente sempre fazia esses agradinho assim pra eles virem com a gente, mas agora a usina fornece tudo. E, agora, a gente também não tem comissão. Então a gente agrada assim os melhorzinho fazendo um vale. Na usina agora o pagamento é mensal, então ele precisa de vale pra um remédio, pra uma criança... .*

Não são dois pagamentos?Isto é, vale e pagento?

Na safra eles faz o vale, dia vinte, depois dia cinco, dia seis o pagamento, mas agora na entressafra não. É só o pagamento, que nem saiu ontem. Então o cara preciso de uma mistura e tal, um remédio, aí a gente fornece a ele,[mas para] *aquele cara que não perde dia, trabalha bem, a gente matem ele a mesma coisa assim.*

Quer dizer, vocês não ganham por ele cortar mais [ou menos] cana. Não tem mais isso?

A gente tem, que nem assim, um privilégio, que nem essa firma memo que nóis tamo lá, eu e meu irmão, então é uma turminha melhor de corte de cana pra muda. Então eu to cortando pra muda e os outro empreiteiro tão carpino, entendeu? A outra turma melhor tá plantano, eles escolhem a turma.

Neste período de entressafra?

Isso, eles escolhe os melhor, no caso pá plantar e, no caso pá cortá, que nem tá minha turma.[Ela] *é melhorzinha pá cortá, então eles mantêm a minha turma no corte, que nem tem turma um pouquinho mais fraca lá, então eles põem naqueles... .*

Quer dizer, a turma do senhor agora esta plantando cana, então tem que cortar... ?

Não, minha turma, por exemplo, só corta, e tem outras turmas que só pranta.

Então o plantar é o mais difícil?

É o mais difícil.

Então neste período de entressafra as atividades desenvolvidas pelos trabalhadores são cortar e plantar...?

Carpi, rancá capim, da muito capim no meio, então tem duas treis turma lá que é destinado só pra aquilo, também só arranca capim. Têm outras que só carpi. Pranta cana também, aí vem o trator [que] cobre, ficando muitos lugar [pra recebe a cobertura], *então vem outra turma atrais pra aquele lugar que ficou descoberto.*

Achei interessante que ontem quando estavam no bar, aí chegou um rapaz cumprimentando-nos e disse, referindo-se ao Pé Grande: "a eu preciso voltar a trabalhar", pareceu-me falar alguma coisa assim e o Pé Grande meio que o desconversou.

Ele tava meio, ele tava meio bebado. E ele tá de férias, aquele lá trabalha comigo. Ele tá de férias aí chegou daquele jeito lá e tal. Ele trabalhou uma época com o Pé Grande aí saiu. Ele deve uns troco lá pô Pé Grande e veio trabalhar comigo, já faz cinco anos..., seis anos trabalhando comigo, e o Pé Grande, até hoje, não topa muito ele, entendeu? Então ele chegou daquele jeito, aí o Pé Grande já deu uma gelada nele, sempre ele falava que ia pagá, ia pagá e tal, falava comigo [e eu dizia:] *comigo não tem isso aí, falá eu desconto aqui e passo pô se, né? Ele* [entretanto] *fala:"A não o Pé Grande pisô na bola comigo, deixa depois eu acerto com ele". E vem enrolando e, até hoje, não pagou ele.*

Mas "a pessoa trabalhadora" não fica queimada, por exemplo, sou um cortador de cana e me recuso a pagar um eito, sei lá, prejudica a sua turma, não é? Aí passo a ficar "queimado" perante o restante dos turmeiros?

A gente procura sempre passá isso pô outro. É porque a gente mesmo pede, se deu problema pra você, passa pos outro. Geralmente a gente fica meio assim de pegá também, aí já conversa bem, puxa no assunto [para saber] *o que aconteceu e tal, aí o cara faz mil e uma promessa que não vai fazê mais e tal. Quando o cara é bão acaba entrando* [na turma] *mesmo, agora quando é ruim não pego ele não.*

No caso agora do corte para plantio o senhor está vindo com uma turma, que é produto de uma outra. Mas, quando iniciar a safra, o senhor vai fazer uma outra escolha para compor a turma?

Então, agora quando fô começá a safra esses quinze do meu irmão que passou prá mim volta com ele, entendeu? Aí então eu vô ficá lá com vinte cinco, ai eu tenho mais vinte pá por, tem vinte vaga pá por, daí eu tenho que escolhê. Sobra muita gente.

Como é este processo seu Francisco?

Ah, a gente conhece a maioria do pessoal, aí então o cara que a gente sabe que é bão, bom de serviço, não perde dia, então a gente pega ele. Agora aquele outro ele sai.

Eles vêm aqui na casa do senhor?

Vem, vem aqui, vêm no bar, né? Vai a procura da gente.

Uma semana antes de começar a moer na usina?

Geralmente quando eles [usineiros] *liberam assim: "dia deiz de maio vai começá a fichá".*

E ,ele, o trabalhador já tem essa informação?

Ah tem, é só í lá na usina [e] *procurá sabê com os fiscais, aí o Fiscal Geral das veis se encontra, aí né? Então ele dá uma dica mais ou meno, então quando é o fim de abril, aí já vem. Já vem com* [a] *carteira* [profissional] *a procura de serviço, então a gente conhece e tal, ocê já pega a carteira dele e segura, aí leva lá na usina, daí ela vai passá no computador prá vê se não deu pobrema, se tá limpo lá, não levou na lei e tal, aí faz uma ordinha, a gente vem e entrega pra ele* [e dizemos] *tal dia você vai fichá. Agora quem a gente sabe que deu pobrema, que é ruim, perde muito dia, então aquele a gente descarta, deixa prá lá e vai atrás de outro. Fica descartado pelo o que ele vai aprontando na usina, vai ficano difícil de entrar, aí ninguém vai quere pegá.*

Que nem agora memo teve um corte das pessoa que tá faltando muito, sabe? Falaro comigo, daí eu falei que a gente conversa pede pô cara e , o cara não dá bola, aí tem que corta uns dois, treis e falá que não vai pegá mais, daí os outro endireita, aí corta. Da minha turma memo cortei dois, aí o cara já tava brabo querendo saber e tal, porque não vai pegá mais, porque não sei o quê.

Aí você teve que colocar dois outros?

Não, agora ele só corta, não deixa repor não. Só vai repor na safra memo. Na safra eles libera pá ponha quarenta e cinco pessoa, quarenta e treis, conforme a quantidade de banco que tem no ônibus. Não pode anda gente em pé mais.